A PARANORMAL VAMPIRE ROMANCE NOVEL 4



THE DEVIL

RAVEN STEELE

SINOPSE

“Nossas almas estão conectadas. Nem mesmo o destino pode quebrá-lo.

O soldado do diabo está morto.

Mas ele deixou a devastação em seu rastro.

O mundo mudou. Eve mudou.

Demônios atormentam sua mente e alma.

Eu tento me agarrar a ela, mas ela desaparece. Torna-se outra pessoa. Para que ela possa esquecer.

E agora estou em busca. Mas eu não sou o único.

O presidente e o DSRD também a querem.

Mas o que eles não percebem é que ela é MINHA.

Vou protegê-la a todo custo, mesmo contra si mesma.

Pois ela é minha alma gêmea, ligada a mim por ordem da lua e das estrelas.

Deus ajude quem estiver no meu caminho.


Darkness Angel
THE DEVIL

PRÓLOGO

EVE

Minhas memórias são como um rio, deslizando através de minha mente. No começo, tento agarrá-las, pelo menos por causa de Lucien, mas a força e a velocidade de cada lembrança quase me esmagam. Digo a mim mesma que não fui eu quem matou todas aquelas pessoas, foi Alarica - mas eu tinha escolhido usar o colar novamente. Eu conhecia o escopo do mal de Alarica, e isso não tinha me parado. Talvez se tivéssemos esperado um pouco mais, poderíamos encontrar outra maneira de destruir Boaz. Talvez as pessoas ainda estivessem vivas. Talvez até Charlie.

Não ajuda que eu ainda tenha todas as memórias de Alarica. Eu vejo os rostos daqueles que ela torturou e ouço seus gritos. Nessas imagens que piscam como um rolo de filme antigo, minhas mãos estão causando toda a dor delas.

Suporto o que posso, acordando várias vezes à noite, gritando e encharcada de suor. Lucien está sempre lá para me segurar e me confortar, mas depois de um tempo, nem seu toque gentil pode aliviar a ferida crua que apodrece por dentro.

Nem importa que estejamos do outro lado do mundo em Fiji, vivendo na praia em um pequeno condomínio. Minhas

lembranças não serão enganadas pela distância ou por uma mudança de cenário.

Pobre Lucien. Eu posso dizer que ele não gosta daqui. Faz muito calor e faz sol, mas ele nunca reclama. Caminhamos na praia todas as noites, às vezes três vezes. Ele sempre segura minha mão com força como se eu pudesse desaparecer.

Só perder as memórias me dará a paz que eu preciso. Quero abraçar essa escuridão, aquela imobilidade pesada onde não há Boaz, nem Alarica, nem corpos sangrentos e, acima de tudo, nenhum Charlie.

Então, eu estou fazendo isso acontecer.

Meu único arrependimento é por Lucien. Ele está tentando se agarrar a mim, mas eu sei que ele pode me sentir indo embora. Às vezes, ele me força a falar do passado, de todos os bons momentos que tivemos e tivemos muitos, mas eles não são suficientes para me ancorar.

Minha mente está clara no momento. É quase pôr do sol. Lucien adormeceu em nossa cama minutos atrás. Fazia quase uma semana desde que ele dormia, mas eu garanti que ficaria bem. A constante subida e queda de seu peito nu me deixa com sono, então eu solto sua mão e me levanto da cadeira macia ao lado dele. Tenho de ficar alerta para o que preciso fazer a seguir.

Uma brisa quente sopra das janelas abertas, agitando as cortinas. Traz consigo o cheiro do oceano e bolos recém assados, doces e salgados. Vou sentir falta daqui.

Eu silenciosamente saio do quarto, olhando por cima do ombro para Lucien. Duvido que ele acorde. No quarto de hóspedes, chego debaixo da cama, bem atrás e puxo uma caixa de sapatos. Depois de remover a tampa de papelão, toco várias pilhas de dinheiro, quase cinquenta mil dólares. Eu economizo desde que deixamos Wildemoor há mais de três meses. Sempre que conseguia me escapar, eu ia a um banco e retirava o valor máximo de um caixa eletrônico. Deve ser o suficiente.

Eu cavo embaixo de uma pilha de notas até sentir um pequeno embrulho. Puxo na minha frente e desfiro o elástico que mantém tudo junto. Certidão de nascimento, cartão de segurança social e passaporte. Abro o passaporte e olho para a mulher na foto. O rosto é meu, mas o nome não é: Reina Swenson. Eu corro meus dedos sobre a imagem. Seus olhos são tão assombrados, tão tristes.

Isso mudará em breve. Reina não será mais torturada porque não se lembrará mais do passado. Mas o mais importante é que Lucien estará livre para viver sua vida sem que minha escuridão ameace derrubá-lo comigo. Ele foi feito

para muito mais do que a vida que ele estava vivendo comigo atualmente.

Pego o item final do meu pacote, uma passagem de avião só de ida para os Estados Unidos, para um lugar onde ninguém vai me encontrar, onde eu não serei mais Eve. O feitiço que estou lançando sobre mim acabará por desaparecer, mas não por décadas, eu acho. Há muito tempo, quando eu era mortal, décadas pareciam uma eternidade, mas agora a passagem do tempo parece mais uma respiração deslizando por um vento furioso.

Uma sensação de formigamento se espalha pela minha mente, mas eu a empurro para trás por apenas um momento a mais. Ainda não posso perder minha memória. Preciso de mais alguns momentos antes que o feitiço esteja completo.

Depois de jogar minha mochila recém-embalada por cima do ombro, vou para a porta de Lucien. Ele ainda dorme em paz. Eu absorvo tudo sobre ele uma última vez, como se eu pudesse guardar a memória comigo. Sua mandíbula forte, as sobrancelhas escuras e arqueadas sob uma mecha de cabelo preto, os lábios carnudos que me aquecem sempre que escovam minha pele. Ele é a única coisa que eu gostaria de levar comigo, mas para que o feitiço funcione corretamente, preciso deixar tudo para trás.

Meu coração quase desmorona, e eu tenho que me segurar no batente da porta para me firmar. Eu o amo ferozmente, mas estou tão cheia de trevas agora que nunca poderia dar-lhe o tipo de amor que ele merece, o tipo de amor que ele me mostra a cada segundo de cada dia. Eu preciso me curar. Mas quando for a hora certa, eu o encontrarei novamente. Só espero que seus sentimentos em relação a mim ainda queimem tão intensamente. É uma chance que tenho que aproveitar.

Usando toda a minha força, me afasto de Lucien e ando com os pés pesados em direção à porta da frente. A maçaneta da porta está fria contra a palma da mão quando a abro. A frieza corre pelo meu braço e pela minha mente.

Está na hora. Hora de esquecer quem sou e o que fiz. Por fim, estarei em paz. Fecho os olhos, respiro fundo e, ao expirar, sussurro: “Obliviscor!”.

PARTE I

LUCIEN

CAPÍTULO 1

Lucien procurou no apartamento com Henry, procurando qualquer sinal de onde ela poderia ter ido.

— Não há nada — disse Lucien. — Nem mesmo uma mala. Eles devem tê-la agarrado poucos minutos após sua chegada. Como eles sabiam que ela estava aqui?

— Não tenho certeza, mas precisamos encontrá-la. — Henry se afastou da janela onde estava examinando as ruas. Ele atravessou o quarto até a porta. — O que eles querem dela deve ser de grande valor, caso contrário eles não teriam chegado com tantos. Sinto pelo menos quatro impressões mágicas neste lugar, incluindo as dela.

Se Lucien se concentrasse bastante, ele também poderia dizer que houvera vários sobrenaturais aqui. Dois deles eram vampiros, uma bruxa e um - ele cheirou - lobisomem.

— O que você sugere? — Ele perguntou.

— Venha comigo. — Henry saiu da sala.

Lucien o seguiu para fora do prédio e para a rua.

— Como você espera encontrá-la?

Os dois homens que estavam sentados no meio-fio mais cedo se foram. Lucien e Henry estavam sozinhos.

— Nós terminamos. Você vai para a instalação em Daisy Hill e eu vou para a estrada Farr. Eles a levariam a um desses lugares para verificar seu nível de ameaça antes de transferi-la para a Bodian Dynamics.

Lucien enrolou os dedos em punhos à menção da Bodian Dynamics. Eles eram a corporação médica que Aiden, seu irmão vampiro psicótico e felizmente falecido, estivera trabalhando para criar uma praga que teria destruído milhões, se Lucien e o Deific não o parassem. Lucien tinha toda a intenção de derrubar Bodian, mas então eles se alinharam ao governo quando juraram ajudar em situações sobrenaturais. Agora eles estavam protegidos, e nenhum sobrenatural queria terminar na instalação de "reavaliação" da Bodian em DC. Havia rumores de que eles estavam experimentando em pessoas lá.

— Você quer que eu me envolva se eu a encontrar? — Lucien perguntou.

— Absolutamente não. Entramos juntos.

— Te vejo em breve. — Lucien se lançou na noite.

Daisy Hill ficava a menos de um quilômetro e meio de distância. Ele já esteve nesta instalação uma vez antes, mas apenas para coletar informações, nunca para romper alguém. Não era um prédio grande, mas estava bem fortificado com três guardas protegendo a entrada. Uma

cerca de arame farpado de três metros de altura rodeava o pequeno complexo. Além da cerca, ele encontrava mais guardas, alerta e segurando armas com balas especializadas destinadas a atordoar qualquer criatura sobrenatural. E, ao que parece, quando Lucien voou sobre uma rápida nuvem cinzenta, o número de guardas dobrou desde a última vez que ele esteve aqui, o que significava que eles tinham alguém importante.

Ele aterrissou do lado de fora da cerca, escondido dentro de um bosque de árvores, e chamou Henry.

Ele atendeu no primeiro toque. — Não há muita coisa acontecendo na minha localização. Dois guardas, mas tudo parece calmo.

— Acho que tenho algo aqui — disse Lucien. — Mais guardas do que o habitual. Luzes acesas.

— Eu indo. — O telefone ficou morto.

Ele andou em direção à cerca e focou sua audição. Vozes abafadas vinham de dentro do complexo. Ele cheirou o ar. *Fumaça.* Tinha que ser Fúria.

— Você acredita que ela está aqui? — Henry disse, aparecendo atrás dele.

Lucien deu um pulo.

— Eu odeio quando você faz isso.

Henry cheirou o ar.

— Eu acho que você está certo.

— Claro que estou certo. É irritante como o inferno.

Henry o ignorou enquanto caminhava pela cerca, seus olhos examinando o prédio.

— Eu posso aparecer por dentro, mas não ouso sem saber o que enfrentarei. Precisamos entrar juntos.

Lucien suspirou e seguiu atrás dele. Não costumava ser assim. Henry era extremamente poderoso e podia ultrapassar qualquer pessoa, mas desde que o DSRD entrou em cena, tudo mudou. O departamento estava cheio de sobrenaturais, todos equipados com armas especiais. Por causa disso, Henry fez uma nova regra para todos os funcionários da Deific: ninguém luta sozinho, incluindo ele próprio.

— Eu sei que é um clichê — disse Lucien, — mas poderíamos pegar dois guardas e fingir ser eles. Pelo menos nos levaria ao prédio para ver o que estamos enfrentando.

— Muito arriscado. Os outros vão nos sentir. — Henry aproximou-se da cerca e passou os dedos pelo metal acorrentado, concentrando-se nos guardas à distância. — O que nos tornamos? Lembra dos bons velhos tempos em que seria necessário apenas um de nós destruir um pequeno exército? Agora os sobrenaturais se juntaram ao inimigo, usando balas que nos matam. Eu odeio este novo mundo.

— Precisamos nos adaptar, — disse Lucien, juntando-se a ele perto da cerca. — Seja mais esperto do que eles, crie nossa própria tecnologia para combater a deles.

— Tenho um homem em Rouen fazendo exatamente isso, mas sinto falta dos velhos hábitos.

Lucien olhou à frente, concentrando todos os seus sentidos, incluindo o sexto, nos guardas. Seu corpo subiu com magia. O poder deixou seu corpo em tentáculos longos e invisíveis, estendendo-se pelo ar até chegarem aos homens. Três deles eram novos vampiros, mas um era bastante velho. E cheio de raiva. Ele pulsava em grandes ondas que fizeram os tentáculos mágicos de Lucien recuarem. Ele teria que ficar longe disso.

Quanto aos outros guardas, ele sentiu alguns lobisomens, mas o resto eram todos humanos. Eles cheiravam a medo, e seus olhos continuavam mudando nervosamente para os sobrenaturais perto deles, apesar das armas que seguravam firmemente nas mãos. Os humanos nunca deveriam saber sobre sua espécie. Era apenas uma questão de tempo até que eles se levantassem contra os sobrenaturais. Eles tinham os números, e agora que Hansen estava registrando todos os sobrenaturais no DSRD, os humanos saberiam onde encontrá-los, se quisessem.

Poderia ser o jogo final de Hansen? Lucien não pensava assim, pois Hansen também era um sobrenatural, mas não um que ele ou Henry reconhecessem. Parecia ser parte vampiro, parte bruxa, parte demônio, e quem sabia o que mais. Henry vazou anonimamente informações para a imprensa sobre isso, mas a história nunca foi relatada. Ninguém acreditava nisso, ou Hansen usara todos os meios possíveis para enterrar a história.

— Existe apenas uma boa maneira de entrar naquele prédio — disse Henry.

— Qual?

Henry virou-se para ele.

— Você vai ter que fazer isso.

— Como? Como você disse, eles vão me sentir. Especialmente o velho vampiro e provavelmente os lobisomens.

— Não se você mudar sua composição corporal. Eu te vi quando você voa. Você se desmaterializa em um nevoeiro leve. Será perfeito para o que precisamos.

Lucien recuou, balançando a cabeça.

— Eu só consigo fazer isso pela velocidade. Precisamos ser furtivos para isso.

— Você só precisa controlar o poder. A velocidade facilita, mas não é isso que está permitindo a transformação.

É você, sua mágica. Apenas concentre-se e não tenho dúvidas de que você será capaz de fazê-lo. Talvez comece rápido e tente diminuir a velocidade.

Os pulmões de Lucien se encheram de ar. Ele não contou a Henry, mas ele já havia tentado isso antes com pouco sucesso. — Isso não vai funcionar.

— Porque você não vai deixar — disse ele, sua voz subitamente cheia de aço. — Desde que Eve desapareceu, você não cresceu. Tentei colocá-lo em situações em que você expandiria a magia dentro de você, mas você parece satisfeito com seu estado atual. Suas habilidades são como um músculo. Elas devem ser exercitadas. ou eles se atrofiam. Você está preso, Lucien.

Lucien olhou por cima do ombro e olhou para a escuridão sem fim da floresta. Ele estava preso, mas ele não se importava. Como ele poderia seguir em frente sem Eva? Pareceu traição.

Henry apontou para o prédio.

— Há uma garota lá dentro que precisa da nossa ajuda. Eve não teria hesitado.

Lucien olhou para o céu noturno, onde a luz das estrelas empurrava o preto. Ele tem razão. Eve não teria hesitado, mas ela não estava aqui. Só ele estava. Seu peito se encheu de ar e ele exalou lentamente, pensando na

garota. Ele realmente deixaria algo acontecer com ela? Especialmente alguém que conhecia Charlie?

— Vou tentar.

Ele subiu com um salto gigante, perfurando o ar da noite. Seu corpo zumbia com poder que explodiu através de seus músculos até que ele os sentiu vibrando. Um breve suspiro depois, ele estava zunindo no ar como se um fantasma tivesse se libertado de seu túmulo.

Deslizando as copas das árvores, ele se concentrou nos movimentos do corpo. O vento frio gelava suas moléculas, mas era uma sensação boa, como mergulhar em uma piscina em um dia quente de verão.

Depois de circular o complexo algumas vezes, ele sintonizou a maneira como seu corpo estava respondendo ao ar e a seus movimentos. Ele pensou na garota presa lá dentro, o que o fez pensar em Eve novamente. Ela ficou presa a Mayr parte de sua vida. Primeiro pelos pais, depois Boaz e Alarica e, finalmente, suas próprias memórias. Memórias podem ser um inimigo poderoso. Ele sabia disso, tendo enterrado sua própria memória dolorosa do que havia feito com Aiden durante a Peste Negra, a pandemia que varreu grande parte da Europa. Talvez ele e Eve não fossem tão diferentes, mas ele não podia imaginar-se fugindo de Eve, não importa o quão ruim as coisas se tornassem.

Ele respirou fundo e forçou sua mente em uma direção diferente, que não impedisse seu progresso. Em vez disso, ele pensou em todos os momentos maravilhosos que teve com Eve. Isso o concentrou o suficiente para que ele fosse capaz de desacelerar seu corpo.

Demorou algumas vezes e muita concentração, mas eventualmente ele conseguiu manter sua forma de fumaça enquanto pairava perto do topo das árvores. Ele desceu pelas folhas e galhos e serpenteou pelo chão da floresta, movendo-se por cima e por baixo da folhagem.

— Bom — Henry disse quando Lucien o alcançou em um ritmo lento. — Agora vou encontrar uma maneira de entrar.

Henry voltou sua atenção para o complexo.

— Lá. — Ele apontou para uma janela no segundo andar.

Assim como Lucien olhou, o vidro quebrou.

— Dê um pequeno empurrão no canto inferior direito. Ele abrirá. Pesquise o interior e depois volte e relate. Nós a salvamos juntos.

Lucien flutuou de volta ao ar. Ele pairou alguns segundos, determinando a rota mais segura. Nenhum dos guardas se afastou de sua posição. O vampiro mais velho,

no entanto, parecia mais agitado do que antes. Ele estava abrindo e fechando as mãos em punhos cerrados.

Lucien escolheu um caminho mais próximo do chão. Ele voou pela grama, tomando o cuidado de manter o ritmo constante para não chamar atenção. Ele estava quase ao lado do edifício, quando o vampiro mais velho virou a cabeça em sua direção. Lucien correu para trás de um galpão próximo, com o pulso acelerado. Levou quase um minuto inteiro antes que ele se sentisse seguro para prosseguir.

Movendo-se ainda mais devagar desta vez, ele foi para o lado do prédio e deslizou nos tijolos até a janela. Depois de se certificar de que ninguém estava olhando, especialmente uma câmera que poderia ter sido virada em sua direção, ele subiu pela lateral do prédio de tijolos até chegar à janela quebrada. Com um pouco de pressão, um pedaço de vidro caiu para dentro do tapete. Mal fez um som.

Ele entrou na sala. Continha apenas poeira e um grande buraco na parede, como se alguém tivesse perfurado. Ele concentrou sua audição. Ouviram sons abafados vindos do andar de baixo. Ele também cheirou fumaça. A garota estava definitivamente aqui.

Deslizando por baixo da porta, ele encontrou o conjunto de escadas mais próximo e desceu. Ele ficou nas sombras o máximo possível, pois havia câmeras em muitos dos cantos

altos. O que ele realmente precisava fazer era encontrar o centro de segurança. Se ele pudesse retirá-lo, incluindo os homens que o operavam, teriam uma chance muito Mayr de salvar a garota. Isso também garantiria que a identidade dele e de Henry permanecesse em segredo.

Ao pé da escada, a sala se abriu em um laboratório gigante. As vozes estavam mais próximas, mas não neste andar. Em vez de subir as escadas novamente, ele entrou no sistema de ventilação. Isso resultou em um trabalho rápido e permitiu que ele se movesse livremente sem se preocupar com as câmeras.

Ele seguiu os sons das vozes. Antes de chegar lá, ele passou pela sala de segurança. Ele parou por um momento. Três pessoas estavam lá dentro. Dois eram humanos, mas o outro... Lucien inalou. Havia algo diferente nele. Ele era humano, mas também tinha poder. Ele queria ficar mais tempo para descobrir o que havia de diferente nesse homem, mas um grito repentino e abafado o fez acelerar de volta pelo duto estreito.

— Você escolheu os amigos errados para se associar, Fury — disse uma voz familiar.

Em seu estado de fantasma, Lucien espiou através das ripas da grade de metal. Liane, de costas para ele, estava de pé sobre uma cama estreita, bloqueando sua visão para a

garota que estava amarrada. Lucien não via Liane há mais de um ano, mas já ouvira falar bastante dela. As pessoas a apelidaram de The Reaper. Ela era uma oficial sênior da DSRD e era conhecida por sua crueldade em relação aos sobrenaturais, mesmo sendo ela mesma um. Ela era uma bruxa poderosa, que costumava ser amiga de Eve até que ela traiu Eve e se juntou a Boaz.

Liane saiu da vista dele. A garota deitada na mesa tinha longos cabelos escuros. Sua franja curta estava emaranhada na testa com suor, e sua boca estava coberta com uma gravata preta. Ele esperava ver medo nos olhos dela, mas eles estavam cheios de raiva. Ela se debateu contra as restrições e gritou algo ininteligível através da mordaça, apesar do que parecia ser um ferimento grave na perna. O sangue pingou no chão.

Partes da mesa em que ela estava deitada tinham manchas pretas como se tivessem sido queimadas. Ele se perguntou por que ela não estava usando sua habilidade de fogo agora, mas então ele notou luvas de prata em suas mãos, o que provavelmente a estava impedindo.

A voz de Liane disse: — Se eu fosse você, economizaria minhas forças.

Lucien flutuou lentamente através das ripas de metal apenas o suficiente para ter uma melhor visão da sala. Havia

outros cinco, quatro homens e uma mulher, de pé encostados na parede ao lado de duas cadeiras. Cada um deles possuía as mesmas armas que os guardas do lado de fora tinham. Provavelmente eles estavam equipados com as mesmas balas que Lucien havia encontrado antes - do tipo cheio de vapor de halotano, um gás adormecido que poderia deixar qualquer sobrenatural inconsciente em questão de segundos.

Lucien recuou de volta para a abertura. Com base em tudo o que tinha visto, ele e Henry deveriam ter um tempo fácil para resgatar a garota se eles atacassem juntos, começando pelos homens do lado de fora. Não parecia haver mais ninguém no edifício, mas, ao sair, ele procurava no resto dos quartos, apenas por precaução.

A garota gritou novamente: — Eu vou te matar!

Ele admirou a luta dela. A Mayria das pessoas, inclusive sobrenaturais, já estaria chorando, mas essa garota não parecia nem perto de quebrar. *Bom.* Isso lhes daria mais tempo para garantir que o resgate dela ocorresse sem problemas.

Ele estava prestes a voltar para Henry quando ouviu Liane dizer: — Vá em frente e grite tudo o que quiser. Eles serão seus últimos suspiros antes que o Presidente os roube para sempre.

CAPÍTULO 2

Lucien estava tão atordoado que ele quase voltou em sua forma regular, ali mesmo no pequeno duto de ventilação. O que Hansen iria querer com essa garota? Ele rapidamente realinhou sua concentração e ouviu atentamente.

— Não sei por que você está sendo tão leal às Auras — disse Liane. — Eles são o grupo mais crítico e hipócrita honesto que já conheci. Mas espero que sejam tão teimosos quanto você. Eu adoraria ver o presidente destruir todos eles.

Isso fez a garota gritar novamente, uma série de palavrões que Lucien mal decifrou.

Liane disse a alguém por cima do ombro: — Quanto tempo mais?

Uma voz profunda respondeu: — Ele deve estar aqui em quinze minutos.

Lucien congelou. É melhor ele agir rápido. Ele não tinha ideia de quantos homens poderiam vir com Hansen; além disso, ainda não sabiam nada sobre ele ou suas habilidades. Mas o que Lucien sabia, de acordo com o que Eve lhe dissera uma vez, que Boaz tinha medo dele, o que significava que Lucien deveria ter também.

Ele correu de volta para a abertura da sala de segurança e olhou para baixo. Dois humanos continuaram

monitorando o feed de segurança de uma dúzia ou mais de câmeras de segurança em todo o complexo.

— Estou dizendo Brian, não há nada lá fora! — Um deles disse.

Brian, o humano com poder, gemeu enquanto torcia as mãos.

— Eles estão bem em cima de nós! Você precisa ligar antes que seja tarde demais!

Então ele era psíquico, e bom também pelos sons. Pena que os humanos não acreditavam nele.

Lucien derramou na sala acima deles e se materializou antes de cair no chão. Ele deu um soco em Brian primeiro, caso ele tivesse outros poderes que Lucien não conhecia. Brian voou contra a parede atrás dele. A parede desmoronou sob a força, e ele caiu no chão inconsciente. Os outros dois pegaram suas armas, mas Lucien foi mais rápido. Ele esmagou o rosto no monitor à sua frente, sangue espirrando nas telas. Então ele pegou a coleira do outro guarda e o girou contra o peito. Demorou cerca de dez segundos para sufocá-lo.

Os dois guardas caíram um em cima do outro. Lucien empurrou-os para fora do caminho para que ele pudesse procurar os muitos botões. Ele pressionou alguns deles, na esperança de encontrar um sistema de PA para conversar.

No terceiro botão, o microfone à sua frente gargalhou. Na tela, os guardas do lado de fora saltaram para chamar a atenção.

Ele pressionou e segurou o botão e disse para todos ouvirem: — Fora do tempo. Cuide deles. — Ele soltou o botão e fugiu da sala. Henry saberia o que fazer.

Lucien esperava que os guardas na outra sala corressem para lutar com ele, mas ou eles não ouviram a mesma mensagem que os guardas do lado de fora, ou Liane ordenou que ficassem parados. Ele esperava não ter que lutar com eles ao mesmo tempo que Liane, mas a sorte não estava do seu lado hoje à noite. E ele teria que fazer isso rápido antes de Hansen chegar.

Ele caminhou pelo longo corredor até onde eles mantinham a garota em cativeiro. Antes de chegar à porta, Lucien a abriu com magia, arrancando-a das dobradiças. Derrubou um dos guardas que deve ter bloqueado. Outro guarda levantou a arma e a apontou para ele. Lucien levantou a mão e fechou os dedos com força. A arma implodiu em si mesma. Os olhos do guarda se arregalaram, mas antes que ele pudesse pronunciar uma palavra de surpresa, Lucien o empurrou mentalmente através da sala para se juntar ao outro guarda que havia ficado inconsciente sob a porta quebrada.

Tudo aconteceu rápido. Assim que ele entrou na sala, os outros guardas o atacaram imediatamente. Desde que ele não fosse atingido por uma de suas balas especiais, poderia cuidar deles. Mas então o mais alto dos três o empurrou no peito, e ele voou contra a parede atrás dele, seu esterno quase rachando. Claramente, estes não eram apenas humanos. Pelo menos o homem alto que atualmente se aproximava dele não era. Ele parecia humano o suficiente com cabelos castanhos curtos e olhos verdes, mas ele era definitivamente algum tipo de sobrenatural.

Enquanto Lucien evitava outro golpe do homem desumanamente forte, a garota amarrada à mesa se debatia violentamente e gritava através de sua mordaça. Liane estava de pé atrás dela, um pequeno sorriso brincando nos lábios.

Uma arma disparou. Lucien girou para longe assim que rasgou sua jaqueta. *Muito perto.* Ele correu para a parede e subiu dois degraus antes de girar para trás. O guarda sobrenatural balançou sobre ele, mas Lucien estava muito alto no ar. Antes de chegar ao chão, Lucien disparou uma rajada de energia na guarda feminina com a arma. Ela caiu no chão e a arma voou de suas mãos.

No momento em que Lucien pousou, o alto sobrenatural chutou em suas costas. Lucien tropeçou para a frente,

derrubando uma cadeira no processo. Ele a agarrou e jogou de volta para o sobrenatural que o perfurou. Tiro de madeira quebrado no ar. Um deles cortou o braço de Lucien. Liane riu alto.

Ele ignorou a dor e se endireitou. Seu corpo imortal se curaria em breve. Enquanto ele não tivesse sua cabeça cortada ou uma estaca no coração, ele poderia sobreviver a isso.

Dois guardas saíram. O alto sobrenatural e um humano que de alguma forma caíram no chão e estavam correndo pelo chão para pegar uma arma. O sobrenatural soltou um grito feroz e avançou para Lucien novamente. Lucien levantou as mãos na direção dos dois guardas, na esperança de tirar os dois com magia ao mesmo tempo.

— Somnum! — Liane rosnou.

O guarda sobrenatural caiu no chão como se alguém tivesse batido nele com uma bola de demolição. O humano também ficou inconsciente.

Liane riu. — Desculpe, mas eu não podia esperar mais.

A garota amarrada gritou palavras abafadas novamente.

Liane bateu a mão na boca da garota.

— Cale-se!

Uma raiva intensa ardeu em vermelho dentro de Lucien. Era hora de ele cuidar dessa bruxa de uma vez por todas. Ele empurrou as mãos para a frente através do ar, enviando uma explosão de energia em direção a Liane. Colidiu com seu corpo e a derrubou em uma parede. Ela caiu no chão de quatro, seus longos cabelos castanhos pendurados nos dois lados do rosto. Ele manteve as mãos prontas para atacá-la novamente, se necessário.

Um som, silencioso a princípio, escapou da cortina de cabelo em volta do rosto. Ela jogou a cabeça para trás de repente e a gargalhada explodiu, um som horrível e feio que parecia congelar o ar. Ela se levantou, seu rosto se contorcendo em uma expressão tensa e antinatural de puro ódio, mas continuou a rir, baixo e gutural.

Ele a golpeou de novo, mas ela acenou com o braço como se estivesse dispensando a energia da maneira como alguém golpeava uma mosca no verão. Seu corpo se levantou e ela veio em sua direção, arrastando os dedos dos pés no chão de azulejos.

Mentalmente, ele pegou uma cadeira próxima e a jogou na direção dela. Antes que pudesse tocá-la, virou pó. Lucien recuou, pânico tomando seus músculos. Algo havia mudado. Liane nunca tinha sido tão poderosa antes.

Ela levantou o braço e, com o movimento, ele também se levantou. Quando o dedo dela virou na direção dele, o corpo dele colidiu com a parede atrás dele.

Ele se concentrou fortemente na força que o pressionava contra a parede. Pela sensação, como o próprio tempo o prendia, e pelo cheiro, sálvia ardente, ela estava usando magia antiga, algo que ele só conseguira acessar uma vez antes. Era extremamente desafiador, pois era preciso explorar os poderes mais antigos da vida, os que existiam quando o dia fora separado da noite, quando a terra se erguia da água e quando as criaturas se libertavam da crosta terrestre. Henry o chamava de Gênesis. De alguma forma, ela estava usando agora, mas em sua forma escura.

Liane ergueu-se mais alto até estar a centímetros do rosto dele.

— Eu posso sentir você tocando meu poder. Não é incrível?

A pressão invisível contra seu peito era tão forte que ele mal conseguiu grunhir.

— Como?

— O presidente. Ele é muito generoso com seu poder. — Sua mão estalou para frente e agarrou seu pescoço com força.

Ele levantou as mãos para empurrá-la para longe, mas ela era como uma parede de aço. Quando ela apertou com mais força, ele chamou magia. Ela surgiu em seu corpo, aquecendo-o da cabeça aos pés. Ele mentalmente pressionou contra ela com todas as suas forças, suor quebrando na testa.

— Você não pode me vencer, Lucien. Não desta vez.

Ele rosnou e grunhiu, esforçando-se o máximo que pôde, mas sua magia não era tão forte quanto a dela. Por cima do ombro, a garota contida estava se debatendo e gritando ainda mais. Suas mãos enluvadas estavam abrindo e fechando como se ela realmente quisesse usar suas habilidades. Ele poderia ajudar com isso.

Lucien parou de lutar com Liane e ficou mole ao seu alcance. Os cantos da boca dela se curvaram.

— Eu só queria que Eve estivesse aqui para ver isso — disse ela. — Eu gostaria de ter visto a expressão dela quando você morrer pelas minhas mãos.

Ela cortou completamente todo o oxigênio dos pulmões dele, mas isso não o mataria, e ambos sabiam disso. O aperto dela foi apertado, as unhas cravadas na carne dele. Ela pretendia tirar a cabeça dele do corpo e, por sua nova força, ele temia que ela fosse capaz de fazê-lo.

Lucien trabalhou rapidamente e concentrou sua magia na garota atrás de Liane, especificamente em suas luvas. Enquanto o sangue escorria de seu pescoço das garras de Liane, ele cuidadosamente deslizou as luvas de prata da garota de suas mãos. Assim que foram removidas, a garota rapidamente queimou as restrições e sentou-se.

— Morra bruxa!

Tiros de fogo saíram das mãos da garota, em uma bola rodopiante da morte. Explodiu em Liane, fogo acendendo seus cabelos e roupas. Liane deu um grande e terrível grito e golpeou seu corpo no ar. Lucien caiu no chão e saiu do caminho para evitar se queimar. Então ele canalizou sua energia, preparando-se para acabar com ela, quando Liane desapareceu. Um segundo ela estava lá, seu corpo inteiro envolto em chamas, e o segundo seguinte acabou.

A menina gritou de frustração. Ela girou, suas mãos queimando em um vermelho brilhante e apontando em sua direção.

— Quem diabos é você?

Ele estava prestes a responder quando Henry tropeçou pela porta. Ele caiu no chão aos pés de Lucien.

— O que aconteceu? — Lucien perguntou. Ele virou Henry. Logo acima do cotovelo, um pedaço de sua jaqueta e

muita carne foram removidos. Sangue escorria livremente da ferida.

— Me ajude a ficar de pé — Henry respirou.

Lucien o pegou facilmente, mas teve que manter uma mão nele para impedir que ele caísse de volta.

— Fui baleado com uma de suas balas — disse Henry. — Consegui morder a Mayr parte, mas um pouco do veneno ainda entrou em mim.

— Você se mordeu? — Lucien perguntou incrédulo.

— Cale-se! — A menina gritou.

Lucien e Henry se viraram lentamente para ela.

— É melhor alguém começar a falar ou eu vou usar vocês dois como carvão para o meu próximo churrasco!

Henry respirou fundo. O movimento parecia ter exigido muito esforço.

— Nós somos do Deific. Você pediu ajuda.

— Há quatro horas! Onde diabos você esteve?

Lucien pigarreou. — Foi minha culpa.

Sua atenção se concentrou nele, as mãos em brasa ainda apontadas na direção dele.

— O que você é exatamente?

— Vampiro.

— Você é mais do que isso. Você usou magia, isso faz de você uma bruxa, e eu odeio bruxas!

Ele falou rapidamente para evitar ser queimado.

— Eu era uma bruxa primeiro, depois fui transformado em vampiro, mas posso garantir que não quero fazer mal a você.

Os olhos dela se estreitaram. — Então você é como um vamp-bruxa?

— Eu não diria isso dessa maneira. Olha, não há tempo para isso agora. Precisamos sair. Hansen estará aqui a qualquer momento.

Henry se assustou, um pouco de vida retornando ao seu corpo.

— O presidente? Por que ele viria aqui?

— Para questionar a garota.

Henry virou-se para a garota.

— O que ele iria querer com você?

— Não tenho muita certeza, mas provavelmente tem algo a ver com o que aquela bruxa me perguntava. — Ela olhou para Henry e depois para Lucien. — Ela queria saber sobre um colar velho e poderoso.

Lucien quase tropeçou e sua respiração acelerou.

— Colar?

— Vamos discutir isso mais tarde — Henry disse, segurando o braço de Lucien com força suficiente para que a dor trouxesse a atenção de Lucien de volta ao presente.

Perguntas sobre o colar podem esperar. Além disso, poderia nem ser o mesmo colar que transformou Eve na bruxa do mal, Alarica.

— Você pode nos tirar daqui? — Ele perguntou a Henry.

— Eu não sei. Eu estou muito fraco.

— Tudo bem. Pegue a garota. — Lucien fez sinal para ela se aproximar.

— Meu nome é May — ela retrucou.

— Apenas venha aqui. Você não quer estar aqui quando o presidente chegar.

Ela fez uma careta, mas mancou.

— Como é que vamos sair daqui? Mal posso andar, mas ainda estou me movendo melhor que esse cara. — Ela enganchou um polegar em Henry.

Henry estendeu a mão e, assim que a tocou, os dois desapareceram. Lucien se virou e correu da sala. Antes de chegar ao topo da escada, seu corpo brilhou e depois se desmaterializou em uma nuvem furiosa. Se o colar realmente era o mesmo que Eve usara, isso significava que

Hansen também estava atrás dela. O medo apertou seu coração e com força.

Ele tinha que encontrá-la. Lutar com Boaz tinha sido difícil, mas pelo menos Lucien sabia contra o que estava lutando. Com Hansen, no entanto, ele pode muito bem estar lutando com um fantasma.

CAPÍTULO 3

Não demorou muito para Lucien para chegar ao Deific. Ele soprou na janela da biblioteca no último andar e se materializou na frente de May e Henry. May estava enviando algo para o celular dela.

May saltou para trás, seus olhos verdes arregalados. O telefone dela caiu no chão.

— Nunca mais faça isso de novo!

Ele foi direto para ela e a pegou pelos braços.

— Conte-me sobre o colar.

— Me solte — ela rosnou e se contorceu sob seu aperto.

— Não até você me dizer o que sabe.

Suas mãos esquentaram, a ponto de ele achar que suas mãos irromperiam em chamas. Ele sibilou e se afastou.

— Ninguém me toca sem a minha permissão — disse May.

Henry avançou com uma mão em direção a Lucien, como se estivesse com medo de que Lucien fosse para May novamente. Henry balançou um pouco, ainda atormentado pela bala envenenada.

— Peço desculpas, mas existe um colar poderoso que significa muito para nós. Se é o mesmo que o presidente deseja, alguém muito querido está em perigo. Gostaríamos de receber qualquer informação que você possa nos dar.

Ela olhou para cada um deles por alguns segundos tensos antes de finalmente relaxar.

— Posso comer algo primeiro? Estou morrendo de fome.

— Claro — disse Henry. — E precisamos enfaixar sua perna.

Enquanto ele desaparecia em uma pequena cozinha no canto, uma sala que havia sido construída recentemente, Lucien manteve os olhos em May, todas as partes dele em alerta. Tudo o que ela estava prestes a dizer poderia levar a Eve. Este é o mais próximo que ele já havia chegado antes, e ele mal podia conter-se de sacudir as informações dela.

— Você pode parar de me encarar assim? — May perguntou e caiu em um sofá de couro. Ela apoiou a perna ferida em uma mesa de café. — Você está me enlouquecendo.

Ele mordeu, flexionando os músculos da mandíbula e enrolando as mãos em punhos.

— Sério, cara. Você precisa suavizar, ou eu não vou te contar nada.

Lucien se forçou a se afastar dela. Ele caminhou até uma janela escura e olhou através das cortinas. As ruas estavam quietas abaixo. Não muito longe, ele viu a cafeteria onde havia aprendido sobre o Deific com Charlie e Eve. Um vazio pesado encheu seu peito ao pensar em Charlie.

— Eu não tinha muito — disse Henry, voltando para a sala carregando um prato de comida. — Espero que você goste de manteiga de amendoim, geleia e batatas fritas.

— Perfeito! — May aceitou o prato ansiosamente. Antes de dar uma mordida, ela abriu o sanduíche e colocou um punhado de batatas fritas dentro, depois esmagou o pão. Lucien fez uma careta ao dar uma mordida.

— Então — disse ela, com a boca cheia de comida — este colar. O DSRD com certeza está de calcinha em cima. Eles estão exigindo procurar na Lucent Academy porque acham que está lá, mesmo que tenhamos dito repetidamente não sabemos nada sobre algum colar estúpido.

— Por que eles acham que uma escola de Auras a teria? — Henry perguntou. Ele abriu um armário próximo e removeu um kit de primeiros socorros.

— Supostamente este colar é tão poderoso que deve ser rastreável, mas mesmo seus melhores médiuns, oráculos e o próprio presidente não foram capazes de senti-lo. Eles acreditam que apenas um lugar cheio de Auras com sua capacidade de controlar a luz é a única coisa forte o suficiente para desmascarar o poder do colar. Mas estou lhe dizendo, não temos o colar!

— Eles descreveram este colar para você? — Lucien perguntou. Ele se aproximou lentamente dela, a ansiedade crescendo dentro dele com cada uma de suas palavras.

— Liane disse que era uma esfera de vidro que continha sangue.

Seus joelhos dobraram e ele caiu na cadeira mais próxima.

— Acho que você sabe o que eles estão procurando? — Perguntou May. Ela deu outra mordida no sanduíche enquanto Henry enfaixava a perna.

— Costumava pertencer a um vampiro poderoso que quase destruiu todos nós — explicou Henry.

Ela engoliu em seco.

— Vendo como vocês dois estão sentados aqui, eu suponho que você vaporizou o traseiro de vampiro dele?

— É verdade que ele não está mais conosco, mas sua destruição nos assustou a todos. Charlie foi uma das vítimas.

May abaixou o sanduíche.

— Eu ouvi falar sobre a morte dele. Sinto muito. Charlie realmente nos procurou quando estávamos tendo problemas na Lucent Academy há alguns anos. Eu realmente gostei dele.

— Todos nós fizemos — Henry disse, sua voz suave.

A sala ficou em um silêncio desconfortável, mas Lucien não conseguia pensar em Charlie agora. Ele precisava encontrar esse colar antes da DSRD, o que significava que ele precisava encontrar Eve. Ela era a única que sabia onde estava. Depois que mataram Boaz, Lucien perguntou a ela sobre isso. Tudo o que ela disse foi que estava em um lugar onde ninguém poderia encontrá-lo novamente. Ele não a questionou mais depois disso.

— Alguém já disse para o que queria o colar? — Henry perguntou. Suas sobrancelhas estavam unidas e as rugas enrugavam sua testa, algo que Lucien raramente via nele.

— Na verdade não, embora eu tenha ouvido Liane dizer algo sobre a criação de um espelho, mas não sei se isso tem algo a ver com o colar ou não. Basicamente, eles estão sob ordens estritas de encontrar o pedaço de lixo. Onde vocês acham que está escondido? Você parece saber mais do que eles.

Os olhos de Henry brilharam para os de Lucien antes de dizer: — Só existe uma pessoa viva que sabe onde está esse colar, mas ela está desaparecida.

Lucien fechou os olhos. Uma tristeza pesada se instalou profundamente dentro de seus ossos. Talvez se ele tivesse feito algo diferente com Eve, se esforçasse mais, lhe mostrasse mais amor, ela não teria partido.

— Ela foi sequestrada? — Perguntou May.

— Não exatamente — Henry hesitou. — Algo terrível aconteceu com ela e ela partiu, por sua própria escolha. Tentamos encontrá-la, mas ela é uma bruxa poderosa, talvez a mais poderosa nesta Terra. Ela simplesmente não quer ser encontrada. Ela se tornou invisível para nós.

Lucien abriu os olhos. May estava observando-o, pensativa, a massa de seu sanduíche repousando no prato.

— Ela significa muito para você, não é? — May perguntou a ele.

Ele levantou um pouco o queixo.

— Ela é minha vida.

— Mas ela deixou você.

A tristeza em seus ossos se transformou em dor, e ele desviou o olhar.

— Não é tão simples — Henry disse rapidamente. — Eve deixou todos, inclusive a si mesma. Ela lançou um feitiço que a fez esquecer tudo sobre sua vida, incluindo todas as pessoas que são importantes para ela. Ela pode nem saber mais que é uma bruxa.

— Por que ela faria isso? — Perguntou May.

— O colar. Ela foi forçada a usá-lo por Boaz, o vampiro que mencionamos anteriormente. Ele a transformou em um monstro, e ela fez algumas coisas terríveis, coisas pelas

quais não podia se perdoar, mesmo que não fosse realmente ela. A magia dentro desse colar é má e extremamente poderosa. Precisamos encontrá-lo antes que alguém como Hansen o encontre.

Lucien ficou de pé, precisando se mover, como se pudesse de alguma forma afastar a dor dele.

— Eu já procurei no mundo por ela, consultei videntes, outras bruxas, todo mundo, mas Eve se escondeu bem. Encontrá-la será impossível.

Ele caminhou até a janela aberta e inalou profundamente. O cheiro de grãos de café e pão encheu suas narinas. O sol nasceria em algumas horas. Ele não queria estar aqui. Ele voltaria para sua cabine, talvez pudesse pensar mais claramente lá. Tinha que haver algum lugar que ele não tivesse pensado em procurar por Eve.

— Está Eve — disse May, sua voz lenta como se estivesse pensando. — Você diz que ela tem um grande poder?

— Imenso — respondeu Henry.

— Ela é uma boa pessoa?

Lucien agarrou o peitoril da janela.

— Ela já provou a escuridão no passado, mas seu coração apenas anseia por luz e verdade agora.

— Apenas a resposta que eu estava procurando. — May se levantou e se inclinou para pegar o celular do chão. — Eu acho que posso conhecer alguém que pode ajudar.

Lucien virou-se.

— Quem?

May sorriu e começou a discar um número.

— Llona Reese. A pessoa mais poderosa que *eu* conheço.

CAPÍTULO 4

May deixou a sala enquanto fazia seu telefonema. Lucien tentou ouvir, uma faísca iluminando a escuridão dentro dele, mas Henry se aproximou dele.

— Eu ouvi falar dessa mulher, Llona Reese. Charlie falou dela uma vez. Ela é a poderosa Aura que ajudou a salvar a Lucent Academy de um exército de Vykens. E você se lembra do clã das bruxas nas Ilhas Andaman? Eu falei com você sobre meses atrás.

Lucien franziu a testa em frustração. Ele realmente queria se concentrar no que May estava dizendo, não em Henry.

— Eu não lembro.

— Isso não me surpreende — Henry murmurou. — Você estava pesquisando na Austrália na época, enquanto o clã das bruxas subia ao poder. Eles até enviaram alguns para a América. Suspeitamos que eles estavam trabalhando com Hansen porque não eram mantidos nos mesmos padrões de outros sobrenaturais. Eu queria que você ajudar a destruí-los, mas não consegui convencê-lo a voltar. Lembra-se?

Lucien tinha uma vaga lembrança de Henry precisando de sua ajuda e rejeitando-a. Eve tinha sido sua prioridade.

— Fomos vitoriosos — continuou Henry, — mas apenas por causa desse Llona. Ela matou o líder do clã.

— Ela trabalha com o Deific? — Lucien perguntou.

— Não, mas alguém próximo a ela faz - Liam. Ele é um Enlil poderoso e me ajudou na sua ausência.

Lucien estava familiarizado com a espécie, tendo encontrado algumas, mas isso havia sido séculos atrás. Eles eram seres poderosos com a capacidade de manipular o vento. Se tivesse sido outra vez, ele poderia ter perguntado o que aconteceu com Enlils, mas tudo o que ele queria agora era saber mais sobre essa mulher que poderia encontrar Eve.

— Se está Llona não estava trabalhando para o Deific, o que ela queria do coven?

— Liam me disse que estava procurando uma cura para o veneno de Vyken.

As sobrancelhas de Lucien se levantaram. Ele nunca tinha ouvido falar disso. O veneno de Vyken era pior do que uma mordida de vampiro. O veneno transformava completamente uma pessoa em algo sombrio e repugnante, o poder impossível de resistir. Ele estava prestes a perguntar mais, quando May voltou para a sala, sorrindo.

— Llona estará aqui em meia hora. Você tem mais alguma coisa para comer?

— Ela está em Wildemoor? — Lucien perguntou enquanto Henry voltava para a cozinha.

— Não, na Academia.

— Mas daqui a algumas horas.

— Ela estará viajando com Liam. Ele faz as coisas mudarem muito mais rápido quando ele quer. Algo que eu acho que você sabe uma coisa ou duas.

Os trinta minutos seguintes se moveram tão lentamente que Lucien pensou que um século se passou. Se esta Llona pudesse realmente encontrar Eve... seu coração pulou com o pensamento. Mas se ela tivesse realmente esquecido quem era, ele poderia fazê-la lembrar? O amor deles era forte o suficiente?

Uma súbita rajada de vento soprou pela janela, levantando papéis de uma mesa próxima. Lucien atravessou a sala para fechá-la, pensando que talvez estivesse vindo uma tempestade, algo que ele realmente poderia usar agora, mas May o deteve.

— Deixe em aberto. Ele está aqui.

— Quem? — Lucien perguntou.

O vento ficou mais forte, lançando sua jaqueta longa no ar.

— Eu voltaria — disse May.

Ele fez o que ela disse, mas apenas porque o vento soprava tão forte que quase o derrubou. O Enlil deve estar aqui.

No momento em que Lucien recuou, houve um flash de luz brilhante e o vento parou de soprar. Em frente a ele estava uma garota com longos cabelos loiros, quase brancos. Sua pele era pálida, mas os olhos eram de um azul vibrante e brilhante, como a cor de uma safira ao sol. Havia poder por trás daqueles olhos. Isso quase o deixou sem fôlego.

Um homem se materializou atrás dela. Alto, como ele, com cabelos escuros. Mas havia algo diferente nele, algo sombrio e perigoso. *Vyken.* Por instinto, as presas de Lucien cresceram em sua boca. Ele assobiou e disparou ao redor da garota para atacar uma das criaturas mais mortais que ele conhecia, mais mortíferas porque elas não tinham humanidade.

O Vyken o encontrou com igual intensidade. Lucien entrou em seu estômago, levando-o de volta a uma mesa comprida. Ela quebrou embaixo deles e os livros voaram no ar. O Vyken o empurrou com força combinando com a sua. Lucien saltou no ar com o punho erguido. Ele tinha toda a intenção de esmagá-lo no crânio do Vyken, mas uma explosão de luz o atingiu com tanta força que queimou seu interior. Ele caiu de quatro no chão, ofegando por ar.

— Chega! — A menina de cabelos brancos gritou.

Lucien olhou para cima. Ela olhou para ele, uma bola brilhante de luz pairando sobre sua mão. Ela devia ser Llona, o que significava que o Vyken, que também era Enlil (Lucien não tinha certeza de como isso funcionava), deveriam ser Liam. Ele parecia apenas alguns anos mais velho que ela, mas por causa da maneira habilidosa com que lutou, ele tinha que ter pelo menos um século de idade.

May riu alto e mancou através da sala para ela.

— Isso sempre acontece quando Liam está por perto. As pessoas simplesmente não podem confiar em um Vyken.

— May — Llona e Liam disseram ao mesmo tempo.

A luz se extinguiu nas mãos de Llona, e ela jogou os braços em torno de May.

— Estou tão feliz que você está bem! Estou tão preocupada.

Enquanto as duas continuavam conversando, Lucien se levantou. Seu interior ainda parecia estar pegando fogo, mas ele conseguiu manter a expressão neutra. Não muito longe, Liam também se levantou.

— Dói, não é? — Liam perguntou, postulando tão alto quanto Lucien.

Lucien grunhiu.

— Então você é Liam.

Ele assentiu uma vez.

— Você poderia ter me perguntado isso antes de me atacar.

Lucien não relaxou sua postura. Ele ainda podia sentir uma escuridão pesada pulsando em Liam.

— Você é um Vyken. Eu sinto isso.

— Eu sou metade Vyken. Isso é muito diferente.

— Como isso é possível?

Llona chegou ao lado de Liam, com o queixo erguido.

— Eu também sou.

Lucien olhou para ela surpreso.

— Mas eu não...

— Veja além da minha luz — ela interrompeu.

Lucien concentrou todos os seus sentidos e estendeu a mão até que sua mente tocou a dela. Os cabelos de seu braço se arrepiaram quando ele tocou uma lasca de escuridão que se apegava profundamente dentro dela.

— Nós dois fomos mordidos — continuou ela, — mas nunca cedemos à escuridão. É algo com que convivemos e é uma batalha constante.

Ele não disse nada, mas encontrou o olhar dela. Essa jovem parecia sábia além dos anos. Ele sentiu uma grande tristeza por ela ter que suportar tal desafio. Seus olhos brilharam para Liam. Ele também. Ele não conseguia

imaginar a força de caráter necessária para combater uma mordida de Vyken. Lucien não achou que ele seria tão forte.

Liam deu um passo à frente.

— Apesar do fato de que você acabou de me atacar, estamos em dívida com você. Obrigado por salvar a vida de May.

— Na verdade — disse May depois de beber de um copo, — acho que fui eu quem o salvou. — Ela riu. — Você ouviu como aquela bruxa gritou quando eu a acendi em chamas?

Lucien não pôde deixar de sorrir. Foi um som doce.

— Você acendeu alguém em chamas? — Llona perguntou, alarmado.

— Sim. Ela quase me matou e esse cara aqui, mas ela pegou o dela, não foi? — Ela olhou para Lucien e levantou a mão. — Bate aqui para bruxa pegando fogo!

Lucien permaneceu imóvel, encarando a palma da mão aberta.

— Pshhhh, tanto faz. — May deixou cair a mão dela.

— Você matou alguém, May? — Llona perguntou.

May encolheu os ombros.

— Possivelmente, mas não tenho certeza. A bruxa desapareceu. Poof! Assim mesmo.

Os lábios de Llona se apertaram, e Lucien teve a sensação distinta de que havia alguns problemas subjacentes entre ela e May. Ela claramente não aprovou como May lidou com a situação, mas Lucien não viu nada de errado nisso. Ele teria feito o mesmo.

— Era Liane, correto? — Henry perguntou, afastando-se da parede. Ele não disse uma palavra durante a briga entre Liam e Lucien. Só assistiu com leve curiosidade.

— Eu sei o que você está pensando — disse Lucien. — As habilidades mágicas de Liane não devem ser tão fortes, especialmente para me derrotar, mas ela disse que Hansen lhe deu um impulso de mágica. Ela era incrivelmente poderosa.

— Eu pensei que o presidente era humano — disse Liam. Ele e Llona trocaram um olhar.

— Ele parece assim — disse Henry. — Mesmo a maioria dos sobrenaturais não pode dizer que ele é um deles.

— O que ele é exatamente? — Llona perguntou.

— Não temos certeza — continuou Henry. — Ele é capaz de usar mágica, além de poder dar. Ele também possui poderes vampíricos, velocidade e força. Não sabemos ao certo como ele pode mascará-la. Não temos informações em nenhum banco de dados sobre nenhuma dessas criaturas.

— E sobre este colar, o DSRD continua assediando as Auras? Por que eles acham que o têm? — Liam perguntou. Ele mudou seu peso para Llona quase numa posição de proteção. Lucien se perguntou se Liam estava ciente do movimento. Ele não parecia estar.

May terminou o resto da comida e contou tudo o que Lucien já havia mencionado sobre a dificuldade de esconder um colar tão poderoso. Ela também contou a eles sobre Eve ser uma bruxa poderosa, e como ela foi a última a vê-la.

— É possível que ela possa ter escondido dentro da Lucent Academy sem que ninguém saiba? — Liam perguntou a Llona.

Llona balançou a cabeça.

— Acho que não. Nossa segurança é extremamente rígida.

Liam virou-se para Henry.

— Esta mulher é forte o suficiente para mascarar o poder do colar sozinha?

Lucien também olhou para Henry, esperando que ele respondesse. Eve se tornou incrivelmente poderosa, especialmente no final. Às vezes, ele se perguntava se o poder que ela tinha quando se transformara em Alarica tinha ficado com ela, especialmente a linguagem antiga, Gênesis. Não estava fora do reino das possibilidades. O

Genesis permitia que uma bruxa fizesse muito mais: criar ilusões duradouras, maior força e poder mentais, feitiços com os quais ele só podia sonhar. Mas isso ocultaria a força de um objeto que era tão antigo quanto, se não mais antigo?

— Possivelmente. — As sobrancelhas de Henry estavam juntas em concentração, como se ele estivesse pensando a mesma coisa que Lucien.

Lucien forçou o nariz a sair em frustração e resistiu a um rosnado.

— Mesmo que ela estivesse, ainda não sabemos onde encontrá-la. Pesquisei o mundo, conversei com quem que pensei que poderia ajudar.

— Você não falou comigo — disse Llona. Ela colocou levemente a mão no braço dele. Calor intenso, mas agradável e calmante, atravessou seu corpo. Tocou a parte mais profunda dele, liberando tensão e dor que há muito se tornavam parte dele. Ele ofegou e balançou involuntariamente.

May riu.

— Você não gostaria de poder engolir essa merda?

— Se essa mulher é tão poderosa e boa quanto você diz — continuou Llona, — talvez eu possa encontrá-la. Ou pelo menos afinar a área para você. Veja, eu posso sentir luz nos outros, mesmo a uma distância. Deixe-me tentar.

Lucien respirou fundo. — Por favor.

Ele se levantou rapidamente, emoções ameaçando dominá-lo. Tudo o que Llona fez com ele o deixou se sentindo cru e vulnerável. Ele não gostou. A tristeza e o desespero rastejavam por cima dele, praticamente o expondo a todos na sala. Ele precisava sair daqui.

— Você tem um mapa? — Llona perguntou.

Lucien andava perto da janela enquanto Henry desaparecia para satisfazer seus desejos. Lucien deveria ficar, ele sabia que deveria, mas o pensamento de possivelmente ver Eve novamente tão cedo, quando ele tinha desistido, o estava aleijando.

— Por que você não sai daqui? — Liam disse a ele, como se ele pudesse sentir a súbita ansiedade de Lucien. — Isso pode demorar um pouco.

Lucien olhou por cima do ombro de Liam para Llona e May. Eles estavam colocando vários itens em uma mesa: velas, caneta, barbante.

— Voltarei em breve — disse ele, com a voz baixa. Ele pulou pela janela, virando fumaça antes de bater no fundo.

CAPÍTULO 5

Lucien voou rápido durante a noite, tentando limpar seu corpo das emoções que Llona tinha desbloqueado. Havia muita mágoa e tristeza. E raiva. Mais do que ele esperava. Queimou através dele, fazendo-o ver vermelho onde quer que olhasse.

Ele colidiu com um outdoor, dividindo-o em um milhão de pedaços. Por que Eve o deixou? Ela não podia confiar que o amor deles era suficiente para ajudá-la? *Ele não era suficiente?* Outro outdoor foi vítima de sua ira. Ele teria feito qualquer coisa por ela! Tudo o que ela precisava fazer era perguntar. Ele não era um leitor de mentes!

Ele queimou sua energia em menos de uma hora. Quando ele voltou ao Deific e apareceu dentro da biblioteca, sua raiva não ardia tão quente. Ele não estava na mente de Eve para conhecer os inimigos que ela enfrentava. Talvez fosse muito pior do que ele jamais poderia imaginar. Ele havia enterrado uma parte de sua vida por causa de seus próprios demônios, afinal. Talvez ela tivesse que enterrar toda a sua, porque era a única maneira que ela sabia como sobreviver. Um dia ele perguntaria a ela, mas, a essa altura, tudo o que ele queria fazer era encontrá-la.

Llona estava debruçado sobre uma mesa, concentrando-se fortemente em um mapa do mundo

estendido à sua frente. Havia linhas de barbante por toda parte com alfinetes segurando-os no lugar. May estava dormindo no sofá, enquanto Liam estava no canto da sala com Henry falando baixinho sobre Liane e o DSRD. Os dois olharam para cima e o reconheceram brevemente.

Lucien foi até Llona e tentou entender o mapa, mas não conseguiu encontrar nenhum tipo de padrão. Pequenas partes foram rabiscadas com tinta preta.

— Eu me concentro em cada seção — disse Llona como se estivesse lendo seus pensamentos. — Bloqueio áreas onde não sinto nada, além de marcar áreas onde a luz é mais forte. Depois, concentro-me mais nesses lugares para ver se há uma conexão entre mim e a pessoa que estou procurando.

— Você consegue sentir à distância?

— Se for poderoso o suficiente.

Ele apontou para as manchas de tinta.

— Quem são esses?

Ela engoliu em seco antes de dizer: — É aí que a escuridão se espalha. Eu nunca quero ir para lá.

Ele percebeu que havia várias partes do mundo apagadas. Uma delas era Washington DC.

Llona se endireitou e esticou as costas.

— Até agora, reduzi a quatro lugares onde detecto uma presença forte.

Liam e Henry se aproximaram.

— Mas Eve não é como você— disse Lucien. — Ela não tem a luz antiga de uma Aura.

— Não, mas todo ser tem luz ou escuridão dentro deles. Com sobrenaturais, essa energia é amplificada, algumas mais que outras dependendo de suas habilidades, o que me torna capaz de senti-las. Veja aqui? — Ela apontou para um lugar na Austrália. — Há muito poder aqui. Sinto-me atraído por esse lugar.

O coração de Lucien pulou.

— Eve poderia estar lá?

— Eu duvido. É aqui que a Ruddy Academy está localizada, outra escola Auran. Acho que é possível que ela esteja escondida nas proximidades.

— Onde mais? — Ele perguntou.

O dedo dela deslizou pelo mapa.

— Aqui. Na França. Existe uma entidade forte...

— Isso não é Eve, — Henry interrompeu.

— Quem seria? — Lucien perguntou, surpreso com a rapidez com que Henry havia respondido.

— O nome dele é Allkot, uma bruxa poderosa, mas boa. Já cruzamos o caminho muitas vezes. Onde mais?

— Estou particularmente atraído aqui. — Ela apontou para Louisiana. — Posso obter um mapa apenas da Louisiana?

Henry desapareceu atrás de uma prateleira.

— Por que lá? — Era um dos primeiros lugares que Lucien tinha ido procurar Eve, pois Rouen era considerada uma cama quente para os sobrenaturais. Muitos se reuniram lá porque pensavam que haveria segurança nos números, mas ele não encontrou nenhum vestígio de Eva.

Llona franziu a testa em concentração.

— Existe uma presença poderosa lá, como nada que eu já senti antes. É um poder antigo, e sinto algo feminino sobre isso, uma gentileza que normalmente não encontro em bruxas do sexo masculino.

Lucien encontrou o olhar de Henry, quando Henry dobrou a esquina segurando outro mapa.

— Você acha que Eve desbloqueou o Gênesis?

Henry entregou o mapa a Llona.

— É inteiramente possível. Isso seria notável, de fato. Tão poucos podem acessar esse poder, mas isso explicaria como ela foi capaz de esconder a si mesma e ao colar.

Llona esfregou a testa como se estivesse com dor de cabeça. Liam surgiu atrás dela e gentilmente colocou a mão em seu ombro.

— Você deveria descansar — disse Liam.

Ela visivelmente relaxou sob o toque dele, fazendo Lucien pensar que havia algo mais do que amizade entre eles.

— Eu vou ficar bem — disse ela e desdobrou o mapa do estado. Ela olhou para ele por alguns minutos e passou os dedos sobre ele. — Definitivamente aqui, Rouen.

— Há muitos sobrenaturais lá — disse Henry. — Como você pode ter certeza que é Eve?

Ela se inclinou para trás, os braços caídos ao lado do corpo. Lucien se perguntou o quanto isso afetou seu corpo. Ele só conseguia imaginar a quantidade de concentração que seria necessária.

— Como eu disse, não tenho certeza — respondeu ela. — Tudo o que posso dizer é que existe uma criatura poderosa que está irradiando luz por lá, e acredito que é uma mulher. Existem algumas outras assim no mundo, mas não tão fortes. Sugiro começar por aqui.

— Vamos colocar você no sofá — disse Liam e a ajudou a se levantar. Ela balançou um pouco, depois se inclinou

para Liam quando ele a guiou para o sofá em frente a May, que ainda dormia.

Lucien estudou o mapa. Rouen era uma cidade grande. Poderia levar semanas para encontrá-la e, a essa altura, Hansen poderia ter chegado até ela.

— Existe uma maneira de eu encontrá-la rapidamente?

Llona inalou profundamente antes de dizer: — Não, mas eu posso...

Liam virou-se para ela, tão surpreso quanto Lucien.

— Nós estamos indo para Rouen? — Liam perguntou. — Mas isso é assunto *deles*. Precisamos garantir a Lucent e as outras academias.

— Primeiro de tudo, você não precisa ir. Eu posso fazer isso.

Liam estendeu a mão como se fosse pegar sua mão, mas pensou melhor.

— Onde você for, eu vou.

Ela sorriu calorosamente e disse: — Dr. Han e May podem cuidar das academias. Além disso, há uma chance de o DSRD não estar incomodar os Auras novamente.

— Por que está fazendo isso? — Henry perguntou. Ele havia se mudado para a janela aberta e estava olhando para a rua. Parece que foi tudo o que ele fez mais: assistindo e aguardando um ataque do DSRD.

— Porque você e Lucien salvaram May. Acho que eles vão voltar sua atenção para você, para ver se você sabe alguma coisa sobre o colar. Você também está conectado a Eve. Eu diria que isso é motivo suficiente.

— Então teremos que ter cuidado — disse Lucien. — Eles podem nos seguir.

— Eu não posso ir com você. — Henry se virou. — Preciso descobrir tudo o que puder sobre de onde veio esse colar e quem exatamente é nosso presidente.

— Você deveria ir para Lucent — May deixou escapar. Seus olhos ainda estavam fechados, mas ela estava claramente acordada. — Há um porão cheio de livros antigos, alguns deles ligados por magia.

— May está certa! — Llona disse, sua voz brilhando com nova energia. — As auras são tão antigas quanto o tempo. Existíamos quando não havia idioma. Se alguém vai saber alguma coisa, serão as auras.

May sentou-se e esticou os braços para o alto.

— Eu posso levar Henry lá e mostrar a ele.

— Eu gostaria disso, — disse Henry.

— Claro que sim — disse ela e piscou para ele.

Henry desviou o olhar.

— E nós iremos para Rouen — disse Llona, olhando para Lucien e Liam.

— Por que você está me ajudando? — Lucien perguntou. Ele nunca conheceu essas duas pessoas. Surpreendeu-o que eles tivessem tempo, especialmente considerando que eles tinham seus próprios problemas na Lucent Academy.

— Você nos devolveu nossa amiga — disse Llona, seus olhos brilhando nos de May. — Nós vamos lhe dar uma em troca.

Ele estava prestes a dizer obrigado, mas ela continuou falando.

— Há mais uma razão que tenho para ajudá-lo. Sinto o crescente mal na Capital há algum tempo. O presidente precisa ser parado. O que ele está fazendo com os sobrenaturais também precisa ser interrompido. Se há algo que ele considera valioso neste mundo, precisamos primeiro encontrá-lo e descobrir o porquê. Tenho a sensação de que o que ele quer com o colar não é bom.

— Quando devemos sair? — Liam perguntou, seu corpo parecia tão tenso quanto Lucien.

— Eu preciso de algumas horas de descanso — ela respirou.

— Claro — ele disse. — Eu esqueci.

— Está tudo bem — disse ela, sorrindo gentilmente para ele. — Sente-se comigo?

— Bem, essa é a minha sugestão — disse May e se levantou, descobrindo o peso de sua perna boa. Ela se virou para Henry. — Acha que você poderia fazer esse truque super legal e nos levar para a Lucent Academy? Eu quero dormir na minha própria cama.

— Eu acho que posso gerenciar.

— Como está seu braço? — Lucien perguntou.

Henry olhou para baixo e esfregou a ferida.

— Tudo bem.

May se inclinou e deu um abraço em Llona.

— Vejo você em breve. Esteja segura.

— Você também — Llona sussurrou.

Depois que Henry se despediu e prometeu entrar em contato com Lucien em breve, ele desapareceu com May.

— Você se importa se eu dormir neste sofá por algumas horas? — Llona perguntou.

— De jeito nenhum — respondeu Lucien, enquanto voltava para a janela. — Ninguém vai incomodá-lo aqui. Liam, você está livre para ficar também. Vou fazer todos os arranjos de voo para nós antes do amanhecer.

— Onde você vai? — Liam perguntou.

Lucien hesitou e olhou para a noite estrelada, a lua quase uma lasca. Não havia mais onde ele chamasse de casa, desde que Eve foi embora. Mas talvez tudo isso estivesse prestes a mudar.

Depois de meses, amanhã poderia ser o dia em que ele ficará cara a cara com ela. O pensamento o excitou e assustou. Se ela enterrara suas memórias como ele suspeitava, qual a profundidade delas? Uma pequena parte dele esperava que o instante em que o visse, qualquer que fosse o feitiço que ela lançasse sobre si mesma, se rompesse. É assim que o amor deles seria forte..., mas e se não se quebrasse? E se ela quisesse fugir de novo, mesmo sabendo que sua vida estava em perigo? Não há dúvida de que ele a impediria. Para salvar a vida dela. Ela iria odiá-lo para sempre, mas pelo menos ela estaria viva. E seu coração não seria tão quebrado.

- Eu estarei por perto. Até breve - disse Lucien, antes que ele pudesse se atormentar mais com esses pensamentos torturantes. Ele pulou da janela e entrou na escuridão que parecia em casa.

CAPÍTULO 6

Fazia quase 40 graus em Rouen com oitenta por cento de humidade. Mesmo que o corpo de Lucien não estivesse suando com o esforço, suas roupas ainda estavam úmidas e grudadas em sua carne como uma segunda pele. Ele puxou e bateu a parte de baixo da camiseta pela décima vez, esperando respirar um pouco entre o material fino, o estômago e as costas. Ele mal podia esperar a noite cair para tirar o calor opressivo.

Um táxi os havia deixado trinta minutos atrás nos arredores de Rouen. Llona estava confiante de que poderia encontrar Eve se pudesse andar pelas ruas para procurar o poder de Eve. Não parecia haver nenhum padrão específico em sua rota. Às vezes, ela até circulava de volta por onde vieram.

Ele olhou para Liam que estava andando na frente dele, ao lado de Llona. Ele parecia tão desconfortável quanto Lucien nesse calor, embora estivessem grudando na sombra o máximo possível. Lucien estava observando Llona e Liam desde que embarcaram em um avião particular em Wildemoor. Algo parecia diferente entre eles hoje, mais espaço do que no dia anterior. Talvez eles não fossem um casal como ele havia pensado originalmente, embora ele ainda visse cada um deles olhando de relance para o outro.

Esses dois eram um mistério para Lucien. Meio Vyken, mas ainda capaz de resistir ao veneno sombrio que matou a humanidade de uma pessoa. E a luz do dia? Deveria queimá-los, mas estavam incólumes.

— Eu não entendi — Lucien disse a Liam quando Llona tinha ficado vários metros na frente deles.

— O que? — Liam perguntou.

— A luz do sol. Vocês dois não deveriam ser poeiras?

As sobrancelhas de Liam se uniram e seu queixo se flexionou. Por um segundo, Lucien não achou que Liam fosse responder, mas depois disse: — A luz de Llona. Isso nos permite ficar ao sol.

Lucien estreitou os olhos. Ele podia entender Llona com luz no sangue dela, estando prestes a resistir à luz do sol, mas para Liam...

Lucien fez uma pausa.

— Isso significa que você...

O olhar frio de Liam o impediu de completar a frase. — É uma história longa e complicada. Não gosto de tirar o sangue dela, mas às vezes é necessário que trabalhemos durante o dia.

— Eu não estou julgando. Você faz o que funciona para os dois.

Liam visivelmente relaxou e limpou o suor da testa. — Eu quase gostaria de não ter isso em mim agora. Pelo menos então eu teria uma desculpa para ficar dentro de casa.

— Esse calor é terrível — concordou Lucien.

— É, não é? Vamos mudar isso. — Liam correu até Llona e a puxou para a porta aberta de uma lavanderia. Lucien os seguiu.

— O que está acontecendo? — Llona perguntou.

— Está quente — Liam ofegou. — Opressivamente.

— Eu concordo — acrescentou Lucien.

Llona riu.

— Não é tão ruim.

Liam puxou a alça de seu vestido branco.

— Você está em um vestido de alças e nós estamos de jeans. Sinto como se estivesse derretendo.

— Gostaria que te arranjasse um vestido de alças? — Ela perguntou, impassível.

— Muito mais disso, e eu posso aceitar você. Que tal se alugarmos um carro? — Liam acenou com a cabeça para um local de aluguel do outro lado da rua. — Pode não ser tão eficaz, mas se ao menos pudéssemos tentar até o anoitecer. Faltam apenas algumas horas.

— Nós poderíamos... — Llona disse, ponderando sobre a ideia. — Ou que tal se vocês dois encontrarem um hotel? Eu posso ligar quando achar que encontrei a mulher.

— Não — Lucien disse, um pouco rápido demais. — Eu quero estar com você quando você a encontrar.

— Você percebe que essa senhora pode não ser Eve, certo? Tudo o que eu podia sentir era uma mulher com muito poder nela.

Ele desviou o olhar incapaz de falar. Ele queria se apegar ao brilho da esperança.

Ela se virou para Liam.

— E você? Vem ou fica?

— Eu quero ficar, mas vamos pegar um veículo.

Llona bufou.

— Tudo bem. Podemos tentar.

O carro que eles alugaram era preto com janelas escuras. O ar condicionado estava a todo vapor e Lucien já se sentia melhor. Ele insistiu em dirigir. Ele já se sentia uma vela e não precisava de mais uma coisa para fazê-lo se sentir inútil.

Dirigir era muito melhor, mas Lucien sabia que Llona estava frustrada. Às vezes, ele tinha que dirigir um quarteirão três vezes antes que ela descartasse. Outras

partes da cidade, no entanto, ela imediatamente disse para ele sair. Ela disse que foi sufocada na escuridão.

Enquanto dirigia, Lucien se perguntou se deveria procurar Samira novamente. Ela estava nesta mesma cidade, afinal. Talvez ela pudesse ajudar. No final, no entanto, ele decidiu esperar e ver até onde Llona chegava.

— Sinto muito que isso esteja demorando tanto — disse ela do banco do passageiro da frente. — Eu realmente não achei que seria tão difícil, mas existem muitos sobrenaturais aqui.

Lucien virou uma esquina quando Llona apontou para a direita.

— Posso perguntar como você foi capaz de sentir Eve - esta mulher, quero dizer - de um mapa, mas agora não é possível?

— Do ponto de vista de pássaros, é muito mais fácil sentir um grande poder, mas quando você está cercado por todos os tipos e níveis diferentes, é como andar na lama para encontrar uma pérola.

Quase duas horas se passaram. O sol finalmente estava tocando o horizonte, levando um pouco de calor com ele. Lucien sentiu que Llona finalmente o estava estreitando no lado leste da cidade. Essa ainda era uma grande área a ser coberta, mas pelo menos era um progresso.

Os três não falaram muito. Lucien poderia ter tentado conhecê-los, mas estava nervoso demais por conhecer essa mulher. Se fosse Eve, ela o reconheceria? Ela ficaria brava? Feliz? Mas o mais importante, ela estaria segura? Tanto tempo se passou. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ela.

— Acho que devemos andar daqui — disse Llona depois de dirigir mais alguns quarteirões.

Lucien pagou um atendente para estacionar em um pequeno lote próximo a um prédio alto de tijolos e saiu do veículo junto com Llona e Liam. As ruas estavam quietas agora, mas em poucas horas isso mudaria. Ele esteve aqui outra vez cerca de dez anos atrás, mas apenas por alguns dias, o que era o máximo que ele podia suportar. Muitos sobrenaturais para o seu gosto. E pela sensação elétrica no ar, da mesma forma que antes de uma tempestade, o número de sobrenaturais dobrou.

Mais uma vez Llona assumiu a liderança. Ela atravessou um cruzamento movimentado e passou por várias lojas de souvenirs, mas depois de alguns quarteirões ela parou e tocou a cabeça.

— O que é isso? — Liam perguntou, colocando a mão em seu cotovelo como se quisesse segurá-la.

— Há *tanto* de tudo. É difícil me concentrar na Luz que estou procurando por toda essa... sujeira.

Mesmo que ele não quisesse, Lucien sugeriu que eles fizessem uma pausa.

— Vamos pegar algo para beber.

— Eu sei de um lugar — disse Liam. — Faltam dois quarteirões. Eles espremeram limonada na hora.

— Você já esteve aqui antes? — Llona perguntou a ele.

— Eu morava aqui.

Liam continuou andando mesmo quando Llona parou, olhando para ele confusa. Ela deve ter pensado que sabia tudo sobre ele, mas como ela poderia? Liam deve ter décadas a mais.

Quando Lucien passou por ela, ela finalmente começou a se mover novamente, dando um passo ao lado dele. Liam estava vários metros à frente.

— Vocês imortais são um mistério para mim — disse ela.

Ele olhou de lado para ela.

— Mas você também, não é? O veneno Vyken dentro de você... — Ele deixou sua voz sumir, sem saber o quanto mais dizer. Certamente Liam a informou sobre como sua vida iria mudar.

— Sou, mas não sinto nada. Sou apenas uma mulher de vinte anos.

Ele assentiu e olhou para frente. Lembrou-se daquele sentimento de juventude, de não compreender verdadeiramente o que realmente significava ser imortal.

— Isso vai mudar, mas não por algumas décadas. Aproveite enquanto pode. É uma sensação amarga quando você percebe que, embora pareça ter a mesma idade que os outros, você tem anos e anos de dor e tristeza neles, e um vida sem fim de mais do mesmo.

— Tem que ser assim?

— O que?

— Toda miséria e dor.

Ele pensou nisso como um homem de saia justa e salto alto, olhando Lucien como se fosse doce.

— Há momentos de alegria, mas eles não duram. Alguém sempre sai, por opção ou na morte. — Sua voz soou mais amarga do que ele pretendia.

Ela levantou um pouco o queixo.

— Assim como você, experimentei a morte e as pessoas foram embora, mas, apesar disso, vou encher minha vida com coisas boas, coisas felizes.

— Diga isso para mim depois de viver duzentos anos.

Ele esperava que ela se irritasse com ele por ser triste, mas ela desviou o olhar, com tristeza nos olhos.

Mais à frente, Liam olhou para eles e abriu uma porta para um restaurante abarrotado entre uma loja de roupas e uma pequena mercearia. O interior era surpreendentemente limpo, com mesas de ripas de madeira brancas e arte floral colorida pendurada nas paredes. Cheirava a canela e roupa de cama recém-saída da secadora.

Lucien deslizou sobre uma cadeira, afastando-se da janela da frente e mais próxima do ar-condicionado, que felizmente continuava funcionando, mesmo que o sol tivesse se posto. Liam e Llona se sentaram em frente a ele. Liam estava olhando uma pintura próxima na parede, seu corpo ligeiramente posicionado longe de Llona. Uma garçonete chegou à mesa com três copos de água. Liam pediu uma limonada para eles e uma fatia de cheesecake.

Assim que a garçonete saiu, Llona perguntou a Liam: — Quando você morou aqui?

Liam estudou o rosto dela, depois baixou o olhar para as mãos dela que estavam abraçando o copo de água.

— Trinta anos atrás.

— Quanto tempo você morou aqui?

— Cerca de cinco anos — respondeu Liam.

Lucien olhou para Llona, observando as pessoas passarem pela ampla janela da frente. Seus números estavam crescendo. Em breve, a noite estaria completamente sobre esta parte da cidade, trazendo consigo todo tipo de sobrenatural e as pessoas que, voluntariamente ou não, se associavam a eles.

Llona limpou as gotas de umidade do lado de fora do copo.

— Você gostou?

— Um pouco.

Llona engoliu em seco antes de perguntar: — Você estava com alguém?

— Não importa. —

— Isso importa para mim. — Sua voz era firme, mas mantinha um tom desesperado.

Lucien ficou de pé de repente. Ele claramente estava na terceira roda e estava prestes a ouvir uma conversa que não desejava.

— Eu vou sair. Volto em alguns minutos.

Antes que qualquer um deles pudesse protestar, ele estava do lado de fora. O céu era de uma marinha escura, mas no horizonte, laranjas e vermelhos brilhavam. Ele caminhou pela Ebony Street, passando por pelo menos uma dúzia de pessoas. Mas estavam chegando. Ele podia ouvi-los

a distância, conversando, rindo, bebendo. E eles não parariam até o amanhecer. Felizmente, eles teriam encontrado Eve até lá.

Ele se escondeu debaixo de um toldo, fora do caminho de um grupo de pessoas que estavam andando em seu caminho. Um guia de turismo estava na frente deles conversando sobre Madame LaLaurie.

— E lá está a Mansão LaLaurie, que há rumores de que é...

Lucien os desligou e encostou-se no antigo prédio de tijolos atrás dele. Tanta história nesta cidade, muito dela não é boa. Era difícil manter o desejo de poder sob controle quando tantos sobrenaturais se agrupavam em locais próximos como este.

Diferentes espécies de sobrenaturais haviam governado Rouen ao longo dos séculos. Houve um período nas dezoito centenas em que as bruxas haviam dominado, mas no início das mil e novecentos, os vampiros os expulsaram. Seu reinado durou pouco quando os shifters assumiram o controle. Até os Fae tiveram uma corrida curta. Agora, porém, a cidade não pertencia a nenhum grupo específico. Cada um parecia ter sua própria facção. Ele os sentiu como haviam atravessado a cidade mais cedo.

Ele fechou os olhos e inalou profundamente. Havia flores em algum lugar por perto, rosas pelo cheiro. Isso o fez pensar em Eva. Ela apareceu em sua mente, da maneira exata que lhe apareceu quando ele viajou para a Irlanda um ano antes de ela desaparecer. Ela o surpreendeu em um cemitério usando apenas um vestido branco de algodão na altura dos joelhos. Estava chovendo, e a visão dela naquele lugar destinada aos mortos, imperturbável pela queda torrencial, destruiu as paredes que ele havia cuidadosamente construído ao longo dos séculos. Foi quando ele finalmente admitiu seu amor eterno por ela.

A visão perfeita de Eve quebrou quando alguém agarrou seu braço e o sacudiu.

— O que você está fazendo?

Os olhos dele se abriram.

— Com licença?

Llona estava em pé na frente dele, seus olhos brilhando de emoção.

— Você estava pensando em Eve agora?

— Como você sabia?

— Tudo o que você estava fazendo, é como se você abrisse um caminho através de toda a energia sobrenatural diretamente para ela.

Ele engoliu um peso repentino na garganta.

— Você a encontrou?

Ela sorriu alto.

— *Nós a* encontramos. Vamos!



CAPÍTULO 7

Llona correu pela calçada, tentando manobrar seu caminho através da multidão. Lucien ficou perto dela. Liam ficou para trás para pagar pela comida no restaurante, mas Lucien sentiu que ele vinha. Ele tinha um cheiro distinto, como o cheiro do vento soprando através de um campo de trigo.

Mais à frente, Llona virou uma esquina. Ela parou por alguns segundos, olhando para os dois lados, depois continuou. O coração de Lucien disparou e, se possível, ele pensou que poderia estar tendo um ataque cardíaco. Ele estava a alguns minutos de ver Eve. Após meses de busca, dias de agonia, ele estava prestes a se reunir com ela.

Llona parou e virou-se lentamente em direção à janela de uma lanchonete antiga na esquina. Lucien parou alguns metros atrás dela, esperando que ela começasse a se mover novamente, mas ela nunca o fez.

Liam correu por ele para Llona.

— Está tudo bem?

O dedo dela subiu e apontou para dentro da lanchonete.

— Ela está lá.

Lucien se moveu para abrir a porta, mas ela entrou na frente dele e colocou a mão no peito dele.

— Você não vai entrar.

— Como diabos eu não vou?! — Ele rosnou.

Liam se moveu ao lado de Llona, com uma postura alta.

— Dê-me um tempo com ela, Lucien — ela insistiu. — Eu preciso saber como está a cabeça dela.

Lucien olhou por ela na janela, procurando por Eve. Ela estava a poucos metros dele. Ele podia sentir isso.

Llona virou-se para Liam.

— Mantenha ele aqui. — Ela se virou e estava prestes a entrar, mas parou. — E mais uma coisa. Você acha que pode lançar algum tipo de feitiço para mascarar seu vampirismo? Em Liam também. Apenas no caso de Eve ter retido sua magia e poder sentir o que você realmente é. Não queremos assustá-la.

— E você? — Ele perguntou a ela.

— Oh, ela vai gostar de mim. Não se preocupe. — Ela sorriu e deslizou para dentro.

Lucien estendeu a mão para impedir que a porta se fechasse, mas Liam apertou seu braço.

— Nem pense nisso — ele avisou.

Lucien se aproximou dele, pensando em jogá-lo na rua.

Liam apertou mais o braço de Lucien, quase quebrando o osso.

— Este não é o lugar.

Lucien bateu o braço fora. Ele queria muito correr para Eve, abraçá-la, mas... ele se forçou a se acalmar. Ele não sabia em que condição ela estava. Nos poucos meses que antecederam seu desaparecimento, sua memória havia escorregado, às vezes até esquecendo quem ele era. Se ela realmente tinha esquecido tudo, então quem ela se tornara?

Ele deu um passo atrás, vários metros de fato até que suas costas pressionaram contra o prédio. Suas mãos se abriram e fecharam com força.

Liam se juntou a ele contra a parede.

— Você a verá em breve.

Um casal mais velho passou por eles, de mãos dadas e rindo. Um garoto adolescente se arrastou para trás. Seus olhos encontraram os de Lucien, e ele quase tropeçou. Lucien rapidamente olhou para o chão. Tudo o que aquele garoto viu em seus olhos deve ser algo realmente horrível.

— Você precisa se acalmar — Liam sussurrou. — Concentre-se em outra coisa.

Foco.

Ele voltou sua atenção para conjurar magia que os faria parecer mais humanos. Ele não precisava pré-formar um feitiço o tempo todo para usar magia, mas para isso ele o faria por causa de sua complexidade. Não deveria ser muito difícil. Não é como se ele estivesse se transformando em

alguém completamente, algo que ele havia feito antes. Realmente, ele só precisava esconder a vibração sobrenatural.

Ele abriu a mente para a resposta, brincando com palavras diferentes que ele poderia usar. Ele sabia que tinha as coisas certas quando uma onda de poder surgiu dentro dele. Havia força na combinação certa de palavras, e a magia sempre respondia quando você acertava.

— Eu consegui — ele disse.

Liam o encarou.

— Um feitiço já?

Lucien se encolheu. Havia apenas um problema com o feitiço.

— Eu sei que isso pode parecer estranho, mas eu preciso que você me toque para que funcione em você também.

Liam fez uma careta como se fosse a última coisa que ele queria fazer também.

— Está bem.

Ele estendeu a mão e tocou o braço de Lucien.

Fechando os olhos, Lucien invocou a magia, o poder que sempre estava à margem de sua mente. Aqueceu seu sangue enquanto acelerava em suas veias. Ele se imaginou parecendo um humano normal, removendo qualquer coisa

predatória sobre ele. Quando o visual em sua mente estava perfeito, ele murmurou rapidamente: — Pela força da Terra e pelos grandes mares oceânicos, encobrem a escuridão que sangra dentro de mim.

Ele repetiu mais uma vez. Um som estridente encheu seus ouvidos quando o processo começou. A transformação não foi dolorosa, mas foi desconfortável quando ele mentalmente encaixou a energia sobrenatural que se agarrava à sua pele, tornando-o reconhecível por outros sobrenaturais. Quando todo o seu corpo formigou, ele empurrou a magia para Liam também.

— Está feito — disse ele e afastou o braço de Liam.

Liam se afastou, revirando os ombros.

— Bom.

Com isso terminado, Lucien fechou os olhos novamente, mas abriu os ouvidos. Cerrando os dentes, ele começou a examinar os sons, eliminando lentamente o que não queria ouvir até que tudo o que ouvia eram os sons das pessoas dentro do restaurante. Não havia muitas vozes, talvez meia dúzia com os sons crepitantes de comida sendo cozida em uma chapa no fundo. Não demorou muito tempo para ouvir a voz que ele sonhava há meses.

Eve.

Todo o seu corpo derreteu nos tijolos. Isso estava realmente acontecendo.

Llona estava rindo de algo que Eve havia dito.

— Isso realmente aconteceu?

— Juro pela minha vida! — Eve riu também. Ela parecia feliz.

— Há quanto tempo você mora em Rouen? — Llona perguntou. — Parece um lugar divertido para se viver.

Eve: — Oh, é. Esta cidade é tão cheia de... vida. Adoro desde que me mudei para cá, um ano atrás.

— O que trouxe você aqui? Se você não se importa de eu perguntar.

Houve uma longa pausa, mas finalmente Eve falou.

— Minha mãe morreu. Acho que precisava de um novo começo.

Os olhos de Lucien se abriram, toda a concentração quebrada. Era pior do que ele temia. Ela não tinha apenas esquecido seu passado, ela havia criado um novo - um onde ele não existia. Será que essa nova Eve sentiria algo por ele? Esse pensamento fez seu peito apertar com força.

— Como você conheceu Eve? — Liam perguntou, surpreendendo Lucien de seus pensamentos.

Como ele a conhecera? Houve um momento em Wildemoor em que ele a alertou para deixar a cidade, mas

eles mal se falaram. Na segunda vez, Boaz já a havia transformado em Alarica. Ele não tinha certeza se isso contava, mas respondeu de qualquer maneira.

— Ela tentou me matar.

Liam riu.

— Llona tentou me matar também quando a conheci.

Lucien olhou para ele. Então sorriu. Então riu. Tudo estava quieto, mas era uma verdadeira risada, algo que ele não fazia há muito tempo.

Liam riu também.

— Elas são as melhores mulheres para amar. Elas nos mantêm sob controle.

— Então vocês dois são um casal? — Lucien perguntou a ele.

A expressão de Liam escureceu.

— É complicado.

Eles caíram em um silêncio pesado, ambos oprimidos por assuntos do coração. Muito poucos olhavam na direção deles enquanto passavam por eles na calçada. Ele e Lucien pertenciam à noite.

Porque Lucien estava tentado a ouvir Eve e Llona novamente, ele forçou a conversa.

— E a cura que Llona deveria ter recuperado? Ela não a encontrou?

Liam ficou tenso.

— Ela fez.

— Então por que vocês ainda fazem parte dos Vykens?

— Ela só tomou uma dose. Deu a outra pessoa, alguém com quem ela tem uma história.

— Outro homem? — Isso surpreendeu Lucien. Ele viu a maneira como Llona olhou para Liam. Ela claramente tinha sentimentos por ele.

— Como eu disse, é complicado.

Lucien não fez mais perguntas depois disso. Sua vida era complicada o suficiente sem conhecer as complexidades do relacionamento de outra pessoa.

Vários minutos se passaram. Virou uma hora inteira. Até Liam ficou ansioso.

— Talvez eu deva checar as coisas — disse ele e mudou-se para fazer exatamente isso.

Antes de chegar à porta, ela se abriu. Llona pegou os dois e os arrastou para um beco próximo.

— Você se acalmou? — Ela perguntou, apontando para o peito de Lucien.

— Peço desculpas por antes. Estou no controle agora.

— Bom, porque Eve não é Eve. Não que ela saiba de qualquer maneira. Ela se chama Reina. Lembre-se disso. Eu não quero que você acidentalmente a chame de Eve.

— O que aconteceria se eu fizesse? — Ele perguntou. Ele secretamente esperava que, quando ela o visse ou ouvisse seu nome, lembrasse de tudo e se jogaria de volta nos braços dele.

— Ela vai pensar que você é um idiota, é isso — Llona retrucou. Ela inalou profundamente e forçou um sorriso. — Olha, nós vamos ter que fazer isso com suavidade e devagar. Sinto um sério 'suco' mágico ao seu redor.

— Não temos tempo — argumentou Lucien.

Liam balançou a cabeça.

— Nós vamos ter que encontrar o tempo. Você não quer que a mente dela se quebre porque você destruiu seu mundo cuidadosamente construído. Ele precisa ser derrubado lentamente.

Lucien olhou para Llona.

— Isso pode acontecer?

— Você realmente quer arriscar descobrir?

Os ombros dele caíram.

— O que devo fazer?

— Por enquanto, você vai fingir ser amigo do meu namorado. E quem sabe? Talvez tenhamos sorte e ela reconheça você imediatamente. Mas, por via das dúvidas, você acha que consegue lidar com vê-la sem perder sua merda?

Ele assentiu, porque não confiava em si mesmo para falar.

— Vamos então. — Ela olhou para Liam e estendeu a mão. — Namorado?

Ele sorriu e prontamente aceitou, embora Lucien tivesse certeza de que podia ouvir o tom brincalhão dela.

Lucien esperou que eles entrassem primeiro antes de segui-lo. Ele estava determinado a manter a cabeça baixa antes de se sentar, com medo de perder o equilíbrio ao vê-la, mas então um cheiro penetrou suas narinas, e ele tropeçou de qualquer maneira. Era o cheiro de lilases e o sol do verão, com um toque de canela. *Eve.*

Ele se sentou em uma mesa próxima e se endireitou. Assim que levantou a cabeça, ele a viu. Ela estava a seis metros de distância, conversando com os clientes em uma cabine. Seu cabelo loiro estava preso em um coque solto; fios perdidos e beijados pelo sol caíram livres. Ela usava uma saia curta azul marinho e uma camiseta branca. Uma pequena toalha estava pendurada no ombro dela. Ela estava sorrindo grande e rindo. Ela parecia tão... feliz. Cada parte dela irradiava emoção, e Lucien não podia deixar de sorrir também. Ele adorava vê-la dessa maneira. Fazia tanto tempo.

— Estou sentada aqui — disse Llona, guiando-os para uma cabine perto da parte de trás.

Lucien inalou profundamente enquanto caminhava até Eve. Ele até estendeu os dedos como se quisesse tocá-la, mas Eve estava muito longe. Llona olhou para trás e lançou um olhar que dizia: *Não se atreva.*

Llona deslizou primeiro dentro do banco comprido, seguido por Liam. Lucien sentou-se na frente deles. Ele manteve os olhos em Eve, seguindo-a pelo quarto quando ela entrou na cozinha e voltou um momento depois carregando uma bandeja cheia de comida.

— Ei — Llona assobiou.

Ele forçou o olhar de volta ao olhar afiado de Llona.

— Você poderia parar de encarar? Você vai assustá-la.

— Certo. Desculpe. — Ele desviou o olhar para o porta-guardanapos em cima da mesa.

— Você encontrou seus amigos! — A voz de um anjo disse momentos depois.

Lucien respirou fundo, tentando manter o controle.

— Encontrei — disse Llona. — Liam, esta é minha nova amiga Reina. Reina, este é meu namorado Liam e seu amigo, Lucien.

— Prazer em conhecê-lo — Eve disse e estendeu a mão para Liam. Liam sacudiu facilmente, depois se virou para

Lucien. A mão dela, a mesma que ele jurara proteger, esticou-se em sua direção.

Ele lentamente olhou para ela e encontrou seu olhar gentil. Os olhos dela se arregalaram brevemente, e ele jurou que viu algo nos olhos dela, talvez uma sombra de reconhecimento, mas, tão rápido quanto chegara, desapareceu.

Lucien baixou o olhar para a palma da mão aberta tentando desesperadamente encontrar sua voz. Ele queria tanto tocá-la, mas tinha medo de se abrir. A possibilidade de ela poder rejeitá-lo novamente, com memória ou não, era real.

Llona o chutou embaixo da mesa, forçando-o a agir. Ele segurou a mão de Eve e, exatamente quando seus dedos se tocaram, um raio de energia passou entre eles.

Eve pulou e gritou, seu sorriso crescendo.

— Fale sobre uma faísca!

Lucien sentiu seu rosto pálido, e ele deve ter usado uma expressão chocada, porque Eve riu alto. Ela pegou a toalha no ombro e deu um tapa nele, quebrando-o no ombro.

— Relaxe! Eu estava brincando! Apenas eletricidade estática. — Ela olhou para Llona, ainda sorrindo. — Ele é sempre todo rugas e sobrancelhas?

Llona riu com ela.

— Você não tem ideia.

— Escute... — Eve hesitou. — Lucien, certo?

— Meu nome é Lucien — disse ele.

Llona revirou os olhos.

— Então eu entendi direito, bom — Eve disse. — Você está em Rouen agora e precisa se soltar.

— O que você sugere? — Llona perguntou a ela.

A Eve balançou a toalha na mão dela de volta ao ombro dela.

— Há um carnaval hoje à noite no lado leste da cidade. Deve ser muito legal.

— Presumo que você não esteve antes? — Llona perguntou.

— Não, nunca fui.

— Que tal você vir conosco? Será divertido.

Lucien olhou para ela, esperançoso. Se ele talvez pudesse ter algum tempo a sós com ela, talvez ele conseguisse que ela se lembrasse.

Eve olhou para cada um deles, seus olhos parando em Lucien.

— Na verdade, tenho planos com alguém, mas acho que posso sair deles. Sempre quis ir em um.

Llona bateu palmas.

— Perfeito!

— Me dê vinte minutos? — Eve perguntou.

Llona encolheu os ombros.

— Claro. Não tenha pressa. Você quer ajuda com alguma coisa?

— Você é doce, mas eu não acho que meu chefe gostaria disso. Vou me apressar. — A Eve correu para limpar uma mesa esvaziada recentemente.

— O que é que foi isso? — Llona sibilou para ele assim que Eve ficou fora do alcance da voz. — Você nem falou, exceto repetir seu nome como se você fosse algum tipo de aberração. Você tem que relaxar ou vai assustá-la antes que tenhamos a chance de ajudá-la!

Lucien esfregou a palma da mão na testa. Ele sabia que tinha agido de maneira tola.

— Dê uma folga nele, Llona — disse Liam. — Eles eram apaixonados, mas agora a mulher nem o reconhece. Eu não sei o que faria se algo assim acontecesse com você.

Ela olhou para Liam, procurando nos olhos dele, antes de voltar para Lucien.

— Me desculpe, Lucien. Não consigo imaginar como deve ser para você. Mas você precisa se recompor.

— O que eu faço? Como eu ajo? — Lucien perguntou. Até ele podia ouvir o desespero em sua voz, um som que ele não estava acostumado a ouvir.

— Se fosse eu — respondeu Liam, — eu agiria como se fosse meu primeiro encontro. Você realmente não conhece esta mulher. Ela acredita que é outra pessoa. Conheça-a, mas encontre as partes que são Eve puxe-as para fora.

Lucien pensou em suas palavras enquanto Llona falava sobre o Presidente Hansen e o que ele poderia querer com o colar. Toda vez que Eve passava por sua mesa, suas vozes se acalmavam. Lucien tentou não olhar para ela, mas estava ciente de cada respiração que ela respirava e da maneira como seus dedos tocavam os objetos ao seu redor. Ele inalou a brisa quase indetectável toda vez que ela perturbava o ar ao redor deles.

Ocasionalmente, ela olhava para ele e seus olhos se encontravam, acendendo todos os nervos que terminavam em seu corpo. Ela sentiu o mesmo? Ele não tinha como saber.

Eve desapareceu na cozinha por vários minutos. A ausência dela o deixou nervoso, e ele começou a se mexer. E se o DSHD já estivesse aqui?

— Relaxe — disse Llona, descansando a mão em cima do punho dele. Uma luz quente acendeu sob a palma da mão, acalmando instantaneamente seu coração acelerado. — Ela sobreviveu tanto tempo sem você.

Ele afastou a mão, não gostando que ela o estivesse forçando a relaxar. Ele precisava que todos os seus sentidos fossem intensificados, mesmo que isso o deixasse paranoico.

Liam notou e riu.

— Eu te disse, Llona. Nem todo mundo gosta disso.

— Pshh. Somente você e aparentemente ele.

Lucien inalou profundamente quando uma brisa familiar levantou os cabelos em sua pele. Ele virou-se para a cozinha. Eve estava saindo, vestindo um vestido florido, seus longos cabelos desfeitos e fluindo livremente. Seus ombros nus, o movimento de suas clavículas que levavam à curva de sua garganta, fez Lucien ficar duro. Quantas vezes ele beijou aquele ponto sensível? Passou os dedos pela pele nua dela?

Ele caiu na cabine, incapaz de se segurar. Tudo nela o dominava.

— Tudo pronto? — Llona disse a Eve, deslizando para fora do banco.

— Sim! — Eve olhou para Lucien, sorrindo. — A menos que esse cara precise tirar uma soneca. Tem certeza de que está disposto a fazer isso?

Levou toda a sua força para se endireitar.

— Estou ansioso por esta noite.

Eve riu.

— Bem, você não é formal?

— Vamos — Llona disse rapidamente enquanto se movia em direção à porta. — Estou desejando um daqueles Twinkies fritos. Vai ter lá, certo?

— Espero que sim! Eles são os meus favoritos também. — Eve a alcançou, e as duas começaram a conversar como se fossem melhores amigas.

Liam ficou para trás.

— Muito bem. Você precisa de ajuda?

Lucien resmungou e deslizou para fora do assento.

— Você pode tentar agir normal? — Liam perguntou.

Lucien passou por ele para acompanhar as meninas. Ele poderia fazer isso. Apenas finja que é a primeira vez que a encontro, como Liam havia dito. Concentre-se em encontrar Eve dentro dela.

Eles andaram por vários quarteirões da cidade, a maioria na rua, porque a multidão havia aumentado. As pessoas, principalmente seres humanos, estavam vestidos como todo tipo de criatura noturna. Todo monstro era personificado cem por cento. Vampiros enfeitados com capas pretas trancavam suas presas afiadas, lobisomens cobertos de pelo agitavam suas garras pontudas no ar, e fadas cobriam sua pele com brilhos e usavam contatos coloridos. Eles eram a versão dos desenhos animados dos monstros.

Alguns dos “monstros” mais avançados alcançaram Lucien quando ele passou, mas um único olhar dele os fez parar.

Se ao menos eles percebessem a verdade.

Monstros de verdade os cercavam a todo momento. Eles não vestiam fantasias. Vampiros, bruxas, lobos, fae, espíritos. Criaturas sobrenaturais vagavam pelas ruas em números que ele nunca havia encontrado antes, pelo menos não em várias espécies. Essas eram almas perdidas, unidas no medo, atraídas para uma parte do mundo onde se sentiam seguras.

Isso não significava que eles estavam coabitando em paz, no entanto. Ele encontrou muitas brigas. A maioria poderia ser confundida com dois bêbados lutando, mas os sobrenaturais sabiam a diferença. O ar estava cheio de energia paranormal e onde as tempestades se formavam, era provável que houvesse raios.

Mais à frente, ele viu um parque cheio de luzes e pessoas. Uma roda gigante subia na escuridão junto com muitos outros brinquedos de carnaval iluminados. Ele não tinha estado em algo assim. Nunca. Muito público, muito social, muito de, bem, tudo.

Liam deu um tapa nas costas dele.

— Tente se divertir. — Liam passou por ele e deu um passo ao lado de Llona. — Posso te ganhar um ursinho de pelúcia?

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Posso ganhar um para *você?*

Ele riu.

— Tudo bem. Vamos ver quem ganha um primeiro.

Eles chegaram ao estande mais próximo, onde você tinha que jogar uma moeda em um dos milhares de copos, todos empilhados na forma de uma pirâmide.

Eve se moveu ao lado dele e o olhou de lado.

— Ei, eu sei que acabamos de nos conhecer, mas você está bem? Você parece meio tenso.

Seu estômago apertou, mas ele forçou um sorriso.

— Eu estou bem. Eu só... — Ele respirou fundo, tentando descobrir suas próximas palavras. Talvez se ele mantivesse a verdade, algo familiar se mexeria dentro dela. — Eu perdi recentemente o amor da minha vida.

— Sinto muito — disse ela. — Quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Não o suficiente.

Ela enfiou o pé no chão seco.

— Espero que isso não seja muito adiantado, mas posso perguntar se ela morreu ou foi apenas um rompimento?

— Nem, na verdade. Ela apenas sumiu.

Um palhaço com um rosto branco e um grande sorriso vermelho caminhou em sua direção, segurando pelo menos uma dúzia de balões. Ele ofereceu um para Lucien. Ele balançou a cabeça, mas Eve estendeu a mão e a agarrou.

— Obrigada — ela disse e entregou a Lucien. — Você poderia usar algo edificante.

Ele abriu um sorriso.

— Aí está! — Ela disse rindo. — Eu estava começando a pensar que não era possível!

Ela se virou, seu sorriso iluminando seu rosto, enquanto caminhava atrás de Llona e Liam, que começaram a andar pela longa fila de jogos de carnaval. Cada um deles carregava um grande urso de pelúcia.

Lucien os seguiu. Ele tinha visto Eve feliz antes, mas nunca tão despreocupada. Isso o fazia desejar sempre isso. Ela merecia estar livre da dor e da tristeza.

— Então, de onde você é? — A Eve perguntou quando ele alcançou.

Ele evitou um homem vestido como um zumbi que não tinha intenção de sair do caminho.

— Skystead originalmente, mas hoje em dia estou em Wildemoor. E você?

Pela primeira vez, seu sorriso desapareceu.

— Blue Ridge. É uma cidade pequena fora de Irondale.

— O que te trouxe aqui?

— Minha mãe morreu.

Lucien achou isso interessante. Quanto do passado de Reina Eve criou? Ela sempre teve um relacionamento difícil com sua mãe real. Talvez criar uma realidade alternativa em que sua mãe tivesse morrido forneceu algum tipo de fechamento para ela. Até onde Lucien sabia, Sable estava viva e morava na Europa lutando contra seus próprios demônios internos.

— Sinto muito — disse ele, e a abraçou, mas rapidamente se conteve.

Ela riu de novo, um som doce que ele nunca se cansaria.

— Eu poderia ter um abraço, se é isso que você estava procurando.

— Eu estava com medo de assustar você.

— Você viu esta cidade? É preciso muito mais do que um abraço para me assustar.

Ele estreitou os olhos.

— Por que você faz isso?

— Fazer o que? — Ela parou para esperar na fila de um caminhão de comida que vendia todos os tipos de frituras. Llona e Liam estavam logo à frente.

Ele escolheu suas palavras com cuidado.

— Viver aqui. As pessoas aqui são diferentes, quase sombrias.

— Eu me pergunto isso todos os dias. Às vezes eles me assustam, especialmente porque todos os monstros que eu cresci achando fictícios são realmente reais. A mensagem recente do presidente realmente me assustou, como todo mundo. E, no entanto, eu sei que isso pode soa estranho, mas eu meio que sinto que sou necessária aqui.

— Necessária? — Foi uma escolha interessante de palavras. Ela estava se lembrando de como costumava ajudar as pessoas com suas habilidades?

Ela desviou o olhar.

— Talvez.

O ar ficou pesado quando ele pensou em fazer sua próxima pergunta. Pode ser muito cedo e a assustaria. *Ou ela pode se lembrar de mais.* Ele decidiu ir em frente.

— Posso perguntar se você é sobrenatural?

Ela empurrou o braço dele e sorriu largamente.

— Por que, eu te assusto?

Ele olhou nos olhos dela, sem se importar com a intensidade do seu olhar.

— Você nunca poderia me assustar.

Ela limpou a garganta.

— Ha! Isso é só porque você ainda não me conhece. — Ela deu um passo para a frente da fila e pediu um Twinkies frito. — Você quer um?

Ele balançou a cabeça, observando-a de perto enquanto ela interagia com o balconista. Ela parecia tão relaxada e confortável enquanto brincava com o homem, que imediatamente gostou dela. Lucien pensou que todos que a conheciam provavelmente gostavam dela. Havia algo tão sério e bom nela. Eve compartilhava essas mesmas qualidades, mas ela nunca esteve tão relaxada com isso antes.

— Ei, sobre sua ex-namorada — disse ela, virando-se repentinamente com um Twinkies na mão. — Talvez algo realmente ruim entrou em sua vida, e ela só precisava de tempo para curar. E talvez ela precisasse fazer isso sozinha.

Ele se assustou um pouco ao ouvir as mesmas palavras de Henry saindo da boca dela. Talvez a consciência de Eve estivesse mais próxima do que ele pensava.

— Mas por que sozinha? Não é mais fácil com alguém que você ama?

— Nem sempre. Às vezes, a dor é tão grande, que você tem medo de levar para aqueles que ama. A última coisa que eu gostaria de fazer é machucar alguém que amo. —

O corpo inteiro de Lucien ficou tenso e sua respiração acelerou.

— Mas a partida dela me machucou. Isso me causou mais dor do que ela jamais saberá.

Ela olhou para ele com os olhos cheios de compaixão.

— Sinto muito. Tenho certeza de que se essa mulher soubesse como você iria sofrer, ela poderia ter feito outra escolha. Às vezes as pessoas ficam presas em lugares tão escuros que fazem de tudo para sobreviver, como um animal preso em uma armadilha. É realmente triste, porque se eles levassem um momento antes de tomar decisões precipitadas, poderiam ver que alguém já está lá, tentando libertá-los.

Lucien a observou quando ela começou a andar novamente. Ele desejou que Eve tivesse percebido que ele estava tentando ajudá-la. Ou talvez ela tivesse, mas não foi suficiente. Ele cerrou os punhos e correu para alcançá-la.

— Você está feliz aqui? — Ele perguntou.

Ela engoliu a mordida na boca.

— Durante muito tempo, eu não pensei que poderia ser feliz novamente após a morte de minha mãe, mas cerca de seis meses atrás, finalmente soltei toda a dor. Ela queria que eu fosse feliz, vivesse minha vida, então é exatamente o que estou fazendo.

De tudo que ele tinha visto até agora, Eve estava fazendo um ótimo trabalho ao fazer exatamente isso. Provavelmente pela primeira vez em sua vida. Essa realização doeu seu coração. Ele não queria ser aquele a arrancar essa felicidade dela.

Eve mordeu uma parte do Twinkies e entregou a última parte a ele.

— Quer uma mordida? Eu não tenho germes.

Dessa vez, ele aceitou e colocou na boca. Ele podia provar parte de Eve naquela doce mordida, e ele gemeu. Isso o fez lembrar de seu corpo sobre o dela, com as pernas abertas. Seu perfume, seu toque.

— Eu realmente gosto daqui — continuou ela, trazendo-o de volta ao presente. — Tenho ótimos amigos, um ótimo trabalho. No outono, voltarei à escola para me tornar enfermeira, e planejo correr uma maratona em alguns meses. O que mais posso pedir?

Ele parou de andar, as palavras dela dando um nó em seu interior.

— O que está errado? — Ela perguntou a ele.

— Nada — ele disse um pouco rápido demais. Ele começou a andar novamente. — Deveríamos encontrar Liam. Eu preciso voltar.

O rosto dela caiu.

— Oh, tudo bem.

Ele correu pelas multidões de pessoas, concentrando-se no perfume de Liam. O que ele estava pensando? Eve estava feliz, realmente feliz, e ele queria tirar isso dela? Ele não conseguia imaginar um momento em que ela tivesse sido tão despreocupada e esperançosa para o futuro. No mundo sobrenatural, sempre era preciso estar em alerta. Havia muito pouco "normal". Mas ela tinha isso aqui.

Essa percepção doeu mais. Ela estava feliz sem ele, ou melhor, Reina estava; mas que diferença havia entre elas? Neste ponto, não importava. Como era, ele não via um lugar para ele na vida dela. Se ele pudesse de alguma forma proteger Eve nesta bolha que ela havia criado, ele faria isso.

O cheiro de Liam terminou na roda gigante. Lucien olhou para cima. Liam e Llona estavam sentados juntos em uma carruagem, voltando do topo.

— Está tudo bem? — Eve ofegou quando o alcançou. Sua falta de ar o fez perceber que andava mais rápido do que pretendia.

Ele evitou o contato visual, com medo de mudar de ideia se olhasse por muito tempo nos olhos muito familiares dela.

— Eu apenas esqueci algo.

Quando Llona e Liam saíram da carruagem, Lucien apontou a cabeça para trás por onde eles vieram.

— Eu preciso voltar.

Llona franziu a testa e olhou entre ele e Eve.

— Você tem certeza? Acabamos de chegar aqui.

Ele assentiu, querendo desesperadamente sair. Ele não poderia estar tão perto de Eve se a deixasse continuar vivendo está vida aparentemente perfeita. De alguma forma, ele encontraria outra maneira de encontrar o colar. Tinha que haver uma maneira que não envolvesse Eve.

— Esqueci algo que preciso fazer para o trabalho.

— Huh. Ok.

Liam tocou Llona gentilmente no cotovelo.

— Porque você não fica aqui com — ele hesitou brevemente, — Reina. Lucien e eu vamos reservar os quartos do hotel. Vou mandar uma mensagem para você com o endereço.

— Perfeito. — Llona se apoiou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo rápido. Seus olhos se arregalaram e ele tentou reprimir um sorriso, mas veio assim mesmo.

Lucien queria ser feliz por eles, mas não conseguia parar de pensar no que tinha que fazer.

— Foi um prazer conhecê-lo, Lucien — Eve disse, sua voz suave. — Posso ter aquele abraço agora?

Sua respiração engatou. Ela deu um passo em sua direção, mas ele a encontrou no meio do caminho e a pegou

nos braços, quase a esmagando. Seu corpo se encheu de calor e ele inalou tudo nela. Ele não sabia quanto tempo levaria até que a visse novamente.

Ele abriu os olhos. Llona estava atrás de Eve, olhando para ele e passando o dedo pelo pescoço. Ele limpou a garganta e deixou Eve ir. Ela tropeçou para trás.

— Você não faz nada pela metade, faz? — Eve perguntou, rindo desconfortavelmente.

Ele a olhou atentamente, tentando memorizar todos os detalhes.

— Talvez eu te veja novamente. Tome cuidado, Ev-Reina.

Ele se afastou e deixou a multidão engoli-lo. Nunca em sua vida ele pensou que iria se afastar de Eva, mas foi para o melhor. Ela estava feliz, verdadeiramente feliz. Ele viu isso no sorriso dela, do jeito que ela se movia e até do jeito que ela respirava tão alegre. Mas no momento em que suas memórias retornassem, tudo isso desapareceria.

Uma mão forte apertou seu braço e o girou.

— Onde você vai?

Lucien balançou a cabeça em Liam.

— Eu não posso fazer isso. Ela está feliz, e eu não quero tirar isso dela.

— Mas e o DSRD? Eles a encontrarão. É apenas uma questão de tempo.

— Eu não pensei tão longe ainda. Talvez eu possa encontrar uma maneira de manter Eve fora de tudo isso, encontrando o colar eu mesmo.

— E enquanto isso?

Lucien olhou acima das cabeças de centenas de pessoas.

— Vou ficar de olho nela à distância. A vida de Eve continuará como está, e matarei quem tentar tirar isso dela.

CAPÍTULO 8

Llona andava de um lado para o outro no pequeno quarto de hotel, usando um caminho no tapete já gasto. — Eu não acho que seja uma boa ideia. Hansen não vai parar de procurar por Eve e esse colar.

Lucien olhou pela janela de vidro para a rua abaixo. As pessoas ainda estavam comemorando, absorvendo o máximo da noite possível.

— Eu não disse que vou deixá-la desacompanhada ou que vou parar de procurar o colar. Só vou encontrar outra maneira.

— Mas...

— Eve está feliz. Eu não vou tirar isso dela — disse ele, sua voz firme.

— Mas você está feliz? — Ela retrucou. — Porque eu não acho que vi alguém tão infeliz.

Lucien fechou os olhos, tentando ignorar a dor em seu coração. Llona continuou falando.

— O que Eve tem aqui em Rouen é uma ilusão. O que ela tinha com você era real. É hora de trazer Eve de volta a este mundo para enfrentar a bagunça que ela deixou para trás.

Os olhos dele se abriram.

— Você não sabe o que...

— Ela já passou? — Llona terminou. — Você está certo, não. Mas sei que fugir nunca é a resposta.

— Para Eve é, e agora ela está feliz. Eu não acho que posso tirar isso dela.

— Pelo menos demore mais de uma noite para pensar sobre isso. — Disse Liam. Ele estava sentado em uma colcha amarela e amassada, esparramada sobre uma cama queen size. — Esta é uma grande decisão e as duas opções têm consequências. Seja o que for que você decidir, esteja preparado para viver com as repercussões.

Lucien fechou os olhos novamente em frustração. Liam estava certo, é claro. Ambas escolhas eram difíceis. Se ele ajudasse Eve a recuperar suas memórias, ela poderia fugir novamente ou odiá-lo para sempre. Ela claramente precisava de tempo para curar e esse era o seu caminho. Com ele forçando-a a lembrar, ele estava tirando isso imediatamente dela.

No entanto, se ele não a ajudasse a lembrar, havia a possibilidade provável de que ele não fosse capaz de encontrar o colar sem ela. Havia apenas alguns lugares que ele pensou que poderia procurar, começando com o escritório do Deific em Wildemoor, mas se ele saísse para procurá-lo, estaria deixando Eve sozinha. Talvez ele pudesse

ligar para Rick, o vampiro que ele conhecera na Irlanda. Ele era um dos poucos bons.

— Eu preciso limpar minha mente — ele disse e se dirigiu para a porta. Eles não o pararam quando ele saiu da sala.

A noite estava quente e úmida, fazendo-o se contorcer em suas próprias roupas.

Ele evitou as ruas mais movimentadas o máximo que pôde até ter que virar a River Street, onde Eve trabalhava. Ele passou por cima de um respingo de vômito, depois empurrou entre uma multidão de cerca de dez pessoas que estavam paradas no meio da calçada cantando Enter Sandman, do Metallica, no topo de seus pulmões. Três deles eram sobrenaturais, mas não perigosos pelo que ele podia sentir.

A maioria das lojas estava fechada. Apenas um punhado de bares e boates permaneceu aberto, as pessoas derramando neles continuamente como gotas de uma torneira com vazamento. O café de Eve havia fechado algumas horas atrás, mas ele ainda podia cheirá-la, fracamente. Ela disse que morava perto.

Ele virou a esquina, o leve aroma de lilás o guiando através da escuridão. Depois de três quarteirões, o perfume ficou mais forte e ele virou à direita. A rua estava quieta,

quase morta. Apenas algumas luzes permaneceram acesas em toda a dúzia ou mais dúplex.

Lucien caminhou até uma casa verde-clara com persianas amarelas nas janelas. Caixas de flores cor de marinha pendiam de uma grade de metal do segundo andar. Eve estava lá dentro. O cheiro dela era tão forte agora que ele podia praticamente senti-la contra sua pele quente. Ele se abaixou por uma passagem estreita entre a casa dela e outra e se concentrou nos sons internos.

Ele podia ouvir o farfalhar de material sendo puxado sobre a carne dela. Ele estava familiarizado com esses sons, os detalhes de todas as noites com ela queimavam em seu coração. Ela deve estar se preparando para dormir.

Mas, em vez de mais farfalhar enquanto ela deslizava sob as cobertas, ele ouviu a respiração suave de uma porta se abrindo silenciosamente, e seus passos descendo levemente os degraus da porta da frente. O que ela estava fazendo a essa hora tardia? Passava pouco das três.

Ele rastejou até o fim da passarela e espiou bem a tempo de vê-la desaparecer na esquina. Ela estava toda vestida de preto, incluindo uma máscara preta que cobria a maior parte do rosto, exceto os olhos e a boca. Seu cabelo estava preso em um coque apertado.

Lucien franziu a testa e a seguiu. Ela estava voltando para se juntar às festas ainda furiosas nas ruas? Parecia tão diferente da garota que ele conhecera na lanchonete, mas ele percebeu que não conhecia essa nova Eve.

Para ficar perto dela sem ser visto, ele levantou-se no ar e desmaterializou-se em uma nuvem cinza, misturando-se na escuridão. Ele ficou no topo das árvores enquanto a seguia por vários quintais.

Ela se moveu com segurança e confiança, seu foco resoluto e ela não estava sorrindo. Ela parecia determinada, quase com raiva. Isso fez seu coração disparar de preocupação por essa nova Eve. Talvez ela não estivesse tão feliz quanto alegara.

Ela se virou e pegou uma estrada de volta em direção ao centro da cidade. Lucien permaneceu incorpóreo até que estivessem a apenas alguns quarteirões da música e dos sons de celebração, depois se transformou de volta a si mesmo.

Eve caminhou até o meio da estrada e caminhou como se fosse uma pista. Ela continuou esse passeio confiante até alcançar os enxames de pessoas. Eles a cumprimentaram como se ela fosse um deles. Rindo e conversando, ela graciosamente tocou os braços e ombros daqueles que passavam, sentindo a pele deles com as pontas dos dedos.

Apenas olhando para ela, poderia se pensar que ela estava se divertindo descuidada e relaxadamente, mas seus olhos estavam intensamente focados, da mesma maneira que um caçador examina a floresta em busca de presas.

Um calafrio formigou a espinha de Lucien, e ele se moveu pelas multidões, a uma distância segura, olhando para esta nova Eve com fascinação e preocupação. Antes de desaparecer de Wildemoor, ela tinha o dom de discernir as intenções das pessoas. Ela estava fazendo isso agora?

Eve fez uma pausa por dois homens que pareciam se interessar por ela. Cada um deles se amontoou contra ela e, quando ela riu, os apalpadores aumentaram. Ela se afastou da multidão. Eles seguiram. Onde Eve estava sorrindo, eles não estavam.

A essa distância, Lucien não sabia dizer se eram sobrenaturais. Ele se aproximou o mais que ousava, mas ela ainda estava se afastando com os homens logo atrás.

Ela mergulhou em uma parte mais escura da rua e desapareceu entre dois edifícios. O beco não podia ter mais de um metro e oitenta de largura. Um veículo não teria sido capaz de entrar nele.

Ele olhou para cima, procurando acesso a um telhado. É o único lugar que ele poderia ir sem ser detectado. Ele circulou o prédio até ter certeza de que estava sozinho,

depois pulou do chão e deu um salto gigante. O piso do telhado estava sujo, mas no centro alguém havia tomado muito cuidado para construir uma pequena casa verde. Ele passou por ele, suas narinas cheias do cheiro de manjericão e coentro e espiou por cima da borda do telhado.

Eve estava lá embaixo rindo baixinho com os dois homens. Lucien agarrou a borda do telhado, com o coração palpitando no peito. Não homens, *vampiros*.

Um deles passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para o peito. Lucien queria pular no chão e rasgá-lo em pedaços. Como era, a borda de tijolos sob seu aperto estava sendo esmagada em pedaços, mas um olhar nos olhos de Eve o deteve. Ela não estava com medo.

Eve empurrou o homem para longe.

— Eu vou sair agora. Você vai me deixar?

Os vampiros se entreolharam, depois de volta para ela. O mais alto dos dois disse:

— Ah, você vai sair daqui, sim, mas não estará viva.

Ela sorriu loucamente, um olhar que assustou até Lucien e disse:

— Eu esperava que você dissesse isso.

Uma adaga de madeira deslizou de sua manga longa e preta e entrou em sua mão. Ela enfiou no peito do mais alto. Ele convulsionou antes de seu corpo explodir em um

turbilhão de poeira. O outro vampiro se virou para correr, mas ela estendeu a mão e sussurrou algo baixinho. Ele congelou em sua fuga, preso por uma barreira mágica.

Eve caminhou até ele, clicando em sua língua.

— Seu tipo é tão facilmente manipulado pelo menor cheiro de sangue. Quando os vampiros aprenderão?

O vampiro tentou responder, mas não conseguiu.

Ela empurrou à estaca no coração dele. Seu corpo derreteu em uma pilha de gordura e cartilagem aos pés dela.

A boca de Lucien se abriu. Ela matou um vampiro mais velho como se não fosse nada.

— Isso mesmo. Eles não vão aprender — disse ela. — Não até que todo último vampiro esteja morto.

Ela deixou cair à estaca sangrenta e se afastou.

CAPÍTULO 9

— Pode ser mais desafiador do que eu pensava — disse Llona. Ela se apoiou no parapeito do quarto de hotel, com vista para as ruas finalmente tranquilas de Rouen. Liam estava sentado em uma cadeira perto dela, o sol nascente nas costas.

— Você tem certeza que ainda quer fazer isso? — Liam perguntou. — Apenas algumas horas atrás que você estava pronto para deixar Eve viver sua vida.

Lucien parou de andar perto da porta de vidro e espiou. Partes dele pareciam dormentes, e as partes que não estavam dormentes estavam frias, arrepiando-o até os ossos. Eve *odiava* vampiros. Não apenas os odiava, queria matá-los. Como um vampiro e alguém que achava que ele tinha esse relacionamento incrível com ela, ele tinha que saber o porquê.

— Eu não acho que ela seja tão feliz quanto eu pensava que era. Vamos descobrir uma maneira de recuperar sua memória, encontrar o colar e terminar isso.

A parte final preocupou Lucien. Se houvesse alguma parte de Eve que sempre odiou vampiros, talvez não houvesse mais futuro para eles. Ele balançou a cabeça, recusando-se a considerar.

Lucien tinha encontrado Llona e Liam cerca de uma hora depois de deixar Eve. Ele se certificou de que ela voltasse para casa em segurança, embora não parecesse que ela precisasse de alguma proteção. Ele estava feliz por isso, pelo menos.

Mas foram suas últimas palavras que o assustaram mais. Ela claramente odiava vampiros. O que ela faria se descobrisse sua verdadeira identidade?

— Você terá que continuar usando magia para esconder seu vampirismo — disse Liam. — Você pode continuar com isso?

— Enquanto eu permanecer focado. — Lucien encostou-se na porta aberta do pátio. Ele doía até os ossos. Estar perto de Eve o drenou. Era como viajar no deserto por anos e finalmente chegar a um poço de água doce, mas ser incapaz de beber dele.

— Então, qual é o plano? — Llona perguntou, varrendo seus longos cabelos para um lado. — Não podemos deixar escapar a verdade. Ela nunca acreditará em nós.

— Precisamos fazê-la confiar em nós — respondeu ele.

Liam esticou as pernas longas e olhou diretamente para Lucien. — Na verdade, você precisa fazê-la se apaixonar por você novamente, e de alguma forma encontrar uma maneira de combater qualquer feitiço que ela criou para si mesma.

— Vai custar muita magia de qualquer maneira — acrescentou Lucien. Nesse ponto, ele sentiu que era tudo o que tinha. Ele a amava, não podia negar isso, mas se ela não devolvesse esse amor, apenas a magia seria capaz de trazê-la de volta.

— E você — disse Llona, encarando-o desconfiada. — Eu sei que deve doer pensar que Eve odeia vampiros, mas não leve para o lado pessoal. Você não tem ideia do que está acontecendo nessa cabeça dela. Além disso, ela não é Eve agora. Eve está enterrada sob camadas de memórias falsas. Você precisa rompe-las e encontrá-la.

Ele temia que isso pudesse acontecer. O feitiço que Eve usara era poderoso, provavelmente conjurado usando o Gênesis. Ele ainda tinha que descobrir como acessar essa parte de si mesmo, a parte que Henry insistia que existisse em todos.

Llona enfiou a mão dentro do bolso do short jeans e tirou o celular. — Vou encontrar Eve, quero dizer Reina, em algumas horas no café da manhã. Por que vocês não se juntam a nós?

Liam levantou-se.

— Boa ideia. Em algum momento, Llona e eu deixaremos vocês dois sozinhos para que você possa fazer o que fez na primeira vez em que ela se apaixonou por você.

Faça o que eu fiz na primeira vez? Eve se apaixonou por ele sem que ele soubesse. Ele perguntou uma vez a que ela fora atraída. Levou um minuto pensativo para responder, e Lucien ficou preocupado que ela não conseguisse pensar em nada, mas então ela disse:

— Foi sua coragem e altruísmo. Você enfrentou Alarica quando todos os outros correram — Ele não teria chamado o que ele fez de bravura - mais como estupidez -, mas foi o que fez por ela.

— Espero que seja assim tão fácil — disse ele a Liam, mas Lucien tinha algumas sérias dúvidas, principalmente se ela descobrisse que ele era um vampiro.

— Eu vou tomar banho — disse Liam.

Enquanto caminhava por Llona, Lucien notou que cada um sutilmente estendeu as mãos, os dedos roçando de passagem. Ele rapidamente desviou o olhar, envergonhado por ter visto o pequeno e íntimo momento.

— Eu também vou me arrumar — disse ele, mas antes que ele pudesse atravessar a sala, o telefone de Llona tocou.

Liam parou e se virou. Lucien fez o mesmo. Se Llona e Liam eram como ele, então as pessoas só ligavam quando havia problemas.

— Ei — Llona disse ao telefone, segurando-a com força.

Lucien concentrou sua audição e, pela expressão de Liam, ele estava fazendo o mesmo.

— Temos um problema. — A voz de May.

— O que?

— Há uma senhora aqui do DSRD insistindo que ela tenha acesso à escola.

Os olhos de Llona encontraram os de Liam.

— Ela tem um mandado?

— Não, mas ela tem uma equipe de homens altos e assustadores atrás dela, prontos para invadir o local. Ela disse que foi por ordem do presidente.

— Você acha que eles ainda estão procurando o colar?

— Provavelmente, mas tenho a impressão de que eles também estão atrás dessas garotas. Eles pediram para ver os registros de todos, incluindo suas informações médicas.

O ar ficou frio, gelando até a pele de Lucien. O sangue de uma Aura deveria ser sagrado e poderoso. Isso dera a Liam a capacidade de andar sob a luz do sol. Lucien só podia imaginar os testes que o DHRD gostaria de realizar nessas meninas.

— Eles não podem fazer isso — disse Llona, com a voz baixa.

— Eu não sei o que fazer, Llona. O Dr. Han está conversando com eles agora, enquanto os professores estão

coletando o máximo de informações pessoais que puderem encontrar e armazenando nas salas secretas do porão, mas se eles entrarem... — A voz de May sumiu.

Lucien teve a impressão de que havia simplesmente demais na escola para eles se esconderem. Ele não sabia muito sobre Auras, mas devia haver algo sobre eles que Hansen queria, além de encontrar o colar.

Llona ainda estava olhando para Liam, um olhar de desespero em seus olhos enquanto ela se agarrava ao telefone.

— Eu vou — disse Liam. — Você precisa ficar. Eve vai precisar de ajuda quando suas memórias voltarem. Além disso, se conseguirmos encontrar esse colar, talvez possamos usá-lo como moeda de troca para tirar o DSRD das costas do Auras.

Lucien se assustou.

— Não podemos dar o colar para ele! É perigoso.

— Ainda não sabemos nada sobre isso — disse Liam.

— *Você* não sabe de nada. Vi sua destruição em primeira mão.

— Llona? — May disse através do telefone celular.

— Desculpe — respondeu Llona. — Estamos apenas discutindo o que fazer.

— Henry está lá — disse Lucien a Llona. — Ele pode ajudar.

Llona falou rapidamente ao telefone.

— Fale com Henry.

— Nós temos. Ele já foi uma grande ajuda.

Os lábios de Llona se apertaram como se ela não quisesse dizer suas próximas palavras. Finalmente, ela os sufocou.

— Liam também estará lá.

Houve uma pequena pausa de May.

— Tem certeza que...?

Liam foi direto para Llona e pegou a mão dela.

— Tudo bem?

Ela sorriu, mas seus olhos estavam tristes.

— Eu estou. Ele pode estar lá no próximo...

— Duas horas — respondeu Liam.

— Obrigado, Llona — disse May. — Eu sei o quão difícil isso é para você.

Ela piscou para conter as lágrimas.

— Fique segura.

— Você também.

A linha ficou morta.

— Volto assim que puder — disse Liam.

Llona jogou os braços em volta dele.

Lucien pigarreou.

— Eu estarei no meu quarto me preparando.

Eles não o reconheceram quando ele saiu, o que também é bom. Ele queria que eles tivessem o tempo que precisassem sem interrupção. No mundo deles, esses pequenos momentos eram mais preciosos do que o ar que respiravam. Às vezes, eles eram a única coisa em que você podia recorrer quando chegavam os tempos difíceis. E eles sempre vieram. Ele e Eve costumavam compartilhar esse tipo de amor também. Ele esmagou seu coração pensar que isso pode não ser mais o caso.

Lucien demorou a se arrumar. Eventualmente, houve uma batida suave em sua porta. Ele abriu a porta. Llona estava diante dele, com os olhos vermelhos.

— Estou pronta — disse ela.

— Você não precisa ficar em Rouen — disse Lucien. — Eu posso fazer isso sozinho.

Ela se virou e entrou na sala e saiu pela porta.

— Não podemos arriscar. Precisamos encontrar esse colar antes que alguém se machuque.

Ele a alcançou, e enquanto eles esperavam pelo elevador, ele perguntou: — Liam pode realmente voltar tão rapidamente usando sua habilidade com o vento?

— Ele é extremamente rápido. — Ela entrou no elevador. Quando as portas se fecharam, ela acrescentou: — Provavelmente parecia estranho que agimos quando tivemos que nos separar. Eu sei que será apenas por alguns dias...

— Você não precisa explicar.

Ela continuou falando.

— A última vez que nos separamos, quase morri lutando contra um grupo de bruxas poderosas.

Ele não sabia como responder além: — Sinto muito.

— Eu pensei que poderíamos ter uma vida normal, sabia? — As portas do elevador se abriram e ela saiu. — Mas estou finalmente percebendo que quando você escolhe lutar ativamente contra o mal, especialmente no mundo sobrenatural, o problema sempre te encontra.

Lucien sabia a verdade de suas palavras em primeira mão. Eles não tinham problemas humanos normais, como lidar com um carro avariado ou se esforçar para pagar aluguel todos os meses. Não, eles tiveram que lidar com covens assassinos de bruxas e colares mágicos que possuíam as pessoas que amavam.

Ele se moveu na frente dela para abrir a porta que dava para o lado de fora. Ele esperou que ela passasse antes de dizer: — Ou talvez você esteja encontrando o problema.

Ela assentiu pensativa e passou por ele. Onde ela levantou o rosto para cumprimentar o sol da manhã, ele abaixou o dele e caminhou perto dos prédios para manter a sombra.

Seu pulso disparou quanto mais eles chegaram ao seu destino. Como ele poderia ajudar Eve a se lembrar do amor um pelo outro? Seria forte o suficiente para trazê-la de volta? Ele sabia que não podia amá-la mais do que ele já amava, mas quanto a ela, bem, ela o deixou e decidiu se tornar um caçador de vampiros. Mesmo que ela tenha recuperado suas memórias, quem pode dizer que ela não continuará odiando vampiros?

Llona parou de repente.

— Você precisa fazer todo o seu glamour não-vampiro. Estamos aqui.

Ele xingou silenciosamente. Ele já deveria ter feito isso no hotel. E se Eve o tivesse visto?

Fechando os olhos, ele invocou a magia e disse o feitiço que havia criado anteriormente. Demorou apenas um pequeno momento para concluir o processo.

— Feito — disse ele.

— Bom. Lembre-se de fazê-la falar sobre o passado. Talvez com você por perto isso desencadeie alguma coisa.

Ela abriu a porta de vidro de um pequeno café com prateleiras de livros na parede dos fundos. Um balcão de vidro continha todos os tipos de doces e frutas. O cheiro de baunilha e canela encheu o ar... e outra coisa: lilases. Ele levantou a cabeça. Eve estava sentada em uma mesa circular lendo algo em seu telefone celular.

— Como está indo? — Llona perguntou enquanto caminhava até ela.

Eve olhou para cima e sorriu, seus olhos brilhando. Ela parecia revigorada com os cabelos em cachos compridos e usando um vestido amarelo de verão, nada parecido com alguém que havia matado dois vampiros apenas algumas horas atrás.

— Eu estou bem-disse ela. — Como vocês estão? Ei, onde está Liam?

— Ele teve uma emergência familiar, mas voltará antes do final da semana, espero — respondeu Llona. Ela puxou uma cadeira. Lucien fez o mesmo.

— Espero que não seja nada sério.

— Não sabemos muito agora, mas tenho certeza de que tudo vai dar certo.

Eve olhou para Lucien, seu sorriso caindo um pouco.

— Eu pensei que você tivesse ido embora.

Suas mãos torceram juntas debaixo da mesa.

— Reorganizei minha agenda para que eu pudesse ficar. Peço desculpas por deixá-los tão repentinamente ontem à noite. Foi muito rude da minha parte.

Ela riu, um som encantador que derreteu seu interior.

— Não se preocupe. Não é como se você me devesse alguma coisa. Nós mal nos conhecemos.

Ele olhou diretamente nos olhos dela. — Algo que eu desejo remediar.

Ela corou e voltou sua atenção para Llona.

— Então você disse que era de Coast City. Que parte?

— Mais em direção a Cold Spring. Frequento uma escola lá, Lucent Academy. Você já ouviu falar?

— Não, mas eu só estive nessa área uma vez. Minha mãe me levou para Coast City quando eu tinha doze anos para ver Wicked. Foi mágico.

Uma garçonete veio à mesa deles para anotar os pedidos. Embora Lucien não gostasse do sabor da comida, ele pediu um café e um bolinho e se certificou de que comesse toda a última mordida para evitar qualquer suspeita que ela pudesse ter dele.

As duas garotas continuaram conversando, contando histórias sobre a infância, enquanto comiam. Lucien podia dizer que Llona estava procurando por buracos no passado de Eve, mas Eve havia cuidadosamente construído uma

história inquebrável, até o vestido que ela usava no casamento de uma prima há seis anos. Essas perguntas não estavam funcionando. Ele precisava fazê-la falar sobre sua vida secreta.

— Como o mundo inteiro sabe sobre sobrenaturais agora, você deve estar familiarizada com os que vivem nesta cidade — disse ele. — Qual a sua opinião sobre vampiros?

Seu sorriso desapareceu e seus olhos brilharam antes que ela piscasse, escondendo cuidadosamente sua expressão. Lucien não achou que Llona percebera, mas ele com certeza sim.

— Sinto-me mal pelas espécies, é claro — disse ela. — Eles parecem ter pior do que outros sobrenaturais com toda aquela sede de sangue, mas, se eu for sincera, desejo que o presidente encontre um lugar para todos viverem longe de todos nós. Eles não pertencem ao nosso mundo.

— Você não pode dizer isso — disse Llona.

— Sei que parece duro, mas encontrei muitos e ainda não encontrei um com um pingo de humanidade.

— Então você não está encontrando as pessoas certas — Lucien disse, sua voz aguda. — Se tudo que você encontra são vampiros do mal, então precisa começar a procurar em outro lugar.

— Você conheceu um vampiro? — Ela perguntou, ignorando a voz curta dele.

— Alguns. E eles são realmente bons, lutando contra a sede de sangue diariamente. — Ele pensou em Henry. — Um em particular sobre o qual acabei de aprender está salvando vidas humanas há séculos.

— Isso pode ser o que você ouviu, mas... — ela respirou fundo, — vampiros assassinaram minha mãe.

Lucien recostou-se na cadeira, assustado com a confissão dela. Seus sentimentos em relação aos vampiros eram muito mais profundos do que ele esperava. Sua cabeça começou a latejar e ele caiu na cadeira.

— Isso é horrível! — Llona exclamou, mas embaixo da mesa ela apertou o joelho dele em apoio. — Você tem certeza de que eram vampiros?

— Com certeza, — disse ela, sua voz ainda amarga. Ela olhou para cada um deles, depois acenou com a mão como se estivesse limpando o ar ruim. — Ouça-me reclamando. Sinto muito. Não tive a intenção de estragar o clima. É por isso que não gosto de falar sobre o meu passado.

— Todos temos um passado doloroso — disse Llona, oferecendo um sorriso encorajador.

Eve revirou os ombros para trás.

— Bem, basta. Então, o que vocês gostariam de ver hoje? Existem alguns museus, ou poderíamos fazer uma excursão pelo pântano. Espero que não se importem, mas convidei meu namorado.

O corpo inteiro de Lucien ficou rígido. *Namorado?*

Como se na sugestão, a porta do café se abriu e entrou um homem com uma mecha de cabelos castanhos escuros que se enrolavam em seus ouvidos. Ele devia ter pelo menos um metro e oitenta e sete, ombros largos e músculos que pareciam rasgar sua camiseta verde se ele flexionasse.

— Uau — Llona disse baixinho.

Lucien olhou para ela, mais como encarou. Ela olhou para ele e deu de ombros.

— Bo! Estou tão feliz que você pode vir, — disse Eve.

Bo, o homem que Lucien estava pronto para despedaçar, sorriu e caminhou em direção a eles, mas quanto mais perto ele chegou, uma forte pressão se instalou no intestino de Lucien, especialmente quando ele inalou. O 'namorado' de Eve não era humano.

Ele era um shifter.

CAPÍTULO 10

Lucien olhou para o shifter, um lobo do que ele poderia dizer. *Incrível.* A mulher que ele ama não se lembrava dele, odiava vampiros e tinha um namorado shifter. Ela poderia enfiar uma estaca no coração dele.

— Llona, Lucien — Eve disse, ao lado de seu namorado golias, — este é Bo. Bo, esses são os caras que eu estava te falando. O namorado de Llona, Liam, teve que voar para casa de repente, mas ele estará de volta.

Bo estendeu a mão para Llona.

— Prazer em conhecê-lo.

Ela hesitou brevemente antes de aceitar.

— Prazer em conhecê-lo também.

Ele se virou para Lucien.

— Obrigado por fazer a companhia dela ontem à noite. Eu não conseguia sair do trabalho.

Lucien olhou para a mão de Bo, imaginando-se arrancando-a da articulação do ombro. Llona cutucou-o com o joelho. Ele relutantemente apertou a mão de Bo, segurando-a o mais forte que pôde. Bo sorriu e apertou de volta com a mesma força.

— Então, qual é o plano hoje? — Bo perguntou, deslizando o braço atrás das costas de Eve.

Lucien não aguentou. Causou uma dor que doeu até os ossos.

— Vocês todos decidem. Eu tenho que fazer uma ligação — disse ele apressadamente. Ele deslizou para fora, deixando os outros sozinhos.

Nas ruas vazias, de manhã cedo, ele andava de um lado para o outro, alternadamente apertando as mãos em punhos e abrindo-as novamente. *Eve tem um namorado.* Quanto tempo eles estavam juntos? Ela o amava?

Ele gemeu e cerrou os dentes até que seu queixo doía. Ele deveria matá-lo, esse lobo que tocou Eve como se ela pertencesse a ele. Lucien deu um soco na lateral de um prédio de tijolos, amassando-o uns quinze centímetros. Então ele deu um soco novamente. Que diabos ela estava pensando?

Ele precisava conversar com alguém e logo, ou Bo seria um homem morto. Charlie teria sido sua primeira escolha, mas ele se foi. Ele tocou a cabeça brevemente com a lembrança. Ele poderia chamar seu advogado de Paul, mas não falava com ele há meses. Havia Henry, mas eles nunca haviam conversado sobre nada pessoal. O relacionamento deles era mais... como ele poderia dizer? Pai e filho, talvez? Henry era seu mentor. Lucien gostava para ele, mas não se

sentia confortável em compartilhar algo sobre sua vida amorosa.

Ele ligou o celular e verificou seus contatos. Havia apenas alguns números; o mais recente era Liam. Ele definitivamente entenderia e talvez fosse capaz de convencê-lo.

Ele apertou o número de Liam, olhando para a hora enquanto o fazia. Liam já deveria ter chegado à Lucent Academy agora.

Liam respondeu no primeiro toque, sua voz frenética.

— Llona está seguro?

— Ela está bem. — Lucien imediatamente se arrependeu de ligar para ele. Era tão diferente dele.

— O que você precisa?

— Eu, uh, é Eve... Reina. — Ele bateu na parede novamente. Por que ele ligou?

— E? — Liam perguntou.

É melhor ele cuspir antes de se fazer de bobo.

— Além de Eve ser uma vigilante, ela odeia vampiros, e ela tem shifter para um namorado.

Houve um silêncio ponderado do outro lado, seguido pelo riso de Liam. Lucien apertou ainda mais o telefone, mas depois de um segundo percebeu o quão ridícula era a situação. Ele abriu um sorriso.

— E eu pensei que tinha problemas de relacionamento — disse Liam.

Lucien suspirou.

— Eu não sei o que fazer.

— Quão sério é esse namorado?

— Ainda não sei. Tive que me afastar antes de matá-lo.

Ele ficou em silêncio por um segundo então: — Olha, eu não vou fingir ter todas as respostas, mas de tudo que você disse, você e Eve estavam apaixonados. Você precisa ajudá-la a se lembrar desse amor. Faça o que for é preciso, mesmo que isso signifique destruir esse mundo que ela criou. Você diz que foi um feitiço que fez isso com ela?

— Sim, magia antiga, provavelmente o tipo mais poderoso que existe.

— É algo que você pode explorar?

— É difícil, mas estou trabalhando nisso.

— Você sabe — disse Liam, fazendo uma pausa para pensar: — A Luz de Llona. Também é um poder antigo, criado antes da humanidade. Eu me pergunto, e se os dois poderes forem um e o mesmo, apenas usados de uma maneira diferente? Talvez se você combinando sua magia e a luz de Llona, você pode quebrar o feitiço de Eve.

— Essa é uma boa ideia. Vou conversar com Llona sobre essa ideia.

— Enquanto isso, fique ao lado de Eve. E desacredite a merda do namorado shifter toda chance que tiver.

Lucien riu, relaxando seus músculos tensos. — Como estão as coisas aí?

— Tenso. O DSRD dobrou suas forças nas últimas duas horas. Eles estão exigindo entrada na escola, mas não podemos deixar que isso aconteça. Não é apenas a identidade da Aura que estamos tentando proteger. Os Lizens também estão aqui.

— Lizens? — Lucien franziu a testa. Ele nunca tinha ouvido falar da espécie.

— Poucas pessoas sabem sobre eles. As auras ajudaram a escondê-los do mundo por causa de sua aparência notável — ele hesitou. — Eles são um povo gentil e servem auras há séculos. Se o governo colocar as mãos neles, eles se tornarão ratos de laboratório.

Lucien pensou em Charlie. Ele sempre soube lidar com a interferência do governo.

— Você precisa ligar para a mídia imediatamente. Encene a escola feminina contra o grande governo ruim. Ninguém quer ver uma escola cheia de soldados.

— Essa é uma ótima ideia, — exclamou Liam. — Eu vou acertar isso. Boa sorte para você, Lucien.

— E para você. — Ele desligou o telefone, sentindo-se melhor do que antes. namorado shifter ou não, Lucien faria Eve se apaixonar por ele novamente.

CAPÍTULO 11

— Estou dizendo, vai ser ótimo — disse Bo do banco do motorista do jipe quando eles saíram de Rouen.

Eve girou no banco do passageiro e sussurrou para Lucien e Llona: — Não acredite nele. Sua ideia de diversão é diferente das pessoas normais.

Llona riu.

— Eu não me importo com um pouco de perigo.

Lucien olhou pela janela. Ele nunca tinha feito bungee jump antes, nem desejava. Parecia estúpido amarrar-se a um cabo elástico e deixar seu corpo ser empurrado, mas Bo insistiu que seria muito divertido. Ele tinha alguns amigos que faziam isso o dia inteiro em uma ponte alta que poucas pessoas conheciam. Lucien teria passado se não estivesse tentando fazer sua namorada se apaixonar por ele novamente. Ele gemeu; o som ficou mais alto quando ele olhou para baixo.

Antes, ele vestira um short de natação, um par que eles tinham que comprar em uma das muitas lojas de souvenirs de camisetas de Rouen. Os shorts tinham dezenas de pequenos jacarés contra um fundo preto. Ele os odiava, mas pelo menos ele também tinha comprado uma cabeça encolhida, pensando o quanto Rick gostaria disso.

— O que está incomodando você? — Eve perguntou a ele.

— Nada — ele disse rapidamente, mas quando seus olhos encontraram os dela, tudo o que ele queria fazer era pressionar seus lábios nos dela e confessar tudo a ela, mas então ele acabaria com uma estaca no coração, e ela teria um shifter aquecendo seu corpo à noite, em vez dele.

— Lucien tem medo de altura — Llona deixou escapar.

Ele se virou para ela, franzindo a testa. Altura nunca fora um problema para ele. Inferno, ele poderia voar. Llona sabia disso, então o que ela estava tentando fazer? Envergonhá-lo?

Bo riu, mas Eve disse: — Sério? Bem, talvez eu fique com você. Não é como se eu estivesse pronta para pular de uma ponte de trinta metros também.

Llona sorriu para Lucien. Então ela sabia o que estava fazendo.

— Ninguém fica para trás, mesmo que eu tenha que empurrá-lo — disse Bo. Sua voz tinha uma borda que Lucien não gostou.

Lucien conheceu vários shifters ao longo dos séculos, mas raramente encontrou um que ele gostasse. Eles eram geralmente arrogantes, rudes e geralmente não tinham boas práticas de higiene. Embora Bo não parecesse ter problemas

de higiene, ele definitivamente tinha os outros. Lucien não conseguia entender o que Eve via nele.

— É melhor você não me empurrar sobre qualquer borda estúpida! — Eve disse. — Lembra da última vez que você tentou me fazer algo que eu não queria fazer?

Lucien sentou-se, sem gostar do som disso.

— O que você não quis fazer?

Ela riu.

— Não importa. Eu cuidei do lixo dele.

Bo sorriu, um olhar louco nos olhos.

— Talvez seja por isso que eu vou fazer isso. Eu amo esse seu lado!

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Llona perguntou.

Eve virou-se para Bo.

— Hum, dois meses, certo?

— Parece mais tempo. — Bo sorriu. — Eu sabia no momento em que a vi que ela era a garota para mim.

Lucien enfiou os dedos na almofada do assento, as unhas cortando o couro grosso.

— É o que ele diz — Eve zombou, — mas acho que ele só gosta de uma garota que pode chutar sua bunda.

Lucien sorriu e relaxou as mãos. Ele gostaria de ver isso.

— Quanto mais longe? — Llona perguntou.

— É aqui em cima. — Bo virou uma estrada de terra e dirigiu por mais um quilômetro antes de estacionar o carro em frente a uma velha ponte ferroviária coberta. Algumas ripas no telhado de madeira estavam faltando e parte do parapeito perto da estrada pairava sobre a borda.

— Os trens ainda passam aqui? — Llona perguntou.

— Não por trinta anos. — Bo saiu do carro.

Lucien fez o mesmo, o sol batendo nele. A única sombra estava embaixo da ponte coberta. Foi direto para ela, nem mesmo esperando pelos outros. Era bastante desafiador manter seu feitiço de camuflagem. Ele não queria ter que lidar com o sol enfraquecendo-o.

Quando alcançou a segurança da sombra, sentiu um cheiro ruim de mofo e sujeira. Logo à frente, dois homens estavam amarrando um cabo à grade de madeira da ponte. Lucien inalou novamente e fez uma careta. Eles também eram shifters. Quando eles se viraram e olharam para ele, ele desviou o olhar e levou alguns segundos para fortalecer o feitiço de mascaramento.

Bo e as duas meninas vieram atrás dele. Bo deu um tapa nas costas dele.

— Você não tem nada a temer — ele disse e riu. — Meus amigos sabem cuidar das pessoas.

Como se na sugestão, um dos shifters com cabelo laranja brilhante chamou: — Estamos prontos, Bo! Quem está indo primeiro?

Bo pegou a mão de Eve e a arrastou para frente. Ela riu e, ao acaso, tentou resistir a ele, enquanto também tirava o vestido de sol. Por baixo, ela usava um biquíni preto que acendia todas as partes de Lucien. Suas pernas longas e esbeltas, a bunda perfeita, aqueles seios. Ele rosnou baixo na garganta com Bo tocando o que lhe pertencia.

Lucien instintivamente se moveu para parar Bo, mas Llona agarrou seu braço e sussurrou: — Você precisa fazê-la falar sobre seu passado.

— Estou tentando, mas preciso de um tempo a sós com ela. Não posso fazer isso com o Sr. Big e Peludo.

Ela seguiu sua linha de site para Bo e seus amigos.

— Os amigos também são shifters, certo?

Lucien assentiu e abaixou a voz.

— Precisamos ter cuidado. Eu não confio neles.

— Conheço bons shifters. Eles me ajudaram a sair de uma situação difícil uma vez. — Ela o tocou brevemente no braço. — Eu vou encontrar uma maneira de te deixar sozinho com Eve.

Já de maiô, ela correu para conversar com Eve e os outros, chamando: — Eu quero ir primeiro!

Demorou alguns minutos para os dois shifters aprontarem Llona. Os nomes deles eram Terence e Ryan. Terence era o mais baixo dos dois, com cabelos cor de laranja e um toque de sardas no nariz e maçãs do rosto altas. Ryan, por outro lado, tinha pele escura com tatuagens cobrindo os braços e um peito nu e musculoso. Seu cabelo estava comprido e parecia que não tinha sido lavado há semanas. Pelo cheiro dele, não tinha.

Bo ficou um tempo atrás de Eve. Lucien se recusou a ouvir a conversa deles. Isso só o deixaria louco de saber o que a estava fazendo rir agora, algo que ele costumava fazer.

Ryan colocou as mãos nos quadris de Llona.

Ela deu um tapa nele.

— O que você está fazendo?

Ryan sorriu, mostrando os dentes totalmente brancos. Seus caninos brilhavam.

— Estou apenas tentando ajudá-lo a subir.

— Não preciso de ajuda — Llona retrucou e subiu em um trilho de madeira de dez centímetros. Ela se pendurou em uma coluna próxima e olhou para baixo. — Isso é muito mais alto do que eu esperava. Até onde estamos?

Bo se aproximou e espiou por cima da borda.

— Cerca de 30 metros.

Eve se juntou a ele, o que fez Lucien avançar também, mas apenas para estar mais perto dela.

— Parece muito mais do que isso — Eve disse, seus longos cabelos loiros soprando na brisa.

— Você vai pular ou o quê? — Terence perguntou a Llona.

— Dê a ela um segundo — Eve ordenou.

Llona olhou para baixo novamente. — Qual a profundidade da água? —

— Não muito — disse Ryan. — Talvez trinta pés, então certifique-se de ficar apegado a esse bungee.

— Eu vou. — Ela puxou o elástico preso à cintura.

— Vamos contar a ela, rapazes — disse Bo.

Eles gritaram de acordo.

— Dez — Bo começou. — Nove, oito, sete.

Os outros se juntaram.

Llona se posicionou, o peito arfando.

— Seis, cinco, quatro!

— Você conseguiu isso! — Eve aplaudiu.

Llona abriu os braços e pulou da ponte. Ela voou para baixo em direção à água e, quando ela estava a poucos metros de atingi-la, seu corpo saltou para cima. Quando ela

pulou no cabo, ela riu alto. Os outros se juntaram. Até Lucien abriu um sorriso.

— Não acredito que ela não gritou — disse Bo, com admiração aberta em sua voz.

— Ela é solteira? — Terence perguntou.

— Não — Lucien e Eve disseram ao mesmo tempo.

— Oh, merda! — Llona gritou de baixo, seu corpo balançando de cabeça para baixo. — Minhas chaves caíram do meu bolso!

Bo gemeu.

— Bem, isso foi estúpido, mas é assim que você gosta deles, certo Terence?

— Ei! — A Eve deu-lhe uma cotovelada no lado e lançou lhe um olhar severo.

Lucien lançou seu próprio olhar mortal, mas Bo estava muito ocupado rindo com Terence e Ryan para perceber. Lucien realmente queria tirar a cabeça deles.

— Eu vou soltar e tentar encontrá-las — Llona chamou. Antes que alguém pudesse protestar, ela estendeu a mão e se soltou. Ela deixou cair os três metros restantes no lago abaixo.

— Nós podemos ajudar, — disse Bo. — Vamos lá rapazes. —

Eles não hesitaram. Os três saltaram da ponte alta com um grito entusiasmado e mergulharam na água como se tivessem feito isso mil vezes. Isso teria assustado a maioria das pessoas, mas, sabendo que eram metamorfos, Lucien não se encolheu com a ousadia. Eve também não, o que significava que ela também sabia que eles eram sobrenaturais.

— Impressionante — Lucien disse, esperando iniciar uma conversa agora que estavam sozinhos.

A Eve acenou para Bo quando ele enfiou a cabeça fora da água, sorrindo para ela. Ela riu.

— Eles fazem coisas assim o tempo todo. Eu acho que é uma das razões pelas quais eu sou atraída por ele. Ele não tem medo de nada. Na verdade, ele pegou um bando de vampiros uma vez para me salvar.

O estômago de Lucien deu um nó.

— Ele é como os homens com quem você namorou na Geórgia?

O rosto dela ficou sério. — Eu não namorei muito lá.

— Por quê?

— Eu prefiro não falar sobre isso.

Lucien suspirou. Como ele a faria falar sobre seu passado se ela recusasse?

Os três shifters abaixo continuaram mergulhando dentro e fora da água. O Llona remava logo acima deles, tentando evitar os respingos deles. Ela jogou bem a donzela em perigo.

Uma ideia surgiu em sua cabeça.

— Eu nunca te disse o que faço para viver.

Ela se virou para ele, os cotovelos apoiados no parapeito de madeira. Seus olhos verdes brilhavam ao pôr do sol.

— Eu sou um investigador particular — continuou ele. — Não é o trabalho mais fascinante, mas paga as contas.

— Você gosta disso?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não gostava quando estava lidando apenas com maridos traidores e casos de fraude financeira de trabalhadores, mas agora que tenho reputação por mim mesmo, posso me concentrar em casos que realmente importam, como encontrar pessoas desaparecidas ou solucionar crimes que a polícia desistiu de tentar.

— Realmente? — Ela disse, endireitando-se e encarando-o mais completamente.

— Você disse que foram os vampiros que mataram sua mãe, correto?

Ela assentiu.

— Havia dois deles que moravam bem perto de nossa casa.

— Eles já foram interrogados?

— A polícia disse que não conseguiu encontrar nenhuma evidência convincente para fazê-lo, mas ignorou o fato de que o pescoço dela havia sido rasgado.

— Se você quiser, posso investigar o caso de sua mãe. Talvez eu possa encontrar quem a matou.

— Você faria isso por mim?

— Eu ficaria honrado. Qual era o nome da sua mãe?

— Rose. Rose Swenson.

Era uma escolha interessante de nome, pensou Lucien. As rosas tinham um significado especial entre eles. Uma rosa ajudou Eve a encontrar a beleza da boa magia, que mudou sua vida. Lucien também fez um colar de rosas e prometeu amá-la para sempre. Ela usara todos os dias depois. Ela não o usava agora.

— Por que você está me ajudando? — Ela perguntou.

Ele olhou diretamente nos olhos dela, a emoção inchando dentro de seu peito. Ele esperava que ela pudesse sentir.

— Há muita dor em você. Quero libertá-la disso.

Ela procurou os olhos dele, as sobrancelhas franzidas. Por um momento, ele sentiu uma leve pressão roçar em sua

mente. Era suave e gentil, como uma pena acariciando a palma da mão. Em vez de resistir ao contato, ele abriu a mente, esperando que Eve visse e sentisse tudo o que fazia. Então ela fechou os olhos e se virou.

— Reina! — Uma voz gritou de baixo.

Ela agarrou o corrimão e olhou por cima.

— Entre! — Terence a chamou.

Ryan nadava ao lado dele, gritando seus encorajamentos também, enquanto Llona nadava até a praia. Lucien não podia ver Bo.

— Sem bungee? — Eve gritou. — Você é louco!

Ryan riu.

— Você está com medo! Nunca pensei que eu veria isso!

Ela rosnou e pulou no corrimão, os braços envolvendo a viga de madeira.

— Não dê ouvidos a eles — disse Lucien.

Ela olhou para ele e disse: — Eu não sou louca. Não há como eu pular sem corda, mas não vou deixar que eles saibam disso.

Esse comentário o fez pensar que ela não sabia que era imortal. Talvez se ele pudesse mostrar o que ela era, ela poderia acreditar em outras coisas sobre seu passado, especificamente no fato de que sua mãe nunca havia sido assassinada. Talvez suas paredes finalmente pudessem cair.

Ela colocou os pés no corrimão e soltou o poste com uma mão. — Você realmente acha que eu deveria pular? — Ela chamou.

Os meninos riram e zombaram.

— Você não tem coragem! —

Lucien queria pular e amarrar blocos de concreto nos pés.

Eve virou e se inclinou para descer quando de repente Bo apareceu atrás dela, surpreendendo até Lucien.

— Hora de abrir suas asas! — Bo disse e a empurrou com força.

Ela caiu do parapeito, um grito aterrorizado rasgando seus pulmões.

— Eve! — Lucien chorou e pulou atrás dela. Ele sabia que ela ficaria bem, mas ela não. O som do medo dela causou uma dor no peito de Lucien que ele não podia ignorar.

Ele a alcançou rapidamente e a girou, de costas para a água. Eles já estiveram nessa posição antes. Na época, ele não sabia como usar magia. Desta vez, ele fez e talvez se ele usasse, poderia ajudá-la a se lembrar.

O olhar aterrorizado dela encontrou o dele e, naquele momento, ele pediu magia. Surgiu dentro dele, viajando

rapidamente através de seu corpo e até as pontas dos dedos, onde cruzou para Eve. Ela engasgou de surpresa.

— *Praesidium* — ele sussurrou.

Uma barreira invisível apareceu ao seu redor e, quando atingiram a água, houve muito pouco impacto. Eles mergulharam abaixo da superfície, a parede protetora caindo. Eve olhou para ele através da água escura, seus cabelos girando em torno de seu rosto. Sua expressão era cheia de admiração, mas quando ele a alcançou, ela se afastou e nadou para a superfície.

Ele ficou embaixo por mais um momento, a dor no peito como uma pedra que o pesava. A água sempre foi um conforto para ele, mas desde que ele conheceu Eve, ela se tornou seu consolo.

Ele chutou para cima, mas quando ele quebrou a superfície, Eve já estava nadando para a praia. Os dois shifters também deixaram a água e subiam a colina a uma curta distância de Llona. Ele não podia ver Bo, mas quando o visse, ele o destruiria. Pelo comportamento de Eve, ela também o faria.

Lucien correu atrás dela, mas ele mal conseguia acompanhar. Quando chegaram à ponte, Bo estava no centro, os braços cruzados contra o peito e exibindo um

sorriso de conhecimento. Llona ficou ao lado de Terence e Ryan.

Bo abriu a boca para dizer algo a Eve quando ela se aproximou, mas ela o empurrou com força.

— Que raio foi aquilo? — Ela gritou, a água pingando de seus cabelos e roupas.

— O que? — Ele perguntou inocentemente. — Eu estava apenas tentando me divertir.

— Você poderia ter me matado!

Ele bufou.

— Você está bem. Além disso, você teve o garoto-herói tentando salvá-la e parecendo um idiota enquanto fazia isso.

Lucien deu um passo ao lado dela, com as mãos em punhos. Estava tomando todo o controle que ele tinha para não arrancar sua cabeça.

— Lucien — Llona advertiu atrás dele, como se ela pudesse sentir a raiva dele.

Bo expandiu o peito, as narinas dilatadas.

— Leve-me para casa — Eve exigiu e passou por ele. Seus pés batendo no chão sacudiram a ponte velha. Llona correu atrás dela.

Lucien esperou até que ambos estivessem fora de vista antes de pisar diretamente na frente de Bo.

— Se você fizer algo assim novamente, eu vou quebrar mais do que suas pernas. Você entende?

Os lábios de Bo se curvaram em um sorriso lento. — Isso deve estar matando você.

— O que? — Lucien rosnou, tentando se conter.

— Eu estando com Eve.

Lucien se encolheu.

— Sim, eu sei quem você é, Lucien. Eu não tinha certeza no começo porque não senti seu vampirismo, mas então você disse o nome verdadeiro de Reina há um momento. Como você a encontrou?

A mente de Lucien girou e seu coração bateu forte. Este shifter *conhecia* a identidade de Eve, mas como? Ela não poderia ter dito a ele, o que deixava apenas uma outra possibilidade. Seu sangue ficou frio de medo.

Os cantos da boca de Bo se curvaram conscientemente.

Lucien mostrou suas presas. Ele mataria Bo e levaria Eve embora daqui, voluntariamente ou não. Se Bo conhecia a identidade de Eve, era apenas uma questão de tempo até que o DSRD chegasse e a levasse.

Ele se lançou contra Bo, mas seus braços foram subitamente contidos por Ryan e Terence, que se arrastaram atrás dele. Ele rosnou e se preparou para usar magia, mas Bo falou.

— Ele disse que você viria. Eu esperava ter mais tempo com ela, mas não importa.

— Quem disse? — Lucien perguntou, cada parte dele tensa.

— Lorde Caos. Aquele que restaurará o equilíbrio.

— Você está falando sobre o presidente?

— Esse título não lhe dá o respeito que ele merece. — Bo abriu a boca, revelando dentes alongados, dentes que poderiam rasgar sua garganta se Lucien não fosse cuidadoso. Ele não deveria perder mais tempo, mas precisava saber mais.

— Por que o DSRD já não veio para Eve se eles sabem onde ela está? — Lucien perguntou, esperando que Bo respondesse pelo menos a essa pergunta. Pode haver algo que ele possa usar para mais tarde.

— Porque eu estou tentando ganhar a confiança de Eve. Nosso Senhor tem uma maneira de ajudá-la a se lembrar de suas joias favoritas, mantendo a mente bloqueada para o passado.

— Por que ele iria querer isso? —

— Para mantê-la fraca, é claro. Eve não tem ideia de quão poderosa ela realmente é. Tudo o que precisamos dela é uma pequena lembrança de onde escondeu o colar. E quando isso acontecer, ela se voltará para mim, seu

namorado amoroso, para ajudá-la a resolver essa lembrança repentina da qual ela não consegue entender. Eu serei a pedra dela.

A raiva percorreu Lucien mais rápido do que um raio. O poder explodiu de sua mente, derrubando Bo no chão. Lucien se livrou das garras do outro shifter e, em um piscar de olhos, pegou-os e jogou-os sobre a ponte. Ele virou-se para Bo, que já havia se levantado.

Bo sussurrou algo baixinho, mas Lucien estava muito ocupado apressando-o a ouvir. Magia era boa demais para Bo. Ele o mataria com as próprias mãos.

A um metro e meio, Lucien colidiu com uma parede invisível. Bo riu.

De dentro do bolso, Bo retirou uma pedra azul e a jogou no ar apenas para pegá-la novamente.

- Sua velha amiga fez esse amuleto de proteção para mim, caso você aparecesse. Liane com certeza odeia você. Ela nos fez prometer não te matar porque ela mesma quer fazer isso.

Lucien pressionou as mãos contra a parede invisível e sentiu a magia que ela continha. Era incrivelmente forte, mas ele fechou os olhos e procurou em sua mente, procurando o poder antigo que existia dentro dele. *Gênese.*

Durante o último ano, Henry tentou ajudá-lo a acessá-lo através de intensas sessões de meditação. Eles duraram horas e, durante todo esse tempo, ele experimentou apenas uma fração disso. Foi além de sua consciência, para uma parte eterna dele que existia antes do tempo. Pelo menos fora a impressão que ele teve. Isso realmente estava além de sua compreensão. Talvez seja por isso que ele nunca experimentou todo o seu poder.

Estimulado pela raiva e determinação em proteger Eve, ele rapidamente examinou sua consciência até encontrar um pequeno fio de Gênesis, abrindo caminho na parte mais profunda de sua mente, mas toda vez que ele tentava agarrá-la mentalmente, ela escapava de sua mente, deslizando para mais longe dele.

Ele rosnou e tentou novamente. Antes de Eve desaparecer, pensar nela sempre o ajudava a acessar a magia mais facilmente, mas isso não acontecia há um tempo. Henry disse que era porque ele estava muito cheio de raiva, muito disso direcionada a Eve. Lucien não tinha concordado então, mas com certeza concordou agora. Ele estava chateado. Irritado que ela o deixou, irritado por ter esse ódio intenso por vampiros, e irritado por ter um namorado.

Ele abaixou as mãos, ofegando com força. Isso não estava ajudando.

Bo riu dele.

— Eu sei que você quer me matar, mas nem pense nisso. Eu relato diariamente ao meu Senhor sobre o progresso de Eve. Se ele não receber essa ligação, o DSRD estará aqui em poucas horas, levando Eve embora, e você não quer que ela siga seu plano de backup. Meu caminho é muito mais fácil para todos os envolvidos, então controle-se.

Isso deu a Lucien uma pausa. Se ele conseguisse matar Bo, ele seria capaz de tirar Eve de Rouen antes que o DSRD viesse buscá-la? E se ele não pudesse convencê-la a ir com ele, mesmo que ela recuperasse sua memória? Ele se endireitou e recuou.

— Bom garoto. Agora sugiro que você saia da cidade antes que sua velha amiga Liane apareça.

Lucien não disse nada. Ele precisava de um plano.

Um rosnado atrás dele o fez se virar. Terence e Ryan apareceram no final da ponte, pingando e parecendo extremamente zangados.

Bo embolsou a pedra.

— Eu vou te levar de volta ao seu quarto de hotel, então você some. E nem pense em mencionar isso para Eve.

Lucien rangeu os dentes, mas se afastou. Seu único conforto era saber que um dia, em breve, a cabeça de Bo não estaria mais presa ao seu corpo.

CAPÍTULO 12

À distância, Llona e Eve inclinavam-se contra o capô do carro falando suavemente quando Lucien se aproximou. Ele ficou feliz por Llona estar lá. Ela poderia alcançar Eve melhor do que ele naquele momento, e ele precisava de alguém em quem pudesse confiar para cuidar dela.

Como se sentisse sua aproximação, Eve olhou por cima do ombro para ele, depois além dele. Ela deve estar se perguntando o que aconteceu entre ele e Bo. Ela ficou de pé e caminhou em direção a ele.

Ele a encontrou no meio do caminho.

— Você está bem?

Ela o encarou por um momento, seus olhos fixos nos dele. Ele a deixou olhar, mantendo sua mente e coração o mais aberto possível. Era uma sensação desconfortável estar tão vulnerável, mas ele precisava que ela sentisse suas intenções. Ele precisava que ela confiasse nele.

Ele não obteve a resposta que esperava.

Ela limpou a garganta e desviou o olhar.

— Obrigado por pular atrás de mim, mas posso perguntar por que você fez isso?

— Eu não tive escolha.

Os olhos dela voltaram para os dele.

— O que isso significa?

— Eu não conseguia suportar a ideia de você sentir alguma dor.

— Mas eu não te conheço. Não sou nada para você.

Foi a vez dele de encará-la. Certamente ela podia sentir o calor em seu olhar.

— Isso não poderia estar mais longe da verdade.

— Quem é Você? — Ela perguntou em um tom exasperado. — E o que você é? Eu senti mágica quando você me tocou.

— Reina! — A voz de Bo chamou atrás dele.

Eve olhou além de Lucien.

— Não vá até ele — Lucien sussurrou, mas ela não parecia ouvi-lo.

— Isso não acabou — disse ela à Lucien, em seguida, atravessou a estrada para Bo.

Lucien a soltou e se juntou a Llona no jipe, que estava olhando para algo em seu telefone.

— Tudo certo? — Ela perguntou depois de guardar seu celular.

Ele fez um gesto com a cabeça para entrar no carro. Llona deslizou no banco de trás e fechou a porta ao mesmo tempo que ele.

— Bo sabe quem eu sou — disse ele.

A boca de Llona se abriu.

— Como isso é possível?

— Ele já suspeitava, mas então acidentalmente disse o nome de Eve quando ele a empurrou para fora da borda.

— Foi um movimento tão idiota, empurrá-la para fora da ponte assim — Llona resmungou, recostando-se no banco, mas então seus olhos se arregalaram. — Espere um minuto! Se ele sabe quem você é, então ele sabe quem é Eva, o que significa...

— Ele está trabalhando para o presidente — concluiu Lucien. — Ele está tentando ganhar a confiança de Eve quando extraem a memória dela sobre o colar.

Llona fez uma careta.

— Mas como isso vai funcionar? Ela não vai se lembrar de você?

— Bo disse que o DSRD tem uma maneira de fazê-la recordar apenas aquela lembrança. Quando chegar, Bo estará lá para ela e a ajudará a encontrar o colar. — Ele olhou para Eve e Bo pela janela. Os braços dela estavam cruzados contra o peito, mas as mãos de Bo estavam nos ombros dela como se a consolassem. Isso fez seu estômago revirar.

— Isso é ruim — disse Llona.

— Bo quer que eu vá, mas isso não vai acontecer. Eu convenci Eve que sou um detetive particular e investigarei a morte de sua mãe. Quando disser que não consegui encontrar nada relacionado ao caso, isso a forçará a olhar a si mesma. Esse será um grande passo para ela confrontar seu passado falso.

— É um começo — disse ela.

Lucien notou que ela estava esfregando o bolso onde estava o telefone.

— Como está Liam?

— Ainda não ouvi nada dele, mas May mandou uma mensagem e disse que a emissora de TV local apareceu.

— Bom. Eu ligo para Henry hoje mais tarde e descubro o que posso.

Ela olhou para a frente.

— Precisamos encontrar esse colar. Auras não estarão seguras até que o façamos.

— Ninguém está seguro.

A porta da frente se abriu. A Eve caiu no assento na frente de Llona, soltando um longo gemido.

— Ele é tão frustrante.

Bo subiu no banco do motorista e ligou o carro.

— Desculpe por estragar a diversão — ele resmungou. — Uma brincadeira inofensiva e todo mundo fica todo irritado.

— Ninguém gosta de ser empurrado de uma queda de trinta metros — estalou Llona.

— Não, ninguém gosta — Eve acrescentou.

— Eu ouvi vocês, senhoras, alto e claro. — Bo olhou Lucien no espelho retrovisor. — Deixe-me fazer as pazes com você, Reina. Vou fazer você jantar na minha casa.

O corpo inteiro de Lucien ficou tenso.

— Não. Estou saindo com Llona hoje à noite.

Lucien soltou seu aperto firme na porta.

— Ah, vamos lá. Eu disse que estou arrependido — Bo lamentou.

— Eu sei, mas preciso de um tempo para garotas. Vocês homens são muito confusos. — Ela olhou de soslaio para Lucien.

Pelo menos ela não estaria com Bo.

O clima no caminho de volta à cidade relaxou lentamente enquanto conversavam sobre coisas triviais. Eve até riu algumas vezes, mas Lucien percebeu que quando Bo tentou segurar sua mão em um ponto, ela se afastou. *Boa.*

Bo chegou ao hotel de Lucien.

— Esta é a sua parada, Lucien.

— Na verdade também é meu — disse Eve. — Eu vou com Llona daqui.

— Não faça isso — disse Bo. — Eu vou te levar de volta para minha casa, então vocês podem pegar meu carro.

— Eu gosto de andar, lembra? — Eve perguntou.

Lucien reprimiu um sorriso. Ele lembrava.

— Tanto faz — disse Bo, apertando as mãos ao redor do volante.

Eve abriu a porta do passageiro.

— Eu te ligo mais tarde. Eu prometo.

Lucien saiu do carro junto com Llona. Ao contornar a traseira do veículo, ele olhou para o pneu e sussurrou '*Sternuntur*'. Antes de Bo chegar em casa, ele se veria preso com um pneu furado. Esperançosamente no calor e longe da civilização.

Bo chamou pela janela para Lucien.

— Você está indo embora para sempre, certo?

Eve girou, seus olhos arregalados, quase desesperados.

— Onde você vai?

Seus olhos brilharam de Eve e depois para Bo. Ele não podia dizer que estava ficando, mas também não estava disposto a dizer que estava saindo. Em vez disso, ele

escolheu ignorar os dois. Ele caminhou em direção a Llona e se inclinou para perto dela.

— Eu ligo para você em breve — disse ele calmamente.

Ele olhou brevemente para Eve antes de desaparecer no quarto de hotel. Ela parecia genuinamente chateada com o pensamento dele ir embora. Esperançosamente isso significava que ela sentia algo entre eles.

Assim que ele estava em seu quarto de hotel, ligou para Henry. Ele atendeu no primeiro toque.

— Como está Eve? — Henry perguntou.

Lucien soltou um longo suspiro e caiu na colcha floral que cobria a cama.

— Por onde eu começo?

— No início.

Lucien contou a ele sobre seguir Eve e sua caça aos vampiros vigilantes, tudo por causa de uma vingança que ela baseara na história falsa. Ele também contou sobre seu plano de fingir ser um investigador particular.

— Interessante que ela odeia vampiros — Henry meditou. — Pode ser importante descobrir por que essa narrativa foi criada em primeiro lugar. Pode haver algo com que você possa trabalhar.

Lucien duvidou disso.

— Esse não é o nosso único problema. Eve tem um namorado, um shifter enviado por Hansen para ganhar sua confiança. Seu namorado o chama de 'Lord Chaos', e assim que o shifter pensar que ganhou a confiança de Eve, esse 'Lord' vai desbloquear sua memória apenas do colar. Não consigo imaginar o quão difícil o feitiço seria para isolar algo assim.

Henry ficou calado.

— Henry? — Lucien perguntou.

— Um feitiço dessa magnitude não apenas exige grande poder, mas também pode ser perigoso para o destinatário, se não for executado corretamente. Pode causar todo tipo de dano cerebral ou até criar uma divisão irreparável da personalidade. Não devemos deixar que isso aconteça.

— Eu tentei matar o shifter, mas ele tinha uma pedra azul mágica que Liane lhe deu. Eu não pude me aproximar dele.

— Essa bruxa nos deu um tempo difícil também — Henry disse, sua voz baixa.

— O que está acontecendo?

— Antes da chegada da mídia, ela tentou invadir o local, mas quando eu a segurei com magia, ela abriu fogo. Eu não estava preparado.

— Com armas? Em uma escola? — Lucien perguntou, horrorizado. Ele sabia que ela era cruel, mas fazer algo assim?

— O presidente disse a ela para entrar por todos os meios necessários.

— Alguém foi morto?

— Duas garotas foram baleadas — ele fez uma pausa. — E Liam.

Lucien agarrou o telefone com força.

— Liam?

— Todo mundo sobreviveu e está em processo de recuperação. Por favor, não conte a Llona. Liam quer fazer isso sozinho.

Lucien esfregou a nuca com a mão livre. As pessoas já estavam se machucando.

— Você encontrou algo que poderia nos ajudar?

— Llona estava certa sobre os registros de Auran. Eu nunca vi livros tão antigos antes. Eu poderia passar anos vasculhando tudo.

— Nós não temos anos.

— Foi por isso que usei a magia para encontrar o que precisamos. O feitiço me guiou a um livro escrito há milênios

atrás. É em um idioma que eu não conheço, mas o Dr. Han está me ajudando a decifrá-lo.

— O que você descobriu?

Henry hesitou.

— Não é bom, Lucien. O colar que Hansen está procurando não guarda apenas a mais antiga da magia negra. É uma porta de entrada.

— Para onde?

— Inferno.

— Como isso é possível?

— Você se lembra do que May disse quando a conhecemos? Sobre Liane criando um espelho? — A voz de Henry tinha um tom excitado.

Lucien pensou na noite em que sua vida havia mudado, finalmente colocando-o no caminho de volta para Eve. Ele se lembrava de tudo sobre isso. — May disse que não tinha certeza de que o comentário estava relacionado ao colar.

— Bem, ela estava certa. Pelo que pude decifrar até agora — Henry começou, — o invólucro de vidro do colar costumava fazer parte do espelho de Lúcifer. Ele o usava como um portal para viajar entre diferentes dimensões, a Terra. Os únicos demônios autorizados a usar o espelho eram seus servos mais confiáveis, sete demônios que supervisionavam áreas específicas do inferno.

— Mais tarde no texto, diz que Lúcifer ficou irritado com um deles por abusar de seus direitos no espelho. Este diabo foi banido do inferno, junto com seus seis irmãos. Lúcifer então destruiu o espelho e espalhou suas peças em diferentes dimensões. — Ele fez uma pausa como se estivesse lendo alguma coisa. — Isso é o mais longe que eu consegui, mas estou trabalhando o mais rápido que posso.

— Você acredita que existe alguma verdade nisso? — Lucien sentou-se, com a mão apertando um pequeno travesseiro.

Henry ficou quieto por um momento.

— É uma história estranha, mas ainda não vou desconsiderá-la. Às vezes a verdade não pode ser discernida pelo olho do homem, mas pelo espírito. Vou refletir sobre isso, e você faria o mesmo?

Lucien gemeu. Henry costumava falar sobre o uso de seu espírito, o ser mágico que havia essencialmente ficado preso em seu corpo físico. Lucien não tinha certeza de que compartilhava a mesma crença, mas não conseguia responder de onde vinham suas habilidades mágicas, então ouviu Henry e tentou entender o melhor que podia.

— Vou tentar. O que vem a seguir?

— Fique de olho em Eve. O DSRD não deve pôr as mãos nela. E faça o seu melhor para recuperar a memória dela. Precisamos dela. Entraremos em contato em breve.

Lucien encerrou a ligação e pensou em tudo o que Henry havia dito. Que outros poderes o colar possuía? Se havia alguma verdade na história, o colar poderia ser muito mais perigoso do que eles jamais poderiam imaginar.

CAPÍTULO 13

O sol havia se posto horas atrás e Lucien estava andando de um lado para o outro. Llona mandou uma mensagem para ele algumas vezes ao longo do dia, dando-lhe atualizações, mas eram coisas mundanas como ela e Eve estavam indo às compras, depois saindo para jantar. O mais recente disse que elas estavam indo para o centro. Isso preocupou Lucien, porque a última vez que Eve foi lá, ela caçou e matou dois vampiros.

Llona o alertou para ficar longe, então fez o que ela pediu, mas apenas porque ele não queria comprometer o relacionamento que Llona estava estabelecendo com ela.

Seu telefone vibrou na mesa de cabeceira e piscou o nome de Llona na tela iluminada. Antes de responder, ele sabia que algo estava errado.

— O que está errado? — Ele perguntou.

— ...nos atacando! — A voz de Llona gritou, mas ele só conseguiu entender as duas últimas palavras sobre o som de muitas vozes masculinas gritando ao fundo.

— Llona! O que está acontecendo? — Ele agarrou o telefone com tanta força que ele pensou que iria quebrar.

— Rodovia Bernard — ela gritou novamente, mas sua voz ficou distante como se estivesse sendo afastada. — Procure a luz!

O telefone ficou morto.

Ele enfiou o telefone no bolso e abriu as portas do pátio. Ele explodiu no ar da noite, seu corpo tremendo até que se transformou em uma névoa escura. Qualquer que fosse o perigo que Eve e Llona estivessem, ele rezou para que não fosse tarde demais.

Ele disparou no escuro, indo direto para a estrada que Llona havia indicado. Eles haviam dirigido na mesma estrada mais cedo naquele dia, mas ele também lembrou que era uma estrada principal, que tinha quilômetros de extensão.

Ele chegou ao fim primeiro, em uma parte da cidade que não era muito povoada. Os prédios eram principalmente armazéns, mas ele imaginou que apenas metade ainda estava sendo usada. Se eles tivessem sido levados, seria um bom lugar para procurar, mas quando ele focou sua visão e audição, ele não ouviu nenhum som e não viu luz. Ele continuou, sua ansiedade aumentando a cada segundo que passava.

Partes da estrada abaixo dele estavam cheias de carros velozes, especialmente quando ele se aproximou da River Street, mas ainda não via sinais delas. E se elas tivessem sido levadas em um veículo? Poderiam estar em qualquer lugar agora.

Ele estava prestes a voltar quando uma luz encheu o céu como se um raio tivesse atingido, mas não havia nuvens no céu. Estava perto, e Llona disse para procurar a luz. Isso tinha que ter sido o que ela quis dizer.

Lucien procurou a fonte, circulando bem acima. Não demorou muito para chegar a um antigo cemitério que parecia se estender para sempre. O luar lançava um brilho prateado ao longo dos topos das criptas e lápides. Na parte de trás do cemitério, ele viu pelo menos duas dúzias de figuras correndo pela paisagem, entrando e saindo das lápides. A formação deles o lembrou de uma matilha de lobos perseguindo presas, mas ele percebeu pelos movimentos rápidos deles que não eram shifters. Eles eram vampiros. Seu coração pulou uma batida e ele disparou para frente. Duas figuras corriam freneticamente à frente de seus perseguidores. Ambas tinham longos cabelos loiros, um muito mais branco que o outro.

Enquanto abaixava sua posição, ele convocou magia e completou o feitiço que mascararia seu vampirismo. Eve não podia ver essa parte dele ainda. Ele circulou acima delas, esperando o momento perfeito cair.

Os vampiros ganharam impulso, e dividiram a formação para correr à frente de Eve e Llona até que as meninas estivessem completamente circuladas. Elas pararam. As

mãos de Llona brilhavam tão forte que machucavam seus olhos. Ela empurrou a mão para a frente, enviando a luz pelo ar quase como se fosse eletricidade. Atingiu o braço de um vampiro quando ele tentou se aproximar. Ele caiu no chão, gritando de dor quando a fumaça subiu no ar de seu braço queimado.

— O que você é? — Eve perguntou incrédula. Eles ficaram de costas em posições defensivas.

— Mais tarde — Llona retrucou. — Estamos nessa bagunça por sua causa.

Um vampiro alto com cabelos loiros ondulados deu um passo à frente, encarando Eve.

— Nós finalmente pegamos você, bruxa. Vamos fazer você sangrar por todos os nossos irmãos que você matou.

— Eles mereceram! — Ela rosnou. — Todos vocês fazem! — Ela levantou as duas mãos para a frente, enviando uma onda de energia para a noite. Vários vampiros foram jogados no chão, mas eles rapidamente se levantaram. Ela não estava lutando com toda sua força. Bo estava certo. Ela não tinha ideia do que ela era realmente capaz.

O vampiro alto riu.

— Você está sem truques, bruxa. Você e sua amiga não podem nos parar a todos.

Ele levantou a mão e apontou os outros para frente. Antes que eles pudessem dar outro passo, Lucien mergulhou em direção ao chão, invocando magia enquanto avançava. No último segundo ele se transformou de volta e atingiu o chão ao lado de Eve e Llona, enviando uma rajada de ar se espalhando para fora. Bateu os vampiros no chão.

— Lucien! — Eve ofegou. Seu olhar correu para Llona, olhos arregalados, depois voltou para Lucien. — Quem são vocês?

Ele ficou de costas para ela, concentrando-se nos vampiros que já estavam se levantando. O líder de cabelos loiros alcançou sua altura considerável e disse: — Você deve ter um desejo de morte.

Lucien levantou a mão em um movimento de parada.

— Apenas vire-se e vá embora. Eu não quero machucar ninguém.

Vários dos vampiros riram. Um deles gritou: — Arranque a cabeça dele, Mickey!

Mickey, o líder deles, sorria alto; a luz da lua brilhava em seus olhos alongados.

— Com prazer.

Ele se agachou e pulou no ar, mas antes que pudesse chegar ao alcance de Lucien, Lucien sussurrou a palavra '*Eripere*' e apertou os dedos com força. Mickey foi arrancado

do ar, como se atingido por um dragão invisível e jogado a seis metros de distância. Ele colidiu com o lado de uma cripta, desintegrando as velhas pedras para dentro.

— Alguém mais? — Lucien rosnou.

Os vampiros mudaram de peso e se entreolharam, quase como se esperassem que alguém fizesse o próximo movimento. Lucien esperava que eles desistissem, mas podia dizer pelo olhar deles que sua sede de sangue já havia sido provocada. Somente sangue ou morte os impediria agora. Ele ficou feliz em dar-lhes o último.

Por cima do ombro, ele sussurrou para as meninas: — Mantenha um círculo apertado. Mate qualquer coisa que se mova.

Os vampiros atacaram como um, como se alguém tivesse emitido um comando secreto. Usando magia e força, Lucien tirou dois punhais de madeira de sua jaqueta e atirou neles no coração dos vampiros que se aproximavam, mas mais três tomaram seu lugar. Quando foi jogado no chão, ele segurou os antebraços na frente do rosto para bloquear os punhos contra ele. Pelo canto do olho, ele viu Llona, atirando luz nos vampiros. Alguns deles explodiram em chamas.

Ele mudou seu olhar para Eve.

A linha de visão de Lucien foi interrompida quando a bota de um vampiro colidiu com sua bochecha. Ele rolou e

cuspiu sangue. Ele adoraria usar seu vampirismo contra eles, mas ele não podia arriscar Eve sabendo a verdade sobre ele ainda.

— *Praesidium* — ele rosnou.

Uma barreira invisível apareceu ao seu redor. Os pontapés e punhos dos vampiros perfuraram o ar e nada mais. Ele se levantou do chão, enquanto os vampiros ao seu redor ficavam cada vez mais frustrados quando percebiam que seus golpes eram ineficazes.

Ele olhou de volta para Eve. Ela estava lutando com dois vampiros em combate corpo a corpo. Mas estavam vindo atrás dela. Quando ela se virou para evitar o chute alto de um dos vampiros, ela murmurou uma palavra que Lucien não podia ouvir. O vampiro na frente dela caiu no chão, seu corpo rígido. Ela ainda estava confiando fortemente em sua capacidade de lutar e não em sua magia, e isso a mataria.

Lucien rapidamente procurou algum tipo de arma para usar contra os vampiros que continuavam lutando contra sua barreira protetora. Havia oito deles tentando romper agora. Perto havia um pequeno galho não mais grosso que o dedo. Ele apontou para ele, sussurrou '*Venit*' e enrolou os dedos na palma da mão. O galho deslizou para a frente em sua bolha protetora.

Ele mentalmente quebrou o bastão em oito seções, não mais do que o comprimento da mão. Ele os segurou juntos na palma da mão aberta e soltou um suspiro forte e cheio de magia. Os galhos dispararam de sua mão e empalaram os vampiros ao seu redor. Cinzas explodiram ao redor dele, fumaça rodopiando e subindo no ar.

Através do nevoeiro, ele viu Llona lutando contra três vampiros. O suor escorria de sua testa enquanto ela lutava usando uma combinação de luz e punhos. Ela era hábil em cada um.

Foi Eve quem o preocupou. Ela estava de costas, as mãos pressionando contra o enorme peito de um vampiro enquanto ele repetidamente batia em sua garganta com dentes afiados. Lágrimas correram pelo lado de seu rosto. Três vampiros olharam entre Llona e Eve, sem saber quem atacar primeiro.

Apesar de ter sido enfraquecido pela expulsão de tanta magia, ver Eve em perigo o encheu de poder renovado. Ele explodiu no ar em direção a Eve, colidindo com o vampiro em cima dela. O corpo do vampiro desliza pelo chão, ocupando terra e grama com ele. Lucien facilmente levantou Eve e a agarrou pelos ombros.

Ele queria confortá-la, enxugar as lágrimas do rosto assustado, mas precisava que ela acessasse mais seu poder. Ela tinha que saber que era capaz de coisas maiores.

— Pare de segurar! — Ele disse. — Você é mais do que isso.

Como se quisesse dizer o que queria, ele a chocou com seu próprio poder, o mesmo tipo que ela o ajudara a encontrar anos antes. A sensação deixou as pontas dos dedos e aqueceu a pele dela. Ela ofegou por ar e seus olhos se arregalaram.

— O que...? — Ela tentou perguntar, mas os vampiros restantes estavam sobre eles.

— Lucien! — Llona gritou.

Ele enfiou a palma da mão aberta em um vampiro que se aproximava, derrubando-o e olhou por cima. Llona estava lutando contra um vampiro musculoso que se erguia sobre ela por pelo menos dois pés. Ele conseguiu chegar atrás dela e agarrar seu pescoço até que seu rosto ficou roxo.

— Eu vou pegar esse aqui — Eve disse, linhas duras de determinação gravadas em seu rosto. Não havia sinal de suas lágrimas anteriores.

Enquanto ela corria em direção a Llona, Lucien enfrentou os três vampiros restantes. Sabendo que ela não estava assistindo, ele suspendeu temporariamente o feitiço

que escondia seu vampirismo secular. Ele era muito mais forte do que esses vampiros mais novos e não teria nenhum problema em tirar suas vidas.

No momento em que um deles o alcançou, suas garras estendidas, ele caiu no chão e rolou em direção a uma roseira plantada ao lado de uma lápide antiga. Em um movimento rápido, ele arrancou a parte mais grossa, girou e empurrou-a através de dois dos corações do vampiro. Antes que a poeira baixasse, ele pegou o terceiro, um sujeito alto e magro, e tentou fazer o mesmo com ele, mas esse vampiro estava pronto e bloqueou o golpe.

Ele arriscou um rápido olhar para Eve. Ela levou o grande vampiro ao chão usando magia, libertando Llona, que estava de quatro, ofegante.

Um chute alto no peito jogou Lucien em uma lápide. Estrelas dançavam em sua visão, e ele balançou a cabeça para limpá-las. O vampiro alto e magro que o chutou seguiu em sua direção, presas descendo. Lucien o deixou se aproximar apenas o suficiente para recuperar o fôlego. Então ele concentrou sua magia e desmaterializou-se, correndo em direção ao vampiro como uma fumaça espessa. Cego, o vampiro tropeçou para trás e balançou os braços futilmente no ar. Lucien solidificou atrás de dele e puxou seu braço de pelas costas. O vampiro gritou de dor.

Lucien virou-se para encarar Eve novamente bem a tempo de vê-la torcendo os dedos em direção ao gigante enquanto ela cantava algo que ele não podia ouvir. O corpo enorme do vampiro se ergueu no ar, como se pendurado por seus pés. Ele agarrou o chão à procura de qualquer coisa para se agarrar, mas subiu mais e mais até não poder mais tocar o chão.

— Ponha-me no chão, bruxa! — Ele gritou.

Eve continuou a dobrar lentamente os dedos até quase fechar o punho. Lucien viu seus lábios se moverem, mas não podia ouvi-la sussurrar sobre o vampiro gritando e se contorcendo em suas garras. Ela abriu a mão. A terra diretamente abaixo da cabeça do vampiro se abriu em um buraco raso. Eve abaixou seu corpo flutuante para que sua cabeça caísse na pequena cavidade.

O vampiro riu. — O que você vai fazer? Enterrar minha cabeça até a morte? —

Lucien enfiou a ponta da roseira no coração do seu vampiro. Cinzas explodiram em cima dele. Ele enxugou os olhos e rapidamente reformulou o feitiço para esconder seu vampirismo.

Llona finalmente se levantou. Ela estendeu a mão para Eve.

— Vamos interrogá-lo. Talvez possamos descobrir...

Eve fechou os dedos com força. O chão reagiu em espécie e se juntou, esmagando a cabeça do vampiro em mil pedaços. Uma pequena nuvem de poeira soprava da terra. Com a cabeça já não presa, o resto do corpo se desfez em uma pilha de cinzas.

Ela se virou para Lucien e Llona, os olhos ardendo e a expressão dura como pedra.

— Eu quero respostas agora. Quem diabos vocês dois são?

CAPÍTULO 14

Antes responder Eva, Lucien foi até Llona, passando por cima de uma lápide quebrada no processo e firmou-a com o braço. — Você está bem?

Ela estava tremendo visivelmente e tinha um corte profundo no antebraço esquerdo.

— Eu acho que sim. Lutar assim... traz lembranças. Eu não gosto.

— Você precisa ligar para Liam. Algo aconteceu. — Lucien sabia que Liam havia pedido que Llona não soubesse de seus ferimentos, mas Lucien não queria mais manter segredo. Ele deveria ter dito algo antes. A vida era muito frágil.

O rosto dela empalideceu.

— O que?

— Eu vou deixá-lo te contar, mas isso não é só sobre ele. Acho que você poderia se beneficiar de conversar com ele também.

Ela retirou o telefone do bolso da calça e se afastou enquanto discava o número de Liam.

Lucien virou-se para Eve.

— Você fez bem.

Ele ainda podia sentir o poder pulsando nela. Não era o mesmo que quando ela era Eve; era diferente, quase uma energia furiosa.

Ela cruzou os braços contra ela.

— Eu quero saber o que está acontecendo. Quem são vocês dois?

Ele olhou para o céu escuro e seus milhões de estrelas brilhantes.

— Eu responderei o que puder, mas primeiro — ele baixou os olhos para os dela. — A raiva dentro de você, de onde vem?

— Eu não estou com raiva o tempo todo, apenas quando eu ando com vampiros.

Lucien manteve a voz calma.

— Se você os odeia tanto, por que continua procurando por eles?

Seus olhos se arregalaram uma fração de polegada e seu rosto ficou vermelho. Ele havia atingido um nervo, um importante, mas por quê?

— Estou indo embora — disse ela e virou-se.

— Llona é uma aura — disse ele, parando-a.

— O que é isso?

— Eles são uma espécie sobrenatural rara, dotada da primeira Luz que existia na Terra antes do homem. É um poder antigo e sagrado.

Ela considerou isso. Os olhos dela brilharam para Llona, que ficava ao longe, embaixo de uma alta árvore de cipreste, seus galhos longos e cheios de folhas que pareciam mais pretas do que verdes à luz fraca da lua.

— Ela é uma durona — ela finalmente disse.

Ele riu.

— Sim, ela é.

— E se você?

— Eu sou uma bruxa, como você.

— Você é mais do que isso.

— Por que você diz isso?

Ela se aproximou dele lentamente, seus olhos verdes penetrando nos dele. Seu coração disparou quanto mais ela chegou.

— Há algo sobre você...

Ela estendeu a mão e gentilmente o tocou no peito, acendendo um calor intenso dentro dele.

— Sinto poder, mas há algo mais, algo sombrio, mas não sinto que seja perigoso. — Ela pressionou com mais força até que ele sentiu o calor da palma da mão contra a pele dele, logo abaixo da camiseta. — Parece familiar.

— Sim, —Lucien disse antes que ele pudesse se conter. Levou toda a sua força para não tocá-la de volta.

Os dedos dela deslizaram pelo peito dele até o abdômen, logo acima da linha da calça. O olhar dela foi com ela.

— Neste ano passado, senti que havia um pedaço de mim desaparecido. Sempre pensei que fosse por causa da morte de minha mãe, mas então te conheci. — Os olhos dela ergueram-se para os dele. — Eu não sei quem você é, ou por que você tem esse efeito sobre mim, mas eu preciso saber mais. Quando você me chocou com sua magia mais cedo, como você sabia que eu poderia fazer mais?

Ele olhou para ela, seu peito apertando. Ele queria contar tudo a ela, a verdade sobre quem ela era, mas o momento não era certo. Ele precisava que ela não o questionasse, mas *se* questionasse.

— Falei com o departamento de polícia de Blue Ridge hoje — disse ele.

A mão dela deixou seu estômago, deixando-o frio.

— Já?

— Receio que não seja bom.

A expressão dela escureceu.

— Eu disse que não havia provas.

— Não, você não entende. — Ele inalou profundamente e segurou o olhar dela. — Não é bom porque

não há nenhum caso envolvendo uma Rose Swanson. Nunca houve.

Ela deu um passo para trás, estreitando os olhos.

— O que você está falando? Tem certeza de que falei com o departamento de direito em Blue Ridge, Georgia? Talvez você tenha falado a pessoa errada. Minha mãe nasceu em 2 de julho de 1971.

— Eu preciso que você me escute — disse ele levantando as mãos como se estivesse se aproximando de um animal assustado. — Depois que falei com a polícia, verifiquei os registros do condado. Não há mulher com esse nome que morasse em Blue Ridge.

Eve balançou a cabeça para frente e para trás, sua boca pressionada firmemente.

— Eu também verifiquei seu nome, Reina Swanson — continuou ele. — Você também nunca morou lá, em nenhum lugar de todo o estado da Geórgia.

— Isso não é possível. Eu cresci lá! — Ela deu outro passo para longe dele.

— Eu procurei em todos os registros disponíveis, incluindo registros escolares e hospitalares. Não há menção a você ou sua mãe.

— Por que você está fazendo isso? — Ela perguntou, sua voz desesperada.

— Eu estou falando a verdade. Eu nunca machucaria você, Ev-Reina — ele corrigiu rapidamente.

Todo o seu corpo ficou rígido.

— Essa é a segunda vez que você me chama de Eve. Que jogo você está jogando?

— Por favor, você deve confiar em mim. Você não é quem você pensa que é.

Ela bufou e apontou o dedo para ele.

— Não, você não é quem eu pensei que era. Eu nunca mais quero te ver. — Ela girou nos calcanhares e saiu correndo em direção à entrada do cemitério.

— Verifique você mesmo! — Ele chamou por ela. Ele manteve os pés firmemente plantados no chão. Ela precisava descobrir a verdade por si mesma. Esperava tivesse plantado uma semente grande o suficiente para estimulá-la a entrar em ação.

Ele se virou e caminhou em direção a Llona. Ela estava sentada no chão, de costas contra a árvore, o telefone ainda pressionado na orelha. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados. Ele parou de se aproximar e recuou para lhe dar um pouco de privacidade, mas suas palavras suaves ainda chegaram aos seus ouvidos.

— Não acredito que não estou aí — disse ela, a voz tensa. Ela enxugou os olhos com a palma da mão.

Lucien se retirou para a sombra da meia-noite de uma árvore próxima de Chipre. Os longos galhos, muitos deles cobertos de musgo de aranha, davam a ele sua própria privacidade. Era tão difícil estar perto de Eve e não apenas sacudi-la e dizer-lhe para sair dela. Toda essa abordagem gentil não fazia parte de sua natureza. Se mágica não estivesse envolvida, ele faria exatamente isso.

— Estou bem, prometo — disse Llona novamente. — Eu apenas quero ver você.

Llona ainda devia estar falando com Liam. Lucien desviou o olhar e olhou para onde Eve tinha desaparecido.

— É um acordo — disse ela após uma breve pausa. — E se apresse ou eu vou até você.

A linha ficou morta. Llona se levantou e tirou as costas da calça. Ela respirou fundo algumas vezes, depois olhou na direção dele.

— Obrigado por me dizer para ligar para Liam.

Lucien se retirou da escuridão.

— Ele está bem?

— Ele está melhor agora, mas tive a impressão de que era sensível e fui lá por um tempo. — Ela estendeu a mão e esfregou a testa. — Me incomoda que ele não queira que eu saiba que ele foi ferido.

— Ele estava tentando proteger você. Ele sabe o que você está fazendo aqui é importante.

— Então por que você me contou?

Levou um momento para responder. Ele queria dizer a ela que era porque ele gostaria de saber se estivesse na mesma situação, mas era mais do que isso, ele percebeu.

— Porque eu nunca me perdoaria se algo tivesse acontecido com ele, e eu mantivesse você longe dele. Deveria ter e contado quando soube. Amor é o que faz a vida valer a pena.

Ela engoliu em seco; o som era alto na quietude fria da noite.

— Eu nunca disse nada sobre amor.

— Você não precisava.

Ela limpou a garganta.

— Eu vejo você perseguindo Eve.

Lucien virou a cabeça na direção em que Eve correra, esperando que ele ainda pudesse pegá-la lá, mas não havia ninguém. Apenas os restos dos mortos.

— Parece que sim — disse ele.

— Quanto você contou a ela?

— Só que ela precisa enfrentar buracos no passado.

— Bom. Espero que ela faça isso mais cedo ou mais tarde.

— O que vocês estavam fazendo aqui, afinal? — Ele se virou e caminhou em direção a um caminho de cascalho no centro do cemitério. Llona o seguiu.

Ela suspirou.

— Eve estava decidida a caçar alguns vampiros. É como se ela precisasse encontrá-los, tanto quanto ela precisava respirar. Mas quando ela encontrou alguns, começou a lutar. Era estranho. — Ela chutou uma pedrinha. — Bem, eu acho que os vampiros se cansaram dela pegando-os um a um, então eles montaram uma armadilha. Nós mal conseguimos escapar deles, mas só chegamos até aqui.

Lucien ponderou suas palavras, pensando que estava faltando alguma coisa. Por que ela tinha esse forte desejo de lutar contra vampiros? Ela não tinha sido feliz com ele? Havia algo dentro dela que o odiava e tudo o que ele era? Esses pensamentos agitaram seu estômago.

— É uma coisa boa que eu apareci a tempo — disse ele.

— Eu tinha mais alguns truques na manga, mas não gosto de usá-los. Estou feliz que você tenha feito a tempo.

Ele olhou para ela de lado, imaginando do que ela estava falando. Ele sabia tão pouco sobre Auras.

— Você tem um carro por perto?

Ela parou de se mover e franziu a testa.

— Eve tinha as chaves.

— Estamos muito longe da cidade. Se você me deixar, eu posso levá-lo de volta ao hotel, mas eu aviso, pode ser um pouco desorientador.

Ela riu.

— Não pode ser muito pior do que ser carregado por Liam. Fale sobre literalmente montar uma tempestade.

— Então espere. — Ele virou as costas para ela. Ela pulou sobre ele e abraçou seu pescoço com força.

Ele empurrou para cima na escuridão. Ele tinha que ter cuidado para manter uma velocidade mais lenta para que seu corpo não se tornasse incorpóreo. Ela provavelmente morreria se isso acontecesse.

A cidade brilhava assustadoramente à distância. Os fracos sons da música jazz ficaram mais altos à medida que se aproximavam. Havia algo cativante em seu ritmo, as buzinas ricas e a bateria rápida. Ele pode vir a amar Rouen, se tiver mais tempo.

Talvez em outra vida.

Primeiro ele tinha que encontrar Eve e ajudá-la a recuperar sua memória. Ele não apenas precisava localizar o colar, mas também tinha um milhão de perguntas para ela. As respostas dela determinariam o futuro dele, um

futuro que ele achava certo com ela, mas não tinha mais tanta certeza.

Restaurar a memória dela iria exigir muita magia, e com o jeito que ele estava se sentindo ultimamente, ele só esperava ter o suficiente.

CAPÍTULO 15

O som de um telefone vibrando ecoou nos ouvidos de Lucien. Flutuou em sua mente até que seus olhos se abriram. Ele deve ter adormecido noite passada, pela primeira vez em mais de uma semana.

Ele se virou e verificou a hora no despertador da mesa de cabeceira. Quase oito da manhã. As cortinas do hotel estavam fechadas, não permitindo que nem uma pitada de sol da manhã aparecesse. Seu telefone vibrou contra o folheado de madeira. Ele estendeu a mão e passou pela tela para atender uma ligação de Henry.

— O que? — Lucien perguntou.

— Você está assistindo as notícias?

Ele ficou de pé e ligou a televisão. O presidente apareceu na tela no meio de uma conferência de imprensa. Ele se destacou contra a tela azul atrás dele em um terno preto e gravata vermelha.

— O que está acontecendo? — Lucien perguntou.

— Apenas ouça. — A voz de Henry continha uma ponta afiada que provocou um calafrio na espinha de Lucien.

— Isso faz muito tempo — disse o presidente. — Nosso país está em guerra silenciosa há décadas e é hora de assumirmos o controle. — Ele levantou as mãos para acalmar os repentinos repentinamente barulhentos. — Eu

sei que isso é sem precedentes, mas garanto que a decisão de renunciar não foi tomada de ânimo leve.

— Renunciar? — Lucien disse em voz alta.

— A partir de amanhã, o vice-presidente assumirá o cargo de presidente, enquanto eu vou assumir o Departamento de Pesquisa e Defesa Sobrenatural. Implementarei planos para entrevistar e, possivelmente, conter qualquer sobrenatural que consideremos uma ameaça para este país. É o único caminho para que nossos cidadãos se sintam seguros novamente. — Ele pegou um copo de água no suporte e tomou um gole enquanto as mãos disparavam no ar.

Enquanto a imprensa fazia todo o tipo de perguntas sobre o anúncio, Lucien tentou controlar um tremor interno que abalou todas as partes dele.

— Você sabe o que isso significa, certo? — Henry perguntou.

Lucien mal teve forças para segurar o telefone. — Ele está vindo para Eve.

A linha estava em silêncio.

— Quem é ele? — Lucien perguntou. — Por favor, me diga que você descobriu alguma coisa.

— Nós descobrimos. Ainda nesta manhã, o Dr. Han terminou de traduzir o livro sobre o qual eu falei. Como eu

disse antes, o colar contém vidro do espelho de Lúcifer, o espelho que permitiu que Lúcifer e seus sete demônios se transferissem entre mundos. Foi o sétimo diabo que começou a usar o espelho para obter ganhos pessoais. Seu nome era Erebus. Acreditamos que Erebus e o presidente são a mesma pessoa.

— Por quê? — Lucien perguntou.

— Algo que você disse Lucien. — Henry fez uma pausa. — Você disse que Bo o chamava de 'Lord Chaos'. Nos textos, outro nome para Lord Chaos é Erebus.

Lucien espalhou o polegar e os dedos pela testa para tentar acalmar uma dor de cabeça crescente. Lidar com criaturas sobrenaturais era uma coisa, mas lidar com um monstro de todo um reino complicava tudo. Erebus poderia ter poderes sobre os quais nada sabiam.

Henry continuou.

— Com base no que lemos e na obsessão do presidente com o colar, achamos que ele encontrou uma maneira de reabrir o portal usando a esfera de vidro. Mas esse feitiço também exigirá uma grande quantidade de magia, energia que deve vir de este reino e não do dele. Meu palpite é que ele roubará essa energia mágica dos sobrenaturais que eles estão reunindo.

Lucien abaixou a mão da cabeça. A dor que ele estava tentando acalmar estava com força total.

— Por que agora? Por que ele esperou tanto tempo?

- Não posso responder a isso. Talvez o momento não estivesse certo. O importante, porém, é detê-lo. Se ele soltar os outros seis demônios em nosso mundo, estamos falando de um apocalipse. Os humanos se tornarão escravos. Você deve encontrar Eve e levá-la o mais longe possível da DSRD. Então, recupere suas memórias para que possamos encontrar esse colar. Ele deve ser destruído.

— Eu pensei que era indestrutível.

— Dr. Han e eu acho que encontramos um caminho. — A voz de Henry baixou. — Usando Auras. O poder deles é a mais antiga fonte conhecida de magia para o homem. Poderia funcionar.

Lucien ficou quieto enquanto pensava nisso.

— Achamos que poderia ajudar Eve também — disse Henry.

— Como?

— Para quebrar o feitiço que ela lançou. Acho que com a sua magia, se você puder acessar o Genesis, combinado com a Luz de Llona, você poderá quebrá-lo.

Lucien fechou os olhos com força para bloquear um pouco da dor em sua cabeça.

— Você faz isso parecer fácil.

— Não será, mas é necessário. E tente logo. É imperativo. Há mais um texto que precisamos traduzir, e então eu vou me juntar a você. Apenas afaste Eve de Rouen.

— Entendi.

Demorou menos de dez minutos para ele tomar banho e se vestir, apesar das mãos trêmulas. Ele precisava que chegar a Eve. Hansen, ou realmente Erebus, já que se recusava a chamá-lo de qualquer outra coisa, poderia estar aqui em poucas horas. Antes de sair do quarto, ele enfiou uma adaga de prata com uma alça preta na parte de trás da calça, junto com duas outras lâminas menores em cada manga. Lucien ansiava por ter o sangue de Bo cobrindo suas superfícies brilhantes.

Ele caminhou pelo corredor até o quarto de Llona. Ela abriu a porta antes que ele pudesse bater. Logo atrás dela, a televisão foi ligada ao noticiário. Então ela também tinha visto.

— Vamos buscá-la — disse ela e fechou a porta.

O ar estava quente lá fora, apesar de ser cedo, mas pelo menos as ruas estavam quietas. Lucien contornou uma grande pilha de lixo do lado de fora de um bar fechado. Seu pulso batia rápido. O tempo estava passando rápido demais. Ele podia sentir os minutos passando por ele, e para cada

um que desaparecia, ele chegava mais perto de perder Eve novamente.

— E se estivermos atrasados? — Ele perguntou. — Erebus já poderia ter enviado alguém.

— Quem?

Lucien rapidamente contou a ela sobre seu telefonema com Henry.

— Isso está ficando intenso. — Ela parou de andar e colocou a mão contra um prédio de tijolos. — Se não o pararmos...

— Nós vamos. Nós precisamos. Vamos. — Ele continuou em direção à casa de Eve, Llona atrás dele.

A casa parecia muito mais bonita durante o dia. O parapeito da varanda estava coberto de trepadeiras e flores brancas nos cantos. A essa distância, ele não conseguia sentir ninguém lá dentro, mas uma sombra atravessou a frente da janela. Uma grande sombra.

Ele acelerou o passo.

— Podemos ser tarde demais.

— Espere! — Llona chamou, mas ele já estava correndo pelas escadas do apartamento de Eve. Ele chutou a porta quando Llona veio correndo atrás dele.

Bo virou-se na cozinha de Eve. Seus olhos se estreitaram quando pousaram em Lucien.

— Eu pensei que tinha dito para você sumir da cidade.

Lucien o ignorou, concentrando-se nos sons do apartamento.

— Ela não está aqui — disse Bo. — Ela acabou de sair para nos tomar um café da manhã. —

Lucien olhou para Llona.

— Estou nisso — disse ela e se apressou.

Lucien seguiu em direção a Bo.

Bo sorriu para o balcão da cozinha e serviu uma xícara de café com uma mão, a outra mão repousando casualmente no bolso do short.

— Você deve ter ouvido o anúncio do nosso Senhor esta manhã. Não é maravilhoso? Foi um pouco mais cedo do que eu teria preferido, mas tudo bem. Eve está pronta.

Lucien se lançou para Bo, animado para separá-lo. Bo removeu rapidamente a pedra azul. Uma barreira familiar apareceu, impedindo Lucien de ir mais longe, mas ele estava preparado.

Passando a mão pelo ar, uma imagem pendurada na parede atrás de Bo quebrou e voou para frente. O copo cortou a mão de Bo, fazendo-o largar a pedra. A barreira se dissipou, permitindo a Lucien atravessar. Ele chutou a pedra do outro lado da sala e agarrou a garganta de Bo, pressionando-o contra a parede e levantando-o alto.

— Você nunca tocará Eve nunca mais — Bo rosnou.

Bo bateu a caneca de café na cabeça de Lucien. Lucien tropeçou para trás, soltando Bo quando o líquido quente queimou seu couro cabeludo e fragmentos de cerâmica voaram por toda parte.

Bo estendeu as garras; Lucien estendeu as presas.

Eles se encontraram instantaneamente. Lucien deu um soco, conectando-se com o lado do rosto de Bo. Bo voou de volta para os armários da cozinha atrás dele, quebrando uma porta de vidro do armário. Bo pegou um dos cacos de vidro e jogou contra Lucien. Lucien girou para longe, mas a ponta da faca ainda conseguiu acertar o lado da garganta.

Lucien pegou uma faca no bloco de facas no balcão e bateu em Bo. Ele disparou no ar tão rápido que Bo não teve tempo de se afastar. Ele bateu no ombro direito. Bo rosnou e puxou para fora, depois apressou Lucien. Lucien deu boas-vindas ao ataque. Ele preferia lutar com as mãos ao invés de mágica, especialmente contra Bo.

Eles se bateram com força, lutando pelo pequeno apartamento. Bo tentou manobrá-lo, mas Lucien foi rápido demais. Lucien enfiou o joelho no lado de Bo três vezes, depois o afastou apenas para girar e chutar Bo alto em seu peito. Bo desabou sobre uma pequena mesa da sala de

jantar. Estilhaçou sob a força. Lucien retirou a adaga de prata das costas e a segurou acima de Bo.

Bo cuspiu sangue e disse: — Você não pode me matar.

— Me veja. — Ele balançou para baixo, apontando para o coração de Bo. Mas antes que a faca causasse impacto, Bo o surpreendeu enfiando uma perna quebrada da mesa no estômago. Lucien ofegou e tropeçou para o lado, deixando cair a faca de prata.

Bo riu e se levantou do chão para se erguer sobre Lucien.

— Agora é assim que eu gosto de vê-lo. Sangrando, sofrendo. Lorde Caos ficará satisfeito.

Lucien rosnou e segurou a perna quebrada da mesa. Com toda sua força, ele se afastou até que começou a deslizar de seu intestino. Mas antes que a madeira fosse totalmente desalojada, Bo deu um soco na mandíbula. Estrelas explodiram na visão de Lucien, e ele caiu no chão. Bo deu mais alguns golpes e depois levantou o pé. Lucien mal conseguiu sair do caminho, consciente da estaca de madeira ainda presa no estômago, quando a bota de Bo desceu onde a cabeça de Lucien estaria.

Ele precisava fazer alguma coisa e rápido, mas se absteve de usar magia. De uma maneira estranha, ele estava

gostando da brutalidade bruta da luta, especialmente contra alguém que estava manipulando Eve.

Bo perseguiu Lucien enquanto ele se arrastava no chão. Assim que Bo o alcançou e levantou o punho, Lucien chutou o joelho suportando o peso de Bo. O shifter gritou de dor e recuou, dando a Lucien tempo para tropeçar na cozinha, longe de Bo. Ele precisou desses segundos extras para remover o fragmento de madeira de seu intestino. Ele largou a perna da mesa e pegou uma frigideira do balcão. Quando Bo dobrou a esquina atrás dele, Lucien colocou a panela na cabeça de Bo. O impacto caiu e ecoou como pratos gigantes.

Atordoado, Bo caiu de joelhos. Era a vez de Lucien por brutalidade, um desejo que ele tinha desde que conhecera Bo. O punho de Lucien bateu em seu rosto várias vezes, quebrando o nariz de Bo e depois o queixo. Lucien estava sombriamente animado com o olhar vidrado nos olhos de Bo e o sangue escorrendo pelo rosto. O aroma do líquido carmesim encheu as narinas de Lucien, acendendo um instinto primitivo, que exigia sangue fresco e quente. Sua língua tocou seus dentes afiados. Se ao menos houvesse mais tempo...

Bo começou a cair para trás, mas Lucien o agarrou pela gola e o arrastou para a sala para recuperar sua faca de prata. Bo chiou, parecendo que ele estava lutando por cada

respiração. Provavelmente porque seus pulmões estavam cheios de sangue.

— Não — ele tossiu, levantando a mão. — Isso destruirá Eve!

Houve um som atrás de Lucien, mas ele não parou.

— Ela vai superar isso — disse ele e enfiou a faca no peito de Bo.

CAPÍTULO 16

Um grito interrompeu o som do sangue borbulhante de Bo saindo de sua boca.

— Não!

Lucien foi empurrado para o lado quando Eve correu para Bo. Llona estava atrás dela na porta, o rosto pálido e os olhos arregalados.

— Bo? — Eve procurou seu rosto, suas mãos pairando acima dele como se ela não soubesse onde tocar.

A veia no corpo de Bo escureceu quando a prata correu através de seu sangue, destruindo tudo o que tocava. Quando Eve percebeu o que estava acontecendo, ela arrancou a faca do peito dele.

— Lute contra isso! — Ela gritou para ele, grandes lágrimas brotando em seus olhos.

Lucien se afastou, atordoado. Ela realmente se importava com ele, mas quão profundo eram seus sentimentos? Alguma parte deles era de Eva?

— Você tinha que matá-lo? — Llona sussurrou para ele, seu tom agudo.

Isso chamou a atenção de Eve. Ela girou ao redor enquanto Bo ofegava por seu último suspiro.

— Você fez isso! — Ela olhou para Lucien com um olhar gelado. Esse olhar mudou para confusão quanto mais

ela o encarava. Foi quando Lucien percebeu seu erro. Ele havia esquecido de mascarar seu vampirismo.

— Você é um vampiro? — Ela perguntou. Seus olhos brilharam para Llona e depois de volta para Lucien.

Ele se endireitou.

— Eu sou.

Eve estalou a mão para a frente, enviando uma explosão de energia invisível diretamente para ele. Ele voou de volta para a parede, sua cabeça batendo nos tijolos antes de deslizar para o chão.

— Eu confiei em você!

— Como você deveria. — Ele gemeu e se levantou. — Foi Bo quem te traiu.

— Diz o homem que acabou de matá-lo! — Seu olhar baixou para Bo e ela engasgou com um soluço. Ela caiu. — Por quê?

— Bo não era quem ele disse que era — Llona disse, sua voz suave.

A Eve balançou sua cabeça ao redor.

— E vocês dois são?

— Por favor, escute, Eve — Lucien disse, tentando manter a voz calma.

Seu olhar lentamente encontrou o dele, e ela se levantou, não com nenhum esforço físico, mas usando

magia. Seu corpo inteiro se levantou como se uma corda a puxasse da espinha.

— Você continua me chamando assim. Eu não gosto.

Ela levantou o dedo e sussurrou: '*Dolor*'. Lucien se dobrou em agonia instantânea. Seu intestino queimava com calor intenso.

— Pare! — Llona chorou. Suas mãos se iluminaram como se ela fosse atacar Eve.

— Não — Lucien gemeu com a dor. — Não a machuque.

— Eu vou, se ela não parar — Llona retrucou.

Eve olhou para Llona.

— Eu realmente pensei que poderíamos ter sido amigos.

— Podemos ser — disse Llona, — mas você tem que ouvir. Seu nome não é Reina. É Eve, e esse homem, er, esse vampiro — ela apontou para Lucien, — ama você. Ele está procurando por você há meses

Eve bufou, sua mão levantada e os dedos enrolados para manter o feitiço causando dor a Lucien.

— Isso nem faz sentido. A única pessoa viva que pode ter me amado está morta no chão. Você pagará pelo que fez.

Lucien rosnou. Eles não tiveram tempo para isso. Ele passou pela dor e convocou magia. Ele inchou com ele,

aquecendo seu corpo. Ele fechou os olhos e pensou nas palavras '*Privo dolor*', e as abriu novamente. A sensação de queimação em seu interior desapareceu, e ele se endireitou.

A Eve franziu a testa e apertou os dedos como se para fazer seu aperto mental nele mais apertado, mas nada aconteceu. O medo brilhou em seus olhos.

— Sua vida está em perigo imediato — disse ele. — Nós devemos tirar você daqui.

— Eu não vou a lugar nenhum com você — disse ela através de um maxilar cerrado. Ela abaixou as mãos para os lados e abriu os dedos. Ela murmurou algo baixinho, e uma pressão súbita e intensa encheu a sala.

— Talvez devêssemos ir, — Llona sussurrou para ele. — Dê a ela um pouco de tempo.

— Nós não temos tempo.

— Mas nós temos nossas vidas, e eu gostaria de continuar assim.

Ele não disse nada. A sala ficou mais fria, o ar mais fino. Um vento pegou e soprou pela sala, espalhando papéis e derrubando uma lâmpada alta. Eve estava no centro, seus cabelos soprando ao redor. Seus olhos começaram a brilhar em verde brilhante.

— Não consigo respirar — Llona ofegou.

— Pare com isso! — Lucien chamou Eve, mas ela parecia além da audição. — Eu não quero te machucar!

— Lucien — Llona chorou fracamente quando caiu de joelhos, arranhando o peito. Os lábios dela estavam ficando azuis.

Ele apertou os dentes, já lamentando o que estava prestes a fazer, mas tinha que ser feito. Ele se lançou para Eve. Ela esticou o braço como se fosse para detê-lo, mas essa versão não era forte o suficiente.

Ele a atacou, segurando-a com força enquanto caíam no chão não muito longe do corpo de Bo. O vento cessou e o ar fresco encheu a sala.

— Saia de perto de mim! — Ela gritou em cima dele.

Ele a abraçou, pressionando o peito contra ele, apesar de seus punhos baterem nele.

— Você tem que me ouvir! O DSRD está vindo para você! Você não está mais segura aqui.

Ela continuou lutando sob o aperto dele.

— Você é um mentiroso!

Ela o pressionou com força e enviou uma sacudida de eletricidade em seu peito.

Seus dentes rangeram, mas ele continuou apesar da dor.

— Droga, Eve! Relaxe! Eu não vou te machucar. É a última coisa que eu faria.

Ela congelou, seu corpo rígido em seus braços, algo que ele nunca pensou que sentiria.

— Mas você me machucou. Você é um vampiro.

Lucien sentiu como se tivesse levado um soco no coração. Os braços dele se soltaram e ela se afastou, os olhos cheios de lágrimas.

Ela ficou de pé e engasgou com um soluço.

— O que você quer de mim?

Llona respondeu por ele. Ele ficou chocado demais com a confissão dela. Ser um vampiro a machucou tanto?

— Nós apenas queremos protegê-la. O DSRD está vindo para você.

— Mas por quê? Eu não sou ninguém. — Seu peito subiu e caiu rapidamente e seus olhos dispararam ao redor da sala destruída.

— É isso que estamos tentando te dizer — disse Llona. — Você não é *ninguém*. Você é uma bruxa poderosa, nascida nas famílias de bruxas mais poderosas do mundo. Você recebeu um colar que detém um grande poder. O presidente quer isso e não fará nada para obtê-lo.

O nariz dela torceu.

— O presidente? Como no presidente dos Estados Unidos? Você sabe o quão estúpido isso soa?

Llona encolheu os ombros.

— Entendo. Mas ainda é a verdade.

Lucien finalmente encontrou forças para resistir. A Eve apertou sua mão nele como se usasse magia novamente se necessário. Ele falou rapidamente.

— Ele não é mais o presidente. Hoje de manhã ele renunciou para se tornar o chefe da DSRD. Ele mandou seus homens procurá-la por meses. Bo era um deles. Ele o encontrou e foi instruído a ganhar sua confiança.

— Mas por quê? E por que eu deveria acreditar em você? — Uma única lágrima escorreu por sua bochecha.

— É uma longa história, que fica mais estranha se você não sabe a verdade sobre si mesmo. Saiba que o DSRD está chegando para desbloquear uma certa memória sua, especificamente a localização desse colar poderoso, aquele que *você* escondeu. O problema é que você não se lembra de onde veio ou por que o escondeu. Eles esperavam que, na sua confusão, você se voltasse para Bo. Essa informação foi a única razão pela qual ele esteve aqui.

Eve deu um passo para trás.

— Isso é loucura. Vocês dois são loucos!

Ao longe, sirenes tocavam. Alguém deve ter chamado a polícia sobre toda a comoção. Ele teve que agir rapidamente. Se a polícia os apreendesse, eles os entregariam facilmente ao DSRD.

— Você ligou para o departamento de polícia em Blue Ridge? — Ele perguntou.

Ela hesitou e deu um passo para trás novamente.

— Digamos que sim e que você estava certo, e ninguém ouviu falar de mim ou do caso de minha mãe. Isso não prova nada do que você está dizendo.

— Eu concordo, mas se você pudesse vir conosco, achamos que podemos desbloquear suas memórias.

Ela olhou por cima do ombro em direção à porta aberta.

— Então você quer consertar minha memória como o DSRD?

— Queremos consertar a coisa toda, e não apenas um fragmento. Então você saberia a verdade por si mesmo.

As sirenes se aproximaram. Ele não queria fazer isso, mas ele poderia ter que levá-la, quer ela gostasse ou não.

— Se o que você está dizendo é verdade, como minhas memórias foram substituídas?

Uma dor antiga e familiar voltou ao peito de Lucien.

— Você fez isso sozinha.

Ela tocou seu coração como se estivesse doendo e deslizou dois passos de volta para a porta, sua respiração acelerada.

— Eu não posso mais ouvir isso. É demais.

— Esperar! — Llona ligou.

Lucien se lançou para Eve, mas ela saiu correndo pelo corredor de seu apartamento, na direção em que a polícia estava vindo. Ele podia ouvir os passos deles subindo as escadas.

— Socorro! — Eve gritou. — Alguém invadiu a casa do meu vizinho!

Ele virou-se.

— Precisamos sair daqui.

— Não se preocupe comigo, apenas vá — disse Llona. — Encontre-me no telhado do prédio do outro lado da rua em cinco minutos.

— Mas eu posso carregar você!

— Alguém pode ver. Apenas faça sua coisa estranha de fumaça. Vá! Eu vou ficar bem, confie em mim. — Ela o empurrou em direção à janela. A polícia estava a segundos de distância.

Ele abriu a janela e pulou para fora, desmaterializando-se. Pairando, ele olhou para Llona e franziu a testa. Todo o seu corpo brilhava, como uma poça brilha à luz do sol. Ele

empurrou para cima, mantendo-se na linha do telhado, onde seria menos notado.

A polícia cercou a casa. Eve estava conversando com uma policial feminina que estava dando tapinhas nas costas dela. Quando ele pensou que ninguém estava olhando, ele disparou pela rua no ar e voltou para uma casa muito mais agradável e maior do outro lado da rua. Ele reapareceu atrás de uma barreira alta de parapeito que se projetava para cima das paredes da casa. Escondia o teto inclinado, além de facilitar o suporte. Ele espiou lentamente por cima da borda.

— Vamos, Llona — ele sussurrou. Ele não tinha ideia de como ela iria passar por tantas pessoas despercebidas.

Alguns minutos se passaram. A oficial da mulher continuou a consolar Eve, que parecia genuinamente chateada, mas quando outro oficial chamou a mulher, Eve lentamente se afastou, passando completamente despercebida. Ele manteve os olhos nela até que ela desapareceu em um beco estreito entre duas casas.

— Uma ajudinha aqui.

Ele se assustou e se virou. Llona estava pendurado no topo do telhado tentando subir.

— Como você chegou aqui? — Ele perguntou, um pouco nervoso que ela o pegou desprevenido. Ele precisaria

ter mais cuidado. Ele arrastou o telhado inclinado e facilmente a levantou pelo resto do caminho.

Ela esfregou a parte de trás da cabeça como se tivesse acabado de bater nela.

— Andei e subi.

— Como você passou por todos?

— Apenas um pequeno truque, eu sei. Eu posso ficar invisível. Não por muito tempo, mas eu tenho até dez minutos agora. Com certeza, me dá uma dor de cabeça perversa.

— Estou impressionado.

Llona espiou por cima do parapeito e observou a cena abaixo.

— Para onde Eve foi? Acabei de vê-la.

— No segundo em que a policial deu as costas, ela se foi. Ela foi por ali. — Ele apontou para a direita.

Llona fez uma careta, depois caiu no topo do telhado, sentando-se sobre as telhas enegrecidas e abaixou a cabeça até os joelhos.

— Nós provavelmente devemos ir atrás dela — ele insistiu.

— Apenas me dê um segundo. Eu preciso me recuperar. Além disso, eu sei como rastreá-la, lembra?

Ele se abaixou ao lado dela e esperou, tentando ser paciente.

— Eve com certeza estava chateada — disse Llona depois de alguns minutos. — Você realmente teve que matar o Bo?

— Ele tentou me matar primeiro.

— Você o teria poupado se ele não tivesse?

Ele não respondeu porque sabia que não teria. Ele o teria matado simplesmente por colocar a vida de Eve em perigo.

— Se eu puder me aproximar de Eve — disse Llona, — eu posso sugá-la com muito da minha Luz. Não só isso ajudará a fortalecer seu poder mágico, mas também a acalmará. Ela tem um grande tumulto interno acontecendo.

— Ela já passou por muita coisa.

— Você inventou um feitiço para neutralizar o dela?

— Ainda não. — A verdade era que ele pensou que teria mais tempo, mas o tempo havia acabado. Ele deveria estar mais preparado. Ele deveria estar se preparando nesses últimos meses, tornando-se o mais forte possível. Em vez disso, ele se afundou em autopiedade. Ele só esperava que Eve não pagasse o preço máximo por seus erros.

CAPÍTULO 17

— Tem certeza de que ela está aqui? — Lucien perguntou. Diante dele, havia um armazém gigante, alto e largo. Folhas de metal corriam em tiras do telhado ao chão. O sol da tarde refletindo o cobre brilhante estava dando Lucien uma dor de cabeça.

— Positivo. — Llona espiou pelo lado de um posto de gasolina abandonado.

Eles estavam em uma parte de Rouen que ainda não havia sido reconstruída depois que um furacão destruiu a área alguns anos atrás. A devastação deixada para trás fez com que vários quarteirões parecessem ter sido parte de uma zona de guerra. Muitos dos edifícios foram marcados com tinta spray colorida e a grama cresceu através das rachaduras na estrada cheia de cicatrizes.

Lucien se escondeu dentro da porta quebrada da estação, onde podia observar o armazém livremente atrás de janelas escuras. Três das cinco estantes foram derrubadas, seu conteúdo roubado há muito tempo. Várias garrafas de cerveja quebradas haviam sido quebradas ou atiradas. Os invólucros de vidro e casca cobriam o chão.

Llona entrou atrás dele, pisando cuidadosamente em volta do copo.

Ele focou novamente a audição nos sons vindos do prédio. Havia tantos que era difícil dizer o que ele estava ouvindo. O prédio parecia abandonado, mas os sons da vida diziam o contrário.

Uma TV tocou de algum lugar lá dentro, um filme de ação ao som de tiros abafados. Alguém riu. Outros conversaram. Havia até uma bola quicando junto com o arrastar de muitos pés. As pessoas estavam jogando basquete. *O que é este lugar?*

— Se Eve realmente está lá, ela não está sozinha. — Ele inalou profundamente e imediatamente recuou. Carne podre.

— O que é isso? — Ela perguntou.

— Shifters. Muitos deles.

Ela olhou para o prédio com curiosidade.

— Faz sentido que Eve venha aqui. Ela provavelmente está procurando ajuda.

— Mas ela não tem ideia de que alguns, se não todos, estão trabalhando para o DSRD.

— Verdade. Então o que fazemos?

Ele juntou as sobrancelhas, pensando muito.

— Precisamos tirá-los de lá para que você e eu possamos confrontá-la.

Nas últimas horas, enquanto eles estavam rastreando Eve, ele estava pensando sobre o feitiço e as poderosas palavras que seriam necessárias. Ele tentou várias linhas diferentes, mas nenhuma delas parecia brilhar.

Talvez se ele pudesse tirar sua mente de Eve e o olhar de mágoa que estivera nos olhos dela, ele poderia ter algum sucesso, mas ela assombrou seus pensamentos. De alguma forma, apenas o fato de ele ser um vampiro causou-lhe dor. Não fazia sentido. Lembrou-se do que Henry havia dito sobre encontrar uma razão subjacente, mas não conseguia pensar em nada que o fizesse duvidar do relacionamento dele e de Eve. Talvez ela se sentisse secretamente assim o tempo todo, especialmente depois de tudo o que passara com Boaz.

Com o dedo, Llona traçou um círculo através da sujeira na janela.

— Precisamos saber quantos estão lá. — Ela terminou a foto adicionando sobrancelhas pontudas, olhos vazios e boca reta.

— Espere aqui. — Ele saiu e explodiu no ar, uma nuvem de fumaça pálida. Ele circulou o prédio procurando uma entrada. Nos fundos do prédio, ele encontrou uma janela no que provavelmente era o terceiro andar. Ele pairou perto do vidro e olhou para dentro. Parecia algum tipo de escritório. Uma mesa de metal empoeirada foi empurrada

contra a parede e um armário de arquivos foi derrubado de lado. Mas a sala estava vazia, e era disso que eles precisavam. Ele correu de volta para Llona e se materializou na frente dela.

— Você sabe que isso é muito perturbador, certo? — Ela disse, embolsando o celular.

— Há um lugar onde podemos nos esconder por dentro. Eu posso levá-lo.

— Mas e se formos vistos?

— Terei cuidado. Siga-me.

Mantendo-se nas sombras, ele se esgueirou pelos becos para chegar o mais perto possível do armazém. Llona ficou logo atrás dele. Ele ficou surpreso com o quão calma ela estava. É como se ela tivesse feito algo assim antes.

— Espere firme — ele disse quando se atreveu a não ir mais longe.

Ela pulou nas costas dele.

— Pronta.

Ele voou para cima e ziguezagueou através de alguns prédios de tijolos até voltar à janela.

— Como devemos entrar? — Ela perguntou, sua voz calma.

— Apenas abra. Se você precisar, quebre.

— Mas eles podem me ouvir.

— Tente ficar quieto então.

Lucien pairou o mais perto possível da janela, mas Llona ainda tinha que se manobrar de uma maneira que pudesse alcançar o vidro e também não cair para a morte. A certa altura, ela quase perdeu o equilíbrio, mas ele rapidamente voltou com a mão para segurá-la.

— Isso é tão estranho — ela murmurou. — Não está se movendo.

Ela tirou a jaqueta e a envolveu em torno de seu punho. Ela bateu na janela apenas o suficiente para uma rachadura parecida com uma aranha irromper na superfície. Com cuidado, ela mexeu uma grande seção livre e a jogou dentro do tapete gasto. Ela então removeu o vidro restante de maneira semelhante até que a janela estivesse quase vazia.

Ela se arrastou para dentro do quarto, cortando o braço em um pedaço de vidro que ela deve ter perdido.

— Droga!

— Você está bem? — Lucien deslizou atrás dela.

Ela limpou a ferida com a jaqueta.

— É apenas um arranhão. — Ela olhou de um lado para o outro. — Onde estamos?

Atravessou a sala até uma grande janela interior sombreada e espiou entre as cortinas.

— Parece algum tipo de escritório do supervisor. Está vendo? Tem vista para todo o edifício.

Logo abaixo do piso de concreto rachado ocupava a maior parte do espaço. Ele notou as armas imediatamente; pelo menos oito esparramados em uma mesa dobrável perto do que ele imaginou ser a entrada. Havia também várias mesas pequenas pressionadas contra a parede e empilhadas umas sobre as outras. Ao lado deles havia uma pilha de equipamentos antigos, de aparência mecânica. Ele reconheceu algumas máquinas de costura.

— Isso provavelmente costumava ser algum tipo de fábrica de costura.

— Parece que os shifters fizeram bom uso disso.

Havia pelo menos uma dúzia deles que ele podia ver e quem sabia quantos mais ele não podia. Alguns deles tinham um sofá empurrado na frente de uma enorme TV de tela pendurada na parede. Outros brigavam em um canto ou jogavam basquete em uma área aberta do outro lado do prédio.

Ele esticou o pescoço, tentando ver todos os cantos escondidos.

— Você vê Eve?

— Não, mas eu ainda a sinto. O que você acha que eles estão fazendo aqui?

- Duvido que morem aqui. Meu palpite é que é uma base de operações. Vê as armas ali? É como se estivessem esperando ordens.

Ela se virou para a janela e olhou por cima do armazém com ele. Eve apareceu, caminhando ao lado de Terence, o shifter que estivera na ponte.

— Você pode ouvir o que eles estão dizendo? — Llona perguntou.

Ele treinou sua audição, tentando ouvir os sons da televisão estridente e da bola quicando, mas ele só pegou pedaços.

— Não faz nenhum sentido. Estou apenas pegando palavras aleatórias.

— Eu também, — disse ela.

— Você pode ouvi-los?

— Facilmente.

— Essa outra característica da Auras é abençoada?

Ela sorriu um pouco.

— Eu recebi do meu pai. Ele era um guardião. Na verdade, minha mãe.

Uma das poucas coisas que Lucien sabia sobre Auras era que cada um deles recebeu um Guardião quando completou dezoito anos para proteção. Ele não achava que eles deveriam se envolver um com o outro, no entanto.

— Isso não é proibido?

Ela revirou os olhos.

— Psh. Quem se importa? Amor é amor, certo?

— Isso é verdade — ele sussurrou de volta, pensando em Eve e como ele pensava que não deveria estar com ela.

Llona estremeceu e se inclinou para mais perto da janela.

— Ela disse seu nome. Você entendeu?

Ele ouvira, seguido de um palavrão.

— Tenho certeza que ela está falando muito sobre mim. Precisamos limpar este lugar ou preciso invadir. Não podemos perder mais tempo.

— Apenas me dê um segundo. Estou pensando. — Ela examinou o local novamente, depois apontou para a TV. — Você vê aquilo lá embaixo? É um walkie-talkie?

Ele seguiu sua linha de visão até ver o que ela estava se referindo.

— Parece que sim.

Ela se virou e andou pela sala.

— Eles devem estar se comunicando com alguém do lado de fora. Talvez possamos usar isso como vantagem.

— Mas como vamos conseguir isso? — Ele perguntou.

— Deixe isso comigo.

Ele franziu a testa.

— Mas se você ficar invisível, isso não a deixará mal?

— Estou disposto a arriscar se isso significa salvar vidas. — Ela se aproximou da porta e colocou a mão na maçaneta da porta. Todo o seu corpo começou a brilhar, mesmo brilhando um pouco, antes que cada parte dela desaparecesse.

— Eu já volto — disse ela, com a voz baixa. — E eu cuidarei daquela TV estúpida para que possamos ouvir o que está acontecendo.

A porta se abriu devagar, depois pareceu deslizar até estar um pouco rachada.

Lucien tentou seguir seus movimentos, mas era impossível. Ela estava quieta e invisível demais. Somente quando o walkie-talkie se levantou da parte de trás do sofá e desapareceu, ele soube que ela tinha sido bem-sucedida.

Alguns segundos depois, a tela da TV ficou preta. Protestos surgiram no ar. Uma shifter feminina se aproximou da televisão e brincou com os cabos nas costas, mas a tela permaneceu em branco.

Alguns segundos depois, a porta se fechou silenciosamente, assustando-o. Llona reapareceu no momento em que puxou o walkie-talkie por baixo da blusa.

— O que você fez na TV? — Ele perguntou.

— Eu cortei o cabo de força. Eles não farão isso funcionar de novo. — Ela foi até a janela e espiou para fora. — Para onde Eve foi?

Ele olhou com ela, finalmente vendo Eve do outro lado da sala, longe dos shifters reunidos em torno da televisão morta. Ela ainda estava conversando com Terence e outro shifter maciço que Lucien não reconheceu.

— Eu não entendi — ela estava dizendo. — Por que ainda estou aqui? Deveríamos ter saído horas atrás.

Lucien encontrou o olhar de Llona em entendimento compartilhado. Eles à estavam segurando para o DSRD.

— Como eu disse antes, você não está em perigo — disse Terence. — Eu não sei por que você acreditaria nesse vampiro sobre seus próprios amigos. O DSRD não quer nada com uma bruxa de baixo nível.

Ela enrolou os dedos em punhos.

— Mas isso simplesmente não faz sentido. Por que alguém que eu não conheço tentaria me fazer sair da cidade?

— Porque ele é louco. Os vampiros farão qualquer coisa para pegar suas presas.

— Mas ele poderia ter me machucado várias vezes — disse ela, sua voz ficando mais alta. Ela cruzou os braços e apertou a mandíbula. — Olha, eu vou sair com ou sem a sua ajuda.

— Não — o vampiro alto disse com firmeza. — Você fica aqui. Vamos avaliar essa ameaça primeiro. Vamos encontrar esse vampiro e conversar com ele. Até lá, fique parada.

— Você está dizendo que eu não posso sair, Jerome?

— É exatamente o que estou dizendo. — Jerome se afastou apesar de seus protestos. Ela olhou para Terence, que apenas deu de ombros.

— Precisamos tirá-la daqui antes que seja tarde demais — disse Lucien.

Llona levantou o walkie-talkie.

— Vamos tentar usar isso. O que você acha que funcionaria?

Ele o pegou e virou na mão. Não parecia um walkie-talkie comum, do tipo que você compra na loja. Parecia militar. Ele ligou.

— Vá em frente — ela sussurrou.

Ele respirou fundo e pressionou o botão de comunicação.

— Temos uma situação. — Sua voz profunda ecoou pelo armazém, mas de algum lugar lá embaixo. Houve uma onda de movimento quando os shifters se levantaram e correram em direção a Jerome.

Jerome removeu um walkie-talkie pelas costas. Antes de falar, ele fez um gesto na direção de Eve. Dois shifters apareceram atrás dela e seguraram cada um de seus braços.

— Ei, o que você está fazendo? — Ela gritou.

Lucien mudou-se para ajudá-la, mas Llona o deteve.

— Apenas espere — ela assobiou.

— É para sua proteção — Jerome chamou depois de Eve, quando ela foi arrastada para fora da vista de Lucien. Jerome voltou sua atenção para o walkie-talkie e perguntou: — O que está acontecendo?

Lucien apertou o walkie talkie pela maneira áspera em que estavam lidando com Eve, mas ele manteve a voz forte e autoritária.

— Nosso Senhor pediu mais apoio para ajudar em sua chegada.

— Não foi isso que ouvimos. — Os shifters se entreolharam, confusos.

— Olha, estou apenas encaminhando o comando — disse Lucien. — Você pode optar por obedecer ou não, mas sabe que haverá consequências.

Suas expressões confusas se transformaram em medo. Eles tinham pavor de Erebus – uma matilha inteira de shifters. Isso o preocupou.

Jerome baixou o walkie-talkie e disse ao grupo:

— Ligue para o bando de Lake Charles. Traga-os aqui o mais rápido possível. — De volta ao walkie-talkie, ele disse: — Enviaremos mais uma dúzia de homens.

— Boa escolha — disse Lucien. Ele desligou o walkie-talkie e o colocou no chão.

Ele e Llona ficaram em silêncio enquanto observavam os shifters se espalharem lá embaixo. Vários deles se equiparam com armas como se estivessem se preparando para a guerra.

— Quantos serão deixados para trás? — Llona perguntou.

— Pelos meus cálculos, cinco. Deveríamos ser capazes de eliminá-los.

Ela mastigou a miniatura.

— E esse outro bando que Jerome mencionou?

— Se agirmos rapidamente, teremos ido antes que eles cheguem aqui.

Levou mais cinco minutos para a maioria dos shifters sair. Lucien deu um suspiro de alívio quando viu que Jerome saiu com eles. Jerome era quase duas cabeças mais alto que ele e construído como um tanque.

Depois que os shifters saíram, Lucien e Llona esperaram alguns minutos antes de descer as escadas. Dois metamorfos caíram nos sofás, esparramados como se

fossem tirar um cochilo, enquanto os outros três desapareciam de vista.

— Esta é a nossa chance — disse ele. — Vamos lá.

Llona assentiu, mas logo antes de saírem da sala, ela disse: — Lembre-se, não os mate.

— Eu farei o meu melhor. — Mas, mesmo quando ele disse as palavras, a coceira dentro dele para lutar e destruir cresceu.

Eles rastejaram silenciosamente no patamar e no topo de um lance de escadas que ziguezagueiam de um lado para o outro no andar inferior. Eles estavam fora de vista da Mayria dos shifters, exceto os dois dormindo nos sofás. Espero que eles consigam chegar ao fundo antes de serem vistos.

No caminho, Lucien invocou sua magia, concentrando-se na parte mais profunda de sua mente, onde Gênesis estava enterrado sob camadas de dúvida e medo. Ele *precisava* desse poder, mas algo o conteve. Ele parou e encostou-se na parede da escada, respirando com dificuldade.

Ele sabia o que o estava impedindo. Sua apreensão começou quando ele descobriu a aversão de Eve aos vampiros. E se as memórias de Eve retornassem e ela ainda

não quisesse nada com ele? O pensamento de nunca sentir seu toque ou cheirar sua pele lilás novamente o aterrorizou.

Ao longe, ele ouviu a voz de Eve. Aqueceu seu coração. Mesmo que Eve escolhesse deixá-lo, isso mudaria o que ele tinha que fazer, ou seus sentimentos por ela? Ele sabia que não. Ele sempre lutaria por Eve, morreria por ela, se necessário. Seu coração pertencia apenas a ela.

Enterrando todas as dúvidas e medos, Lucien voltou à tarefa de encontrar Gênesis. Desta vez, ele se concentrou apenas em seu amor por Eve. Por enquanto, neste momento, é tudo o que importa.

Ele acalmou a respiração e mergulhou em sua mente. Gênesis era um lugar difícil de alcançar. Suas experiências de vida o haviam ensinado a não confiar em coisas além de sua compreensão. Era sua mente e punhos que sempre resolviam problemas. Mas para salvar a mulher que amava, ele teria que aceitar o fato de que havia muito mais além deste mundo, além do próprio tempo. O poder estava lá - ele só precisava tomá-lo.

Uma luz brilhante e quente apareceu nas margens de sua mente. Ele reconheceu o que era instantaneamente - sua alma. Gavinhas finas e finas serpenteavam do centro. Ao se aproximar, ele sentiu a familiar sensação de queima do poder antigo. O calor era tão intenso que ele não

conseguia se aproximar, mas as ramificações que se expandiam para fora mantinham força suficiente. Ele se agarrou mentalmente a um e deixou o poder preencher sua totalidade até que parecia que sua pele poderia se esticar de seus ossos.

Funcionária.

Ele arregalou os olhos e sugou o ar. Llona o observou atentamente. Ele balançou a cabeça para ela e desceu os degraus.

No momento em que estavam prestes a chegar ao fundo, um metamorfo no sofá espirrou. Lucien e Llona congelaram. Ele espirrou novamente e esfregou o nariz. Seus olhos se abriram. Eles se alargaram ainda mais quando ele viu Lucien.

Lucien levantou a mão. O sofá no qual o shifter estava sentado respondeu em espécie. Ele estava prestes a pular quando Lucien virou a mão. O sofá também virou e esmagou o shifter embaixo dele. O outro shifter, uma mulher, ficou completamente acordado. Ela girou com as presas à mostra. Llona disparou uma bola de luz gorda de suas mãos. Ele atingiu o shifter diretamente no peito, empurrando-a para trás vários metros. Ela caiu no chão, inconsciente.

— Eve foi por aqui, — Llona disse e saiu correndo.

Ele correu atrás dela, mantendo-se atento aos outros shifters. Um apareceu de uma sala próxima, jogando seu peso corporal substancial em Lucien. Eles caíram no chão, garras e punhos voando. Lucien jogou-o para longe e ficou de pé. Ele não teve tempo a perder em uma luta física como ele teve com Bo. Ele empurrou as duas mãos para a frente no ar. O shifter virou de ponta a ponta pelo chão até que ele foi pressionado contra a parede de cabeça para baixo. Lucien empurrou a mão para baixo. A cabeça do shifter bateu no concreto abaixo dele.

Lucien se virou bem a tempo de um punho grande e peludo se chocar contra o lado do rosto. Estrelas explodiram em sua visão quando ele tropeçou para trás. Ele abaixou os próximos golpes vindos de um shifter de barba cheia, cujos olhos azuis praticamente brilhavam de raiva.

Lucien se afastou de um chute alto e pulou para frente. Ele pegou o shifter pelo braço e, usando força bruta e magia, jogou-o para o outro lado do armazém, onde ele bateu na escada circular de metal e deslizou para o chão.

Llona já havia atravessado o armazém. Lucien correu atrás dela quando ela se aproximou de uma porta fechada.

Ela se virou e fez sinal para ele avançar. Em um tom abafado, ela disse: — Eve está dentro...

— Cuidado! — Lucien gritou quando um shifter saltou de um escritório adjacente. Ele teve Llona pela garganta antes que qualquer um deles pudesse fazer qualquer coisa. Suas pernas balançaram no ar enquanto ela se contorcia para se libertar.

— Dê outro passo, e eu vou estalar o pescoço dela — ele rosnou.

Llona fez um som borbulhante, quase como um rosnado. Suas mãos ficaram brancas. Ela empurrou as palmas das mãos para a frente, enviando uma rajada de luz para o shifter. Queimou através de sua camisa xadrez e chiou contra seu peito peludo. Ele gritou, largando Llona e caiu no chão. Llona o chutou no peito, jogando-o de costas.

— Eu odeio quando as pessoas agarram meu pescoço! — Ela o chutou novamente.

Lucien passou correndo por ela até a porta fechada e espiou por uma janela alongada. Eve estava de costas contra a parede oposta, os olhos arregalados.

— Deixe-me entrar, Eve — disse ele. Ele colocou as mãos na porta.

— Eu não p-posso — ela gaguejou. Seus olhos percorreram a sala como se estivessem procurando uma saída. Ela estava apavorada. Desde que ele a conhecera, ela

nunca teve medo dele. Cortou uma ferida nova em seu coração já machucado.

— Por favor — ele disse. — Esses shifters não estão protegendo você. Eles estão segurando você aqui pelo DSRD que está a caminho agora. Você deve acreditar em mim.

Ela balançou a cabeça, os olhos lacrimejando.

— Eu não sei mais no que acreditar.

— Estou entrando. Afaste-se da porta.

Ela levantou as mãos, o lábio inferior tremendo.

— Apenas espere!

— Sinto muito, mas estamos sem tempo, e eu amo você demais para deixá-los te levar.

Ele deslizou a mão para a maçaneta e girou com força, abrindo a fechadura. Ele estava prestes a entrar quando ouviu: — O que diabos aconteceu aqui?

Ele se virou. Pelo menos uma dúzia de shifters, quase todos homens, o encaravam com olhos famintos.

— Seus amigos já foram embora — disse Lucien rapidamente. — Nós apenas íamos nos juntar a eles.

Llona manobrou ao lado dele, com as mãos atrás das costas.

Um shifter alto saiu da mochila e olhou Lucien de cima a baixo, o lábio inferior esbugalhado por um maço de tabaco.

— Meus amigos não são amigos de vampiros.

— Então você não conhece muito bem seus amigos — disse Lucien, tentando manter a voz forte e autoritária.

Um shifter cutucou o líder da manada por trás e apontou para o outro lado do armazém.

— Jackson, verifique isso.

Jackson seguiu o dedo apontado na direção do shifter que Lucien havia caído na cabeça. Ele ainda estava no chão inconsciente.

O olhar de Jackson voltou para Lucien.

— Mate eles.

CAPÍTULO 18

Lucien mudou-se para defender Llona, mas ela o empurrou de lado e olhou para ele.

— Lutamos juntos — disse ela.

Os shifters se aproximaram lentamente, rosnando e descobrindo suas presas. Lucien aspirou o ar, concentrando-se na magia antiga que o percorria. Quanto mais forte crescia, mais a sala ficava pressurizada. Alguns dos shifters fizeram uma pausa, imaginando a sensação estranha, mas os outros perseguiram.

O mais próximo pulou nele, mas Lucien o chocou com um simples toque. Mais dois atacaram, enquanto outro atacou Llona. Lucien conseguiu derrubar um com magia e deu um soco no outro. Ele não se virou para ver como Llona estava, mas um flash de luz foi suficiente. Mais dois raios brancos atravessaram a sala. Shifters estavam caindo ao seu redor. Não demoraria muito para que isso fosse tudo.

Uma porta da garagem começou a abrir não muito longe, derramando a luz do sol na grande sala. Atrás da porta havia mais pares de pés do que ele podia contar. A porta continuou a subir, revelando dezenas de outros shifters. Isso era ruim.

Ele olhou para trás quando um perfume lilás familiar encheu seus sentidos. Eve abriu a porta e ficou na porta, os olhos arregalados.

— Não deixe a bruxa fora da sua vista — ordenou Jackson.

— Você deve lutar com eles, Eve — Lucien chamou de volta para ela. — Proteja-se.

Ele queria dizer mais, mas vários metamorfos o apressaram ao mesmo tempo. Ele conseguiu derrubar alguns deles com magia, mas depois dois atacaram por trás. Garras longas e afiadas rasgaram a carne de suas costas, deixando-o de joelhos. O próximo golpe pode tê-lo matado, mas um flash de luz explodiu o shifter para longe dele. Ele se levantou, ainda sentindo a queimadura nas costas e lançou a Llona um olhar agradecido.

Jackson deu um soco na cara dele, mas Lucien caiu rapidamente e deu vários socos. O som de osso contra osso o fez sorrir. Isso significava que um inimigo estava morrendo.

Eve gritou, sacudindo Lucien de sua batalha. Dois shifters a seguravam pelos braços, tentando arrastá-la para longe, enquanto ela os chutava e socava.

— *Captione!* — Ela gritou. Um de seus captores caiu no chão, tremendo incontrolavelmente.

Outro atacante agarrou Lucien. Ele deu um soco no shifter ruivo e o seguiu com um duro golpe na cabeça. A ruiva tropeçou para trás, mas uma dor aguda atravessou o braço de Lucien. Ele olhou para uma estaca de madeira de um metro de comprimento saindo de sua carne e rosnou. Ele puxou e jogou para trás, olhando para o próximo atacante shifter. Todas as apostas estavam fora agora. Ele queria o sangue deles.

De dentro das mangas, ele puxou uma lâmina de prata para cada mão e começou a balançar. Dois shifters caíram no chão, as veias do corpo ficando negras. Ele virou-se para os outros que o haviam cercado. Llona também estava cercada, mas ela não parecia preocupada.

Ela o chamou: — Até breve! — Em menos de três segundos, ela brilhou e desapareceu. Vozes de confusão surgiram no ar.

— Mantenham o foco! — Jackson gritou. — A garota está aqui em algum lugar.

Um shifter ao lado de Lucien de repente caiu no chão inconsciente. Outro caiu logo depois, como se sua cabeça tivesse sido atingida por trás. Os metamorfos começaram a dar socos às cegas.

— Lucien! — Eve gritou.

Ele se virou enquanto tentava ficar de olho nas costas. Os números do shifter estavam caindo, mas não com rapidez suficiente.

Dois shifters arrastaram Eve novamente em direção à porta da garagem aberta. Uma van preta havia parado, a porta entreaberta e esperando por ela. Seu coração deu um pulo. Ele pode perdê-la novamente.

Ele avançou com os dois braços, enviando uma forte explosão de energia à sua frente. Shifters caíram no chão, abrindo caminho para Eve. Ele correu em direção a ela, mas Jackson bloqueou o caminho no último segundo e apontou um longo bastão preto no intestino de Lucien. Um choque elétrico disparou através dele, e ele caiu no chão, agarrando-o.

Eve gritou. Através da visão embaçada, Lucien viu um dos shifters segurando Eve cair no chão por um atacante invisível. *Llona.* Com um shifter a menos para enfrentar, Eve virou o outro homem que amarrava seus braços. Ela bateu a cabeça para trás no rosto dele, deu uma cotovelada no rosto dele e depois girou com um chute alto na cabeça. Ele tropeçou para trás.

Lucien deslizou os joelhos embaixo dele e tentou ficar de quatro, mas Jackson o chutou com força no estômago, jogando o corpo de Lucien nas costas. Ele ofegou por ar e

saiu do caminho quando a bota de Jackson veio em sua direção. Outro shifter o agarrou por trás, segurando-o com força, para que Jackson pudesse chutá-lo várias vezes.

— *Praesidium* — Lucien resmungou. Uma barreira invisível surgiu ao seu redor bem a tempo de bloquear outro golpe, que provavelmente o deixaria inconsciente. Ele segurou firme a magia que mantinha a bolha protetora ao seu redor, dando-lhe alguns momentos preciosos para curar.

Llona ainda estava derrubando shifters para a esquerda e para a direita, graças à sua invisibilidade. Eva, ganhando força e foco, estava fazendo o mesmo. As duas mulheres eram lutadoras competentes. O corpo de Llona brilhava à vista, as costas arqueadas e o rosto contorcido de dor. Um shifter enfiou as garras em seu estômago e sustentou seu corpo no ar. Ele a deixou cair no chão, a mão pingando sangue.

Lucien deixou cair a barreira ao redor dele e começou a lutar freneticamente para alcançá-la. Eve parecia estar fazendo a mesma coisa, murmurando comandos mágicos e socando qualquer um que entrasse em seu caminho. Pelo menos ela deve acreditar nele sobre o DSRD agora.

Havia tantos shifters! Mas parecia ter chegado enquanto Lucien não estava olhando. Ele usou magia o máximo que

pôde, mas simplesmente não havia tempo suficiente para pensar em seus próximos movimentos. Nesse ponto, era tudo o que ele podia fazer para sobreviver enquanto se aproximava de Llona.

Algo afiado o perfurou por trás, irradiando dor para todos os nervos do corpo, e ele tropeçou para frente.

— Lucien! — Eve chorou.

Outro golpe nas costas o jogou no chão. Um segundo depois, o que quer que tivesse sido jogado em suas costas foi arrancado, causando ainda mais agonia. Dois shifters o levantaram e o seguraram com força. Eve também estava presa. Havia fogo em seus olhos, e sua mandíbula endureceu com determinação sombria, apesar de um corte profundo na testa.

Jackson aproximou-se de Lucien com uma estaca.

— Recebi o aval para matá-lo. — Seus olhos brilharam para Llona, que estava imóvel no chão, o sangue escorrendo de seu estômago ferido. — Eu não sei como você está fazendo isso, mas se você usar magia em nós novamente, eu matarei aquela com cabelos brancos.

Lucien resistiu aos shifters que seguravam seus braços. Mais dois se agarraram, mas uma raiva estava crescendo dentro dele, alimentada por magia. Assim que ele estava prestes a desencadear sua fúria, ele olhou para Eve. Ela

estava respirando com dificuldade, com os olhos brilhantes. Ele já tinha visto aquele olhar antes, mas não por muito tempo. Pela primeira vez em meses, a esperança cresceu dentro dele. Talvez a consciência de Eve estivesse mais próxima do que ele pensava.

Seus olhos verdes ficaram mais e mais claros até que eles eram um branco brilhante. Ele se curvou, sabendo o que estava por vir. Ela já havia feito isso antes, quando ele a levou para uma festa a fantasia em Skystead, quando foi caçado por seu irmão Aiden.

A cabeça de Eve estalou para trás e uma onda de energia se espalhou, derrubando todos no chão, incluindo ele próprio, mas ele estava pronto para o impacto. Livre dos shifters que o seguravam, ele se levantou e correu para agarrar Llona, pulando sobre os corpos de shifters desorientados, mas quando viu dois homens deixando a escuridão da van segurando armas, ele mudou de direção e correu em direção a Eve que estava diretamente em sua linha de fogo.

— Abaixe-se! — Ele gritou, mas eles já tinham aberto fogo. Três balas rasgaram seu corpo. Sangue quente pulverizou o ar, pegando-o no rosto. Ele agarrou seu corpo antes que ela caísse no chão.

— Não! — Ele gritou e a embalou em seu peito. Ele ignorou o aviso anterior de Jackson e usou a magia para derrubar os dois homens armados de volta no carro. Suas cabeças atingiram o metal com um baque doentio.

Eve tossiu, cuspindo sangue pelos lábios.

— Lucien...

— Não fale. Apenas fique parado — ele sussurrou. — Você vai ficar bem. — Ele disse isso em sua mente várias vezes. Ela só precisava de alguns minutos e seu corpo dissiparia as balas dentro dela. Mesmo sabendo disso, não diminuía a dor no peito.

Lucien sentiu que Jackson se aproximava dele por trás. Ele viu uma de suas lâminas de prata ao lado de Llona. Se ele pudesse chegar lá...

Um vento frio atravessou a abertura do armazém, esfriando o ar instantaneamente. Ele circulou ao redor com uma força de um furacão, batendo shifters através da sala. Por trás dele, havia outra força, igualmente poderosa, mas mais familiar.

Henry apareceu de costas para Lucien e Llona, protegendo-os dos shifters que se levantaram e se prepararam para outro ataque.

A forte rajada de vento circulou pela sala uma última vez, até parar abruptamente ao lado de Llona. Liam apareceu de joelhos, o rosto pálido.

— Llona?

Ela gemeu e tentou se sentar, mas recuou.

Enquanto Liam a atendia, Lucien voltou sua atenção para Eve. O cheiro do sangue dela encheu o ar, um doce cheiro de cobre. Ainda estava fluindo, mas estava diminuindo a velocidade.

— Llona... — Eve disse, sua voz fraca.

— Ela está machucada, mas acho que ela ficará bem. — Ele esperava.

Liam alisou os cabelos de Llona para trás enquanto tentava avaliar os danos. Ele olhou de volta para Lucien, seus olhos praticamente em chamas.

— O que aconteceu aqui?

Lucien tentou responder, mas teve que desviar do caminho de um shifter que Henry acabara de lançar.

— Eve? — Lucien disse. — Eu vou te deitar e ajudar meu amigo, mas eu prometo que você vai se curar. Você é um imortal. Você sobreviverá a isso.

Ela estreitou os olhos e apertou os lábios como se não entendesse. Isso mudaria em breve.

Lucien ficou de pé, seus músculos ondulando em antecipação à luta. Ele se aproximou de Henry, levantou as mãos e se concentrou nos shifters que se aproximavam. O poder praticamente explodiu de sua mente. Ele girou os braços no mesmo padrão que Henry. Era como se suas mentes tivessem se ligado e juntos eles completassem uma dança perfeitamente sincronizada de magia e poder.

Shifters apressaram-nos um após o outro, mas eles não podiam chegar perto. Eles foram jogados no ar e esmagados contra as paredes. Braços quebrados, pernas quebradas. Lucien usou a adaga de prata para matar os que se recusavam a ficar no chão.

Parecia que eles estavam em vantagem, quando uma explosão na outra extremidade do armazém sacudiu o prédio inteiro. Um grande buraco apareceu, tijolos e poeira chovendo do topo da abertura. Uma figura sombria imergiu, caminhando através da nuvem de detritos. Era uma mulher, seu vestido longo balançando contra sua figura esbelta. Longos cachos castanhos se contorciam sobre seus ombros - *Liane* .

Lucien encontrou o olhar de Henry. Liane não deveria ser tão poderosa, mas a última vez que se conheceram, ela tinha sido surpreendentemente forte também. Erebus provavelmente havia lhe dado parte de seus poderes.

— Olá, meninos — disse ela. — Vocês sabem que não deveria ter uma festa sem me convidar. — Ela jogou os braços para frente, apontando dez unhas afiadas e pintadas na direção deles. Um choque elétrico disparou através dele, e eles voaram para trás pelo menos seis metros em tijolos duros, congelando-os no lugar no alto da parede. A dor rasgou seu corpo pela força. Ao lado dele, Henry fez uma careta.

— Nós devemos detê-la — Henry rosnou. — Lembre-se de tudo que eu te ensinei.

Lucien fechou os olhos brevemente e se concentrou novamente, já sabendo onde encontrar o tentáculo mágico que transbordava com o poder de Gênesis. Ele agarrou-o mentalmente e puxou com força, pensando apenas em seu amor por Eve. Ainda estava tão brilhante quanto no momento em que ele se apaixonou por ela. A dor explodiu em sua mente, mas ele cerrou os dentes e continuou puxando, como se arrancasse um carvalho antigo. Ele tomou o máximo de luz e poder que pôde antes que a dor o aleijasse.

Ele caiu no chão, finalmente quebrando o aperto de Liane nele. Henry já estava lá e deu-lhe um olhar conhecedor. Juntos, eles seguiram em direção a Liane.

CAPÍTULO 19

Lucien levantou a mão para Liane, bloqueando todos os seus movimentos. Henry fez o mesmo, enquanto eles continuavam se aproximando de Liane. Ela ainda estava do outro lado do armazém, mas pelo menos não era capaz de prejudicá-los, não importava o feitiço que usasse. Seu poder não era páreo para os dois.

Lucien olhou para Liam e Llona. Liam tirou a camisa e a rasgou em uma longa tira para envolver seu estômago ensanguentado.

Llona pegou a mão de Liam.

— Ajude-os — ela implorou. — Eu ficarei bem.

— Tire as meninas daqui, Liam — disse Lucien.

— É isso que estou tentando fazer — ele retrucou.

— Ninguém vai a lugar nenhum. — A voz de Liane ecoou no grande espaço.

Ela alcançou a porta da garagem e puxou a mão para baixo. A parede inteira e a porta de metal começaram a desmoronar perto deles. Tijolos, metal e madeira caíam do teto em uma grande pilha de entulho bloqueando a entrada. Partes quase atingiram Liam e Llona, mas Liam conseguiu afastá-la bem a tempo.

Liam se endireitou.

— Eu vou matar essa cadela.

Liane riu. O som estava literalmente frio, congelando o ar ao redor deles.

— Eu gostaria de ver você tentar! — Ela olhou por cima do ombro. — Está na hora.

Sobrenaturais vieram através da abertura atrás dela. Lucien podia sentir o cheiro deles: fae, demônios, vampiros, todos os tipos de criaturas. Seu poder pulsava no armazém, fazendo o grande espaço parecer constritivo e sufocante. Suas essências combinadas eram tão fortes que o ar realmente escureceu.

— Precisamos sair daqui — alertou Henry, com a voz baixa.

— Vou parar quem puder enquanto você descobre isso. — Liam apertou a mão de Llona, depois pulou no ar, seu corpo explodindo em um vento furioso novamente. Ele deu a volta no prédio, esmagando quem podia.

Lucien estava prestes a se juntar à luta contra os sobrenaturais quando ele olhou para Eve para se certificar de que ela ainda estava segura. Ela sentou-se olhando para algo no canto, os olhos arregalados e lacrimejantes. Ele seguiu o olhar dela. Lá nas sombras, a cerca de seis metros de distância, estava Bo.

— Bo? — Eve chiou. Ela ficou de pé, seu corpo curado, suas roupas cobertas de sangue.

— Eve! — Lucien gritou de volta para ela, mas ela não o reconheceu. Não havia como esse o verdadeiro Bo. Alguém estava pregando uma peça nela.

— Sou eu — disse Bo, sua voz profunda e arejada, como se estivesse sendo processada através de um filtro de voz digitalizado.

Ela deu um passo em sua direção, seus olhos se estreitaram.

— Mas eu vi você morrer.

Bo balançou a cabeça. — Estou muito vivo e esperando por você. Venha para mim. — Ele estendeu a mão na direção dela.

O coração de Lucien disparou e ele procurou na sala para tentar encontrar a fonte de magia que estava criando a poderosa ilusão.

— Você me traiu — Eve disse a Bo, sua voz cheia de dor.

— Não Reina. Eles mentiram para você.

Ela deu um passo em sua direção, seus olhos se estreitaram.

— Pare ela! — Henry estalou para ele. — Eles não devem pegá-la. Vamos afastar todos os outros, mas no segundo em que Eve tiver assegurado, vou teleportá-la e

Llona para longe daqui. Você e Liam — ele hesitou, — terão que encontrar o seu próprio caminho para fora.

Henry voltou o olhar para um shifter que se aproximava que estava girando uma longa corrente. Antes que o shifter empunhando correntes o alcançasse, Liam o arrancou do ar e o jogou de volta para a multidão.

Lucien correu em direção a Eve e agarrou sua mão, impedindo-a de ir mais longe.

— Não é Bo. Ele está morto.

Os olhos dela voltaram-se para Bo e depois para Lucien.

— Você o matou.

— Sim — ele respondeu honestamente.

Bo falou de novo: — Não vou machucá-la, Reina, mas precisamos ir agora. Vou mantê-la seguro. Prometo!

— Não dê ouvidos a ele, Eve — implorou Lucien. — É um truque.

Ela afastou o braço dele.

— Pare de me chamar assim.

— Lucien está certo. Este não é Bo — disse uma voz.

Lucien e Eve se viraram. Llona sentou-se, o rosto pálido.

— Por favor, precisamos sair deste lugar. Você não vê que eles estão tentando matar todos nós? — Eve olhou para os atacantes que se aproximavam e depois voltou para Bo.

Lucien bloqueou a visão do shifter.

— Eu só falei a verdade para você. Bo não era quem ele parecia. Tudo isso é uma manobra para mexer com sua memória. Estou certo sobre o seu passado, sobre você ser um imortal. Eu não menti para você.

— Você mentiu sobre não ser um vampiro.

Sua boca se abriu, mas as palavras escaparam dele.

— Reina! — Bo gritou.

Lucien olhou para sua mão segurando o braço de Eve, percebendo algo naquele momento. Ele não poderia forçar Eve a se lembrar. Alguma parte dela, não importa quão pequena, tinha que querer sua memória de volta. O feitiço não seria forte o suficiente sem que ambos desejassem a mesma coisa.

Relutantemente, ele a deixou ir. Seus brilhantes olhos verdes procuraram os dele antes de olhar para Bo.

— Você deve vir agora! — Bo ligou novamente.

Ela deu um passo em direção ao shifter. Os joelhos de Lucien quase dobraram, mas então ela se voltou para ele com desespero nos olhos.

— Me conserte — ela sussurrou e estendeu a mão.

O peito de Lucien subia e descia com a esperança crescendo dentro dele. Era tudo o que ele precisava.

Ele segurou a mão dela e fechou os olhos, já sabendo onde encontrar o tentáculo mágico que transbordava com o

poder de Gênesis. Ele a agarrou mentalmente e puxou direto para a fonte. Não havia nada que o bloqueasse agora. O poder era dele.

Com uma voz profunda e segura, ele disse: — Areias do tempo, respire em mim. Liberte o passado, liberte-a.

O medo brilhou nos olhos de Eve. Ele a pegou gentilmente pelos dois braços e deu um sorriso encorajador. Pelo canto do olho, ele viu Llona rastejando na direção deles, enquanto Henry e Liam continuavam a conter os muitos sobrenaturais.

Lucien falou novamente, mais alto desta vez.

— Areias do tempo, respire em mim, libere o passado, liberte-a.

Ele a puxou para seu peito, seu corpo quente contra o dele. O poder se acendeu entre eles, erguendo os pelos dos dois braços. Ela olhou para ele, os olhos arregalados.

— Eve, eu sempre te amei — ele disse. — Eu sempre irei. Você me devolveu minha vida, me mostrou o que significa ser amado, e passarei o resto da eternidade fazendo o mesmo por você. A partir de agora.

Seus lábios colidiram com os dela, as palavras do feitiço percorrendo sua mente. Cada carta foi preenchida com toda a emoção que ele pôde reunir. As mãos dele agarraram suas costas, enquanto ele desejava cada grama de sua magia

nela. Ela se contorceu uma vez, como se pudesse se afastar, mas um calor repentino se acendeu perto de sua perna, e um poder como nada que ele já sentira antes encheu todo o seu ser. Era uma luz brilhante, forte e radiante como o sol, mas o encheu de um tipo diferente de calor, que acendia um fogo dentro dele.

Llona. Ela estava segurando a perna dele e transferindo sua luz para ele.

Lucien aprofundou o beijo com Eve e pensou as palavras uma última vez: *Areias do tempo, respire em mim, libere o passado, liberte-a.*

Uma força poderosa explodiu dele e em Eve. Seu corpo se aqueceu e seus músculos se contraíram. Uma pressão começou a crescer, uma calma estranha antes de uma tempestade como nenhuma que ele já havia experimentado antes.

Uma explosão de energia explodiu para fora de Eve, derrubando-o vários metros. Até Llona foi jogada de lado. Ele sentou-se, atordoado.

A cabeça de Eve virada, com os olhos abertos e encarando o teto. A luz saiu de sua boca e olhos abertos em três correntes constantes que queimavam buracos através do telhado.

Lucien olhou de volta para a luta. Liam estava em combate corpo a corpo com um sobrenatural que desapareceu e reapareceu em posições diferentes, tornando-o quase impossível de lutar. Henry fez o possível para afastar os outros de chegar a Eve, enquanto também lutava contra as tentativas de Liane de atingi-lo com magia, mas ele estava perdendo terreno.

Os olhos de Lucien dispararam para o falso Bo. A visão dele desapareceu, revelando a fonte da ilusão. Erebus estava alto, vestindo um terno preto com uma camisa de colarinho vermelho e gravata preta. Ele olhou para Lucien, seus olhos escuros brilhando de um vermelho carmesim.

A boca de Erebus não se abriu, mas Lucien ouviu a voz de Erebus em sua cabeça: — O fim está chegando.

E então Erebus se foi.

Lucien olhou por um momento, imaginando se ele iria reaparecer, até ouvir algo bater atrás dele. Ele virou-se. Eve entrou em colapso.

PARTE II

EVE

CAPÍTULO 1

Meus olhos estavam fechados, e minha respiração veio em suspiros rasos. Deitei no chão áspero, frio o suficiente para me arrepiar até os ossos. Eu enrolei minhas mãos e levei meus braços ao meu peito para me aquecer.

Inspirei profundamente. O ar frio entrou nos meus pulmões, e era tão rico, tão revigorante que parecia a minha primeira respiração.

Um ataque de sons veio a seguir.

Gritos. Batidas. Coisas quebrando.

Demais. Meus tímpanos vibraram dolorosamente.

Então as imagens vieram. Fragmentos quebrados de rostos e eventos, se contorcendo como um caleidoscópio infantil.

Sangue. Dor. Morte.

Eu me enrolei mais apertado em uma bola.

A pressão nos meus ombros me fez abrir os olhos. O mundo ficou em silêncio, todos os sons acabaram. Um homem se ajoelhou diante de mim, seus lábios se movendo, suas sobrancelhas juntas. Seus olhos eram azuis como o céu em um dia quente de verão, o tipo de céu em que você deseja descansar por horas.

Eu pisquei e esfreguei meus olhos. Eu estava sonhando?

O homem acariciou minha bochecha, um toque suave e macio. Um choque elétrico correu pelo meu corpo. Os sons retornaram.

— Eve! — O homem disse.

Atrás dele, um jato de sangue atravessou a sala, seguido por uma cabeça decepada. Eu me arrastei para trás no chão, minhas mãos raspando contra o concreto frio e áspero. Meu coração disparou tão rápido que pensei que poderia explodir do meu peito. A grande sala, mais como um armazém de algum tipo, estava cheia de carnificina. Corpos voaram pelo ar, luzes brilharam através da sala, paredes pintadas de vermelho.

— Você está seguro — disse o homem, sua voz suave como se ele pudesse de alguma forma suavizar a cena ao meu redor.

Eu estreitei meus olhos, uma pequena cabeça de alfinete de memória retornando. Ele não era humano. Ele era um vampiro, mas não um que eu temia.

Uma garota com longos cabelos brancos estava sentada no chão, com a frente coberta de sangue. Ela olhou para mim ansiosamente como se pudesse pular em mim a qualquer segundo. *Quem era ela?*

Meu olhar disparou para o vampiro. Seus cabelos escuros, maçãs do rosto altas. Lábios cheios que já

provaram os meus. Minha mão veio à minha boca quando outro petisco de memória veio à tona.

— Lucien! — Uma voz chamou do outro lado da sala. — Precisamos ir agora!

O vampiro olhou para quem chamou seu nome.

Lucien. Flashes dele invadiram minha mente em uma onda de felicidade e tristeza. Eu vi seu rosto, senti seu toque, senti seu cheiro. Era alguém com quem eu me importava. Ele era alguém que eu amava. Eu o alcancei.

Atrás de Lucien, outro vampiro alto de cabelos castanhos correu em minha direção, sua expressão séria me enchendo de pavor. A garota de cabelos brancos estendeu a mão para ele, e ele pegou a mão dela de passagem. Ele praticamente a levantou do chão enquanto também se lançava sobre mim. Eu tentei sair do caminho, mas ele foi mais rápido e segurou meu braço com força.

— Lucien? — Eu choraminguei, chegando ainda mais longe para ele.

Seus olhos azuis escureceram, cheios de dor e angústia.

— Ainda não, querida.

— Aguente! — O homem que estava me segurando me falou.

O mundo girou em negros e cinzas. O ar sugou de meus pulmões, enquanto minha mente e corpo caíam através de

uma escuridão que parecia sem peso, quase como um sonho. O velho vampiro e a garota de cabelos brancos também estavam lá. Pela expressão dela, ela estava tão assustada quanto eu, mas o vampiro alto parecia seguro e confiante. As linhas familiares de seu rosto extraíam outra cabeça de lembrança: Henry.

Então, como se tivéssemos caído do céu, bati com força no chão de madeira, ofegando. Eu levantei minha cabeça. Estávamos em uma pequena sala de estar. Lençóis brancos cobriam os móveis, mas o chão estava limpo como se tivesse sido esfregado recentemente. Os ponteiros do relógio do avô no canto pararam de se mover.

— Onde estamos? — A garota de cabelos brancos perguntou. Ela estava deitada no chão, apoiando-se nos cotovelos.

Henry se levantou e limpou a poeira de suas roupas.

— Esta é minha casa em Rouen. Eu não venho aqui há pelo menos uma década.

— Eu posso ver — a garota murmurou.

Henry se ajoelhou na minha frente.

— Eve?

Eu olhei para cima, hesitante, minha cabeça latejando e o estômago revirando como se eu não comesse há dias.

Ele olhou para mim, olhos cheios de preocupação.

— Você voltou para nós?

— Eu não... não posso... entender — eu gaguejei. Minha voz soou estranha, como alguém que eu não ouvia há muito tempo.

— O que você lembra? — Ele perguntou.

— Lucien — eu disse, ouvindo o calor em minha voz. — Eu lembro de Lucien. Onde ele está?

— Ele estará aqui quando eu entrar em contato com ele.

Algo vibrou. Henry enfiou a mão no bolso e tirou um telefone celular. Ele olhou para a tela.

— É ele que está ligando agora, o que significa que está seguro.

— E Liam? — A garota perguntou.

Henry jogou o telefone para ela.

— Descubra por si mesma.

A garota respondeu ansiosamente.

— Liam está com você? — Depois de alguns segundos, seu rosto visivelmente relaxado, então: — Estamos bem. — Uma breve pausa enquanto seu olhar brilhava na minha direção. — Não tenho certeza. — Ela afastou o telefone da boca. — Hey Henry, onde estamos? — Ela fez uma careta e apertou o estômago como se estivesse com dor.

— Na Cotton Street. Número 45.

A garota transmitiu a mensagem. Foi quando o nome dela veio até mim.

— Llona — eu sussurrei. Ela era... Fechei os olhos com força, tentando lembrar.

— Não force — disse Henry. — Vai levar tempo. E Eve — ele pegou minha mão, — quando suas memórias voltarem, serão cruas e escuras, até dolorosas. Muita coisa aconteceu com você. Tanto que você nos deixou por um tempo. Não sei se já passou tempo suficiente para lhe dar o resto necessário, mas precisamos mais de você aqui do que nunca. Você é a única que pode nos ajudar.

Eu balancei minha cabeça.

— Não me lembro...

— Você vai. Mas até então, por que você não vai tomar banho? Há um banheiro no corredor. Toalhas limpas devem estar no armário e roupas no quarto à direita.

Pela primeira vez, notei sangue cobrindo minha camisa e partes da minha pele. Uma onda de náusea tomou conta de mim e comecei a tremer.

— Como você tem tudo isso pronto? — Llona perguntou a Henry. Ela cerrou os dentes e se moveu lentamente de costas, como se doesse muito. Tentei lembrar de novo quem ela era. Nós éramos amigos?

Henry saiu do meu lado para ir a Llona.

— Contratei alguém para entrar ontem para limpar e preparar algumas coisas. Pensei que precisaríamos. — Ajoelhou-se ao lado dela. — Deixe-me olhar para esse estômago.

Llona levantou a camisa rasgada. Cuidadosamente, Henry afastou o pano que a envolvia e eu ofeguei. Havia tanto sangue nele que eu não sabia dizer qual era a cor do material. Como ela ainda estava viva? Subconscientemente, toquei meu próprio corpo, imaginando como teria sobrevivido aos meus próprios ferimentos. Lucien tinha dito que eu era um imortal, o que significava...? O conceito era familiar, mas capturá-lo era como tentar se pendurar na água que escorria por uma torneira.

— Vou precisar de pontos? — Llona perguntou a ele.

Henry riu.

— Você vai precisar de mais do que isso, mas não se preocupe. Eu posso ajudar. Apenas fique quieta.

Ele levantou as mãos vários centímetros acima das feridas profundas em sua carne. Pareciam marcas de garras, mas o que poderia ter causado isso? Uma lembrança brilhou, quase me deixando inconsciente. Garras de lobisomem, afiadas e brilhantes, perfurando sua carne. Fechei os olhos para as imagens.

Henry sussurrou uma frase, uma série de palavras que invocavam algo profundamente dentro de mim. A aliteração das sílabas, o fluxo suave de cada som, despertou força no meu sangue. Eu abri meus olhos. As palmas de Henry estavam cheias de luz quente. Ele lentamente os moveu de um lado para o outro na pele de Llona enquanto repetia a frase suave. *Magia.* Eu me deliciei com o poder que fluía deles, deixando a força familiar me confortar.

— Você está bem, Eve?

Eu pisquei. Henry e Llona olharam para mim. Ele terminou de curá-la, e eu nem tinha notado. Meu rosto esquentou.

— Eu vou tomar banho.

Levantei-me, minhas pernas trêmulas embaixo de mim, e segui por um corredor para procurar o banheiro. Lambris ricamente manchados ancoravam paredes marrons profundas. Pela madeira elaborada, remanescente da era vitoriana. Eu me concentrei nos pequenos detalhes da casa para evitar que minha mente se perdesse nas lembranças que ainda não faziam sentido.

O banheiro ficava no final do corredor. Ao lado havia um quarto com papel de parede floral e mais lambris de madeira. Deitados em pilhas dobradas em uma cama de dossel, havia duas pilhas de roupas, uma para mulheres e outra para

homens. Folheei as roupas das mulheres até encontrar um vestido azul marinho que achei que seria adequado.

Fechei a porta e tornei a água quente. Eu olhei para o meu reflexo no espelho acima da pia. Cabelo loiro, pele marfim. Tão familiar e ainda... *Reina*. Eu lembrei dela. Não, eu era ela.

Eu balancei minha cabeça e olhei nos meus olhos verdes novamente. Havia algo além deles, algo que ainda não havia surgido. Reina - lembrei-me da vida dela. Sua infância na Geórgia, seus amigos, sua mãe - minha mãe. Engasguei com uma respiração engatada. Ela morreu nas mãos de um vampiro. Apertei a pia, minhas unhas cravando na porcelana branca. Eu odiava vampiros.

O rosto de Lucien brilhou na minha visão, aquecendo meu coração congelado. Eu não odiava vampiros, nem todos eles de qualquer maneira. Eles não mataram minha mãe. *Sable.* O nome verdadeiro dela era Sable. Ela ainda estava viva? Cerrei os dentes, tentando entender tudo.

A névoa do chuveiro quente banhava o espelho, cobrindo lentamente meu reflexo. *Quem sou eu?*

Uma sombra passou por baixo da porta do banheiro. Eu dei um passo para trás, prendendo a respiração. Alguém ficou do lado de fora. Eu alcancei minha mão e toquei a porta de madeira. Era Lucien. Eu senti isso tão certo quanto sabia

que o sol iria nascer. Fiquei meio tentado a abrir a porta e cair em seus braços, mas... ele matou Bo.

Bo! A revelação me atingiu com força e eu tropecei de volta. Bo era meu namorado. Ele me amava e eu - eu o amava? O que Lucien disse sobre Bo?

Apertei minha cabeça e me sentei na beira da banheira. Eu não poderia fazer isso! Muita informação e tantas emoções. Eu não sabia como resolver tudo isso.

Esperei vários minutos, concentrando-me duro para limpar minha mente de todos os pensamentos. Eu estava quase lá quando percebi que estava olhando para as roupas ensopadas de sangue. Pulei de pé e os arranquei do meu corpo. Não conseguia entrar no chuveiro rápido o suficiente e não conseguia esfregar o suficiente. Cada parte de mim foi limpa. Se ao menos eu pudesse alcançar minha mente.

Quando saí do chuveiro, meus pensamentos se acalmaram. Demorei a me vestir, me permitindo pensar apenas na tarefa em questão. O vestido de algodão pendia nos meus joelhos e se encaixava perfeitamente nas minhas curvas. Penteei meu cabelo comprido, mas não me olhei no espelho, com medo do que meus olhos tentassem me dizer.

Depois de uma respiração profunda, abri a porta do banheiro. Vozes caíram da sala, mas ficaram em silêncio como se soubessem que eu estava vindo. Parte de mim

queria correr para Lucien, mas a outra queria se segurar, assustada com o que eu lembraria.

Sabendo que não podia mais parar, caminhei pelo corredor e voltei para a sala de estar. Llona estava prestando atenção a um corte profundo na cabeça de um homem. Ele estava sem camisa e tão alto quanto Lucien. O nome dele era... parei e lembrei-me de Liam. Llona o amava. Reina, ou realmente eu, havia percebido isso assim que os conheci.

Llona parou quando me viu e sorriu gentilmente.

— Sentir-se melhor?

— Sim. Vocês?

— Muito melhor.

Eu virei minha cabeça. Henry estava na minha frente, com os olhos cheios de preocupação. Eu deixei meu olhar continuar para a direita. Parou quando encontrei Lucien. Todas as partes dele estavam flexionadas, como se ele quisesse correr para mim e me envolver em seus braços, mas ele se conteve.

Minha respiração acelerou quando as memórias voltaram. Eu não consegui detê-los. Eles brilhavam um após o outro, como uma tempestade sem fim ou limites. Vi a primeira vez que nos conhecemos. Ele me impediu de machucar pessoas em Wildemoor. Eu costumava machucar pessoas. Mas pior, eu gostei!

Outra lembrança veio à tona. Lucien me parou novamente depois que Boaz colocou o colar em mim, me transformando em um monstro. Ele me salvou de muitas maneiras. A vida foi boa por um tempo depois disso. Encontrei paz com o Deific e... Charlie.

Eu tropecei na parede atrás de mim, minhas respirações ficando cada vez mais curtas. Charlie estava morto. Ele estava morto! A lembrança foi rápida e dolorosa: eu enfiando uma faca nas costas de Charlie. Eu o matei, meu melhor amigo. Enterrei meu rosto em minhas mãos e deslizei para o chão. Lucien apareceu na minha frente.

— O que eu posso fazer? — Ele perguntou, sua voz tão cheia de preocupação que me fez sentir pior.

Abri meus olhos para dizer o mesmo, mas mais lembranças apenas atingiram minha mente. Eu havia mudado para Alarica novamente, mas por opção. Eu tinha feito coisas com Boaz. Eu tinha feito coisas com Lucien. Coisas horríveis.

— Eu quase matei você — eu sussurrei. — Eu matei Charlie.

A repulsa encheu cada parte de mim. Eu queria voltar correndo para o chuveiro, esfregar e esfregar até não sobrar nada.

— Não foi você — disse ele, com voz firme.

Isso me lembrou todas as vezes que ele me disse a mesma coisa depois que matamos Boaz. Eventualmente eu acreditei nele, mas ainda deixava meu pecado final que ele não conseguia se livrar. Eu tinha escolhido colocar aquele colar de volta. Eu conhecia as profundezas do mal de Alarica e ainda assim cumpri. Eu deveria ter encontrado outra maneira. Apenas me dediquei um pouco de tempo para pensar, falar com mais pessoas, procurar no mundo uma resposta. Se ao menos eu tivesse sido mais paciente!

Mas eu não tinha sido, e as pessoas que eu amava e me importavam haviam sido feridas.

Agora fiquei com milhares de imagens de minhas mãos matando e torturando outras pessoas, especialmente as que eu amava. Eu não conseguia fechar os olhos sem vê-los, não importa o que eu tentasse, não importa quem me confortasse.

E foi por isso que fui embora, porque apaguei minha memória. Eu estava quebrada e nunca seria a mesma. E eu amava Lucien demais para sugá-lo para a escuridão comigo.

— Lucien — disse uma voz.

Eu olhei para cima junto com ele. Llona estava sobre nós.

— Posso ter um momento com Eve, por favor?

Lucien levantou-se lentamente e recuou.

Ela se abaixou ao meu lado e gentilmente segurou minhas mãos. Eles instantaneamente se aqueceram quando ela transferiu sua luz. Ele correu pelo meu corpo como se procurasse escuridão. Encontrou a maior parte disso em minha mente. Isso foi bom e ruim, pois expôs muitas das minhas dúvidas e medos, a dor que eu estava escondendo, mas também me lembrou meus verdadeiros desejos, minhas esperanças e meus sonhos. Ele brilhava no amor que eu tinha pelos meus amigos e por Lucien. A luz de Llona parecia tornar isso mais brilhante, empurrando a escuridão para os cantos mais distantes da minha mente.

— O passado pode ser doloroso — disse ela. — Mesmo aleijado. Mas você é uma alma boa e forte, Eve. Foi assim que eu te encontrei, você sabe. — Ela sorriu. — Lucien me contou sobre seu poder e a bondade que você irradia. Pude sentir isso a mais de mil quilômetros de distância.

— Mas há escuridão em mim também — eu disse, fazendo uma careta. Gostaria que houvesse uma maneira de cortar isso de mim.

Os olhos dela se arregalaram como se uma ideia tivesse surgido.

— Se você quisesse, poderia olhar dentro da minha mente?

Eu pensei sobre isso, procurando por memórias específicas. Quando eles chegaram, eu respondi: — Acho que sim.

— Bom. Quero que você olhe dentro do mim e me diga o que vê.

Eu balancei a cabeça e apertei suas mãos. Antes que eu pudesse acessar o poder necessário, tive que procurar em minha mente o poder. Como um velho amigo, a magia voltou. Foi fácil, formigando primeiro nos dedos dos pés e se espalhando para o resto de mim.

Eu procurei os olhos de Llona, em seguida, empurrei com minha mente. Minha consciência invadiu a dela. Parecia um pouco como imaginei que seria flutuar no espaço, mas as cores eram muito mais vivas; alguns que eu nem conseguia descrever. Havia tanta luz e beleza que me deixou sem fôlego.

Senti que ela havia experimentado muita dor e mágoa em sua vida, mas ela usara seu dom de luz para combatê-lo, substituindo essas contusões por boas lembranças. Ela realmente era uma pessoa bonita. Eu estava prestes a recuar quando a vi - uma escuridão invasora, rodopiando com pretos e cinzas. Ela percorria sua mente, sugando as cores maravilhosas e assustando sua mente com raiva e pensamentos sombrios. Pareceu sentir minha presença

estrangeira e virou minha direção como se quisesse me reivindicar por si própria. Eu recuei, mas no último segundo isso me tocou, me enchendo de todos os tipos de pensamentos horríveis e maus.

Soltei suas mãos, saindo de sua mente, e a encarei horrorizada.

— O que é isso?

A expressão dela escureceu.

— Fui mordida por um Vyken por causa de um erro que cometi. Pensei que era forte o suficiente para enfrentar meu inimigo sozinha. O veneno maligno do Vyken permanece em mim até hoje. Todos temos trevas dentro de nós. Alguns de nós apenas temos mais do que outros. É uma cruz que temos que carregar, mas não nos define. Você pode não ter tido a capacidade de escolher o bem quando era Alarica, mas pode fazer essa escolha agora. Você se lembra do feitiço que lançou para criar Reina?

Naquele instante, eu me lembrei. O peso do que eu tinha feito como Alarica estava esmagando. Todos os dias eu lutava para respirar, e nenhuma quantidade de palavras encorajadoras de Lucien poderia me trazer paz. Era um lugar tão escuro e frio. Eu não queria que nada sangrasse para Lucien, que merecia muito mais.

E então eu o deixei e minha vida para trás.

Arrisquei um rápido olhar para ele. Ele estava olhando para mim, sua expressão ilegível. Ele deveria me odiar agora.

— Eu precisava — eu sussurrei.

— Você teve que criar uma mulher que odiava vampiros também? — Lucien perguntou. Ele manteve a voz calma, mas eu pude ver a dor em seus olhos.

Levei um segundo para descobrir do que ele estava falando, meus pensamentos e lembranças ainda um pouco embaralhados, mas quando seu significado foi esclarecido, meu coração caiu no meu estômago. Lembrei-me de todas as coisas horríveis que eu disse a Lucien como Reina. Ele deve me achar uma pessoa horrível. Primeiro eu o deixei, apenas para me tornar alguém que o odiava. Fale sobre esfaquear uma faca nas costas dele e depois esmagá-la com um martelo. Mas havia uma razão.

Eu falei rapidamente.

— Era o único caminho. Quando fui transformada em Reina, descobri que era atraída por vampiros. Não importa o que fazia, tinha que procurar um. Isso criou rachaduras no subconsciente de Reina e mais coisas sangraram, mas não eram lembranças, eram apenas imagens. Algumas boas, especialmente de um vampiro de cabelos escuros com olhos azuis. — Meus olhos brilharam para Lucien.

— Mas a maioria eram imagens terríveis de uma garota que parecia Reina torturando outras pessoas. Reina não conseguia entender nenhuma delas. Não é como se ela se lembrasse da vida de Eve. Ela só tinha essas imagens horríveis que apareciam sempre que ela procurava um vampiro, um desejo que ela sentia diariamente. Foi quando Reina criou outro feitiço sobre o que Eve havia feito. Sua mãe morreu de câncer recentemente - uma realidade alternativa que eu criei - mas Reina mudou isso para vampiros para que ela os odiasse, terminando assim as imagens terríveis.

Olhei para todos na sala, finalmente fixando meu olhar em Lucien.

— Por favor, acredite em mim. Eu nunca quis te causar mais dor.

— Por que você foi embora? — Ele deixou escapar. — Eu não era o suficiente?

Olhei ao redor da sala, sentindo os olhos de todos em mim.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde?

— Não. Eu já esperei muito tempo. Você me deve isso.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Eu estava em um lugar tão escuro. Eu não conseguia fechar os olhos sem ver todas as pessoas que Alarica havia torturado. — Uma lembrança brilhou naquele momento:

minhas mãos cortando uma ferida aberta nas costas de Lucien. Seus gritos encheram minha mente, e eu apertei minha cabeça para parar a dor que a memória causou. — Eu apenas tinha que fazê-lo parar! Parecia que isso nunca iria acabar.

Eu olhei para Lucien com olhos suplicantes.

— Vi o preço que estava cobrando de você. Tinha medo de machucá-lo mais.

A expressão de Lucien escureceu.

— Você me machucou mais do que quando Alarica saiu.

— Sinto muito — eu sussurrei, quase chocando com um soluço.

Llona se inclinou para frente e disse em voz baixa:

— Ninguém está te julgando pelo que você fez. Todos nós poderíamos ter escolhido a mesma coisa. Inferno, se eu tivesse sua capacidade de apagar minhas memórias? Sei que sim. — Ela se recostou. — Sinto muito, mas tivemos que forçá-la a sair da sua hibernação de cura mais cedo, mas é necessário. Muita coisa aconteceu. O presidente...

— O nome verdadeiro dele é Erebus — Lucien interrompeu, sua voz cheia de raiva.

Llona pigarreou.

— Erebus não é quem ele parece.

Ela continuou a me contar tudo sobre o que haviam aprendido sobre os shifters, o espelho e os sete demônios. A cada nova revelação, eu ficava cada vez mais assustada. Erebus era um demônio que escapou do inferno. Como poderíamos lutar contra alguém com esse tipo de poder? Um poder que nem sequer entendemos?

— O que ele quer? — Eu finalmente perguntei, tentando descobrir o que isso tinha a ver comigo.

Llona olhou para Lucien, dando-lhe a oportunidade de responder.

— Ele quer o colar — afirmou.

Um sentimento de afundamento encheu meu intestino. Era o que eles estavam tentando contar a Reina mais cedo, mas é claro que ela não teria acreditado em uma história tão ridícula.

— Eu nunca mais quero ver isso de novo.

Lucien agachou-se ao meu lado.

— Erebus matará você e qualquer um que estiver no caminho, se ele não conseguir. De alguma forma, precisamos encontrar uma maneira de destruí-lo antes que ele possa usá-lo e libertar os outros seis demônios do Inferno.

— Não pode ser destruído — eu disse.

Henry deu um passo à frente.

— Achamos que encontramos uma maneira, usando o poder das Auras combinado com nossa magia. Todo esse poder antigo usados em conjunto pode ser a solução. Mas precisamos agir rapidamente.

— Auras? — Meu olhar baixou para Llona, quando me lembrei de Lucien dizendo a Reina sobre ela. Então me lembrei da Lucent Academy. Minha cabeça caiu em minhas mãos e eu sussurrei: — O que eu fiz?

Mais pessoas se machucariam por causa de algo que eu fiz. A sensação de mal estar no meu estômago se transformou em uma tempestade completa. Abaixei minhas mãos e as pressionei no meu estômago.

Llona continuou falando.

— Minha melhor amiga foi levada e interrogada, mais como torturada, para encontrar esse colar. Eles pensaram que as Auras estavam escondendo-o. Lucien e Henry salvaram May, então em troca, me ofereci para ajudá-los a encontrá-lo, mas também precisava encontrar o colar para tirar o DSRD das costas da Lucent Academy. Eles estão tentando forçar o caminho para a escola para procurá-lo, não importa quantas vezes tenhamos dito a eles que não o temos. De fato, Liam quase morreu tentando para mantê-los fora do recinto da escola. Não sei por que eles são tão insis...

— Eu sei — eu soltei, incapaz de segurar a culpa por mais tempo. Eu respirei uma respiração instável.

Ninguém disse nada pelo que pareceu uma eternidade. O silêncio na sala foi um peso no meu peito, esmagador e doloroso. Liam deu um passo ao lado de Henry, com os olhos cheios de fogo.

— Sinto muito — eu disse. — Eu não tinha idéia de que colocaria as Auras em perigo. Tudo o que eu queria era um lugar seguro para escondê-lo. Lembrei-me de Charlie falando sobre as Auras e seu grande poder, então fiz uma série de pesquisas e descobri que eles realmente têm os mais antigos, o poder mais puro da Terra. Imaginei que seria a única coisa para mascarar o mal do colar.

— As pessoas foram baleadas protegendo um segredo que elas não sabiam que estavam protegendo — Liam rosnou e seus músculos ondularam em seu peito nu. — Por que você não contou a alguém?

Esfreguei meu rosto, me arrependo de me comer.

— Pensei que, ao não contar a ninguém, estava mantendo-os fora de perigo potencial.

Liam enrolou os dedos em punhos.

— Você pensou errado.

Lucien se endireitou e se moveu entre Liam e eu.

— Ela não quis mal.

— Pare! — Eu pedi e, apesar de não sentir vontade, me levantei. — Eu estraguei tudo! Depois que matei Charlie — eu suspirei, minha respiração prendendo a memória, — eu estava no piloto automático. Admito que não pensei em muitas das minhas decisões, mas vou consertar. Eu juro.

Llona levantou-se para me encontrar ao nível dos olhos.

— Eu vou te ajudar. Então, onde está esse colar escondido?

— Em uma torre do relógio no campus. Entrei uma noite e encontrei uma pedra solta.

Llona olhou para Liam como se eles estivessem se comunicando silenciosamente.

— Mas não toque! — Eu disse rapidamente. — É extremamente perigoso. Aceitarei toda a responsabilidade e cuidarei disso o mais rápido possível.

— Nós cuidaremos disso — disse Lucien, enfatizando a palavra 'nós'.

Eu tive dificuldade em encontrar seu olhar. Eu não o mereço. Tudo o que eu tinha feito...

— Depois de recuperar o colar, o que faremos? — Liam perguntou. Llona se afastara e estava se apoiando nele, quase como se precisasse do apoio. Liam abaixou a mão e passou os dedos pelos dela.

— Nós o destruímos — Henry disse simplesmente. — Em algum lugar seguro, é claro. Ele não precisa estar no campus da Lucent, mas precisamos fazer isso rapidamente depois que for removido. Erebus sentirá seu movimento.

— Temos certeza de que isso vai funcionar? — Lucien perguntou.

Henry fez uma careta.

— Não tenho certeza de nada, mas não temos outras opções. Deixei o Dr. Han pesquisando os pergaminhos antigos. Talvez ele tenha encontrado algo que ajude. — Ele olhou para a janela. Eu segui o seu olhar. O sol estava começando a se pôr. Vermelhos e laranjas sangravam no topo das árvores ao redor da casa. Eu não via nada além deles.

— Tire um tempo. Descanse, se precisar — disse Henry. — Então venha para Wildemoor. Estou indo agora para me preparar.

Antes que alguém pudesse comentar, ele desapareceu.

— Truque legal — Llona respirou.

— Como você está se sentindo? — Liam perguntou a ela. Ele passou a mão pelo estômago dela. — Isso dói?

— Estou bem agora, realmente. E você? — Ela estendeu a mão e alisou os cabelos dele para trás. Um pouco de sangue escorreu pelo curativo na testa.

Eu desviei o olhar, mas fiquei um pouco surpresa quando percebi que Lucien tinha vindo silenciosamente ao meu lado.

— Você deveria descansar — disse ele, com a voz baixa.

Eu balancei a cabeça e engoli em seco, meu coração disparado. Tinha me esquecido o quanto a presença dele me afetava. Eu dei alguns passos para longe dele, mas o espaço crescente entre nós me deixou fria. Eu olhei de volta para ele. Ele me observou intensamente. Sem motivos. Sem engano. Apenas amor.

Eu estendi minha mão para ele. Ele olhou para ela, respirou fundo, depois segurou, seus dedos se curvando ao redor dos meus protetoramente. Minha carne formigou e queimou nos lugares certos. Como eu tinha sobrevivido tanto tempo sem o toque dele? Puxei-o pelo corredor e para o quarto, deixando Liam e Llona sozinhos.

Assim que cruzamos o limiar, ele fechou a porta enquanto eu caminhava para a janela cheia da última luz do sol. Aqueceu minha pele. Lucien veio atrás de mim, tão perto que nossos corpos se tocaram. Fechei os olhos e coloquei a cabeça no ombro dele, minha respiração diminuindo a um ritmo que não fazia há algum tempo. A dor dentro de mim ainda era crua, especialmente quando pensava em Charlie, mas a dor não era tão incapacitante. Talvez tenha passado

um tempo suficiente para eu me curar, ou talvez a Luz de Llona tenha ajudado o suficiente para compensar a diferença.

Qualquer que fosse a causa, tive que parar de pensar em mim e me concentrar em Lucien. Eu sei que o machuquei. Não importava se não era intencional.

Eu me virei para encará-lo.

— Eu sei que te machuquei, e quero compensar você. Começando agora.

Eu levantei na ponta dos pés e pressionei meus lábios nos dele. Gentil no começo, para testar minhas emoções. Eu não queria mais ter lampejos de machucar Lucien. Eu esperava que eles nunca mais viessem.

Os lábios de Lucien estavam hesitantes contra os meus, como se estivesse com medo de me quebrar. Coloquei minha língua em sua boca e gemi.

— Quero você, Lucien. Não se contenha.

Suas mãos se apertaram em mim, e ele empurrou meus quadris em seu membro já rígido. Eu ofeguei com a sensação repentina disso.

— Você me deixou — ele rosnou.

— Eu fiz. — Não tentei explicar novamente o porquê. Não tiraria sua dor.

Antes que meu coração pudesse soar sua próxima batida, Lucien me colocou contra a parede, minhas mãos presas bem acima da minha cabeça. Ele arrastou o nariz pelo meu pescoço, inspirando profundamente. — A cada segundo de cada dia, eu pensava em você. O que eu faria se pudesse vê-lo novamente. — Ele puxou meu lóbulo da orelha em sua boca.

— O que você queria fazer? — Eu perguntei, sem fôlego. Eu podia me sentir desfazendo sob seu toque. Fazia tanto tempo desde que senti isso. Eu pressionei sua perna, querendo me esfregar contra ela.

Ele agarrou meus quadris e me pressionou contra a parede, longe dele. Eu olhei para cima. Minhas mãos ainda estavam presas acima da minha cabeça, mantidas ali por magia. Baixei meu olhar para o dele. O olhar intenso e ardente em seus olhos me disse o que ele precisava. Ele precisava se sentir no controle, algo que eu não o tinha dado quando saí.

— Responda-me — eu sussurrei. — O que você queria fazer?

Ele pressionou sua testa na minha, seu peito arfando. Ele ainda estava se segurando por minha causa. Com medo de que ele pudesse avançar rápido.

Olhando diretamente em seus olhos, eu disse com força em minha voz: — Mostre-me o que você queria fazer. Meu corpo é seu. Quero sentir tudo o que você sentiu quando saí.

Ele procurou meus olhos, o ar soprava de seu nariz, os dedos cavando meus quadris. Ele afastou os lábios dos meus até os cabelos até compartilharmos o mesmo fôlego.

— Você me deixou querendo, e eu vou fazer você sentir cada pedaço desse tipo de agonia.

Com sua boca tão perto, a respiração aquecida e palavras apaixonadas, eu não pude deixar de me mover para beijá-lo, mas ele se afastou.

— Você não pode me tocar a menos que eu diga.

Engoli em seco e respirei fundo. Eu ainda não tinha visto esse lado dele, com fome, exigente, controlador. O calor floresceu no meu abdômen e se espalhou direto entre as minhas pernas.

— Você quis dizer o que disse? — Ele perguntou, seu olhar baixando para as ondas dos meus seios, mal saindo do meu vestido. — Seu corpo é meu?

— Sempre. Use como quiser.

Em um movimento fluido, ele arrancou o vestido do meu corpo, deixando-me ofegando por ar apenas no meu sutiã e calcinha sem alças. Seu aperto mágico nas minhas mãos acima de mim aumentou. Ele deu um passo para trás e me

pegou, bebendo-me com os olhos como se eu fosse um bem precioso. O azul de seus olhos brilhou e uma onda de poder encheu a sala.

Um segundo depois, meu sutiã soltou e caiu no chão por uma mão invisível. Meus mamilos endureceram sob seu olhar faminto. Eu daria qualquer coisa naquele momento para sentir seus lábios, seus dedos em mim, mas permaneci em silêncio, determinado a deixar Lucien fazer o que ele queria.

Minha calcinha caiu a seguir, deslizando lentamente pelos meus quadris, minhas coxas e até os pés. Lucien assistiu o movimento, a protuberância nas calças contra o jeans.

Eu estava completamente exposta e vulnerável pressionada contra a parede completamente nua, mas não teria isso de outra maneira.

Depois de um longo momento, ele finalmente se aproximou de mim. Sua mão veio e segurou meu peito, seu polegar acariciando meu mamilo. Eu gemia, mas a mão dele cobriu meus lábios.

— Mantenha o silêncio.

Por mais difícil que fosse, eu obedeci.

Seu outro polegar deslizou na minha boca, e eu chupei com força, nunca quebrando o contato visual com seu olhar

aquecido. Ele abaixou a mão do meu peito e deslizou para o meu lado, deixando um rastro de fogo contra a minha pele.

Seus olhos caíram entre nós.

— Eu quero ver o quanto você me quer. — Sua mão deslizou entre as minhas pernas e ele gemeu. — Você é tão quente e molhada.

Meu corpo tremia e os nervos zumbiam. Eu queria me contorcer de prazer, moer contra a palma da mão, mas permaneci quieta apesar de todo desejo no corpo.

— Por favor — eu choraminguei em torno de seu polegar ainda na minha boca.

Ele massageou meu monte em círculos lentos e deliberados e arrastou o polegar molhado para longe da minha boca e do meu mamilo. Ele beliscou com força.

— Eu disse que não fale.

Eu gritei e lambi meus lábios. Seus olhos acompanharam o movimento. Pensei que ele ia me beijar, mas ele deu um passo para trás novamente, me deixando com frio e sem fôlego.

— Eu acho que você está gostando muito disso.

Ele continuou se afastando de mim e, no entanto, eu ainda podia sentir seu toque. *Lá embaixo.* Acariciando, rodopiando e depois mergulhando dentro com dedos invisíveis. De novo é de novo.

Eu mordi tentando não me mexer, não fazer barulho. Meu corpo inteiro tremeu de tanto esforço.

— Você parece que está sofrendo, Eve — disse ele, sua voz profunda e rouca. — Você está sofrendo?

Eu assenti rapidamente.

— Bom. — Ele rasgou a camisa, revelando músculos grossos no peito, braços e estômago. Suas calças vieram a seguir e sua grande ereção se libertou. Lambi meus lábios novamente, ainda tentando não reagir à maneira como seu toque mental ainda acariciava, enrolava e esfregava entre minhas pernas.

Uma vez que ele estava completamente nu, eu esperava que ele viesse até mim, mas ele caiu de costas na cama e colocou os braços dobrados atrás da cabeça. Ele fechou os olhos.

Eu quase explodi em lágrimas, cada extremidade nervosa queimando com o calor. — Lucien! O que está...

— Shhhhh. Estou tentando tirar uma soneca.

Eu queria explodir. Grito. Gritar. Como se ele pudesse sentir minha frustração, o movimento entre minhas pernas se tornou mais vigoroso. Mergulhando profundamente dentro de mim, me esticando, depois deslizando de volta para circular meu clitóris.

A tensão cresceu dentro de mim e minha respiração acelerou. Fechei os olhos. Eu estava tão perto...

Sem aviso, tudo parou, deixando meu corpo em chamas e meu corpo zumbindo de desejo. Minhas pernas estavam tão fracas que eu teria caído no chão se minhas mãos não estivessem presas à parede.

Abri os olhos, meu coração batendo forte contra a caixa torácica.

Lucien estava me olhando com um olho aberto e sorrindo.

— Você ficou querendo?

— Sim — eu ofeguei.

— Perfeito. — Ele fechou os olhos novamente. — Não se esqueça de ficar quieta e ficar parada.

Abri minha boca para perguntar se ele iria me libertar, quando seu toque mental me bombardeou novamente. Desta vez adicionando meus seios à tortura dele. Joguei a cabeça para trás quando seus dedos incorpóreos me reivindicaram novamente. Eu até senti uma língua em um ponto invadindo meu corpo. E mais uma vez, pouco antes que eu pudesse cair do outro lado, Lucien parou.

Isso continuou por algum tempo, ele me aproximando, apenas para parar de me agradar antes que eu pudesse

gozar completamente. Minha angústia foi agravada por não ser capaz de responder ao seu tormento alucinante.

Quando sua excitação mental mais recente terminou, eu inclinei minha cabeça para frente, respirando com dificuldade. Eu não sabia o quanto mais eu poderia suportar.

— Eve.

Eu olhei para cima, encontrando o olhar aquecido de Lucien bem na minha frente. Seu domínio sobre meus pulsos desapareceu e eu caí em seu peito duro. Ele me pegou e me levou para a cama. Ele foi gentil quando me deitou e rastejou entre minhas pernas.

Olhando para mim com uma expressão de dor, ele disse: - Por favor, nunca mais me deixe. Você é a única coisa neste mundo que me satisfaz.

Eu pressionei minha palma na bochecha dele, meus olhos lacrimejando.

— Agora eu entendi. E juro que nunca mais deixarei seu lado.

Sua sobrancelha franzida relaxou e ele sorriu.

— Bom. Agora que tal finalmente terminarmos o que eu comecei?

Eu praticamente gritei de alegria.

Ele riu e mergulhou seu membro dentro de mim, empurrando com força e rapidez, seus olhos nunca deixando os meus. Eu podia sentir que sua necessidade era tão grande quanto a minha e me agarrei às suas costas, meus dedos cravando em sua carne.

Quando senti que ele estava tão perto quanto eu, virei minha cabeça e expus meu pescoço a ele.

— Faça. Por favor.

Ele não hesitou. As presas cresceram muito tempo em sua boca, e ele perfurou minha pele, gemendo quando meu sangue fluiu para ele. A sensação acendeu meu prazer em uma tempestade de êxtase total. A terra inclinou-se e o quarto girou com cores que eu não reconheci. Eu não conseguia pensar, não conseguia respirar, apenas sentia seu toque em todos os lugares dentro e dentro de mim.

Nós entramos em erupção juntos. Caiu junto. Sempre juntos.

MAIS TARDE, ficamos na cama, minha cabeça descansando contra seu peito nu enquanto ele acariciava meu cabelo. Deslizei minha mão para frente e para trás através de seus músculos, pensando em tudo o que tinha acontecido. Fazer amor com Lucien me ajudou a esquecer

temporariamente minhas ações passadas. Se eu sentisse que tínhamos tempo suficiente, eu faria amor com ele novamente só para esquecer.

Mas nós não tínhamos tempo.

Ainda havia muita dor dentro de mim, uma escuridão que sempre estava lá. Os meus pareciam os de Llona? Estava sempre procurando em minha mente, procurando luz para destruir? Eu tinha que ser forte. Eu precisava encontrar uma maneira de superar minha dor e tristeza, especialmente por causa de Lucien.

— Você sentirá falta da sua vida como Reina? — Ele perguntou. Sua voz tinha uma nota de arrependimento.

Eu olhei para ele, descansando meu queixo em seu peito.

— A vida dela não era real. Foi tudo fabricado.

— Mas você estava feliz. Eu senti.

Desviei o olhar e mastiguei o interior da minha bochecha.

— Eu gostava de fingir que estava. Sempre havia essa dor dentro de mim, um buraco gigante que eu não conseguia explicar. Houve muitas noites em que chorei até dormir. — Eu respirei fundo, enquanto ele passava as pontas dos dedos pelas minhas costas nuas.

— Eu cometi um erro, Lucien — continuei olhando para ele. — Pensei que escapando da minha vida, eu poderia de alguma forma curar minhas feridas, mas elas apenas apodreceram e se tornaram algo sombrio e feio. O tempo todo eu queria protegê-lo da minha dor, mas ainda assim encontrava um caminho para a sua vida. Eu sinto tanto por tudo que eu te fiz passar.

Ele olhou para o teto, o cotovelo dobrado e a mão apoiada atrás da cabeça.

— Você precisava de tempo.

— Sim, eu precisava, mas veio com um preço. Olhe para mim, por favor. — Seu olhar baixou para o meu. — Eu prometo a você, desde que eu possa respirar, eu sou sua completamente.

— Você estava com Bo. — As palavras não eram acusatórias, mas ainda assim sofriam dor.

Eu sorri e me sentei, montando minhas pernas em cada lado dele. Eu olhei para ele, meu cabelo caindo para os lados do meu rosto.

— Eu nunca estive com ele, não do jeito que você está pensando. Ele queria, mas eu nunca pude fazê-lo. Acho que uma parte de mim sabia que eu pertencia a você. O toque dele nunca pareceu certo.

— De verdade? — Sua voz ficou mais leve.

Abaixei meu rosto para o dele.

— De verdade.

Ele levantou a cabeça e me beijou. Seu braço passou pelas minhas costas e me virou para que ele estivesse em cima de mim. Foi sua vez de olhar para mim, seus olhos brilhando intensamente.

— Eu amo você, Eve Segur. E quando tudo acabar, eu quero te dar uma coisa. Algo que eu queria te dar antes... — Ele fechou os olhos brevemente e os abriu novamente. — Não importa. Logo.

— Estou ansiosa por isso.

Ele se abaixou e me beijou profundamente. Apreciei a proximidade novamente, sabendo o quão precioso era esse tempo.

Estávamos prestes a enfrentar um poderoso diabo do inferno. Cada segundo contava.

CAPÍTULO 2

Eu olhei por cima do ombro pela centésima vez. O aeroporto estava cheio de pessoas correndo em direções diferentes, e isso me fez sentir desconfortável e exposta. Qualquer um deles poderia estar trabalhando para Erebus.

Lucien deu um aperto tranquilizador na minha mão. Havíamos pousado trinta minutos atrás e estávamos esperando enquanto Liam alugava um carro. Llona estava no balcão com ele, seus corpos próximos. Quando me levantei cedo, Llona e Liam já estavam vestidos, mas notei que eles dormiram na mesma cama.

Aqueceu meu coração saber que eles eram felizes juntos, mas ao mesmo tempo eu me preocupei com eles. Como nós, eles teriam que lidar com certas dificuldades que de outra forma não teríamos se fôssemos humanos normais. As espécies sobrenaturais frequentemente lutavam entre si. Nossas vidas pareciam estar sempre em perigo. Um dia Llona pode perder Liam. E um dia, eu poderia perder Lucien.

Eu passei meus braços firmemente ao redor dele, surpreendendo-o. Ele me abraçou de volta.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça contra seu peito.

Liam e Llona voltaram alguns minutos depois.

— Tudo pronto — disse Liam. — Devemos chegar à Lucent Academy dentro de algumas horas.

— É tão estranho viajar assim — eu disse. Desde que minha memória voltou, o mesmo aconteceu com o conhecimento de todas as minhas habilidades. Fiquei satisfeita em lembrar que, como Henry, eu era capaz de se teletransportar entre locais.

— Mas é mais seguro — Lucien me lembrou. — Não sabemos ao certo se Erebus pode rastrear atividades sobrenaturais. Com o teletransporte, e possivelmente até o modo como Liam e eu viajamos, ele pode sentir nossa pegada mágica.

— Vamos — disse Llona, puxando Liam. — Mal posso esperar para ver todo mundo.

O corpo inteiro de Liam ficou rígido.

— *Ele* estará lá?

Llona olhou para baixo e pegou os dedos.

— Eu não sei.

— Quem? — Eu perguntei, me perguntando por que os dois humores de repente haviam escurecido.

— Lembra daquele garoto de quem eu falei, o que eu namorei? — Llona perguntou ne.

Lembrei-me do que Llona havia dito a Reina. Então, veio para mim. Ela namorou um garoto no ensino médio,

realmente o amara mesmo, mas algo ruim havia acontecido. Llona nunca me disse o que.

— Christian, certo?

Ela assentiu.

— Ele era meu guardião.

— Vamos. — Liam andou à nossa frente, profundamente pensativo.

Lucien e eu trocamos um olhar antes de segui-los. Era bom saber que não éramos os únicos com um relacionamento desafiador, de certa forma. Desde que Llona me ajudou, talvez houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-la.

Não falamos muito enquanto viajávamos para a escola Aura. Llona e Liam estavam perdidos em seus próprios pensamentos, provavelmente nervosos por enfrentar seu passado com Christian. Também não falei muito, pois estava com medo de ver o colar amaldiçoado novamente.

A Lucent Academy parecia diferente à luz, mais grandiosa, como uma propriedade rica do século XIX. A última vez que vim aqui, estava escuro, sem lua cheia para me dar luz. Foi mais difícil do que eu esperava entrar no campus. O local estava rodeado por um sistema de segurança mágico, além de um sistema real. Várias câmeras foram colocadas no topo de uma grande muralha, além de

muitos guardiões que patrulhavam o exterior da escola. Levou muito da minha própria magia e furtividade apenas para esgueirar-se.

— É tão bonito aqui — disse a Llona. O céu estava limpo e o sol da tarde banhava as árvores ao redor com um brilho quente e doce. O campus consistia em vários edifícios; o Mayr deles tinha duas asas estendendo-se de um centro alto de tijolos, com colunas brancas viajando do telhado ao chão. Escritas em letras douradas sobre grandes portas brancas estavam as palavras: Chadni Hall.

Llona olhou pela janela, como se também estivesse admirando a beleza de Lucent. Liam estacionou ao lado de uma grande entrada circular.

— Eu costumava odiar isso aqui, mas agora não há outro lugar que eu chamo de lar — disse ela. Assim que o carro parou, ela saltou. — Eu vou conversar com vocês em breve! — Ela correu para dentro das portas da frente.

Liam riu quando ele saiu do carro.

— Você fica aqui também? — Lucien perguntou quando ele contornou o veículo.

— Não, mas eu visito com frequência. Existem quartos no porão onde eu posso ficar longe de todas as meninas. Elas podem ser esmagadoras às vezes.

Ao longe, vi a torre alta do relógio posicionada no centro da academia. Meu pulso disparou. Eu não pude evitar. O pensamento de tocar naquele colar novamente me deixou doente.

— Você está pálida — disse Lucien. — Você está se sentindo bem?

Eu cruzei os braços no meu peito.

— Podemos entrar?

— Por aqui — disse Liam. — Vou levá-los pela entrada dos fundos, longe das multidões. As aulas serão divulgadas em breve.

Seguimos Liam pelos fundos do Chadni Hall.

— Este edifício é onde moram os Auras, mas no primeiro andar eles têm salas de aula — disse ele. — Ali fica Denelle Hall e Risen Auditorium.

— E o novo edifício lá atrás? — Lucien perguntou.

Eu segui o seu olhar. Perto da parede dos fundos, um alto edifício cinza acabara de ser construído. Ainda havia dois trabalhadores terminando o telhado.

— É onde os Lizens moram.

— Lizens? — Eu perguntei.

— Eles são uma espécie sobrenatural rara. Eles trabalham para o Auras e são um povo incrível.

Nos fundos do prédio, Liam desceu alguns degraus de concreto e abriu uma grande porta de metal. O interior praticamente parecia uma cena da idade das trevas. As paredes eram todas de pedra e sangravam no chão irregular. Algumas luzes espaçadas desigualmente pelo teto mal iluminavam o espaço estreito.

— Isso é assustador — eu disse.

— Eu gosto — acrescentou Lucien, mas ele parecia não ter consciência de ter pronunciado as palavras em voz alta.

Liam parou na frente de uma porta fechada.

— Este é o meu quarto quando eu fico aqui. É muito melhor por dentro do que por aqui. Há mais alguns quartos no final do corredor. Você pode ficar o tempo que quiser, ou tenho certeza que Llona pode encontrar melhores acomodações no andar de cima.

— O que há por esse caminho? — Eu perguntei. O corredor se ramificou e parecia ainda mais escuro do que o que eu estava parado.

Sua expressão escureceu.

— É onde mantemos um prisioneiro ocasional. — Ele apontou para a frente. - Se você seguir isso, encontrará uma escada em espiral subindo, que leva ao escritório do Dr. Han no quarto andar. Henry pode estar lá. Caso contrário, eles

estarão no porão de Denelle Hall, onde estão os registros. Vou descansar um pouco aqui.

— Você está bem? — Eu perguntei a ele.

— Eu vou ficar bem. — Ele abriu a porta do seu quarto. — Este lugar guarda muitas lembranças. Nem todas são agradáveis. Às vezes, só preciso de um momento para me reagrupar.

— Eu entendo. Melhor que a maioria — eu disse, meus olhos piscando para os de Lucien. — Se virmos Llona, contaremos a ela onde você está.

— Ela saberá — ele disse. — Vejo você em breve. — Ele entrou e fechou a porta.

— Vamos lá — Lucien disse e me puxou, sua mão segurando a minha.

— Eu me sinto tão mal por ele — eu disse quando estávamos fora do alcance do ouvido do quarto dele. Chegamos ao pé da escada de metal e subimos.

— Ele ficará bem. — Ele fez uma pausa. — Isso deve ser algum tipo de entrada dos fundos. Parece privado.

A luz estava mais fraca aqui, mas quando olhei para cima, mal podia ver que o topo da escada terminava diretamente em uma parede.

— Eu acho que você está certo.

Quando chegamos ao topo, Lucien e eu procuramos uma maneira de abrir a parede. Havia um contorno claro de uma porta, mas nenhuma maçaneta.

— Entendi — ele disse, apertando um botão na parede na altura da cintura.

Uma porta se abriu lentamente, revelando uma sala gigante repleta de estantes de livros e uma grande mesa do outro lado. As paredes eram de um marrom pálido dividido por ornamentos de madeira. Dois homens sentados nas cadeiras rainha Anne se viraram. Um deles era Henry. O outro era um chinês mais velho, com uma longa barba branca e os cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Você demorou mais do que eu esperava — disse Henry.

— Precisávamos de mais tempo — Lucien explicou, passando por mim na sala em direção ao Dr. Han. Ele se curvou um pouco. — Você deve ser o Dr. Han. Ouvi muitas coisas boas. Estou honrado em conhecê-lo.

Dr. Han levantou-se da cadeira.

— Sou eu quem está honrado. Charlie falou com muito carinho de você, embora não a princípio, é claro. — Ele riu para si mesmo. — Ele o respeitava como um irmão.

Lucien se endireitou e desviou o olhar.

— Charlie era um homem maravilhoso — continuou o Dr. Han. — Sua morte foi difícil para mim, para todos nós. — Ele colocou a mão no braço de Lucien. — Ele ficaria orgulhoso de quem você se tornou.

Os olhos do Dr. Han brilharam nos meus.

— E você deve ser Eve. Charlie falou de você também.

Respirei fundo. Até agora, tomei o cuidado de manter minhas memórias afastadas, apenas me permitindo pequenos goles do passado, mas à menção do nome de Charlie, eles vieram rápido: o momento em que Charlie me desenterrou depois que meus pais me enterraram viva, nossas lições onde ele me ensinou a lutar, e todas as vezes que ele me fez rir. Ele deu vida a todos ao seu redor... até que eu a levei.

Eu tropecei para trás, meu coração doendo. Eu me peguei na mesa.

— Eve? — Lucien perguntou, aparecendo ao meu lado.

Inspirei profundamente e me forcei a ficar de pé.

— Eu estou bem. Eu só queria poder vê-lo novamente.

O Dr. Han se aproximou de mim, um sorriso gentil que alcançou seus olhos.

— Você irá.

— O que? — Eu perguntei.

— Está vida não é o fim, Eve. O espírito de Charlie continua vivo.

— Mas ele morreu — eu resmunguei. — Eu o matei.

— Somente o corpo dele. Sua alma existe em outra dimensão, onde eu tenho certeza que ele está feliz e em paz, provavelmente com sua linda noiva que também foi tirada desta Terra muito cedo.

Meus olhos estavam borrados. Eu não tinha certeza se acreditava, mas era reconfortante pensar que Charlie ainda vivia e era feliz.

— Veja, Lucien — Henry disse, mudando de posição em sua cadeira. — Há mais nesta vida, mais em você do que você jamais poderia imaginar, como eu tenho certeza que você descobriu recentemente. — Henry voltou sua atenção para o Dr. Han. — Lucien acabou de descobrir isso, quando finalmente soltou suas dúvidas e medo de recuperar a memória de Eve. Foi um feitiço poderoso que exigiu toda a força de Gênesis.

Dr. Han acenou com a cabeça conscientemente.

— Não fale de mim como se eu não estivesse na sala — disse Lucien, claramente irritado com a conversa. Ele atravessou a sala para se sentar em frente a Henry. Eu o segui e me sentei em uma cadeira próxima, a culpa me

devorando. Suas dúvidas e medos foram por minha causa. Eu odiava ter feito isso com ele.

— Você descobriu algo que poderia nos ajudar? — Lucien perguntou, sua voz oscilando de raiva.

O Dr. Han caminhou atrás da mesa e abriu uma gaveta. Ele retirou uma pasta e a entregou a Lucien.

— Dentro estão cópias do pergaminho que mencionam a destruição do espelho.

Ele abriu rapidamente, escaneando os poucos papéis dentro dele antes de entregá-la para mim. Eu segurei a pasta no meu colo para que eles não notassem minhas mãos trêmulas. Desde que mencionaram esse espelho, a fonte original do poder do colar, fiquei com medo dele. Eu sabia o mal que o colar continha. Não queria imaginar que perigos o espelho continha.

O joelho de Lucien tocou o meu como se ele pudesse sentir minha súbita ansiedade.

— Não me importo em destruir o espelho — disse ele. — Precisamos nos livrar do colar.

Abri a pasta e fiquei boquiaberta com a imagem olhando para mim. Era um desenho de sete demônios, com pelo menos três metros de altura, seus corpos musculosos e maciços. Grandes chifres negros como a noite se projetavam de suas testas. Eles estavam em uma enorme pilha de

corpos humanos machucados e quebrados, facas e espadas nas mãos. As pessoas abaixo deles estavam vivas com os olhos e a boca aberta. Um calafrio percorreu minha espinha. Eu rapidamente virei a página.

— Isso seria ótimo, mas não tenho certeza de que seja possível — respondeu Han. — Os pergaminhos mencionam apenas a destruição de todo o espelho, não uma parte dele.

A próxima foto era menor. Mostrava um espelho de corpo inteiro com uma moldura de madeira esculpida à mão representando as cabeças dos animais, especificamente os predadores. A moldura parecia estranhamente semelhante a cabeceira da cama que Boaz mantinha no meu quarto. Também tive que virar esta página rapidamente. A próxima parte do pergaminho estava em palavras que eu não conseguia entender.

— Mas isso não significa que não possa ser feito — disse Lucien, suas palavras ficando mais altas. — Combinado com a luz Aura, podemos destruí-lo.

Meu coração bateu mais rápido, e o suor quebrou na minha testa. A sala estava ficando menor? Olhei em direção à porta fechada.

— E vamos tentar, Lucien — disse Henry. — Mas precisamos nos preparar para o caso de fracassar. Tenho uma forte sensação de que, assim que começarmos a brincar

com o colar, o Erebus sentirá isso. Precisamos ter contramedidas.

Eu pulei de pé, precisando desesperadamente de ar fresco.

— Eu preciso ir.

Voltei para a porta principal, não a secreta. O último lugar que eu queria ir era voltar para a masmorra.

Os olhos de Lucien se encheram de preocupação.

— Você quer que eu vá com você?

Eu balancei minha cabeça.

— Faça anotações. Conte-me mais tarde.

Sua mandíbula flexionou, mas ele assentiu.

Eu rapidamente saí pela porta e ofeguei por ar, minhas mãos baixando até os joelhos. Isso foi tão idiota. Eu tive que superar isso. Provavelmente demorou apenas algumas horas para eu recuperar o colar, mas o pensamento de tocá-lo me fez querer vomitar. Era um sinal de todas as coisas terríveis que Alarica tinha feito, coisas que eu queria desesperadamente esquecer.

Depois de um minuto, meu pulso diminuiu e eu olhei em volta. Eu estava em algum tipo de andar administrativo com escritórios ao meu redor. Passei correndo por eles para evitar as poucas pessoas dentro deles, provavelmente os

professores, até encontrar um elevador. Pressionei o número um e senti um empurrão em resposta.

Quando as portas do elevador se abriram, eu recuei surpresa pelo número de garotas. Eram tantas! Eles estavam correndo pelo corredor, segurando livros no peito, conversando e rindo. A maioria deles era adolescente, os mais jovens pareciam ter doze anos. Havia alguns professores na mistura, incentivando as meninas a se apressarem para a próxima aula. Vários deles olharam para mim e sorriram. Alguns até disseram olá. Havia algo de especial nessas meninas, uma força e uma bondade que quase me deixaram sem fôlego.

Eu andei na direção oposta, evitando muitas delas, enquanto caminhava em direção ao que eu pensava que seria a saída. Não demorou muito para que os corredores começassem a limpar. Um sino, mais como um tilintar estranho, tocou. Era um som estranho para sinalizar o início de outra aula.

Ao virar uma esquina, parei. Llona estava perto das portas da frente, falando baixinho com um homem que parecia com a idade dela. Ele era incrivelmente bonito, com cabelos loiros e olhos azuis brilhantes. Não pude ouvir as palavras dela, mas pelos olhos suplicantes e pela mão

segurando a palma da mão dele, a conversa deles não era aquela que eu queria interromper.

Eu rapidamente sai da vista deles, mas onde eu ainda podia vê-los. Eu deveria ter me afastado, mas havia algo na conversa deles que chamou a minha atenção. Talvez tenha sido o modo como o rosto dele caiu, como se ela estivesse dizendo que alguém que ele amava havia morrido. Eu me perguntei se Lucien parecia assim quando eu o deixei. Uma dor encheu meu peito, e eu pressionei minha mão no meu coração, mordendo a parte interna do meu lábio.

Os olhos de Llona se encheram de lágrimas e derramaram em suas bochechas. O garoto de cabelos cor de areia - deve ser Christian, - estendeu as duas mãos e segurou o rosto de Llona. Ele procurou os olhos dela como se estivesse esperando ver alguma coisa. Ele abaixou a testa na dela e inspirou profundamente. Eles ficaram assim pelo que pareceu um longo tempo até que ele se endireitou inexplicavelmente e saiu pela porta da frente.

Os ombros de Llona tremeram e ela tropeçou na parede, onde deslizou no chão. Eu estava lá para confortá-la. Eu rapidamente passei meus braços em volta dela e a segurei com força.

— Vai ficar tudo bem — eu disse. — O que quer que tenha acontecido, eu prometo que você vai passar por isso.

— Eu murmurei palavras reconfortantes, fazendo o melhor que pude para fazer o que ela havia feito por mim. Mas então eu fiquei em silêncio e apenas a deixei chorar.

Finalmente ela se afastou e enxugou os olhos com as costas das mãos.

— Eu sabia que seria difícil, mas não esperava que doesse tanto.

— Posso perguntar o que aconteceu?

Ela olhou para a porta da frente fechada.

— Acabei de me despedir do primeiro garoto que amei. — Ela respirou fundo. — Eu o amava, realmente amava, mas tudo mudou. Christian mudou, não por culpa própria. Ele tentou lutar contra o veneno Vyken depois que ele foi mordido, mas não conseguiu vencê-lo. Ele foi cruel comigo. e para outras pessoas. Não sei dizer o quanto foi difícil vê-lo dessa maneira. Foi quando decidi encontrar uma cura. Deixei a Lucent em busca de um clã de bruxas que havia rumores de que a tinha. — Ela fez uma careta e levou as mãos aos braços, como se estivesse se protegendo de algo desagradável. — Para encurtar a história, quase morri lutando com essas bruxas, mas consegui garantir uma dose grande o suficiente para curar uma pessoa. Eu poderia ter dado a Liam ou a mim mesma, mas escolhi Christian. — Ela olhou para mim. — Isso estava errado?

— Você fez o que achou melhor — eu disse tranquilizadoramente.

— Talvez. — Ela enxugou os olhos novamente. — Durante essa luta contra o veneno, mudei ou realmente me tornei a pessoa que sou agora. Sou muito diferente da garota tímida do ensino médio que costumava ser quando conheci Christian. Além disso, conheci Liam. Meu coração pertence a ele agora, todo ele. Eu percebi isso quando estávamos em Rouen.

— Eu posso dizer que ele também te ama.

Ela assentiu.

— Eu só queria dizer adeus não ter que doer tanto.

— Llona? — Virei minha cabeça ao mesmo tempo que Llona. Uma garota com longos cabelos castanhos correu para ela. — O que está errado?

Llona se levantou do chão.

— Oh, May. Eu finalmente consegui. Deixei Christian ir para o bem.

May jogou os braços em torno de Llona e, enquanto elas falavam, eu silenciosamente saí para fora. Lembro-me de ouvir sobre May. Ela e Llona eram melhores amigas. Eu deixaria que eles tivessem seu tempo.

Eu vaguei pelo campus, pensando em Llona, Christian e Liam. Tenho certeza de que houve um tempo em que Llona

jamais poderia imaginar sua vida com alguém além de Christian. Eu já havia sentido o mesmo em relação a Boaz, a certa altura, mas essa tinha sido uma situação completamente diferente. Eu tinha Lucien agora. Eu sabia o momento em que tocamos que eu o queria na minha vida para sempre.

O sol estava começando a cair abaixo do horizonte, esticando as sombras das árvores através do amplo gramado. Havia mais Guardiões no topo do muro do que eu lembrava antes. Gostaria de saber se o número deles dobraria à noite. Ou talvez a segurança deles tivesse aumentado por causa da presença do colar. Por minha causa. Eu tinha colocado está escola e todos em risco.

Eu me encontrei na base da torre do relógio, meu coração batendo forte e palmas suando. Cautelosamente, estendi a mão e empurrei a porta de madeira na minha frente. Ele gemeu em resposta. Manchas de poeira no chão giravam no ar, dançando e girando na última luz do sol filtrando através de uma janela próxima.

Minhas pernas pareciam pesos de chumbo quando subi as escadas até o topo. Até a pressão no ar parecia aumentar quanto mais eu chegava ao colar. A fonte de seu poder era forte, muito mais forte do que qualquer pessoa poderia conter. Lucien estava empenhado em destruí-lo, mas não

era desta Terra. Eu tinha sérias dúvidas de que algo pudesse destruí-lo.

Parei a alguns passos do topo e quase me virei. Eu nem tinha certeza do que estava fazendo lá, exceto para provar que podia fazê-lo. *Melhor sozinho do que na frente dos outros.* Eu tive que provar para mim mesma que não tinha mais poder sobre mim. Eu disse isso em voz alta algumas vezes antes de subir as escadas restantes.

O piso superior estava vazio, exceto por uma camada de poeira no piso de madeira. Havia algumas pegadas, mas não eram frescas. Cheirava a poeira e algo muito mais potente - poder. Meus olhos foram atraídos para a terceira pedra do chão onde eu a escondera. Parecia exatamente como eu o deixei. Eu cheguei perto e estendi a mão. Minhas unhas arranharam a superfície áspera.

Eu estava prestes a remover a pedra quando o uivo penetrante de um lobo esfriou o ar. O ar pegou no meu peito e meu sangue ficou frio. *Impossível.*

Eu me levantei e corri para a janela. O uivo voltou, ecoando na pequena sala quase como se o lobo estivesse aqui perto de mim. Meu corpo inteiro começou a tremer. Agarrei o peitoril da janela para não cair no chão.

Espiei as sombras da floresta logo depois do muro. Os Guardiões estavam tensos e olhando em volta para encontrar a fonte.

O uivo assustador veio mais uma vez. Foi quando eu o vi, o lobo sobrenatural que nunca saiu do lado de Boaz - Hunwald.

CAPÍTULO 3

— *Lucien.*

Eu disse o nome dele, mas a palavra mal passou pelos meus lábios. Imaginei-o ainda sentado com Henry no escritório do Dr. Han. Eu precisava dele aqui antes de desmaiar. A presença de Hunwald havia sido repentina demais. Ele trouxe de volta imagens do passado que eu não conseguia desacelerar.

— Lucien — Desta vez estava mais alto, mas eu simplesmente não conseguia respirar para gritar.

— Luc...

— Estou aqui. — O braço dele veio ao meu redor.

— Hunwald. — Olhei para o lugar que acabara de ver o lobo, mas ele se foi.

— Eu sei. Eu o ouvi. Henry também.

As linhas em seu rosto eram tão afiadas quanto lâminas. Eles me lembraram como eu precisava estar ao lidar com seres como Hunwald. Meu medo anterior se transformou em raiva. Não importa para onde eu ia, esse lobo me encontrava.

— O que ele está fazendo aqui?

— Eu não sei, mas quero que você fique aqui. Henry e eu vamos lá. Levaremos Liam também.

A raiva zumbia em minhas veias.

— Eu estou indo com você.

O rosto dele doía.

— Você não está pronta.

— Eu não acho que poderia estar mais pronta. Quero esse lobo morto! — Todos tremiam, em parte pela repentina onda de lembranças e em parte por um ódio profundamente enraizado pelo lobo. Hunwald ajudou Boaz a me manter prisioneira e quase rasgou a garganta de Lucien. Ele era um monstro que precisava ser derrubado.

— Suas memórias — Lucien começou, sua voz gentil, — estão te afetando demais. Você precisa ser capaz de limpar sua mente e não deixar que emoções afetem suas habilidades no campo de batalha.

Abri minha boca para discutir, mas a luta ficou presa na minha garganta. Ele estava certo. As lembranças que eu já tinha experimentado haviam me paralisado temporariamente, e ainda havia mais para lembrar. E se eu estivesse lutando e algo me acontecesse com a mesma força paralisante? Qualquer hesitação poderia me custar a minha vida - ou pior, a de outra pessoa.

Ele me beijou na testa.

— Voltaremos em breve. Apenas fique aqui. Junte suas forças.

Eu assenti.

— Seja cuidadoso.

— Eu vou. — Ele pulou da janela, explodindo em fumaça antes de cair no chão. Inclinei-me pela janela para seguir seu caminho. Henry já estava lá fora, de pé no topo do muro, dois Guardiões de cada lado dele. Uma rajada de vento, com certeza Liam, passou por ele, ondulando a longa jaqueta preta de Henry, que pulou da parede, seguido pelos Guardiões ao lado dele. Em segundos, a floresta e a escuridão os engoliram.

Eu assisti por mais alguns minutos, esperando vislumbrar um deles, mas tudo estava quieto e imóvel. Eu me inclinei para longe, a preocupação se instalando profundamente dentro de mim. Eu deveria estar lá fora com eles. Eu era uma bruxa forte, possivelmente uma das mais fortes. Pelo menos, foi o que me disseram a vida inteira. Mas nos últimos dois anos, não me senti forte. Eu me virei em direção ao colar escondido. Seu poder pulsava por toda a pequena sala.

Mesmo que eu não usasse mais a joia amaldiçoada, ela ainda detinha algum tipo de poder sobre mim, impedindo-me de me tornar quem eu deveria ser. Foi a fonte de toda a minha dor e medos. Fui até o local onde o colar estava escondido atrás de uma camada de pedra e toquei-o suavemente.

— Você não me controla mais — eu sussurrei, depois estremeci. Não havia força em minhas palavras.

Recuei lentamente, percebendo que não poderia fazer isso sozinha. Eu precisava saber mais sobre este colar, de onde vinha seu poder. Talvez se eu entendesse, eu pudesse controlá-lo, ou a mim mesmo na presença dele.

Corri de volta para Chadni Hall. O saguão estava vazio, Llona e May foram embora, os corredores silenciosos. Voltei aos meus passos de volta ao escritório do Dr. Han e abri a porta. O Dr. Han sentou-se atrás de sua mesa escrevendo algo dentro do que parecia um diário.

— Desculpe incomodá-lo, mas preciso de ajuda.

Ele olhou para mim e abaixou a caneta.

— Entre.

Fechei a porta, meus pés arrastando-se contra o chão de madeira. Minhas pernas estavam fracas, praticamente tremendo dentro do meu jeans. Eu poderia fazer isso.

Ele me olhou pensativo.

— Sente-se, Eve.

Hesitante, abaixei-me em uma cadeira em frente a ele.

— Você está com medo. Por quê? — Ele perguntou.

— O colar — eu soltei. — Eu tenho medo do que fará comigo ou com os outros. Quero dizer, nunca voltarei a usá-lo, mas ainda é perigoso.

— Você não acredita que pode superar seu poder?

Eu ri alto. Eu não pretendia, mas simplesmente escapou.

— Você não acha que eu tentei? Eu daria qualquer coisa para não machucar Lucien ou matar Charlie!

O Dr. Han levantou-se e contornou a mesa. Ele puxou uma cadeira ao meu lado.

— Há um grande poder em você, mas você não aprendeu a explorá-lo. É uma força que vai além de tudo o que você já encontrou, incluindo o Gênesis, a mágica antiga que a maioria das bruxas sonha em obter em sua vida.

— Isso tem algo a ver com o que você estava dizendo sobre Charlie?

— Tem tudo a ver com isso. É um poder que se estende além do nosso reino. A esfera de vidro no colar foi feita a partir do espelho de Lúcifer, um espelho que pode transportar qualquer pessoa, para qualquer lugar. Nos meus muitos anos de existência, aprendi muito sobre diferentes períodos de tempo e espécies. Em quase todas as culturas, falam sobre uma Primeira mágica que criou tudo - espaço, mundos e até tempo. É um poder que não pode ser desligado e funciona continuamente.

— E você acha que esse espelho pode transportar alguém para essa Primeira mágica?

— Não exatamente. Acho que alguém com poder incrível poderia usar o colar como uma ponte para encontrá-la. Eles apenas precisam descobrir o caminho. Quando o fizerem, terão acesso ilimitado à magia que pode ser usada em todas as dimensões.

Recostei-me na cadeira, pensando seriamente. Foi isso que Alarica descobriu? Ela parecia tão certa de que poderia usar o poder do colar para mais.

— Por que você acha que eu posso fazer isso, mais do que qualquer outra pessoa?

— Porque você usou o colar. Em tudo o que pesquisei recentemente sobre o espelho de Lúcifer, aqueles que estavam ao redor frequentemente sentiam essa Primeira mágica. Seu poder sangra em todas as dimensões, agindo como um farol para os outros, embora poucos o encontrem. Eu acho que é por isso que os sete demônios continuaram usando o espelho de Lúcifer. Acho que eles estavam tentando encontrar essa fonte inesgotável de poder.

— Esse poder é mal?

Ele balançou sua cabeça.

— Simplesmente é. O descarte decide como será usado.

— Então o que eu faço?

— Isso, eu não tenho certeza. Comece com o colar. Entre dentro nele.

Não pude reprimir o arrepio que estourou na minha pele, mas ele continuou falando.

— Se você pudesse encontrar esse poder de alguma forma, nunca mais teria medo do colar ou de qualquer outra coisa. Mesmo a morte não seria algo a temer.

Engoli em volta do aperto crescente na minha garganta.

— Quando você falou de Charlie, você realmente acredita que eu posso vê-lo novamente?

— Se o momento for certo.

Meu peito se expandiu quando eu respirei fundo e soltei um suspiro.

— Gostaria de aprender mais, pesquisar um pouco disso por mim mesma.

— Seja minha convidada. Você encontrará tudo o que precisa no porão de Denelle Hall. Você sabe como chegar lá?

— Sei. — Eu fiquei de pé, minhas pernas já se sentindo mais fortes. — Obrigado pela ajuda. — Eu me virei para sair, mas parei: — Você me lembra alguém.

— Oh?

— Dr. Skinner em Wildemoor. Ele trabalha para o Deific.

Ele sorriu.

— Eu o conheço e falei com ele em muitas ocasiões. Obrigado pelo maravilhoso elogio.

Sorri e saí da sala, minha mente cambaleando com tudo o que o Dr. Han havia compartilhado.

Quando cheguei ao primeiro andar, estava lotado novamente, as aulas terminando. O ar cheirava a canela e pão fresco. Deve ser hora do jantar. Eu mantive minha cabeça baixa enquanto me esquivava das meninas até sair. Olhei para a parede, mas não vi sinal de Lucien e dos outros. Eu esperava que eles estivessem seguros.

O porão de Denelle Hall era mais agradável do que eu esperava, com espreguiçadeiras macias e fileiras de estantes de madeira de cerejeira. Fiquei feliz que não era como o de Chadni.

Encontrei a seção sobre história, especificamente a história da magia, e comecei a ler. Eu já sabia muito sobre isso, mas parte do que descobri sobre diferentes tipos de feitiços trouxe de volta lembranças da minha infância, especialmente aquelas que continham jasmim, a planta favorita da minha mãe. Eu odiava aquelas lembranças da crueldade dos meus pais, mas elas não me invocavam mais nenhum tipo de emoção dolorosa. Há muito que deixei esse trauma para trás.

Eu mudei para informações sobre magia negra. Havia um livro bem na frente, com um marcador dobrado em suas páginas. Eu peguei e virei para a página marcada. Tinha um desenho semelhante ao que eu tinha visto no escritório do Dr. Han, representando os Sete Demônios do Inferno. Henry deve ter lido este livro recentemente. Eu digitalizei o conteúdo. Falava sobre Erebus escapando do inferno. As fotos dele eram realmente assustadoras. Ele era uma criatura alta, quase dois metros do que eu poderia dizer. Ele tinha uma ótima grande em cima de ombros largos. Dois longos chifres pretos pendiam dos lados de sua cabeça. E seus olhos... estavam escuros como a noite, e mesmo que ele fosse simplesmente uma imagem em uma página, eu podia sentir seu poder.

Folheei várias páginas, parando quando me deparei com a seção que falava sobre Lúcifer destruindo o espelho, aquele portal mágico para outros mundos que Erebus estava abusando. Virei a página e ofeguei.

No centro da página havia um desenho de um poço de pedra. Disparando diretamente do centro havia um pilar de luz assustadoramente luminescente para o velho papel de pergaminho em que estava esboçado. Esta era a Primeira Mágica que o Dr. Han estava falando. Eu *sabia* disso. Escovei meus dedos pela superfície, meu coração batendo

mais rápido. Parecia familiar de alguma forma, como se eu já tivesse visto isso antes em um sonho.

— Eve?

Eu assustei e olhei. Llona estava parado na porta.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço.

— Eu não sei. Apenas tentando descobrir as coisas.

— A vida pode ser confusa, não pode?

— Infelizmente. — Eu atravessei o quarto para ela. — Como você está?

Ela encolheu os ombros.

— Eu vou ficar bem. É difícil, você sabe? Mas eu sei que tomei a decisão certa sobre Christian.

— Você já disse a Liam?

— Não. Ele saiu com Lucien antes que eu pudesse. Eu gostaria de ter tido tempo, no entanto. Ele provavelmente está lá fora, a raiva queimando através dele, o que não é uma coisa boa, sendo meio Vyken e tudo.

— Por que ele ficaria bravo?

Ela revirou os olhos.

— Ele não queria que eu falasse com Christian. Ele não acha que Christian merece alguma coisa de mim, mas eu tenho que lembrá-lo constantemente de que não posso culpar Christian por tudo. Foi veneno de um Vyken que o

transformou em o monstro que ele era. Ele não pôde evitar. — Ela olhou ao redor da sala. — Então, o que você está fazendo aqui embaixo?

— Só estou tentando aprender tudo o que posso sobre o colar.

— Há muitos livros para ler. Você precisa de ajuda?

— Não — eu disse. — Mas há algo que você pode me ajudar.

— Diga.

— Aquilo que você fez comigo quando transferiu sua Luz. Fiquei pensando se você poderia fazê-lo novamente.

Ela me tocou brevemente no braço.

— Você ainda está tendo dificuldades com suas memórias?

— Nada como isso. — Eu lutei para encontrar as palavras certas. — Eu preciso acessar o poder do colar. O Dr. Han me contou sobre usá-lo como uma ponte para encontrar a Primeira Mágica. Pensei que, como seu poder é o mais antigo que conheço, pode me ajudar a encontrá-la mais fácil.

Ela levantou as sobrancelhas como se não tivesse ideia do que eu estava falando.

— Não importa — eu disse, meu rosto ficando vermelho.

— Não, não. Eu posso fazer isso, mas não tenho certeza de como isso vai ajudar.

— Foi bobagem da minha parte...

— Vamos tentar. Vou te dar o que eu puder. — Ela estendeu as mãos. — Descanse suas mãos em cima das minhas e quando você sentir minha Luz, quero que você a siga enquanto ela passa por você. A teoria é que a luz sempre encontrará luz. Então, enquanto estou transferindo a minha para você, ela deve viajar através de você até que ele chegue a outra fonte. Você pode ter que guiá-la com sua magia.

— Vou tentar.

— Por enquanto, apenas feche os olhos e respire.

Eu fiz o que ela pediu. Inspirando e expirando, focando na maneira como o ar viajava através dos meus pulmões. Depois de alguns segundos, minhas mãos começaram a esquentar e formigar como colocar minha mão em um fogão quente, mas eu não estava me queimando. Antes que se tornasse dolorosa, a sensação parecia atravessar minha pele. O calor se espalhou pelas minhas mãos e pelos meus braços. Eu me concentrei bastante, abrindo minha consciência para manter um foco melhor.

No começo, não foi difícil, mas quando a luz chegou à minha mente, eu a perdi de vista. O espaço era grande demais e havia muita escuridão. Fortaleci minha

consciência, procurando a luz, mas havia muito o que peneirar. Eu gemi de frustração.

— Foco! — Llona sussurrou ferozmente.

Mudei de foco e imaginei que estava segurando uma vassoura. Eu varri mentalmente todas as distrações: Lucien, o colar, Erebus - qualquer coisa que me impedisse de ver a luz. Lentamente, minha mente começou a clarear. Foi quando eu vi. Uma gavinha pequena e brilhante. Eu empurrei minha consciência em direção a ela até que estava tão brilhante quanto o sol.

Finalmente, tendo um controle mental sobre a Luz de Llona novamente, continuei a seguir seu caminho, mas quanto mais fundo ele ia, mais eu tinha que confiar na mágica para segurá-la. Pensei em um feitiço rápido para me ajudar:

Pela lua e pelas estrelas que governam a noite, me dê forças, encontre a Primeira luz mágica.

O poder surgiu através de mim e eu pude continuar.

A luz se estendeu mais do que eu pensava ser possível. Eu nem pensei que estávamos mais na minha mente, mas em vez disso lá dentro... eu não conseguia encontrar as palavras certas para descrever onde eu pensava que estava. Embora o espaço tivesse escurecido, era tranquilo aqui e parecia interminável, ou realmente atemporal. Não como eu

me sentia na Terra. Esse pensamento me assustou, porque eu ainda estava claramente na Terra, mas onde estava minha consciência agora, não sentia pressa de tempo ou limites constrangidos.

Ao longe, vi uma bola de luz. Era pequena e parecia distante. A luz de Llona viajou em sua direção, ganhando velocidade como se sentisse sua semelhança. Comecei a perder o controle. Eu tinha ido tão fundo dentro de mim que nem minha magia poderia ir tão longe. Tentei me reconectar, mas encontrei minha consciência se esvaindo. Pouco antes de sair completamente, vislumbrei as duas luzes se conectando. Assim que eles se tocaram, um choque de magia intensa e extremamente poderosa disparou para fora. A força era tão forte que Llona e eu fomos jogados pela sala longe um do outro.

Eu gemi e lutei para me levantar. A sala ainda pulsava com uma energia antiga que, se aproveitada, poderia ter iluminado uma cidade inteira.

— Llona? Você está bem?

Ela rolou, uma risada irrompendo até que ela estava rindo alto.

— Você sentiu isso? Não foi a coisa mais legal de todos os tempos? Cara, que corrida!

Eu ri com ela.

— Foi intenso.

Ela sentou-se.

— Você acha que pode explorar isso de novo sozinha?

Minha risada diminuiu.

— Eu não sei.

— Talvez possamos tentar novamente algum dia...

Ela parou de falar no meio da frase e seus olhos se arregalaram ao mesmo tempo que os meus. Não sei se foi o poder adicional na sala que nos permitiu sentir a mesma coisa, mas nós dois sabíamos naquele momento que Lucien e Liam haviam retornado.

— Vamos lá! — Eu disse, levantando-me.

Eu a segui e subi correndo as escadas, meu coração disparado. Talvez ele tivesse encontrado e matado Hunwald. Talvez ele estivesse machucado. Empurrei minhas pernas mais rápido, tendo dificuldade em acompanhar Llona. Algo me disse que ela estava confiando mais em sua metade Vyken agora do que em seu lado Aura.

Atravessamos a porta que dava para fora e paramos para olhar em volta, respirando pesadamente. A noite havia chegado, trazendo consigo um calafrio no ar.

— Lá! — Llona disse. Eu segui seu olhar através da escuridão.

Liam e Lucien atravessaram o campus, o luar iluminando suas figuras sombrias. Eu saí correndo em direção a eles a toda velocidade. Llona se juntou a mim, mas rapidamente me passou. Ela alcançou Liam e abraçou-o. As pernas dela subiram um segundo depois e envolveram sua cintura. Ele a segurou com força enquanto ela o banhava com beijos.

Eu diminuí a velocidade quando cheguei a Lucien, sorrindo amplamente para Llona e Liam, mas quando meus olhos encontraram os de Lucien, meu sorriso desapareceu.

— O que está errado? — Eu perguntei. Foi quando notei o sangue em seu braço. — Você está machucado? — Eu peguei, mas ele deu de ombros.

— Estou bem. Não conseguimos encontrar Hunwald.

Llona escorregou de Liam. Liam parecia confuso, mas satisfeito com o comportamento de Llona.

— Você está machucado? — Ela perguntou e se sentiu em cima dele. Ela tocou seu estômago, mas rapidamente retirou a mão. Estava coberto de sangue. — O que aconteceu?

— Não é ruim — disse Liam. — Nós rastreamos o lobo na floresta por algum tempo até atingirmos um bando de Vykens. Já faz um tempo desde que eu os vi se reunir assim. Não desde Cyrus.

— Mas você está bem? — Ela perguntou de novo.

— Sim.

— Acho que Hunwald nos levou deliberadamente a eles — disse Lucien. Seu rosto era todo de linhas duras e bordas irregulares. — Eles estavam esperando por nós.

— Quem é Hunwald? — Llona perguntou. Ela segurou a mão de Liam.

Dei a eles a versão abreviada de Boaz e seu lobo sobrenatural.

— É possível que Hunwald pertença ao Erebus agora? — Liam perguntou. Ele se dobrou de repente e fez uma careta.

— Parece que você poderia precisar de atenção médica — disse Lucien.

— Onde estão Henry e os Guardiões que eu vi ir com você? — Eu perguntei antes que Llona pudesse acompanhá-lo para longe.

Os homens se entreolharam, mas não responderam.

— Liam? — Llona disse, sua voz severa. — Onde eles estão?

— Henry teve que teleportá-los para fora de lá — respondeu Liam. — Acho que alguém pode estar morto.

Fizemos tudo o que podíamos para ajudá-lo, mas havia muitos.

O rosto de Llona ficou sombrio. Ela olhou para mim com uma ferocidade que me assustou.

— Quero te ajudar, mas não terei suas batalhas transbordando para o meu povo. Algo precisa mudar. — Ela puxou Liam. — Vamos lá. Vamos cuidar de você. — Ela passou o braço em volta dos ombros e o deixou se inclinar nela enquanto voltavam para Chadni Hall.

Eu fiquei com Lucien. Ficamos ali por alguns minutos em silêncio. Llona estava certa. Eu trouxe essa luta para eles. Estava na hora de levar embora.

— Você está bem? — Eu perguntei a ele. Ele estava estranhamente quieto.

— A presença de Hunwald me perturba. Algo parece errado, mas não sei por quê.

Estremeci e cruzei os braços no peito. Isso também me chateou.

Ele estendeu a mão e me puxou para ele.

— Sinto muito. Parte de mim gostaria de ter deixado você de volta em Rouen para viver sua vida livre de tudo isso.

— Mas eu não estava realmente livre.

Ele não disse nada, mas continuou a me abraçar.

— Precisamos tirar esse colar daqui o mais rápido possível — eu disse.

— Concordo. — O silêncio retornou, e acrescentou: — Llona parecia empolgado em ver Liam. Não acho que ele estivesse esperando isso.

— Por que você diz isso?

— Do jeito que ele estava lutando, era quase como se ele tivesse perdido tudo. Eu pensei que talvez eles tivessem terminado as coisas entre eles.

Eu me afastei e olhei para ele.

— Por que você luta tanto?

Ele olhou para mim e afastou um fio de cabelo do meu rosto.

— Não é óbvio?

Baixei minha cabeça em seu peito, aproveitando o calor irradiando dele. Era um calor que seu corpo de vampiro não deveria produzir, mas a magia havia mudado isso.

— Devemos voltar e ajudar Henry, — disse ele.

— Você vai. Eu vou pegar o colar.

— Vou te ajudar.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu preciso fazer isso sozinha.

— Você tem certeza? — Ele procurou meus olhos.

— Sim. Estou ficando mais forte.

— Apenas diga meu nome se precisar de mim. — Ele se inclinou e me beijou profundamente.

Foi difícil deixá-lo ir, mas eu tinha um trabalho importante a fazer.

CAPÍTULO 4

Me apressei a subir os degraus da antiga torre do relógio, as escadas de madeira gemendo sob o meu peso. A luz da lua filtrava através das muitas janelas, dando-me muita luz para ver claramente.

A situação estava piorando. Primeiro Hunwald e agora Vykens. Eles eram muito piores que os vampiros, mas pelo menos não havia tantos deles. Erebus devia estar atrás da montagem, mas onde ele estava?

Cheguei ao último andar, quando minha cabeça começou a nadar como se eu pudesse desmaiar. Coloquei minha mão contra as pedras frias para me firmar. O poder do colar estava notavelmente mais forte. A sala inteira estava cheia de energia.

— 'Relevo' — eu sussurrei.

O efeito foi imediato. Minha mente ficou clara e fui direto para o colar. Mesmo não tendo sido capaz de alcançar a Primeira mágica com a Luz de Llona, aprendi algo valioso. O poder existia dentro de mim. Eu já tinha visto e sentido. De alguma forma, Alarica também a havia descoberto e planejara usá-lo contra Boaz e Erebus antes de ser morta. Lembro-me dela pensando sobre esse poder, mas ela não tinha nome, nem realmente entendeu como funcionava. Não que eu fiz também.

Ajoelhei-me na frente do tijolo escondendo o colar e agitei meus dedos na frente dele. A magia me deixou e começou a puxar o tijolo para fora até cair no chão. Respirei fundo e cheguei dentro. Quando meus dedos tocaram a corrente fria e prateada, um choque elétrico disparou, fazendo-me gritar e afastar minha mão.

Eu soprei ar pelos meus lábios enrugados algumas vezes e tentei novamente. Desta vez, eu não demorei no processo. Estendi a mão, agarrei-o rapidamente e puxei-o para fora. O orbe balançou na minha frente. O sangue lá dentro estava vivo e fervendo. Apêndices em forma de dedo saltaram no vidro como se procurasse uma saída. Eu me perguntava de quem era o sangue. Outra onda de náusea correu através de mim, mais forte que a primeira, mas eu consegui afastar essa também.

— Você não vai me controlar — eu sussurrei. O sangue ferveu ainda mais.

Eu rapidamente coloquei no bolso e corri de volta para Chadni Hall, ansiosa para me livrar dele. Eu esperava que Henry estivesse pronto com o feitiço mais forte possível para destruir essa coisa.

É muito poderoso. O pensamento veio rapidamente e de repente. Eu balancei minha cabeça, não querendo acreditar no que certamente deve ser uma mentira.

Abri as portas do escritório do Dr. Han. Várias pessoas estavam sentadas em cadeiras em círculo, a maioria das quais eu reconheci. Lucien estava entre Henry e Liam. Liam ainda não cuidara de sua ferida, mas pelo menos ele não estava mais sangrando. O olhar de Llona continuava piscando em seu estômago. May sentou-se à sua direita, depois o Dr. Han e outros dois homens que eu assumi serem Guardiões.

Apenas Lucien olhou para mim quando cheguei. Todo mundo estava em um debate sobre o que fazer. Um dos homens discutia com Llona sobre nos expulsar do campus.

Lucien se levantou e deslizou uma cadeira ao lado dele. Eu sorri para ele com gratidão e entrei no círculo. Deixei o colar cair no chão, silenciando o grupo.

May falou primeiro, sua voz calma.

— Então esta é a fonte de todos os nossos problemas.

— Eu quero que se vá! — Um dos Guardiões gritou, sua voz cheia de raiva e dor. Ele ficou de pé e levantou o pé para pisar nele.

— Não, Grant! — Dr. Han disse, mas já era tarde demais.

O pé de Grant caiu sobre a esfera, mas em vez de quebrar o vidro, seu corpo bateu nas estantes de livros atrás dele. Ele caiu no chão inconsciente. Todo mundo ficou de pé.

— Whoa — disse May. — Isso é um poder sério.

O outro Guardião e Henry correram para o lado de Grant. A palma de Henry pairava sobre a cabeça de Grant.

— Ele deveria ficar bem. Leve-o para ver a enfermeira.

O outro Guardião assentiu e pegou Grant. Assim que eles se foram, o Dr. Han disse: — O Guardião morto hoje à noite era seu melhor amigo.

A tristeza me encheu. A morte parecia me seguir em todos os lugares que eu ia.

A sala estava silenciosa enquanto olhamos para a pequena fonte de energia que poderia destruir os mundos nas mãos erradas.

— *Pode* ser destruído? — Lucien finalmente perguntou.

Foi Henry quem respondeu.

— Os pergaminhos indicam que não, mas temos algo que eles não tinham.

— O que é isso? — Liam perguntou, sua voz rouca como se estivesse com dor. Llona estendeu a mão e segurou a mão dele.

Henry olhou ao redor da sala para cada um deles.

— Todos vocês. O poder nesta sala é forte, forte o suficiente para possivelmente destruí-lo. Eu inventei um

feitiço que pode funcionar, mas é muito perigoso, e acho que não deveria ser realizado no campus.

— Mas se o removermos, o Erebus saberá que o temos, certo? — Llona perguntou.

— Eu acho que ele já sabe — eu disse, lembrando como o sangue estava fervendo no orbe.

Lucien olhou para mim.

— Nós não sabemos disso.

— Então por que mais Hunwald estava aqui? Ele deve estar com Erebus. É apenas uma questão de tempo, antes que o DSRD apareça. O que decidirmos fazer, precisamos fazê-lo rapidamente. Não podemos colocar todas essas meninas Auran em risco.

— Eu concordo — disse Llona.

— Para não ser rude ou algo assim — disse May, — mas Grant estava certo. Este não é o nosso problema. Erebus não teve um problema com os Auras até que você — ela virou a cabeça na minha direção, — decidiu esconder essa coisa grotesca em nossa propriedade - sem o consentimento, devo acrescentar. Talvez você devesse levar o colar o mais longe possível daqui.

— Você está errada, May — disse Llona, com voz firme.

May estava prestes a discutir com ela, mas eu interrompi.

— Não, ela está certa. Nenhum de vocês pediu por isso. Eu nunca deveria ter feito o que fiz. Agi por medo e agora as pessoas estão morrendo.

— O suficiente! — Llona estalou. — Esse *é o* nosso problema. Digamos que Erebus tenha sucesso em recriar o espelho do colar, e ele solte os outros seis demônios nesta Terra. Quem acha que é o primeiro grupo de pessoas para quem eles vão buscar?

Ninguém respondeu.

— May? — Llona perguntou, olhando fixamente para ela.

Ela levantou um pouco o queixo.

— Nós podemos lutar com eles.

— Sete príncipes do inferno com poderes incalculáveis? Você realmente quer se arriscar? — Quando ela não respondeu, Llona continuou. — Precisamos impedir que isso aconteça agora, por qualquer meio possível.

— Eu concordo — disse Liam.

— Eu também — Lucien acrescentou.

— Então está decidido. — Dr. Han virou-se para Henry. — Você pode usar a nossa sala de treinamento de incêndio no Risen Auditorium para o seu feitiço. É à prova de fogo e deve fornecer o espaço de que você precisa. Mas se

você não conseguir destruí-lo, deverá retirá-lo imediatamente do campus. Acho que não vamos ser capaz de adiar outro ataque DSRD, especialmente com o Erebus no comando.

— Entendido — respondeu Henry.

— Mas não vamos mandá-lo embora sem ajuda — continuou Han.

— Eu vou — disse Llona, sorrindo para mim.

Liam olhou para ela, a preocupação em seus olhos.

— Conte comigo também.

— Oh inferno — May gemeu. — Acho que eu também vou.

— Você não precisa — disse Llona.

— Eu sei, mas onde está a graça nisso? Se este é realmente o fim da festa mundial, eu quero fazer parte disso.

Dr. Han pigarreou.

— Eu gostaria de poder ajudar, mas...

— As meninas precisam de você aqui — Henry terminou para ele. Ele ficou. — Vamos começar.

Estendi a mão para pegar o colar, mas no último segundo parei e perguntei: — De quem é o sangue?

— Com licença? — Henry perguntou, afastando-se do Dr. Han.

— O sangue. Você já descobriu de quem é?

Ele olhou para o orbe. O sangue parecia congelado e nem um pouco vivo como antes.

— Há rumores de que seja de Lúcifer.

— Como no rei do inferno? — May ficou boquiaberto.

— Você tinha que perguntar — Llona murmurou para mim.

Eu rapidamente peguei, ignorando o frio que explodia na minha pele. O sangue voltou à vida ao meu toque.

— Vamos acabar com isso — eu disse.

Demorou quase trinta minutos para Henry arrumar tudo. Enquanto Lucien e eu o ajudamos a reunir suprimentos para o feitiço, Llona e os outros organizaram os Guardiões e as Auras mais velhas que sabiam lutar. Eles os posicionaram ao longo da parede externa para vigiar.

Acendi uma vela, a última de dezenas para delinear um pentagrama gigante. Lucien estava colocando itens do lado de fora, todos representando Terra, fogo, ar e água. Henry havia escapado para o canto da sala vários minutos antes para meditar. A parede do lado oposto estava assustada com marcas de queimadura. Então este era o quarto onde as Fúrias treinavam. Eu apostaria que era uma visão incrível de se ver, todo aquele fogo atravessando o ar.

— Eve, Lucien — Henry chamou. — Venha aqui. —

Quando nos aproximamos dele, notei que seu rosto estava pálido.

— Você está bem? — Eu perguntei.

Ele olhou cada um de nós nos olhos.

— O que estamos prestes a fazer exige uma magia poderosa. Vou precisar que cada um de vocês entre no Gênesis. Lucien, lembra-se do que eu te ensinei?

Ele assentiu.

— Eu posso fazer isso.

— Eve?

— Deixa comigo. — Eu pratiquei várias vezes por dia durante semanas antes de desaparecer, sabendo que precisava da poderosa magia de Gênesis para apagar minha memória. Se ao menos eu tido de tempo para acessar a Primeira magia.

— Bom. — Henry estendeu a mão e gentilmente me tocou no cotovelo. — Eu quero que você esteja preparado. Isso pode não funcionar.

— Eu sei. — Eu ergui meus ombros para mostrar a ele que não estava com medo. E eu não estava mais. Eu estava com mais medo de alguém que eu me importasse em me machucar.

— Então prepare-se. — Ele passou por nós até o ponto da estrela.

Llona, May e Liam entraram.

— Aqui, Liam — Henry ordenou e apontou para a estrela à sua frente. — Llona, você está à direita de Liam, e quando eu disse, quero que você sopre o colar com luz. Eve, eu quero você à minha direita e Lucien à minha esquerda.

— O que eu posso fazer? — Perguntou May.

— Traga-nos de volta à vida, se precisarmos.

Ela sorriu, pensando que ele estava brincando, mas quando sua expressão não mudou, seu rosto caiu.

— Repita comigo — disse Henry. — Invoco os poderes de toda a terra, canalizo a magia antes de nosso nascimento. Terra, ar, água e fogo; venha até nós agora, cumpra nosso desejo!

Ele repetiu o feitiço novamente. Na terceira rodada, o resto de nós estava cantando junto com ele. Enquanto continuávamos a falar, eu me concentrei profundamente em procurar a Primeira Mágica, como havia feito com Llona, mas toda vez que eu tentava, algo me impedia, e eu tinha que começar tudo de novo. Eu gemi de frustração. Eu esperava poder usá-lo em vez de Genesis, mas ainda estava fora do meu alcance.

Os outros cresceram em força ao adicionar seu poder ao feitiço. Eu tive que me atualizar.

Voltei à minha consciência e foquei em Gênesis, o tipo de magia com a qual eu já estava familiarizada. Eu a encontrei rapidamente e suguei para o meu corpo. Ela derramou dentro de mim até que pensei que iria explodir. Abri os olhos e disse as palavras novamente, desta vez com poder que pulsava pela sala.

May recuou contra a parede, os olhos arregalados. Llona e Liam ainda estavam com os olhos fechados, mas Lucien e Henry olharam para o colar junto comigo. O sangue preso dentro se agitou para frente e para trás. O copo começou a irradiar em um vermelho brilhante. Eu disse as palavras mais alto. Fumaça subiu do chão embaixo de nós.

Um som silencioso, como o começo do rosnado profundo de um leão, ecoou no chão, mas logo houve um rugido, sacudindo as paredes e fazendo com que pedaços de detritos caíssem do teto. O colar saltou como se estivesse tentando resistir à nossa magia.

O suor quebrou na testa de Lucien e as mãos de Henry tremeram. Meu coração batia tão rápido que doía dentro do meu peito. Eu me inclinei um pouco da dor, ainda cantando.

— Invoco os poderes de toda a terra, canalizo a magia antes de nosso nascimento. Terra, ar, água e fogo; venha até nós agora, cumpra nosso desejo!

— Llona — Henry ofegou. — Agora!

Seus olhos se abriram e ela pressionou as mãos para frente na direção da esfera de vidro. A luz disparou de suas palmas, forte e brilhante. Ele colidiu com o globo cheio de sangue, espalhando faíscas em todas as direções.

O rugido virou um grito doloroso, e o colar parou de se mover. Estávamos tendo sucesso! Eu empurrei com mais força, determinado a acabar com isso de uma vez por todas.

May deixou escapar uma alegria triunfante.

O lamento torturado parou de repente e uma presença sombria e sufocante entrou na sala. Era tão poderoso que todos nós ficamos chocados em silêncio. A luz recuou das mãos de Llona e ela empalideceu.

Olhei ao redor da sala, meus olhos encontrando os olhares preocupados dos outros. Um calafrio subiu no meu giro com dedos gelados. Lucien apertou seu aperto na minha mão.

Uma voz profunda e estridente encheu a sala com palavras que me fizeram pensar em coisas mortas podres. Eu jurei que podia sentir o cheiro da decadência.

— Vocês não devem me contaminar. Vocês não são dignos. A morte chegará a todos vocês!

CAPÍTULO 5

Meu coração bateu contra meu peito e minhas pernas ficaram fracos.

— Vocês não devem me contaminar. Vocês não são dignos. A morte chegará a todos vocês!

A voz repetiu a frase mais três vezes, quase como um feitiço, antes que uma brisa fria chicoteasse pela sala, apagando o fogo em cima das velas e nos mergulhando na escuridão. O som da minha respiração foi tudo o que ouvi.

— Todos estão... — Henry começou, mas uma explosão alta o interrompeu.

Eu voei de volta e bati na parede. Minha cabeça bateu forte o suficiente para que sangue quente instantaneamente escorresse pelo meu pescoço. Caí no chão, minha mente nadando em vermelhos e pretos de inconsciência iminente. Dor intensa subiu e desceu pela minha espinha.

Não pude ver Lucien. Eu não conseguia ver ninguém. Minha visão estava muito embaçada. O que havíamos feito? Tínhamos jogado com um poder que não entendíamos completamente.

Fiquei assim, sofrendo grande agonia, pelo que pareceu um longo tempo, apenas esperando meu corpo curar, mas o alívio não veio. Algo mais aconteceu comigo com aquela explosão, algo sobrenatural.

Uma figura sombria cruzou na minha frente. A pessoa tinha cabelos castanhos compridos. *May.* Ela verificou meu pulso e se afastou. Eu tentei me mover novamente, mas tudo queimou com dor intensa. Meu queixo estava tão apertado que pensei que poderia quebrar. Lucien também estava machucado? Henry?

Vários minutos se passaram. Minha visão entrava e saía, passando da escuridão para a luz. Alguém estava me tocando, e então veio calor. Ele se espalhou por todo o meu corpo e, quando chegou à minha cabeça, a dor finalmente começou a se dissipar. Eventualmente, minha visão se esclareceu.

Llona se ajoelhou ao meu lado, as palmas das mãos iluminadas com uma luz quente pairando acima de mim. Seus cabelos brancos estavam parcialmente cobertos de sangue. Ela correu pelo pescoço e pelos braços.

— Lucien — eu sussurrei.

Seus braços caíram para os lados e ela ofegou por ar como se estivesse exausta.

— Ele vai viver.

Sentei-me, apoiando-me nos cotovelos.

— E todo mundo?

— Eles também.

Eu olhei em volta. Liam estava cuidando de Lucien, mas como eu estava há pouco, ele não conseguia se mexer e sua expressão estava contorcida de dor. Eu tentei ir até ele, mas mal consegui me mover. Ele olhou para mim, os olhos sem piscar. Eu dei a ele um sorriso encorajador e me levantei no cotovelo.

Llona rastejou até onde eles estavam e levantou os braços. Um segundo depois, a luz derramou de suas mãos sobre Lucien. Assim que tocou seu corpo, uma entidade parecida com uma sombra se levantou e se dissipou lentamente.

— O que é isso? — Eu respirei, empurrando com mais força até ficar em uma posição sentada. Meu corpo estava começando a curar, mas meus músculos ainda doíam.

— Qualquer que fosse o poder desse colar, se imprimiu em nós — disse Henry. — Eu suspeito que algo que Erebus criou, talvez até uma parte dele. Graças a Deus Llona estava aqui para tirá-lo.

Henry se arrastou em minha direção e estendeu a mão em minha direção. Segurei a palma da mão e o deixei me puxar para cima. Assim que recuperei o equilíbrio, caminhei lentamente para Lucien, minhas pernas pesadas.

Llona terminou com Lucien, depois caiu de costas no chão, o peito arfando. Liam sentou-se ao lado dela, sussurrando algo em seu ouvido.

May assobiou baixo.

— Qualquer poder que esteja nesse colar bateu em todos vocês. Mas não me tocou. Revivi Llona primeiro porque ela era a única que não parecia em coma. Ela restaurou o resto de vocês.

Cheguei a Lucien e o ajudei a sentar. Esfreguei suas costas em círculos lentos, assistindo a tensão sumir de seu rosto. Sua mão deslizou sobre a minha coxa, e ele apertou-a suavemente.

Olhando para May, eu disse em voz baixa: — Llona vai ficar bem?

Ela apertou os lábios e juntou as sobrancelhas.

— Usar a luz dela assim afeta o corpo. Ela vai melhorar, com o tempo.

— Está completamente ileso — disse Lucien, chocado em sua voz.

Eu segui o seu olhar. O colar ainda estava no chão, ileso. Ao redor, no entanto, o chão estava carbonizado de preto.

— Eu tinha medo disso — Henry murmurou.

— Precisamos matá-lo — eu disse, minha voz mais alta do que pretendia. Era o próximo passo lógico.

— Erebus? — Henry perguntou.

— É o único caminho. Se não podemos destruir o colar, então o matamos.

Lucien respirou fundo.

— Como?

Eu não respondi porque ainda estava tentando entender essa parte. Ele era mais poderoso do que qualquer um de nós, mas todos nós juntos poderia ser uma história diferente. Especialmente se eu pudesse aprender a usar a Primeira magia.

Inclinei-me e peguei o colar. Era frio ao toque, o sangue dentro congelado novamente. Cristais de gelo vermelho se espalham pela superfície vítrea. Eu me concentrei nisso. O poder ainda estava lá, apenas adormecido. Provavelmente, Erebus havia cobrado um preço para fazer o que ele havia feito, o que significava que ele poderia ser enfraquecido.

— Nós podemos fazer isso — eu disse e levantei minha cabeça. — Nós só precisamos de um pouco de tempo.

Coloquei o colar no bolso e fui até Llona e Liam.

— Como ela está?

— Fraca. — Ele não olhou para mim enquanto continuava pressionando um pano na cabeça dela.

— Eu posso ajudar um pouco. É o mínimo que posso fazer.

Coloquei minha mão em sua testa e ofeguei com o calor. Eu encontrei o olhar preocupado de Liam. Eu não poderia lhe dar luz, mas poderia curar sua ferida.

Apontei para o corte na cabeça dela.

— Posso ver?

Liam levantou o pano ensopado de sangue. A ferida era larga e profunda. Olhei ao redor da sala, imaginando com o que ela se cortou, mas não consegui ver nada que pudesse ter causado.

— Como isso aconteceu? — Eu perguntei a Llona, mas seus olhos estavam vidrados. Ela moveu os lábios como se quisesse responder, mas nada saiu.

— Isso se abriu — respondeu May, com a voz mais alta que o normal. — Eu vi a coisa toda. Um minuto de luz estava disparando de suas mãos, em seguida sangue estava derramando de sua cabeça.

Estremeci e respirei fundo rapidamente. Liam visivelmente ficou tenso e fechou as mãos em punhos apertados. Tivemos sorte que ninguém foi morto.

Coloquei minha mão sobre a ferida e convoquei magia. A sensação quente de formigamento começou nos dedos dos

pés e se espalhou por todo o meu corpo até deixar as pontas dos dedos e tocar Llona. Lentamente, começou a curar.

Eu olhei de volta para Henry.

— É possível que Erebus possa machucá-la assim?

— Não sabemos do que ele é capaz — respondeu Henry. — Ele tem mais poder do que estávamos equipados para lidar. Precisamos ter mais cuidado no futuro.

— Se houver uma próxima vez — May murmurou.

Voltei meu foco de para Llona, tentando manter minhas mãos trêmulas. Henry estava certo. Nós não estávamos preparados. Nem mesmo perto. Se o Erebus pudesse nos afetar a essa distância, precisamos ser muito, muito mais fortes.

Não demorou muito para o ferimento de Llona se fechar. Liam continuou a atendê-la, enquanto eu me levantava. Lucien olhou para mim. Eu não tive que olhar em sua mente para saber o que ele estava pensando. Estava escrito em todo o rosto dele. *Estávamos acima de nossas cabeças.*

Minha mão deslizou para o colar no meu bolso. Alarica o usou para encontrar um caminho para a Primeira magia. Se ela poderia fazê-lo, eu também poderia. Era o melhor plano que eu poderia ter.

— Eu preciso consultar o Dr. Han — disse Henry. — E estudar mais. Talvez haja algo que perdemos.

— Depressa — disse Lucien. — Nós não podemos ficar aqui por muito tempo.

— Claro. — Henry desapareceu.

Eu me virei quando Llona se sentou. Liam segurou sua mão com força.

— Você está bem? — Ela perguntou a ele.

Ele riu, um som cansado.

— Graças a você. Eu nunca senti nada assim antes.

Ela olhou para May, depois Lucien e eu, e deu um pequeno sorriso.

— Bem, nós sobrevivemos.

— Hum, apenas um pouco — May disse. — Vocês entendem que isso é loucura, certo? Somos como formigas subindo contra um tamanduá. Não me interpretem mal. Mal posso esperar para explodir alguma merda, mas não sou burra. Não podemos vencer esse diabo!

— Nós podemos — disse Lucien, me surpreendendo.

— Como? — Liam perguntou.

— Você viu o colar? Está congelado novamente, como se o tivéssemos enfraquecido. Se soubéssemos onde ele está, este seria o momento perfeito para atacá-lo.

— Mas nós não. — A voz de Liam estava dura. — Na próxima vez que o enfrentarmos, ele recuperará suas forças.

Lucien permaneceu firme.

— Então nós o enfraquecemos novamente.

May foi até Llona e a olhou de cima a baixo.

— Por que Llona?

— O que você quer dizer? — Eu perguntei.

— De todo mundo nesta sala, ele escolheu machucá-la. Por quê?

As sobrancelhas de Liam se ergueram.

— Essa é uma boa pergunta. Talvez se Llona tivesse mais tempo, ela poderia ter destruído o colar com Luz.

— Essa é uma boa teoria. — Eu encontrei os olhos de Llona. — Mas se isso for verdade, você poderá estar em amis perigo do que qualquer um de nós. Talvez seja melhor se você ficar na Lucent em vez de ir conosco.

Ela torceu o nariz.

— De jeito nenhum. Estou chateada agora. Vamos encontrar uma maneira de matar esse diabo e mandá-lo de volta para o inferno. Se ele tem medo de mim, há um motivo. Precisamos explorar isso.

— Posso falar com você sozinha? — Liam disse a ela, sua voz dura.

Llona hesitou brevemente antes de sair pela porta com ele, deixando May sozinha com Lucien e eu.

— Então, não nos conhecemos oficialmente — disse May. — Eu sei que já sabemos quem é o outro, mas, bem, oi.

— Eu ouvi grandes coisas sobre você.

— Eu poderia dizer o mesmo de você. — Ela olhou para Lucien. — Quanto a esse cara, ele é muito foda. Eu estaria morta se não fosse por ele.

Olhei para Lucien com gratidão.

— Ele é incrível.

Ele desviou o olhar e pigarreou.

— É aqui que você pratica, May?

— Eu costumava, mas agora treino algumas Fúrias mais jovens que recentemente se juntaram à Lucent. Não há muitos de nós, por isso cuidamos de nós mesmos.

— Seria demais pedir uma demonstração? — Eu perguntei. — Eu nunca vi uma Fúria em ação.

Ela encolheu os ombros.

— Por que não? Poderíamos usar um pouco de entretenimento. — Ela parou na nossa frente. — Para trás.

May posicionou os pés como se estivesse se preparando para lutar. Ela sugou o ar através dos lábios enrugados, seu peito em expansão. Ao expirar, ela empurrou as mãos para a frente. O fogo explodiu para fora em um fluxo constante

que iluminou a parede a mais de dez metros de distância. Chamas se espalharam por ele, atingindo os dois lados.

— Notável — Lucien sussurrou.

Depois de alguns segundos, May deixou cair as mãos.

— Isso é tão legal! — Meu rosto ainda estava quente do fogo.

May se virou, sorrindo de orelha a orelha.

— É bom ter um público novo. Todo mundo por aqui está cansado de vê-lo. Então, quem está com fome? Estou morrendo de fome.

Não conseguia me lembrar da última vez que comi.

— Vou juntar-me a você.

— Temos sangue para você, grandalhão — disse May a Lucien.

— Eu ficaria muito agradecido.

— Tão formal — disse May, sorrindo de novo. Ela passou o braço pelo meu e me puxou. — Vamos. Você pode ter que ser minha nova melhor amiga agora que Llona está oficialmente com Liam.

Ela continuou falando comigo o resto do caminho do Risen Auditorium. Olhei por cima do ombro, impotente, para Lucien, que sorriu de volta. Eu gostei de May. De certa forma, ela me lembrou Liane, quando éramos próximas. Pena que Liane era uma sociopata total agora. Os outros me

disseram tudo sobre o que ela havia feito. May foi a vingança mais animada e que jurava sobre ela. Compreensível, vendo como Liane a torturou.

Com lanches na mão, voltamos ao escritório do Dr. Han para discutir o que fazer. Todos concordamos que o Erebus precisava morrer, mas não podíamos concordar em como ou onde fazê-lo. Decidi me retirar da conversa, pois havia algo mais importante que eu tinha que fazer.

Inclinei-me para Lucien e disse calmamente: — Vou tirar uma soneca rápida.

Ele estreitou os olhos.

— Você está bem?

— Cansado. Trinta minutos, e eu devo ser tão bem quanto nova.

Eu me afastei para o canto mais escuro da sala e me encolhi em uma cadeira macia, de costas para o grupo. De dentro do meu bolso, retirei o colar e o segurei perto do meu peito. Meu coração batia forte, praticamente batendo contra a caixa torácica. Respirei fundo para tentar relaxar. Se eu não tomasse cuidado, Lucien notaria, e não achava que ele aprovaria o que eu estava prestes a fazer, e com razão.

Procurar deliberadamente a escuridão nunca foi uma boa ideia.

CAPÍTULO 6

O sangue na esfera de vidro aqueceu ao meu toque, mas não ferveu como da última vez. Apenas girava para frente e para trás como se fosse seu próprio oceano em miniatura. Fechei os olhos e me concentrei bastante. Eu precisava encontrar sua fonte de poder.

Nada aconteceu. Eu gemi e segurei com mais força. Eu podia sentir seu poder, mas ele me travava sempre que eu tentava acessá-lo.

Atrás de mim, ouvi Lucien dizer ao grupo: — Precisamos convencer o Erebus a vir até nós.

Isso me fez pensar. O colar não me deixou sondar, mas eu já sabia que gostava de controlar. Talvez eu precisasse deixar isso para mim. Não força total, é claro. Eu nunca mais colocaria essa coisa amaldiçoada em mim, mas talvez eu pudesse enganá-la.

Eu me concentrei novamente, mas desta vez, em vez de tentar me esconder, abri minha mente. Imaginei um túnel crescendo entre nós, uma conexão de mão dupla. Imediatamente, senti o poder na mudança de orbe, como um cão curioso cheirando um osso enterrado. Eu esperei pacientemente, mantendo minha mente aberta.

Depois de algum tempo, um choque de energia correu através de mim. Isso me assustou e quase caí da cadeira. Eu

rapidamente me endireitei antes que alguém percebesse. O que quer que tivesse acontecido deixou uma marca sombria em minha mente. Era uma sensação horrível, como quando uma pedra fica presa no seu sapato e toda vez que você pisa no chão, pode senti-lo cutucando seu pé. Foi preciso muita força de vontade para não esfregar minha mente, mas eu tinha um sentimento distinto de que era exatamente o que o colar queria que eu fizesse.

Ele estava me testando.

Eu esperei mais. Logo, mais energia se aproximou, desta vez mais lenta. Tocou minha mente com cuidado, como se tivesse medo de ser espancada. Era isso que eu queria fazer desesperadamente. Eu não gostei do frio congelante que ele deixou. Isso tornou difícil pensar.

Enquanto a gavinha escura do poder deslizava pela minha mente, invoquei minha própria magia, tomando cuidado para não apressá-la, mas eu precisava dela para equilibrar a escuridão que invadia lentamente minha mente. Qualquer entidade que fosse, ainda não estava me ameaçando. Apenas parecia querer explorar. Então foi isso que eu a deixei fazer, mas enquanto tocava, eu deslizava minha consciência e dei um empurrão suave no colar.

No começo, era difícil discernir onde eu estava. Ao meu redor havia uma névoa pesada, cheirando a chuva

recentemente caída. Ao longe, um raio iluminou a neblina, mas eu ainda não conseguia ver.

Havia um sentimento neste lugar, não necessariamente escuro, mas diferente. Foi difícil colocá-lo até me lembrar da primeira vez que vi o oceano. Eu estava de pé nas falésias costeiras, com vista para um corpo de água enorme e interminável. O azul escuro se esticava indefinidamente, tornando-me não mais significativa do que um grão de areia. Foi a primeira vez que percebi quão pequena era minha existência.

Eu me senti da mesma maneira agora. Este lugar era muito maior que eu, maior que o próprio tempo.

Algo mudou no ar, uma energia que não existia antes. Virei em todas as direções procurando a fonte. Um raio rachou de novo, dando-me uma pequena janela do que havia além da neblina. Ao longe, um pilar de luz disparou do chão. Ele *poderia* ser o primeiro lugar mágico, mas eu estava longe demais para saber com certeza.

Eu segui nessa direção, mas ficou escuro mais uma vez. Ter a Luz de Llona teria sido útil como guia, mas tudo o que eu tinha era um ocasional relâmpago. O vento soprava, torcendo meu cabelo em todas as direções. Esfreguei meus braços para me aquecer.

Ao me aproximar, ficou cada vez mais difícil andar. O chão ficou mole, mas não com lama. Era quase como se o chão estivesse desaparecendo, e toda vez que eu dava um passo, meu pé afundava na terra cintilante e enfraquecida. Concentrei-me mais, concentrando-me em Gênesis. Eu até disse um pequeno feitiço, o que me deu mais força. O chão se firmou novamente, facilitando a movimentação, mas não demorou muito para eu começar a afundar novamente.

Foi um processo longo e trabalhoso, repetindo o mesmo ciclo, mas não desisti. Eu estava chegando muito mais perto da coluna de luz.

Quando me aproximei, parte do nevoeiro se dissipou. Foi quando vi o que parecia um poço. Pedras escuras dispostas em um padrão circular subiam cerca de um metro. Uma luz brilhante iluminava seu centro, enviando um feixe diretamente para o céu. O poder do poço era incrivelmente forte, como nada que eu já sentira antes. Mas isso era familiar. Eu tinha provado uma pequena fatia quando a Luz de Llona se conectou a ela mais cedo naquele dia.

De volta à minha mente, uma dor aguda atravessou minha cabeça e eu me encolhi, quase caindo de novo. Eu precisava me apressar.

Cheguei ao poço e circulei em torno dele, com medo de me aproximar. Havia tanto poder em uma área tão pequena

que eu tinha medo que isso me sobrecarregasse. Tanta coisa sangrou para o exterior. Tive vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Havia tantas camadas nele, e tive a nítida impressão de que estava apenas arranhando a superfície.

Em um flash que me deixou sem fôlego, as palavras vieram à minha mente na língua antiga. Traduzi o que pude, mas eles vieram rápido demais: criação, vida, morte, amor, tristeza. Eu não conseguia acompanhar.

Tentei fortalecer minha magia, mas outra dor, como uma picada de gelo raspando meu cérebro, quase me paralisou. Estendi a mão para tocar a luz, pensando que, se pudesse, me sentiria melhor. E, à medida que esse pensamento progredia, percebi que seria capaz de fazer mais do que isso, muito mais de fato. Estar perto dessa luz me fez perceber que muito pouco poderia me prejudicar. Se eu pudesse tocá-la...

Cheguei em direção a ela, pressionando através de algum tipo de barreira invisível, mas minha mão começou a arder, depois queimar. Aumentei meu próprio poder para me dar mais força. Assim como eu, um rugido encheu o ar como se um trem estivesse caindo sobre mim. A dor explodiu dentro da minha cabeça e eu me senti caindo através de um espaço grande e vazio.

Eu continuei a cair, a agonia aleijando meu corpo. A escuridão se tornou um túnel com uma pequena luz no fim. Um segundo depois, minha consciência caiu da esfera de vidro e eu caí da cadeira em que estava sentada. Meus olhos se abriram e eu ofeguei por ar. Apertei minha cabeça imediatamente, a dor tão intensa que pensei que poderia vomitar.

— O que aconteceu? — Uma voz perguntou, profunda e imponente.

Eu olhei do chão em direção a luzes de teto brilhantes. Lucien estava ajoelhado ao meu lado. Os outros estavam atrás dele, me olhando por cima do ombro. Eu rapidamente me levantei para uma posição sentada, tentando não fazer careta. O colar caiu do meu colo.

Lucien o pegou. O sangue lá dentro voltou a ferver.

— O que você estava fazendo?

— Nada, eu... — eu não conseguia pensar. Passei por ele e atravessei o chão até chegar à lata de lixo. Tudo o que eu tinha comido antes veio rápido e duro. O que eu não daria para ficar sozinha agora.

— Aqui — disse Llona e me entregou um pano.

Usei-o para limpar minha boca, depois me recostei, respirando fundo. A dor na minha cabeça diminuiu lentamente.

— Deixe-me ver o colar — disse Henry.

Lucien entregou.

Henry examinou por alguns segundos e depois olhou para mim.

— Você tentou acessar seu poder, não tentou?

Meu rosto ficou quente.

— Não é o que você pensa.

Segurei a mesa próxima e a usei para me ajudar a ficar de pé. Lucien me ajudou o resto do caminho. Eu olhei para cada um deles. Llona olhou para mim com curiosidade, mas Liam estava ao lado dela, seus olhos praticamente queimando através de mim. May se sentou no sofá com os braços cruzados. Ela sorriu como se tivesse acabado de me pegar com a mão no pote de biscoitos. Henry não tinha expressão, mas o Dr. Han estava sorrindo. Ele sabia exatamente o que eu estava tentando fazer.

— Nós não somos suficientes — eu disse, percebendo a verdade naquele momento. Erebus não tinha apenas magia antiga; ele segurava magia de outro reino.

— O que você quer dizer? — Lucien perguntou.

— Não temos poder suficiente para derrotar o Erebus. Qualquer que seja o plano que você tenha, fracassará. — Meu olhar se fixou em Henry, o que eu pensei que entenderia

mais. — Precisamos de mais energia e acho que posso obtê-la.

— Através do colar? — Lucien disse, sua voz mais alta que o normal. — Foda-se isso!

— Eu não vou colocá-lo — assegurei, — mas preciso encontrar uma maneira de acessar seu poder. Alarica encontrou uma maneira de fazê-lo. Ela ia matar Boaz e Erebus com ele.

— Isso é verdade? — Henry perguntou.

Eu assenti.

— Eu lembro de todos os seus pensamentos, os que ela tinha em nossa dimensão, de qualquer maneira.

— O que isso deveria significar? — Perguntou May.

— Há momentos em minha memória, ou realmente de Alarica, em que ela simplesmente se foi, como se nunca tivesse existido. Mas momentos antes, ela estaria concentrada no colar. De alguma forma, ela aprendeu a canalizar seu poder. Acredito que ela encontrou a Primeira Mágica.

— Primeira Mágica? — Liam perguntou. Sua postura relaxou, mas ele ainda parecia zangado. A emoção devia sempre estar na superfície para ele. Eu me perguntava o quão difícil era para ele sentir paz.

— Deixe-me explicar — disse o Dr. Han. Todos olhavam enquanto ele contava sobre a Primeira Magia e como se alguém pudesse acessá-la, eles poderiam derrotar Erebus - em qualquer plano de existência.

— Se Alarica tinha esse poder, então por que ela não o usou? — Lucien perguntou. Todo o seu corpo estava tenso, e eu poderia dizer que ele não estava feliz com a minha ideia. Eu não pensei que ele seria, mas eu não esconderia nada dele nunca mais. Eu devia isso a ele e muito mais.

— Talvez ela ainda não tenha descoberto como usá-lo — eu disse.

Henry colocou o colar na mesa.

— É uma ideia interessante.

Lucien rosnou. — É *não* uma ideia interessante. É uma ideia horrível. Não há como dizer o que vai acontecer se você continuar a fazer isso. É extremamente perigoso, e eu não vou tê-la...

Abaixei minha voz e o alcancei.

— Eu estava perto, Lucien.

— Perto de quê? — Ele deu um passo para trás, com o rosto dolorido. — Este colar quase te matou. Ele fez você matar outras pessoas, o que por sua vez fez você me deixar.

— Ele fechou a mandíbula e inclinou a cabeça um pouco, como se achasse ter falado demais.

Eu fiquei boquiaberta com ele. Sua dor foi muito mais profunda do que eu havia percebido.

— Você acha que pode acessá-lo novamente? — Liam perguntou.

Lucien virou-se para ele.

— Esta não é uma opção. Encontraremos outro caminho. — Ele olhou para Henry. — Certo? —

Henry não disse nada por alguns segundos, então: — Continuaremos com o plano como está.

Eu não tinha certeza de qual era esse plano, pois minha consciência não existia quando eles estavam discutindo o plano.

Lucien exalou.

— Mas — continuou Henry, — precisamos que Eve continue praticando caso falhemos.

A mandíbula de Lucien flexionou e ele bufou pelo nariz enquanto olhava para cada um de nós.

— Isso é um absurdo.

Eu o alcancei novamente, mas ele se virou e saiu do quarto, batendo a porta atrás dele.

Hesitei por uma fração de segundo antes de decolar atrás dele. Se ao menos eu pudesse argumentar com ele...

abri a porta. Ele deveria estar no final do corredor, mas estava vazio. Corri para o elevador. Uma brisa agitou meus cabelos e esfriou a parte de trás do meu pescoço. Eu me virei e segui a pequena rajada de vento. Isso me levou a uma janela aberta dentro de um escritório escuro.

Eu espiei. Ao longo do topo da muralha, vários Guardiões e Auras andavam de um lado para o outro, mas não havia sinal de Lucien.

— Sinto muito — eu sussurrei ao vento. Eu não queria machucá-lo. Ele já havia passado por tanta coisa por minha causa. Foi quando me dei conta. Eu estava sendo injusta, sempre tomando decisões sem ele. Ou estávamos em um relacionamento, em que as opiniões e sentimentos de cada pessoa eram valorizados ou não.

Eu procurei nos jardins novamente. Eu precisava encontrá-lo. Lucien significava mais para mim do que qualquer outra coisa neste mundo, e eu precisava que ele soubesse disso.

Fechando os olhos, sussurrei *'Laveo'* e me teletransportei para o telhado do Chadni Hall, onde eu teria uma visão completa do campus. Eu duvidava que Lucien tivesse ido longe.

O vento chicoteou meu cabelo assim que eu me materializei. Fui para a borda e pisei nela. A paisagem se

estendia por toda parte. O luar se espalhou pela floresta em uma névoa prateada. Eu me virei em um círculo completo até encontrar Lucien. Ele estava no telhado da torre do relógio olhando para mim com seus olhos azuis elétricos. Sua jaqueta longa ondulava na brisa.

— Se você me pedir para fugir com você agora — eu disse, minha voz suave, sabendo que ele podia me ouvir. — Eu faria isso. Podemos deixar tudo isso para trás.

Ele se virou em direção à floresta e, por um segundo, fiquei preocupada que ele pudesse desaparecer novamente, mas depois começou a esfumar e correu em minha direção. Eu pisei fora da borda assim que ele apareceu na minha frente.

— Você iria comigo agora? — Ele perguntou, seus olhos esperançosos.

— Eu sou sua.

Ele embalou meu rosto com as mãos. Pressionando a testa na minha, ele disse:

— Você me salvou de mais de uma maneira. Tudo o que me tornei é por sua causa.

Ele me beijou timidamente, seus lábios quentes deslizando sobre os meus. O beijo se aprofundou, e sua língua disparou na minha boca. Eu me apertei com mais

força, desejando que pudéssemos roubar a noite para ficarmos juntos. Sem medos. Não se preocupe. Só nós.

Lucien me soltou.

— Por mais que eu adorasse tirá-la daqui, reconheço o perigo que aconteceria a todos se não fizermos tudo o que pudermos para impedir Erebus. — Ele engoliu em seco. — Mesmo que isso signifique deixar aqueles que amamos irem.

Eu escovei seu cheque com os dedos.

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

Ele olhou por mim para a floresta além.

— Veremos.

— Eu prometo, Lucien. Estou sendo cuidadoso. — Eu passei meus braços em volta dele. Ele exalou, seu corpo relaxando, e me abraçou de volta.

Ficamos assim por alguns minutos, nossos corpos esquentando no ar frio. Meu coração tinha tanto amor por esse vampiro. Se sobrevivermos a isso, prometi fazer tudo certo com ele.

— Devemos voltar — disse ele. — Está quase amanhecendo.

Eu abri meus olhos. Uma linha de fogo se agarrava ao horizonte, prometendo algo grande.

— Para onde estamos indo?

— Há um lago a alguns quilômetros da academia. É lá que esperamos lutar e matar Erebus.

CAPÍTULO 7

Esfreguei o colar entre os dedos antes de enfiá-lo no bolso do meu casaco, fechando o pequeno recinto. Estava quente ao toque e o sangue dentro da esfera espirrava para frente e para trás por conta própria. Tudo começou no momento em que deixamos a Lucent Academy e fizemos a longa caminhada até o lago.

Eu levei alguns momentos preciosos antes de sairmos para acessar a Primeira Magia novamente, mas não cheguei mais perto do que antes. Foi extremamente frustrante. Pelo menos Lucien havia crescido em força e poder. Eu sentia isso toda vez que estava perto dele. Ele claramente estava praticando enquanto eu era Reina.

A noite havia caído duas horas atrás, e com ela veio o frio, arrepiando meus ossos. Fiquei feliz por termos tido o dia de descansar depois do que aconteceu com o colar. Llona parecia especialmente renovada, tendo várias horas de sono.

— Ainda acho que não deveríamos ter trazido o colar — disse Liam. Ele jogou uma pedra no lago imóvel, que pulou várias vezes antes de finalmente afundar.

Henry encostou-se a uma árvore com os olhos fechados, sussurrando as palavras, quando parou e disse: — Se falharmos, nossa última moeda de barganha é esse colar. Talvez, se entregá-lo, eles pelo menos vão embora. Lucent

Academy ficará sozinha por um tempo, o que dará ao Dr. Han tempo suficiente para elaborar outro plano.

— Exatamente — disse May, — não queremos que o DSRD volte para a Lucent. — Ela se espreguiçou e torceu os quadris como se estivesse se preparando para uma corrida.

— Temos certeza de que ele vai aparecer? — Llona perguntou enquanto as palmas de suas mãos se iluminavam com a luz e depois escurecia novamente. — Talvez nós precisemos ativar o colar ou algo assim.

— Ele sabe — eu disse. O sangue no colar estava fervendo novamente.

Henry abriu os olhos.

— Está feito. Se alguém trouxer uma arma a duzentos metros deste lago, ela não funcionará.

— Bom — disse May. — Prefiro lutar contra mortos-vivos a armas a qualquer dia.

Lucien se endireitou e olhou para a distância.

— Quem é aquele?

Dois homens e uma menina da minha idade saíram da floresta.

— Amigos — disse Llona, sorrindo muito. Ela correu em direção a eles, junto com May e Liam.

Assim que as três novas pessoas entraram no luar, minha respiração ficou presa. Escamas brilhantes cobriam

metade do rosto do homem. A cabeça do outro cavalheiro parecia normal, mas seus braços estavam quase sempre cobertos pelas mesmas escamas verdes e negras que brilhavam ao luar. A garota, no entanto, só tinha uma faixa no lado do rosto. Eram mais coloridas que os machos e pareciam algum tipo de tatuagem muito legal.

— Quem são eles? — Eu perguntei.

— Lizens — Henry respondeu. — Eles serão nossos guerreiros na água. Não há muita coisa que possa derrotá-los quando estiverem em seu ambiente natural. Se você não conseguir derrotar seu inimigo, basta jogá-lo na água. Eles cuidarão do resto.

Llona caminhou até nós. — Eve, Henry e Lucien, esta é minha muito boa amiga, Tessa, e seus amigos Toby e Brett. Os outros Lizens já estão na água.

Henry e Lucien apertaram suas mãos. Eu fiz o mesmo.

— Prazer em conhecê-lo — eu disse. — Obrigado por nos ajudar.

Tessa sorriu, seus olhos azuis brilhando.

— Estou feliz por ter chegado aqui a tempo. Minha pausa na NYU apenas começou.

— E queremos ter certeza de que você voltará — disse Llona aos recém-chegados. — Então lembre-se do que eu te

disse. Se as coisas esquentarem demais, você escapará pelo túnel da água.

Eles assentiram.

— Quanto tempo você acha que temos? — Tessa perguntou.

— Difícil dizer — eu disse e examinei a linha das árvores pela décima vez.

— Nós vamos nos posicionar de qualquer maneira. Fique seguro. — Tessa deu um abraço em Llona e May.

Enquanto mergulhavam na água, Liam, que andava nervoso, disse:

— Eu voltarei — Ele irrompeu no ar e desapareceu. Provavelmente explorando a área.

May foi até Llona, que observava os céus nervosamente.

— Tudo vai ficar bem.

Ela forçou um sorriso e assentiu.

Todos nós estávamos nervosos. Estávamos prestes a travar uma batalha que nunca vimos antes. Boaz tinha sido poderoso, mas pelo menos ele era desta Terra. Erebus era algo completamente diferente.

Algo caiu na floresta, me fazendo pular. Lucien abaixou em uma posição defensiva. Outro som, como se uma árvore tivesse sido quebrada ao meio, ecoou na escuridão.

— O que é isso? — May sussurrou. Suas mãos ficaram vermelhas.

Mais falhas. Um gemido profundo seguiu.

— Liam? — Llona disse, dando um passo em frente.

Sem aviso, uma árvore gigante caiu da floresta mais rápido que a gravidade e caiu diretamente para nós.

— Tenha cuidado! — Henry ligou.

Eu me afastei do caminho, em frente a Lucien, quando a árvore desabou exatamente onde estávamos. Outra árvore caiu anormalmente rápida, desta vez destinada a Henry, mas ele facilmente a contornou.

— Liam! — Llona ligou. Ela se aproximou da floresta lentamente, cada mão apalpando uma bola de luz. Ela jogou uma na floresta. Cortou árvores menores e iluminou a escuridão, dando-nos uma visão interior. Meu sangue ficou frio.

May expirou.

— Ah merda.

- Volte - disse Henry, com a voz baixa. — Mantenha o lago nas suas costas.

Dei um pequeno passo, mas achei difícil me mover. Havia tantos deles. Seus olhos brilhavam de um amarelo doentio. Eu já tinha visto um Vyken uma vez antes, mas apenas em uma foto. Eles eram muito mais aterrorizantes

pessoalmente. Em alguns deles, a carne mal se agarrava aos rostos esqueléticos. Os narizes se foram, os cabelos estavam faltando, mas suas mandíbulas eram fortes. Cada um deles segurava duas fileiras de dentes afiados, muitos deles manchados de vermelho.

— Fique atrás de nós — disse May enquanto caminhava em direção a Llona. — Já fizemos isso antes. — Ela jogou uma bola de fogo de um lado para o outro entre as mãos e gritou para a floresta: — Voltaram para mais, hein? Não vou ser legal desta vez.

A primeira onda de Vykens veio rapidamente. Eles dispararam da floresta, todos os dentes e unhas afiadas. Llona jogou suas bolas de luz enquanto May disparava um fluxo constante de fogo. Toda vez que a Luz de Llona encontrava sua marca, um Vyken explodia em cinzas. Foi uma reação interessante, porque a luz dela só machucou outros tipos de criaturas sobrenaturais sem matá-las. O fogo de May não foi tão eficaz, mas os deteve por tempo suficiente para que Llona fosse capaz de matar muitos.

O resto de nós ficou para trás, pronto para lutar quando necessário. Lucien veio ao meu lado; todo o seu rosto praticamente brilhava com poder. Eu senti a mesma magia correndo através de mim. Era tão forte que eu estava começando a ter dor de cabeça.

Depois que cerca de uma dúzia de Vykens foram mortos, eles pararam de chegar. Llona se inclinou, as mãos nos joelhos e ofegando.

— Você está bem? — Perguntou May. Ela limpou o suor da testa.

Llona se endireitou e revistou os céus.

— Eu estarei quando Liam voltar.

— Tenha cuidado! — Henry gritou e apontou.

De fora para o nosso lado, várias outras criaturas sobrenaturais emergiram da floresta. Eu reconheci alguns lobisomens, mais Vykens e muitos vampiros. Rapidamente criei uma barreira invisível à nossa frente, enquanto Lucien e Henry usavam magia contra a ameaça que se aproximava. Eles levantaram galhos do chão da floresta e os empurraram pelos corações dos vampiros. Uma longa corrente de prata apareceu, como se tivesse sido enterrada na terra e girada no ar. O braço de um lobisomem caiu no chão, seguido por uma cabeça. Sangue brilhava no ar.

Enquanto lutávamos contra essas criaturas, mais Vykens chegaram. Llona e May lutaram com eles com uma ferocidade impressionante. Fiquei feliz por elas estarem do nosso lado.

Só então houve um enfraquecimento distinto da minha barreira. Alguém estava tentando romper. Apoiei-o com mais magia e olhei em volta, procurando a fonte.

Uma mulher com longos cabelos escuros atravessou a linha das árvores.

— Eu senti sua falta, Eve.

— Liane — eu sussurrei.

— Estou ansiosa por isso. — Ela levantou as mãos e empurrou o ar, enviando uma onda de energia em minha direção. Minha parede invisível brilhava, mas eu rapidamente a construí.

Meus olhos encontraram os de Lucien brevemente. Ele parou os movimentos de suas mãos, enquanto esfaqueou dois vampiros a mais de quinze metros de distância, e acenou para mim uma vez. Eu tinha que lutar sozinha com Liane, o que eu estava mais do que pronta para fazer. Raiva e amargura invadiram minhas veias, meu sangue e ossos.

— Então eles me disseram que você apagou sua própria memória — disse Liane. Seu olhar circulou minha barreira como se estivesse tentando determinar seu alcance. — Isso é tão triste e patético.

— *Crescat* — eu cuspi. Uma raiz cresceu do chão e envolveu seu tornozelo, mas com um movimento de seu pulso, a raiz se partiu em dois.

Ela riu.

— Eu não sou a bruxinha que você se lembra.

Torcendo os dedos, ela empurrou a mão para baixo. Minha parede desapareceu antes que eu pudesse impedi-la. Eu me movi para criá-lo novamente, mas uma força invisível bateu no meu peito, me derrubando na costa lamacenta do lago.

Cerrei os dentes e me levantei. Meus pés afundaram na lama várias polegadas. Eu me mudei para levantá-los, mas afundaram ainda mais. Eu olhei para cima. Liane estava murmurando um feitiço sob a respiração. Eu gemi de frustração. Pelo canto do olho, vi um vampiro correndo atrás de Henry. Henry não o veria a tempo.

— *Rima* — eu disse e olhei na direção do vampiro. Sua perna direita estalou e ele caiu no chão, dando a Henry tempo para decapitá-lo com um único golpe.

Arrisquei um rápido olhar para Lucien. Ele estava lutando contra vários sobrenaturais que continuavam saindo da floresta. Sua magia era impressionante. Às vezes, ele lutava com dois inimigos ao mesmo tempo, as palmas das mãos usando diferentes tipos de magia, como um pianista tocando vários acordes complexos com cada mão.

Hora de acelerar o meu jogo. Eu respirei fundo.

Liane fechou a distância entre nós.

— Eu quero esse colar.

Minhas pernas estavam enterradas nos joelhos em lodo grosso. Em vez de lutar para libertá-los, simplesmente fechei os olhos e imaginei onde queria estar. Desapareci e reapareci um momento depois, ao lado de Llona. Ela estava cansada sob o fluxo constante de Vykens. Apesar de May ter criado um firewall gigante, os Vykens passavam por ele. Isso os desacelerou, mas havia muitos deles para Llona acompanhar.

— Você viu Liam? — Llona chorou. Lágrimas encheram seus olhos.

— Ele vai aparecer, mas se ele não estiver aqui em alguns minutos, vou encontrar uma maneira de procurá-lo. — Concentrando-me com força, apontei um dedo para Liane e o agitei. O corpo dela ergueu-se no ar vários metros e depois se afastou de lado. Seu corpo seguiu o movimento do meu dedo através do lago, os pés cortando a água. Ela mentalmente tentou lutar comigo, mas eu não deixei. Eu a empurrei profundamente nas profundezas, onde eu sabia que Tessa e os outros estariam esperando, e ofeguei para respirar. Eu precisava de mais magia.

Dentro de uma única batida do meu coração, invoquei a magia da terra. Ela inchou dentro de mim e combinou-se com a minha. Em seguida, puxei ar e água até que uma

tempestade mágica se formou dentro de mim. Apenas um elemento restante.

Erguendo a palma da mão no ar, proferi um comando. Uma bola de fogo da parede de May se soltou e correu em minha direção. Eu peguei e bati no meu peito. O poder adicionado fez a tempestade dentro de mim se transformar em um furacão furioso.

Havia tanta energia zunindo ao meu redor, que meu cabelo levantava no ar. Deve ter havido outras mudanças físicas para mim porque Llona olhou para mim, arregalando os olhos e recuando.

Meu olhar voltou-se para os Vykens, depois baixou para o chão da floresta, cheio de troncos e membros caídos. Eu murmurei: *'Oriri et occidere'* – levante e mate.

Eles flutuaram e obedeceram ao meu comando, cortando o ar e matando qualquer coisa em seu caminho. E o que eles não mataram, ao menos machucaram, dando a Llona e May o tempo para acabar com nosso inimigo.

Eu estava fazendo um trabalho rápido com eles, mas ainda havia sobrenaturais correndo de outra parte da floresta. Levantei os troncos das pilhas de cinzas de Vyken no ar, depois os joguei com força no chão, de modo que eles apontassem para cima, criando uma área em caixa de espinhos mortais. Eu estava prestes a atirar no ar aqueles

que cruzavam o firewall de May e depois jogá-los contra as estacas de madeira, mas alguém me bateu.

Do céu noturno, uma rajada de vento pegou um Vyken e o jogou em nossa direção. Llona começou a rir, um som cansado e aliviado. *Liam estava vivo.* Um bastão afiado perfurou o Vyken através do intestino. Um momento depois ele estava em pó, graças a Llona.

Vários outros voaram pelo ar, obra de Liam, apenas para serem empalados segundos depois. Como Liam e Llona pareciam ter essa área sob controle, May e eu nos viramos para ajudar Henry e Lucien.

Mágica disparou da minha mão em direção a um par particularmente feroz de lobisomens. Os tons azuis de poder se enrolaram ao redor deles e os empurraram para dentro do lago. Antes que eles pudessem tentar nadar, um Lizen macho pulou da água com as unhas crescidas tão afiadas quanto os dentes de um tubarão. Ele os mergulhou nas entranhas dos dois lobos e os arrastou para baixo da superfície escura do lago. Estremeci e concentrei minha atenção na luta diante de mim.

Até agora, eu havia conseguido evitar o combate corpo a corpo. Lucien, no entanto, pulou no meio da briga, quebrando pescoços e perfurando corações. Eu tinha quase certeza de que isso era por escolha, no entanto.

Os números dos sobrenaturais estavam diminuindo, me dando uma chance de recuperar o fôlego. Apenas alguns vampiros permaneceram, e os outros poderiam lidar com eles. Tínhamos sobrevivido, mas ainda não tínhamos enfrentado o Erebus. Onde ele estava?

Um tiro soou de dentro da floresta escura, seguido por outro. Todos nós congelamos e nos entreolhamos. Por causa do feitiço de Henry, armas deveriam ter sido retiradas da equação. Eu levantei minhas mãos, pronta para combater a arma, mas não sabia dizer em que direção focar minha magia.

— De onde isso vem? — Henry gritou. Ele parecia querer fazer a mesma coisa que eu.

Outro tiro. O ombro de May deu um puxão para trás e ela caiu no chão.

— May! — Llona chamou e correu para ela.

— Lá! — Lucien gritou e apontou para a floresta.

Eu não conseguia ver o que ele estava apontando, mas confiava em sua visão de vampiro. O mais forte que pude, atirei uma explosão de energia nessa direção. A força derrubou várias árvores. Henry fez a mesma coisa logo depois de mim. Muitas árvores tombaram, seguramente aprisionando, se não matando, quem atirou em nós.

— Refaça o feitiço, Henry — eu disse, tentando esconder o pânico na minha voz.

Ele se escondeu atrás de uma árvore para fazer exatamente isso. Esperamos nervosamente, cada um de nós observando a floresta, enquanto Llona comparecia a May. Liam e Lucien acabaram com o último dos vampiros.

— Está feito — Henry disse alguns segundos depois, enquanto voltava para nós, com a cabeça girando.

Lucien apareceu ao meu lado, com a testa franzida.

— Como seu feitiço quebrou, Henry?

Antes que ele pudesse responder, o chão roncou, como se estivéssemos no meio de um terremoto.

Eu ajustei meus pés para manter o equilíbrio. Llona praticamente arrastou May para o colo, enquanto pressionava a mão no ombro dela. May grunhiu de dor. Liam apareceu naquele momento em sua forma humana. O topo da camisa estava coberto de sangue, assim como a parte de trás da cabeça.

Os olhos de Llona se arregalaram quando o viu.

— O que aconteceu com você?

— Eu estou bem. Vamos movê-la. — Liam se inclinou para levantar May, mas ela afastou sua mão.

— É uma ferida de carne. Eu posso me levantar, — disse ela entre dentes. Foi preciso muito esforço, mas ela se levantou.

O chão tremeu novamente.

Lucien pegou minha mão, sua mandíbula fechada. Apertei-o com força, sentindo força em nossas garras.

— Prepare-se — disse Henry.

Um amplo pilar de água disparou direto do lago a pelo menos quinze metros de altura. Montando em seu topo estava Liane, seu cabelo totalmente preto, juntamente com as veias no rosto e nos braços. Alguém a tinha espremido. Baixei o olhar para a água, esperando que Tessa e os outros dois Lizens estivessem bem.

Henry passou a mão para a direita. Uma grande parte do pilar de água se soltou como um pedaço gigante de Jenga e caiu de novo no lago. Ele fez isso repetidamente, deixando Liane mais perto de nós.

Enquanto isso, um homem e uma mulher com cabelos pretos combinando saíam da floresta vestindo longos mantos pretos. Seus olhos eram totalmente brancos. Pelo poder que emanava deles, também eram bruxas. Eles lentamente levantaram as mãos, criando uma mudança no ar. Tornou-se elétrico e cheirava a cabelo queimado.

Eu levantei minha mão e mentalmente segurei duas árvores próximas. Com um rápido aperto do meu punho, eu os bati na direção das bruxas. Pouco antes de causar impacto, o ar brilhava vermelho e as árvores desapareciam. Mas não eram as bruxas que os fizeram desaparecer - essa mágica parecia mais poderosa, quase sobrenatural, em comparação com o que as bruxas estavam convocando. Tinha que ser Erebus. Eu procurei, mas não o vi.

— Eu realmente odeio bruxas — May rosnou e usou seu braço bom para lançar um spray de fogo contra a bruxa. Ele se virou na direção dela e, com apenas um olhar, parou o movimento do fogo no ar. Ele piscou uma vez. May caiu no chão, imóvel.

— May! — Llona a sacudiu, mas não teve tempo de fazer mais nada.

A floresta cuspiu mais sobrenaturais, quase o dobro do que antes. Liam voltou ao ar, enquanto Llona se levantou e atirou Luz para qualquer coisa que se mexesse.

Lucien e eu ligamos as duas bruxas, atingindo-as com uma explosão de energia mental, mas antes que ela pudesse alcançá-las, colidimos com uma parede mental. Eu estabilizei minha respiração e empurrei com mais força, mas o riso de Liane chamou minha atenção.

Henry cortou o pilar até Liane estar na superfície do lago. Ele bateu uma última vez, provavelmente esperando prendê-la no lago, mas assim que ele fez o movimento, seu braço estalou. O som de quebrar ossos e seu grito de dor fizeram meu estômago nadar. Ele vai se curar, lembrei a mim mesma.

— Eu tenho esses dois — Lucien disse, resmungando pelo esforço mental que estava usando para impedir as duas bruxas.

Olhei para a água, lembrando as garras mortais do Lizen.

— Se você não tiver tempo para matar esses bastardos, jogue-os no lago!

Assim que terminei minha frase, joguei mentalmente três vampiros que se aproximavam na água. Eles foram rapidamente capturados por Lizens, os monstros do mar. Liam se juntou a mim até a água rodar com sangue, cinzas e ossos.

Eu me virei para ajudar Henry, mas algo chamou minha atenção. Em pé no final do lago, longe da luta, estava Hunwald. Ele rosnou para mim, revelando longas presas brancas. Uma raiva profundamente enraizada passou por mim a uma velocidade que me deixou sem fôlego. Algo me

atraiu para ele, um poder que eu não podia ignorar. *Este lobo deve morrer.*

Antes de correr atrás dele, olhei para Liane e gritei as palavras: *Comminuet ossa*!

Ela gritou quando numerosos ossos de seu corpo se despedaçaram e caiu na água. Eu ofeguei com a quantidade de energia que me escapou para concluir essa tarefa, mas valeu a pena. Henry ou Tessa devem ter um tempo fácil o suficiente para cuidar dela agora.

Fechei os olhos e me teletransportei para onde Hunwald estava parado, mas ele se sumira. Levei alguns segundos preciosos para reconstruir a magia dentro de mim antes de segui-lo.

— Eve! — Lucien chamou por cima do ombro.

Um rosnado baixo ecoou do fundo da floresta.

Olhei para Lucien, hesitando por uma fração de segundo, antes de me voltar para Hunwald. Muita coisa aconteceu para eu ignorar esta fera.

Na floresta eu corri, meus pés mal tocando o chão, estimulada por pura raiva. Era um sentimento familiar, que eu não sentia há muito tempo. Eu seria uma mentirosa se não dissesse que parte de mim gosta de se sentir assim, imprudente e desenfreada.

Hunwald correu na minha frente, entrando e saindo das árvores. Justo quando pensava em pegá-lo, ele se teletransportava para outra parte da floresta fora do meu alcance. Tentei usar a magia para segurá-lo no lugar, mas toda vez que ele escapava do meu controle mental. Após um minuto inteiro de uma perseguição vigorosa, fiquei preocupada que tivesse ido longe demais.

Parei e recuperei o fôlego, tentando resistir à atração em direção a Hunwald. Por mais que eu o quisesse morto, não queria fazê-lo à custa dos meus amigos. Examinei a floresta, mas não o vi. Eu me virei para voltar e fiquei cara a cara com o lobo que havia reaparecido a poucos metros atrás de mim.

Eu pulei para trás de suas mandíbulas estaladas e foquei no chão embaixo dele. Um anel de fogo apareceu e o cercou. Com um movimento do meu pulso, todo o círculo explodiu em chamas, envolvendo-o completamente e, no entanto, eles não o tocaram. O fogo aumentou cada vez mais alto, cuspindo e estalando.

A enorme forma de Hunwald desapareceu dentro do fogo furioso. Por um momento, pensei que ele tivesse escapado, mas depois houve uma pausa nas chamas. A figura no fogo mudou. Seu pêlo havia se desprendido e seu corpo se endireitou, ficando tão alto quanto as chamas. Braços e pernas compridos se desenvolveram, seguidos por

uma cabeça cheia de cabelos. Não era mais um lobo, mas um humano. As chamas cessaram, deixando apenas um chão coberto de cinzas e um homem alto e nu, com ombros largos, um peito enorme, coxas como troncos de árvores, todas cobertas por músculos grossos.

Eu ofeguei e tropecei para trás. Em pé na minha frente estava Erebus, olhos vermelhos de sangue queimando nos meus. Ele saiu do círculo. Um terno completo apareceu nele de baixo para cima, como se estivesse sendo costurado nele bem na minha frente.

— Você é Hunwald? — Eu fiquei boquiaberta, meu coração batia soando nos meus tímpanos.

O canto da boca dele apareceu.

— Surpresa.

— Como? Por quê?

— O lobo me deu o anonimato de que eu precisava, e Boaz me deu o resto. Um dos meus maiores dons é a paciência. Demorou muito tempo para encontrar o sobrenatural perfeito para me ajudar a subir ao trono da Terra. Era uma pena que Boaz tivesse que morrer.

— Você o abandonou.

— Sua utilidade acabou.

— Ele sabia? Sobre sua verdadeira identidade?

— Ele não sabia. Eu era um lobo ao seu redor apenas quando necessário. — Erebus circulou ao meu redor. Seus passos não fizeram barulho no chão da floresta. — Eu acredito que você tem algo que me pertence.

O colar no meu bolso ficou quente a ponto de poder fazer um buraco no material fino. Eu precisava tirá-lo isso daqui.

Fechei os olhos para me teletransportar, mas meu corpo se apertou, sugando o ar dos meus pulmões.

— Não é tão rápido — disse Erebus. — Eu quero esse colar.

Eu balancei minha cabeça.

Ele riu, um som surpreendentemente agradável.

— Você gosta dele, não gosta? Tudo bem. Você pode se apegar um pouco mais, Eve, mas você terá que vir comigo também.

CAPÍTULO 8

Eu forcei o ar para os meus pulmões. — Eu nunca irei com você.

— Claro que não. É por isso que estou te levando à força, mas antes que eu o faça, quero que você veja alguma coisa.

Erebus fez um movimento rodopiante com os dedos. Alguns metros à minha frente, o ar se separou, criando uma espécie de janela no espaço. De repente, eu estava olhando para o lago, vendo todos os meus amigos brigando - ou mais como perdendo a batalha.

May estava inconsciente no chão. Llona lutava contra dois sobrenaturais em combate corpo a corpo, mas seus socos mal estavam conectados. Liam ainda estava no ar, arrancando quem podia do chão e jogando-os no lago, mas até seus movimentos pareciam lentos.

Lucien se afastou das bruxas para ajudar Llona. Ele ainda lutava ferozmente, usando uma combinação de magia e coragem física contra qualquer um que chegasse perto dele. O braço de Henry havia se curado, mas Liane também estava curada de alguma forma. Ela e as outras duas bruxas atacaram Henry. Ele não seria capaz de durar muito mais tempo.

Meu coração disparou e eu respirei fundo. Eu tinha que voltar! Fechei os olhos para me teletransportar para fora de lá novamente, usando toda a magia que pude convocar, mas uma forte pressão me envolveu em um casulo frio.

— Me deixar ir! — Eu exigi, me debatendo para frente e para trás.

Ele riu.

— Eu tenho grandes planos para você.

Eu cerrei meus dentes e lentamente abaixei minha mão direita para o colar quente no meu bolso, abrindo-o lentamente.

Houve um som de crack dentro da janela para o lago. Uma árvore caída, com a forma de uma longa lança com seus galhos cortados, disparou nas costas de Henry. Como se sentisse sua aproximação, ele se virou para detê-lo, mas seu corpo ficou rígido de repente. A ponta pontiaguda da árvore atravessou seu abdômen.

Bati a mão livre na boca; minha outra mão apertou o colar com força, apesar do calor abrasador.

Lucien gritou e lutou muito para conseguir Henry, mas com sua atenção desviada dos sobrenaturais, ele foi facilmente dominado por eles. As bruxas também se viraram em sua direção, enquanto Liane continuava focada em Henry, seu punho fechado erguendo-se no ar. A lança que

empalara Henry seguiu seu movimento com ele ainda preso. O membro girou verticalmente e colidiu com a terra, empurrando sua madeira pelo menos um metro para a margem macia do lago. Henry balançou do meio, os pés incapazes de tocar o chão. Tossiu, borrifando sangue na terra e nas folhas caídas.

Lutei muito para me libertar das garras mentais de Erebus, mantendo meus olhos focados na cena que se desenrolava diante de mim. Liam desceu do céu uma última vez. Ele pegou May e Llona e as levou embora.

— Eu vou matar Lucien e Henry agora — disse ele. — Eu digo a você para se preparar. Não vai ser bonito.

O pânico tomou conta de mim. Eu precisava de mais poder! Flexionei meus músculos e concentrei toda a magia que passava por mim no colar. Eu mergulhei mentalmente profundamente dentro dele antes que pudesse responder e viajei direto para a terra do nevoeiro. Um raio rachou e o vento uivou muito pior do que antes. Não parei por nada, deixando de lado todos os medos.

— O que você está fazendo? — Erebus disse, sua voz distante e rasa.

Eu ignorei tudo e corri para o poço cheio de luz. Estendi a mão para tocar o pilar iluminado disparando diretamente para o céu, e quando Erebus segurou meu braço, me

trazendo de volta, meus dedos roçaram a luz. Poder além de qualquer coisa que eu já sentira antes encheu minha totalidade.

Meus olhos se abriram e eu mentalmente empurrei Erebus de volta. Seus calcanhares cravaram no chão quando ele foi arrastado a vários metros de mim. Os olhos dele se arregalaram. Eu subi minha consciência ainda mais, e por apenas uma fração de segundo, eu estava em sua mente. Ele me subestimou e sabia que eu sabia disso.

Ele girou a mão no ar, quebrando meu aperto nele, mas eu empurrei novamente, desta vez jogando-o no chão. Eu tentei me teletransportar, mas novamente ele impediu.

— Pare — ele assobiou e ficou de pé em um movimento fluido.

— Eu posso te machucar. — Eu sorri e disse: *Exacuere*!

Um corte profundo apareceu em sua bochecha esquerda. Eu disse a palavra mais algumas vezes. Vários outros cortes morderam sua carne, o último cortando seu pescoço, o que eu estava tentando fazer o tempo todo. Eu precisava de mais magia.

Ele rosnou e mentalmente me puxou por trás até eu me chocar contra uma árvore. Eu estava preso lá enquanto ele se aproximava de mim. Ele veio dentro de uma polegada do

meu rosto, suas feridas abertas sangrando na camisa de colarinho. Ele me olhou de cima a baixo, carrancudo.

— Talvez eu não precise de você, — ele finalmente disse, seu hálito quente cheirando estranhamente a musgo. Ele virou a cabeça para o lado e disse a ninguém que eu pudesse ver: — Leve os vampiros vivos. Saia agora.

Minha respiração acelerou. Olhei para a estranha janela do lago, mas estava fechada. Inclinei-me para frente para me livrar da pressão invisível que me segurava contra a árvore, mas sua mão se levantou e agarrou minha garganta.

— Você se tornou inútil para mim agora. Você se lembra do que aconteceu com a última pessoa inútil na minha vida?

Enquanto ele me segurava, sua mão esquerda serpenteava para cima e para baixo do meu corpo tocando cada curva. Meu estômago revirou. Eu usei essa repulsa para me dar um impulso de poder mágico.

Sua mão parou quando sentiu o colar no meu bolso.

— Eu acredito que isso me pertence.

Um grunhido soou baixo na minha garganta, ficando mais alto quanto mais eu lutava para me libertar. Suas narinas queimaram com o esforço mental que estava precisando apenas para ele manter seu aperto em volta do meu pescoço.

Meu grunhido se transformou em um grito. Sua mão estalou para trás e os dedos dobraram de maneira não natural para seu antebraço. Dei um soco no estômago dele o mais forte que pude, fazendo-o voar para um galho afiado, projetando-se para fora. Eu nunca quis tanto que alguém morresse. Pouco antes de ser perfurado no peito, seu corpo brilhou em fumaça e depois girou para um ponto, como se estivesse sendo sugado para um vórtice. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir, ele se foi.

Caí de joelhos, exausta e com uma dor de cabeça latejante. Então me lembrei do colar. Eu rapidamente peguei meu bolso, mas ele se foi. Eu olhei para o lago.

Lucien!

Concentrei meu poder minguante para me teletransportar para a beira da água. Todo mundo se foi. Tudo o que restava eram pilhas de cinzas e poças de sangue, especialmente perto da costa. Eu tropecei em direção à floresta e gritei: — Lucien! Henry!

Não havia sons, nem mesmo um grilo cantando. Tinha que haver alguém aqui. Corri para a floresta procurando pegadas. Havia muitos deles, mas todos foram em direção ao lago, a nenhum. Corri de volta e diminuí a velocidade quando alguém saiu da água. Era Tessa. Ela tinha marcas de garras por todo o lado do rosto.

— Você está bem? — Eu perguntei. — O que aconteceu?

Os olhos dela estavam arregalados e vazios. Ela caiu no chão, a água pingando de seus cabelos.

— Todo mundo simplesmente desapareceu.

— Lucien? Henry? Eles estavam...

— Vivos, mas muito machucados. Sinto muito, mas não sabia como detê-los, então fiquei escondida. Os outros Lizens, os que restaram, retornaram para ver se Llona precisava de ajuda adicional.

Eu olhei para ela, minha mente entorpecida. Lucien se *foi*. Minha respiração engatou, depois entrou e saiu rapidamente uma e outra vez. Meus lábios começaram a formigar e o mundo inteiro girou. Eu não poderia perder Lucien, não depois de tudo isso!

— Ei — disse Tessa e se levantou. — Você precisa respirar.

Coloquei minhas mãos nos joelhos e soprei ar da boca. Eu precisava me acalmar. Não havia tempo para pensar no que aconteceu. Eu só precisava encontrar Lucien e Henry e trazê-los de volta. Lentamente, minha respiração voltou ao normal e minha mente se limpou de todo medo. Essas eram emoções com as quais eu poderia lidar mais tarde.

— Você está bem? — Tessa perguntou, o olhar vago em seus olhos havia desaparecido. — Liam, Llona e May provavelmente estão na Lucent. Eu vou dar uma olhada neles. Você quer vir?

— Gostaria disso.

— É por caminho.

— Espere — eu disse e peguei o braço dela. — Eu conheço uma maneira mais rápida.

Fechando os olhos, concentrei-me na magia que já estava surgindo através de mim. Eu deixei espalhar através de Tessa, e então fomos embora.

Nós reaparecemos dentro do saguão de Chadni Hall. Os pés de Tessa se dobraram embaixo dela e ela quase caiu.

— Eu acho que vou ficar doente.

Eu mantive uma mão firme nas costas dela até a tontura passar.

— Melhor?

Ela assentiu.

— As feridas no seu rosto — eu disse, — eu posso curá-las. É o mínimo que posso fazer, vendo como é praticamente minha culpa que você se machucou.

— Eu vou me curar em breve. E não foi sua culpa. — Ela apontou para o corredor. — A enfermaria está à sua

esquerda e ao virar da esquina. Llona e os outros devem estar lá.

Eu estava prestes a me apressar, mas parei e disse: — Você fez a coisa certa, sabe. Esconder-se. Sua vida é importante.

Ela sorriu.

— Obrigado, e diga a Llona que estarei lá em breve.

— Vou dizer. — Eu me virei e corri pelo corredor.

Assim que virei a esquina, vi Liam. Ele estava segurando Llona no peito, todo o lado do rosto machucado e inchado. Ele era um curador rápido, então ele deve ter sido realmente ferido. A culpa machucou meu coração.

Eu diminuí a velocidade quando ele fez sinal para Llona olhar na minha direção. Assim que nossos olhos se encontraram, sua expressão de dor virou alívio. Ela se apressou e jogou os braços em volta de mim em um abraço apertado.

— Eu estava tão preocupada! O que aconteceu?

— Eu vou explicar mais tarde. Onde está May?

Ela me soltou e apontou para uma porta. Fui até uma janela alongada no topo de uma porta e espiei. May deitar sobre uma mesa. Três Auras a cercavam, suas mãos brilhantes pairando sobre seu corpo.

— Eles estão a curando? — Eu perguntei a Llona.

— Tentando. Ela tem algum tipo de feitiço nela.

— Eles serão capazes de removê-lo?

Llona torceu as mãos.

— Acredito que sim.

— Se por algum motivo eles não puderem, por favor me avise. Eu posso ajudar.

— Obrigado. — Ela inalou rapidamente. — Lucien? Henry? Eles conseguiram?

Eu desviei meu olhar.

— Eles foram capturados logo depois que eu persegui Hunwald - o lobo de que te falei, lembra?

Ela assentiu. Liam se aproximou de nós, sua expressão escurecendo.

— Eu o persegui pela floresta, e pensei que o tinha, mas então Hunwald não era mais Hunwald. Ele era Erebus. Ele sempre foi o lobo.

— Erebus estava lá? — Ela ficou boquiaberta.

— Nós brigamos. Ele disse que ia me pegar e matar todo mundo, mas quando não conseguiu me dominar, mudou de ideia e pegou Henry e Lucien. — Eu olhei em cada um dos olhos deles. — Por que ele precisaria deles? Ou até eu?

— Ele pegou o colar? — Liam perguntou, sua voz baixa.

— Ele tirou de mim.

Liam desviou o olhar, as mãos se fechando em punhos.

— Eve! — Uma voz chamou do corredor.

O Dr. Han correu em minha direção, se movendo mais rápido do que eu esperava para a idade dele. Ele não diminuiu a velocidade quando me alcançou. Em vez disso, ele me pegou pelo braço e disse: — Depressa. Ainda podemos pegá-los se formos rápidos.

Aumentei meus passos para acompanhá-lo. Llona e Liam se encaixaram atrás de nós.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei.

Ele não disse nada até nos levar para uma sala de aula vazia nas proximidades. Ele fechou a porta.

— Acabei de falar com Tessa. Ela me contou sobre Lucien e Henry serem presos. Acho que podemos recuperá-los se agirmos agora.

— Como?

— A impressão mágica deles. Duvido que Erebus os tenha mascarado tão rapidamente.

Llona ficou animado.

— Como eu encontrei Eve! Só que desta vez será mais fácil, já que eu já sei como são as impressões mágicas deles.

— Ela correu para o lado da parede da sala de aula e puxou um mapa do mundo. Ela espalhou pela mesa de um professor.

O Dr. Han me deu um sorriso tranquilizador enquanto todos nós ficamos em silêncio. Os olhos de Llona estavam se movendo para frente e para trás entre as pálpebras fechadas. Sua expressão passou de otimista a frustrada até que finalmente ela abriu os olhos.

— Não consigo senti-los. Não sei qual é o problema. Eles acabaram de sair.

Minhas pernas ficaram fracas e eu quase caí, mas Liam agarrou meu cotovelo para me manter em pé.

— Você acha que eles estão... — Eu não consegui terminar a frase. Não havia mais ar nos meus pulmões. Lucien não poderia estar morto.

— Acho que não — disse o Dr. Han. — Eles foram pegos por uma razão. É notável que Erebus cobriu seus rastros tão rapidamente.

— Ou talvez — ponderou Liam, — Erebus não lançou um feitiço. Talvez sua escuridão seja tão grande que naturalmente mascara Lucien e Henry, da mesma forma que Auras mascaram o poder do colar.

— Então como os encontramos? — Eu perguntei.

Dr. Han virou-se para mim, seu olhar de aço.

— Existe outro caminho. Oposto ao que Llona faz.

Levei um segundo para perceber o que ele estava dizendo.

— Rastrear a escuridão de Erebus? —

Ele assentiu.

— O colar, especificamente. Isso pode ser feito, mas apenas por alguém que já conhece seu poder e que já o experimentou.

As cabeças de Liam e Llona lentamente viraram minha direção.

Eu levantei meu queixo um pouco. Eu não teria mais vergonha. Precisávamos da Primeira mágica para derrotar Erebus, e a única maneira de obtê-la era através do colar e da escuridão.

— Como eu faço isso?

— Provavelmente da mesma maneira que eu — Llona disse e saiu do caminho. — Apenas procure algo familiar para você.

Eu tomei o lugar dela na frente do mapa e olhei para ele.

Llona falou suavemente.

— Feche os olhos e imagine como é a escuridão do colar. Seja o mais descritivo possível. Tem um cheiro? Faz seu corpo parecer engraçado? Realmente se concentre.

Eu balancei a cabeça e coloquei minhas mãos no mapa. Uma vez que meus olhos estavam fechados, não era difícil lembrar da escuridão. Fazia parte da minha vida há muito tempo. Mas eu precisava mais do que aquelas lembranças marcadas. Eu precisava da escuridão eterna que existia no coração do colar. Estava frio e implacável.

Lembrei como isso fez Alarica se sentir. *Poderoso.* Tanto poder que fez meu corpo, o corpo de Alarica, parecer cheio, como a qualquer momento sua carne fosse explodir para liberar a energia. Essa energia era fria e escura, parecendo muito com o interior de uma caverna à beira-mar. E o cheiro. Pensei na respiração de Erebus, naquele forte aroma de musgo. Uma onda de náusea tomou conta de mim, mas eu a empurrei para baixo.

Depois de recordar todos os detalhes vívidos da escuridão dentro do colar, minha consciência deixou meu corpo. Eu me afastei, rodopiando para um destino desconhecido, mas sua força era intensa. Eu relaxei minha mão e deixei meu dedo responder à sensação de puxão. Ele traçou um caminho ao longo do mapa enquanto a escuridão crescia em força. Minha cabeça latejava quanto mais chegava à fonte.

Minha mão parou de se mover e meus olhos se abriram.

— Pronto — eu disse e olhei para baixo. Meu dedo estava em um local perto de Ironwood, uma cidade a algumas horas de Rouen.

— Você tem certeza? — Han perguntou.

— Eu não tenho dúvidas.

A porta se abriu. Uma garota de catorze anos disse: — May está acordada!

Llona e Liam saíram correndo da sala. Eu segui depois, mas foi muito mais lento. Meus membros estavam trêmulos pelo contato com tanta escuridão.

May estava sentada em uma cama, com a cabeça baixa. Cabelos castanhos compridos caíam para os lados do rosto. Llona estava esfregando as costas. Liam estava no canto falando em voz baixa com uma das Auras mais velhas que estava curando May.

— Como ela está? — Han perguntou.

Por baixo da cortina de cabelo de May, ela gemeu.

— Eu acho que um ônibus de sobrenaturais loucos delirantes passou por cima de mim.

A Aura alta conversando com Liam se aproximou.

— Ela ficará com dor de cabeça por um tempo, possivelmente com alguma perda de memória, mas fora isso, ela deve ficar bem.

— Obrigado, Desi, — disse o Dr. Han.

Ela inclinou a cabeça e saiu da sala.

— Desculpe por Lucien e Henry — May murmurou. Llona acabou de me contar.

Eu endireitei meus ombros.

— Eu vou recuperá-los.

— Oh sim? Você e qual exército?

— Vamos ajudá-la — disse Han.

Liam virou-se para ele, as sobrancelhas levantadas.

— Nós?

— Henry é meu amigo mais antigo. Não vou abandoná-lo.

Eu olhei para ele com gratidão, mas esse sentimento rapidamente se transformou em pavor.

— Agradeço a vocês que querem ajudar, mas quase morremos hoje à noite. Por favor, cuide-se. Pensarei em algo.

— Eu sei que somos amigas há pouco tempo — Llona me disse, — mas há algo que você deve saber sobre mim. Eu odeio que me digam o que fazer.

— É verdade — disse Liam.

Llona deu uma cotovelada nele sem olhar em sua direção.

— Tenho certeza de que podemos elaborar um plano que nos mantenha seguros, mas também eficazes.

— Como? — May ofegou. — Acabamos de lutar, mais como praticamente morrer. Eu não sei sobre vocês, mas eu poderia dormir por uma semana! —

Liam começou a andar.

— Enquanto eu estava no ar atacando o DSRD, estudei os movimentos deles tentando encontrar algum tipo de padrão que funcionasse em nossa vantagem. Eles tentavam nos sobrecarregar com o número deles, o que causamos sérios danos. Eu acho que eles farão o mesmo se atacarmos novamente. O que precisamos é de uma grande distração para atrair e remover o maior número possível deles. Então talvez possamos mantê-los preocupados enquanto Eve se infiltra para salvar Henry e Lucien.

May gemeu.

— Mas isso só pode acontecer se ela matar o diabo mais poderoso que já escapou do inferno. Quem faz isso?

— Vamos trabalhar nessa parte — disse Han. — Mas primeiro precisamos terminar de localizá-los. Nós os rastreamos para Ironwood.

— Parece um local estranho — disse Llona. — Por que lá?

O Dr. Han passou os dedos pelo longo cavanhaque branco.

— Com base em minha pesquisa, o Erebus precisa de um local com acesso ao outro lado. Por exemplo, uma área onde existem muitos fantasmas, poltergeists e demônios sem forma humana. O Erebus poderá aproveitar seu poder porque eles existem nos dois planos.

A expressão de May ficou pensativa.

— Você sabe, há um lugar em Ironwood que é famoso pela atividade paranormal. Ele esteve em todos os reality shows fantasmas.

— O que é isso? — Eu perguntei.

— Já ouviu falar da Penitenciária Estadual do Leste?

Eu balancei minha cabeça. May olhou esperançosa para os outros.

— Não faço ideia, — disse Liam, e o Dr. Han apenas deu de ombros.

- Ugh. Ótimo. O Penitenciária Estadual do Leste foi uma prisão por mais de cento e cinquenta anos. Muitas pessoas morreram lá e foram torturadas. O lugar era conhecido por suas ideias estranhas de fazer os criminosos se adaptarem. Ah, e um fato interessante, Al Capone esteve preso lá.

— Como você sabe tudo isso? — Eu perguntei.

— Eu gosto de shows de fantasmas. Eles são o meu prazer culpado.

— Digamos que May esteja certo — disse Liam. — Como podemos deixar Eve sozinha com Erebus? Eles estão em uma prisão, pelo amor de Deus.

— O que precisamos é de uma luta épica no pátio da prisão para atrair os sobrenaturais. — O Dr. Han olhou para todos na sala, com os olhos fixos em mim. — E precisamos que você inicie.

CAPÍTULO 9

Levou muito mais tempo para sair para Ironwood do que eu teria gostado, mas eu entendi a razão para o atraso. O Dr. Han teve que arrumar as coisas para a escola, caso algo acontecesse com ele. Me deixou doente pensar em tudo o que ele pode estar desistindo. Eu disse a ele repetidamente que ele não tinha que vir, que nenhum deles tinha. Eles já haviam se sacrificado tanto por mim, mas não ouviram falar.

Eu usei esse tempo extra para praticar atingir a Primeira Magia. Deitei-me sozinha em um quarto escuro, concentrando-me fortemente naquele raio de luz brilhante. Lembrei-me de tudo que pude sobre isso. A névoa espessa que a rodeava, a maneira como o ar parecia elétrico, o leve cheiro de musgo e, finalmente, como a magia do poço havia se sentido dentro de mim - quente e pulsando com poder.

Quando nada aconteceu, minha mente começou a vagar. Pensei em Lucien e em como minha consciência poderia visitá-lo em meus sonhos. Eu não queria fazer isso depois que ele foi levado, com medo de ver sua condição e cometer um erro. Eu não podia deixar Erebus saber que estávamos com ele ainda. Mas eu me sentia muito mais calma agora.

Fechando os olhos, respirei devagar. Era fácil pensar em Lucien. Sua mandíbula quadrada, penetrantes olhos azuis,

lábios carnudos. Pensei especificamente em todos os nossos sorvetes. Era uma época em que ele acreditava que não era digno de amor. Ele era tão teimoso na época. Eu sorri, quase rindo, quando o calor se espalhou por mim, seguido por uma sensação de formigamento suave.

Minha consciência saiu do meu corpo e me vi em um quarto escuro e fresco. A porta estava entreaberta, deixando entrar alguma luz, mas não muita. O chão era de concreto, grande parte lascado, assim como as paredes e o teto. Um colchão fino e gasto estava enfiado no canto.

Eu saí da sala deprimente. Assim que eu pisei fora, ofeguei. May estava certa. Eu estava em uma prisão, e uma que não era usada há décadas, pelo que parecia. O gesso havia desmoronado no chão em muitas partes, e os grafites espalhados pelas paredes. Havia duas histórias que se estendiam por um longo e amplo corredor. Eu estava de pé na varanda do segundo andar. À minha frente havia outra varanda e, além da grade, havia mais celas de prisão.

Ouvindo vozes a distância, desci uma escadaria estreita de metal e espiei uma esquina. Meu coração caiu no meu estômago com a cena diante de mim, e eu agarrei um batente de porta quebrado para apoio.

A área onde os guardas da prisão patrulhavam havia sido convertida em um espaço mágico. Um pentagrama

gigante foi queimado no chão com marcas negras furiosas. Outros símbolos antigos haviam sido pintados nas paredes com o que parecia sangue. Eu reconheci muitos deles por feitiços diferentes que meus pais lançaram e até alguns Alarica usaram. Nenhum deles era um símbolo que invocava luz ou pureza. Eles invocaram apenas magia negra.

Olhei ao redor da sala tentando descobrir quantos sobrenaturais poderíamos ter que lutar, mas surpreendentemente não vi muitos. O que vi, no entanto, foi ainda pior. Empoleirados na varanda, olhando ansiosamente com olhos vermelhos e redondos, havia dezenas de pequenos demônios negros, não maiores que um cachorro grande. Muitos deles sorriram descontroladamente, expondo afiados dentes brancos. Eles estavam parados de maneira não natural, esperando e observando, mas havia alguns que saltavam do parapeito, estalando o queixo nos outros.

Eles não eram os únicos neste lugar. Passeando pela varanda havia vários fantasmas de outra época. Eles usavam roupas velhas da prisão, algumas com uniformes listrados em preto e branco, enquanto outras usavam ternos azul marinho com chapéus combinando. Eles devem ter sido os guardas. Nenhum deles parecia estar interessado no que estava acontecendo lá embaixo, mas de vez em quando um

deles olhava para baixo e franziu a testa. Um homem de uniforme ensanguentado da prisão, parou e se inclinou sobre o parapeito, sorrindo tão loucamente quanto os pequenos demônios negros.

Embora eu não estivesse fisicamente lá, ainda me mantinha perto da parede enquanto caminhava em direção a uma estrutura alta de madeira que parecia ter sido construída recentemente. Tinha pelo menos seis metros de altura e era pintada de preto. Havia algo sobre ela que me atraía.

Ao me aproximar, minha visão além da parede de madeira se expandiu. As duas bruxas que estiveram no lago antes estavam encarando a divisória com olhos totalmente brancos. Eles não estavam se movendo, nem mesmo respirando pelo que eu poderia dizer. Eu me aproximei, ansiosa para ver o que mantinha o foco deles.

Passei pela parede e finalmente me virei para ter uma visão completa. Meu coração parou de bater. Lucien e Henry haviam sido perfurados no alto da madeira por quatro espigas grossas cada. Duas seguravam os ombros e duas perfuravam as coxas. Eles tinham o peito nu e um sigilo havia sido gravado profundamente na pele exposta. Sangue escorria pelo estômago, encharcando as calças.

Um funil com um tubo comprido na ponta havia sido colocado perto dos pés para pegar o sangue. De lá, ele viajava por uma mangueira comprida e despejada em uma poça de água no chão de concreto. A poça, com talvez dois metros de diâmetro, parecia mais preta que vermelha. Uma energia poderosa e escura pulou da água, fazendo minha cabeça girar.

Com o meu interior tremendo, caminhei por baixo de Lucien e Henry, desejando poder tocá-los fisicamente. Suas cabeças estavam caídas e as pálpebras fechadas. Eu olhei para eles por alguns segundos, depois olhei de volta para as bruxas, finalmente entendendo. Um feitiço foi lançado, alimentado pela constante concentração das bruxas, a fim de mantê-los adormecidas enquanto elas sangravam.

Pensei em quebrar o feitiço deles naquele momento. Eu me sentia bastante confiante de que poderia fazê-lo, mas e daí? Havia tanta coisa que eu não poderia fazer remotamente. Lucien e Henry seriam fortes o suficiente para sair daqui sem ajuda? Não fazia ideia de quantas pessoas estavam fora da prisão e não fazia ideia de onde Erebus estava. Ele poderia estar na poça escura pelo que eu sabia, fazendo algo infernal. Onde quer que ele estivesse, tenho certeza de que tinha algo a ver com o colar e recriar o espelho de Lúcifer.

A única maneira de eu realmente ajudá-los era chegar aqui o mais rápido possível.

— Eu estou indo, meninos — eu sussurrei. — Apenas espere.

Minha consciência voltou ao meu corpo deitado na pequena sala da Lucent Academy. Era a hora de ir.

CAPÍTULO 10

Depois mentalmente ter deixado Lucien e Henry, eu tinha voltado com nova determinação. Eu senti o poder emanando daquela água escura e sabia que apenas a Primeira Magia me daria a força que eu precisava para resgatar Lucien e Henry.

Eu pratiquei o máximo que pude antes de deixarmos a Lucent Academy. Eu poderia alcançar o poço, mas por algum motivo não conseguia tocá-lo. Era como se houvesse algum tipo de barreira protetora ao redor que exigisse mais magia do que eu. Mas pelo menos o tempo que levei para chegar ao poço através da névoa escura havia diminuído.

Dr. Han, Liam, Llona, May e eu embarcamos em um avião particular, concordando que era melhor evitar qualquer confronto com o DSRD. Trouxemos todo o tipo de armas e também trouxemos sangue Aura para Henry e Lucien, para ajudá-los a se recuperar rapidamente. Antes de pousar, contei aos outros o que vi na prisão. O Dr. Han parecia particularmente chateado quando mencionei a poça de sangue, mas ele não expressou suas preocupações.

— Devemos rever o plano novamente? — Llona perguntou.

May gemeu, mas falou rapidamente.

— Nós causamos uma grande distração usando Auras falsas, atraindo alguém para dentro da prisão, enquanto Eve entra furtivamente para matar Erebus e resgatar os meninos.

— É um pouco mais complicado do que isso, May — disse Llona, — mas basicamente sim. Como está sua cabeça?

— Muito melhor desde que você me deu um pouco da sua luz. — Ela reclinou-se na cadeira e fechou os olhos.

— Falando em suas habilidades — eu disse a Llona, — estava pensando se poderia pedir um favor.

— Diga.

— Eu sei que Lucien usou a linguagem antiga para quebrar o feitiço da memória em mim, mas ele também precisava da sua Luz.

Ela assentiu.

— Eu estava pensando se você poderia fazer a mesma coisa comigo. Estou tendo dificuldades para acessar a Primeira Mágica, que precisarei combater para Erebus. Talvez sua Luz possa me ajudar?

— Poderia. — Ela olhou para Liam, que havia se adiantado para se sentar ao lado do piloto. — Ei, Liam! Quanto tempo até pousarmos?

— Cerca de vinte minutos — ele chamou de volta.

— Tempo suficiente — ela disse. — Me dê suas mãos.

Fiz o que ela pediu, sentindo-me um pouco constrangido na frente dos outros, mas eles agiram como se estivessem vendo isso o tempo todo. As mãos de Llona estavam quentes ao toque.

— Feche os olhos — ela ordenou.

Alguns segundos depois, minhas mãos dentro das dela ficaram quentes, mas não insuportavelmente. Minha pele começou a zumbir, como se eu estivesse tocando um fio elétrico de baixa tensão. Fiquei um pouco surpresa porque esperava mais, mas então um clarão branco encheu minha mente e passou pelo resto de mim. Chupei ar e respirei rapidamente.

— Continue segurando — disse Llona. — Eu quero te dar o máximo que puder.

Murmurei algo ininteligível. Meus músculos ardiam como se eu os tivesse exercitado até a exaustão, mas ao mesmo tempo me senti incrivelmente forte, tanto física quanto mentalmente. Era como se eu tivesse sido infundida com uma relíquia antiga, e seu poder correu através do meu sangue.

— Como você está se sentindo? — Llona perguntou.

— Surpreendente!

— Espero que ajude você. — Llona esfregou as mãos e fez uma careta como se a estivessem incomodando. Eu esperava que o que ela tinha feito não a machucasse mais do que ela deixou transparecer.

O avião saltou na pista e parou. Era um dia quente de outono, do tipo que me fez desejar que estivéssemos fazendo algo além do que estávamos prestes a fazer. Árvores nas colinas distantes salpicavam vermelhos e laranjas com os ocasionais amarelos. Era uma visão que eu desejava que durasse para sempre, mas o inverno a destruiria.

O Dr. Han tinha um carro nos esperando no aeroporto. Estávamos todos quietos no caminho até um motel a poucos quarteirões da prisão. Antes de entrarmos no motel, Liam, que estava observando o céu desde que pousamos, disse:

— Vou investigar as coisas. Volto em breve.

Ele explodiu no ar antes que qualquer um de nós pudesse detê-lo. Tenho certeza que ele estava ansioso para verificar o perigo antes que o resto de nós soubesse o que estávamos entrando. Não me surpreenderia se ele puxasse o plugue durante toda a operação se sentisse que não poderíamos lidar com isso.

Enquanto esperávamos que Liam retornasse, viajei mentalmente para a Primeira Magia novamente, esperando que me desse mais força.

Depois de me retirar para a minha subconsciência, consegui encontrar o caminho através do labirinto escuro em menos de trinta segundos, muito mais rápido do que nas outras vezes. Quando me aproximei do pilar de luz, raios e trovões estalaram acima. A tempestade estava mais tumultuada do que antes, me fazendo pensar se a energia no céu estava de alguma forma ligada a Erebus.

Parei quando cheguei à luz. Percebi imediatamente que a barreira que o cercava não era tão forte como de costume, ou talvez eu tivesse me tornado mais poderosa, graças à Luz de Llona. Eu tentei empurrar minha mão através da parede protetora, mas a puxei de volta quando meus dedos queimaram frios. Prendi a respiração e tentei novamente, concentrando-me mais no meu objetivo - salvar Lucien e Henry. Desta vez, quando toquei a luz e minha pele começou a esfriar, ignorei a dor até finalmente romper. Minha palma submergiu em um calor espesso e pesado, instantaneamente me enchendo com tanto poder que minha cabeça girou.

Todo tipo de informação inundou minha mente de uma só vez. Vi a criação do mundo, cada átomo e molécula se movendo juntos para criar até a menor planta ou animal. Aconteceu tão rápido que eu não pensei que seria capaz de

entender, mas o conhecimento estava lá, assim como o entendimento.

Mas não foi apenas a criação do nosso mundo. Vi muitos outros se formando e mudando e depois entrando em colapso. Galáxias foram criadas e destruídas. Foi tanta coisa que quase perdi meu controle mental neste lugar escuro e sobrenatural. Mas não consegui parar. Eu precisava saber sobre um lugar específico.

Usando todas essas novas informações, pensei no que queria. Eu precisava saber sobre Erebus e de onde ele veio. As imagens apareceram instantaneamente. O fogo queimou a crosta de um planeta antigo, mas em um reino diferente do que a Terra. As chamas queimaram a paisagem até que um grande poço se formou, liberando uma energia escura. Atraiu todos os tipos de criaturas vis e sobrenaturais que ansiavam pela escuridão do planeta e pelo poder que emanava.

Lúcifer apareceu no meio deles e se tornou um poderoso governante que ninguém ousou desafiar. Ele era um Deus para eles e designou apenas seus súditos mais leais para ajudar a governar o que mais tarde ficou conhecido como Inferno.

O espelho. Eu precisava saber mais.

E assim, o espelho apareceu. Lúcifer ficou na frente de sua superfície brilhante, enquanto sete de seus demônios mais confiáveis circulavam ao seu redor. Lúcifer viajou através do espelho para diferentes dimensões. Quando ele estava fora, muitas vezes deixava Erebus no comando.

Depois de algum tempo, o desejo de Erebus de ver quais reinos estavam além de suas profundezas ardentes cresceu, então ele saiu pelo espelho proibido. Muitas vezes ele escapou, levando seus irmãos com ele.

Logo Lúcifer descobriu sua traição. Sua punição foi rápida e severa. Todos os sete demônios foram banidos para lugares diferentes no tempo e no espaço. Erebus foi para a Terra como uma das primeiras criaturas sobrenaturais. Inicialmente, ele escolheu viver em forma de lobo, mas com o passar do tempo ele apareceria como homem quando a ocasião exigisse.

Eu me concentrei em sua vida; seus dias passando na minha frente como um rolo de filme. Eu vi quando ele descobriu Boaz. Boaz era exatamente o que Erebus precisava para recuperar seu poder. Era obcecado pelo controle, como ele, e compartilhava o mesmo desrespeito pela raça humana. Levou séculos ensinando lentamente Boaz, de maneira manipuladora e silenciosa, como drenar a magia das bruxas, que ele, por sua vez, roubou para si

mesmo. E uma vez que Erebus conseguiu recuperar suas forças, ele usou as conexões de Boaz para subir lentamente ao poder entre sobrenaturais e humanos, enquanto mantinha sua identidade escondida de Boaz.

Boaz nunca soube que Erebus era Hunwald. Foi interessante ver que Boaz tinha sido tão idiota quanto o resto de nós.

Acelerei as lembranças, avançando rapidamente para ver mais sobre esse ritual que Erebus executaria para trazer de volta o espelho. O círculo escuro da água apareceu na minha frente, depois Erebus deixou o colar cair nas profundezas escuras. O líquido manchado de tinta fervia e o vapor quente rodava no ar. Um espelho se levantou lentamente do centro. Era monstruoso, com pelo menos quinze pés de altura e cinco pés de diâmetro. Sua moldura de madeira era esculpida com todos os tipos de animais, alguns que reconheci da Terra.

A superfície do vidro não se parecia com nenhum espelho que eu já tinha visto antes. Era translúcido e brilhava como um arco-íris. Logo além do brilho, estavam seis demônios com corpos monstruosos e chifres gigantes. Todos estavam esperando para deixar o espelho.

Eu pisquei quando percebi que não estava vendo um ritual passado. Eu estava vendo o futuro. Eu respirei fundo

para acalmar meu pulso acelerado. Caso não matássemos Erebus antes do ritual, eu precisava saber como fechar o portão. Eu empurrei esse pensamento para o pilar de luz.

Um momento depois, a resposta veio a mim. *Uma alma viva.* É preciso ter uma alma viva para fechar o portão do inferno.

Retirei minha mão e voltei à minha mente, onde a escuridão não era tão grande. Engasguei um pouco, um peso no peito dificultando a respiração. Uma alma viva. Quando o sangue dos moribundos abria o espelho, a vida o fechava. E naquele momento, eu sabia que seria a minha. Eu não sacrificaria nenhum dos meus amigos.

Abri meus olhos. Um teto branco pálido acima de mim. Uma cama estreita com uma colcha de flores embaixo de mim. O cheiro de naftalina e pot-pourri de canela. Eu rolei de lado e me enrolei em uma bola.

Eu não queria desaparecer de novo. Eu prometi a Lucien. Meu coração apertou tão forte que roubou meu fôlego, e lágrimas ardiam em meus olhos. Eu já machucara Lucien o suficiente. Tinha que haver outro caminho, mas meu recente conhecimento sobrenatural o confirmou. Uma vida precisava ser sacrificada. Se não eu, então quem?

Uma batida na porta me assustou.

— Eve? — A voz de Llona.

Eu me forcei a sentar na beira da cama.

— Entre.

Ela abriu a porta.

— Como foi?

— Sua Luz fez o truque. Cheguei à Primeira Magia.

— Então por que você parece tão chateada? — Ela caminhou até mim, seus olhos cheios de preocupação.

Forcei um sorriso e me levantei.

— Não é nada. Liam voltou?

Ela procurou meus olhos e, por um momento, pensei que tivesse visto minha mentira, mas depois assentiu.

— Ele está no nosso quarto.

Eu a segui até o quarto ao lado, que parecia exatamente como o meu.

— Diga a ela o que você nos contou — disse May.

O Dr. Han encostou-se na parede, com um copo de água na mão. Abaixei-me em uma cadeira perto de uma pequena mesa de madeira onde May também se sentou e tentei esquecer que, se não pudesse matar Erebus, teria que desistir de minha alma.

Liam virou-se da janela que ele estava olhando.

— Existem apenas duas dúzias de guardas do lado de fora da prisão. Vi lobisomens, vampiros, homens desmaiados, mas apenas alguns Vykens, o que é bom. Isso

significa que seu fogo — ele olhou para o Dr. Han e May — será eficaz.

— Alguém tem uma faca Saranton? — Eu soltei. Se eu tivesse que ir para o inferno, seria melhor usar uma arma que pudesse ferir um demônio.

Han colocou o copo em uma cômoda.

— Para que você precisa disso?

Eu desviei meu olhar.

— Pode ser útil dentro da prisão.

— Acredito que tenho uma — disse ele e se virou para sair da sala, mas pensei em outra coisa.

— E você poderia me trazer o sangue Aura que embalamos? Eu também não quero esquecer isso.

Ele assentiu e desapareceu

— Tem certeza de que vai entrar sozinha? — Llona me perguntou.

Concordei, sentindo-me bastante confiante de que poderia combater qualquer sobrenatural dentro daqueles muros da prisão. Somente o Erebus seria difícil, pois ambos tínhamos acesso ao mesmo poder.

— Liane provavelmente também está lá.

— Eu não a vi — disse Liam, — mas você provavelmente está certa.

— Ela é a única que me preocupo com vocês brigando — acrescentei.

— Eu vou matar essa bruxa — disse May, sua voz cheia de raiva.

— Cuidado, May — disse Han, enquanto voltava para a sala carregando uma mochila. O olhar de May baixou para o chão quase com vergonha. *O que foi aquilo?*

O Dr. Han deixou cair a bolsa sobre a mesa e abriu o zíper. Ele removeu duas bolsas de sangue, seguidas por uma faca embainhada.

— Tenha cuidado. Você odiaria se cortar com isso.

Peguei-o da mão estendida e virei-a, estudando-o com cuidado.

— O que aconteceria se eu fizesse? Eu não sou um vampiro.

— Não, mas você é sobrenatural por natureza. Isso prejudica todos os tipos.

Bom. Coloquei-o no meu cinto.

— Estamos prontos? — Liam perguntou.

A pressão no ar estava pesada. Olhei em volta da sala para todos os meus amigos. A expressão de May queimava com raiva, mas ela estava puxando seus dedos. Llona encontrou meu olhar brevemente antes de se virar para Liam. Ele olhou para ela, seu peito subindo e descendo. Eu

desviei o olhar de seu momento privado. Dr. Han encontrou meu olhar e assentiu.

Eu levantei-me.

— Vamos lá.

CAPÍTULO 11

Nós espiamos através da paisagem da cidade a partir do telhado de uma fábrica têxtil. Dois quarteirões ao sul ficava a Penitenciária Estadual do Leste, o contorno do edifício inconfundível com uma rotunda central e pelo menos sete asas se expandindo para fora, fazendo com que parecesse uma roda de carroça. O muro alto que cercava a prisão estava coberto de musgo verde que quase chegava ao topo. Estávamos no lado norte, em frente à entrada dos turistas. A prisão estava atualmente fechada ao público para reformas. Eu não sabia o que Erebus teria feito de outra maneira. Matou alguém que esteve lá? Fico feliz que não tivemos que descobrir.

— Você sente isso? — Han perguntou.

— O zumbido no ar — eu disse. Eu senti do motel. — É um feitiço supressor destinado a manter a atenção longe do lugar. O que quer que aconteça dentro dessas paredes não atrairá a atenção de ninguém do lado de fora.

— E queima de carne? — May perguntou, seus olhos de aço. — As pessoas sentirão o cheiro?

— May — alertou o Dr. Han. — Controle-se.

Eu olhei de May para o Dr. Han. Ela deve ter problemas de raiva. Imaginei o que aconteceria se May desencadeasse toda essa raiva.

— Vamos acabar com isso — disse Liam. Ele estava com um pé na beira do telhado, como se estivesse apenas esperando para pular dele.

Todos os olhos se voltaram para mim. Senti o peso da mochila nos meus ombros. Eu tinha tudo o que precisava.

Eu balancei a cabeça uma vez e encarei a prisão. O poder subiu ao meu comando. Com isso veio um vento forte que soprou ao nosso redor, torcendo meu cabelo no ar. Eu levantei meus braços e comecei a cantar:

Dos quatro cantos da Terra, chamamos os portadores da Luz. Somente em miragem, procuramos o poder deles. Um truque simples, uma pequena mentira, derrota nossos inimigos, ajuda-nos a lutar!

Uma a uma, as mulheres apareceram ao longo do topo da parede, com as mãos segurando bolas de luz sempre em movimento.

— Whoa — Llona respirou. — Eles parecem tão reais!

Eu mantive meu foco, multiplicando a ilusão até que houvesse dezenas de Auras. Todos eles pareciam prontos para a batalha.

Em menos de um minuto, sobrenaturais de dentro dos muros da prisão se reuniram. Alguns vieram correndo para fora do prédio.

— Eles estão enlouquecendo — disse Llona, com a cabeça inclinada na direção deles, como se estivesse ouvindo o que eles estavam dizendo. — Eles não sabem o que fazer.

— Vamos — disse Liam. — Você é o primeiro, Dr. Han.

Liam segurou o braço dele e levantou-se no ar. Foi uma visão estranha. Liam não era mais corpóreo, mas como um vento feroz, ele carregou o Dr. Han através de uma fileira de prédios e depois o levou para dentro de uma área isolada. Liam voltou para Llona.

Eu me virei para May.

— Pronta?

— Eu odeio viajar assim — ela resmungou.

Eu sorri maliciosamente.

— Vou tentar fazer com que seja divertido.

— Espere...

Peguei a mão dela e instantaneamente fomos teletransportados para o Dr. Han, assim como Liam abaixou Llona.

May quase caiu no chão. Ela deu um soco no meu braço.

— Não foi divertido!

— Quieta! — Dr. Han ordenou. Ele estava a vários metros à nossa frente, olhando ao redor da borda de uma

unidade de armazenamento externa. — Há quase três dezenas de sobrenaturais que eu posso ver.

— Pode haver muito mais por dentro — acrescentou Liam. — Nós não temos como saber.

May exalou um suspiro e deu de ombros.

— Sem desistir agora.

— Esse tempo já se passou — disse Han. — Por favor, sejam cuidadosos, pessoal. — Seus olhos preocupados encontraram os meus, seus olhos mais brilhantes que o normal. — Salve nossos amigos.

— Eu pretendo. — Fechei os olhos. As Auras na parede imitavam minha ação. Quando minhas pálpebras se abriram, os Auras começaram seu ataque. Eles jogaram bolas de luz no pátio abaixo.

Gritos e caos se seguiram.

Eu não olhei para os outros quando me teletransportei para dentro da prisão, uma dor aguda invadindo meu coração. Parte de mim sabia que havia uma chance de eu nunca mais vê-los novamente, especialmente se eu não pudesse matar Erebus antes que ele convocasse o espelho. E mesmo se eu tivesse, meus amigos tinham uma grande briga pela frente.

Apareci dentro da mesma sala em que minha consciência estava antes, franzindo o nariz com o cheiro de

poeira e canos enferrujados. Andei na ponta dos pés até a porta e espiei para fora. A parte de trás do muro construído não estava longe. Dei de ombros a mochila e a escondi nas sombras. Vozes vieram do outro lado. Eu precisava de uma visão melhor. Olhei para a varanda de pedra e, em um piscar de olhos, fiquei em cima.

O ar pegou no meu peito. Ao longo da grade, os pequenos demônios negros haviam aumentado dez vezes. Eles se tornaram uma audiência para o que estava acontecendo abaixo. Para eu ver, eu teria que passar por eles. A primeira vez que encontrei essas criaturas há mais de dois anos, elas me invadiram e entraram na minha cabeça, quase me fazendo me matar. Eu os odiava.

Agitando minhas mãos, eu soprei ar dentro e fora. *Eu posso fazer isso.* Eu me arrastei para a frente devagar, mantendo as costas perto das celas. Na maioria das vezes, passei despercebida, mas algumas vezes alguém olhava de volta para mim com seus olhos vermelhos e silvos e redondos. Eu teria me teletransportado, mas não estava confiante de que poderia reaparecer onde Erebus não me veria.

Demorou quase dois minutos para eu entrar em uma posição onde eu podia ver. E quando eu fiz, eu esqueci tudo sobre os pequenos demônios. Lucien e Henry pareciam

piores do que nunca. Seus corpos eram cinzentos e sem vida. Eu precisava agir rápido.

As duas bruxas ainda encaravam a parede, com os olhos brancos praticamente brilhando. Erebus ficou perto, conversando com Liane. Ele não usava mais seu terno de negócios. Em vez disso, uma túnica branca abraçou seu corpo musculoso.

— Apenas cuide disso — ordenou Erebus. — Eu não tenho tempo para isso.

— Você não ouviu a parte de haver mais de cem auras por aí? — Liane estalou.

— Não importa. Eu só preciso de alguns minutos, e todos eles desejarão estar mortos. — Erebus deu um passo em direção à poça que parecia mais negra do que antes, como alcatrão grosso. Ele segurou algo na mão. — Faça o que você tem que fazer.

Ela bufou, mas deixou o corredor, seus longos cabelos escuros balançando nas costas. Eu tinha que pará-la de alguma forma. Não há como os outros serem capazes de lutar com ela.

Alcançando minha mente, eu consegui agarrar mentalmente sua consciência antes que ela deixasse o prédio. Ela parou como se tivesse notado a intrusão. Fiquei

parada, sem forçar mais. Eu não queria que ela soubesse o que eu estava prestes a tentar, ou ela poderia me parar.

Quando ela continuou como se nada tivesse acontecido, eu lenta e cuidadosamente drenei sua magia. Não tudo, ou ela perceberia, mas o suficiente para que os outros tivessem uma chance de lutar. Em vez de pegar a mágica para mim, eu a direcionei para o chão onde a natureza poderia absorvê-la. Eu não queria que sua magia negra me afetasse de forma alguma.

Voltando minha atenção para Erebus, procurei na área algo que pudesse usar contra ele, algo para matá-lo antes que ele convocasse o espelho. Encontrei um longo cachimbo quebrado pressionado contra a parede. Curvando meu dedo em um gancho, o cano respondeu e subiu ao ar tão silencioso quanto a asa de um pássaro no céu. Com um movimento rápido dos meus olhos, o cano seguiu meu olhar e disparou pelo ar. Prendi a respiração em antecipação ao momento em que atingiria o peito de Erebus, mas pouco antes do impacto, ele se virou e pegou o cano.

— Você acha que eu não senti você no momento em que você entrou neste terreno sagrado? — Ele disse, seu olhar deslizando para o meu.

O ar ficou preso na minha garganta e eu não consegui falar. A próxima coisa que soube que estava sendo levantada

da varanda e depois bati no concreto frio abaixo. Tossi, borrifando sangue na superfície suja e cinza. A faca Saranton estava a vários metros de mim. Deve ter caído de sua bainha.

Erebus estendeu a mão sobre a poça escura de água; o colar pendia de seus dedos.

Eu me levantei.

— Seu reinado acabou.

Rosnei e empurrei minhas mãos para frente. Uma explosão de energia perfurou suas costas. Ele voou para as barras de metal de uma porta da cela. Puxei minhas palmas para trás, puxando mentalmente todo o metal de seu invólucro de concreto e enrolei meus dedos. O metal torceu em resposta e perfurou o peito de Erebus e todo o caminho até o chão, prendendo-o. Ele gritou de dor, um grito que sacudiu as paredes da prisão.

A pressão aumentou ao meu redor, pressionando contra a minha carne como se eu estivesse sendo espremida entre um torno. As bruxas haviam libertado Lucien e Henry e voltaram sua atenção para mim. Antes que eles pudessem me prejudicar ainda mais, gritei: *Aperire animo*!

Eles resistiram a mim, mas quando eu empurrei com mais força, suas barreiras mentais quebraram. Bati minha consciência na deles, dominando sua força de vontade, e

plantei o pensamento vigoroso: *Vá para casa. Fique longe da DSRD. Saia agora!*

Com um empurrão mental final, os olhos deles piscaram e eles examinaram a sala como se não tivessem ideia de onde estavam ou como chegaram lá. Eles se viraram e se afastaram apressadamente.

Inclinei-me, ofegando por ar. A quantidade de energia que eu tinha usado nas bruxas havia cobrado seu preço, mas eu deveria poder me recuperar com um pouco de tempo. Tropecei na direção de Lucien e Henry, sem perder um segundo. Parte de mim queria olhar para trás para ver se eu havia matado Erebus, mas pela energia crepitando no ar, imaginei que ele ainda estivesse vivo.

Os olhos de Lucien e Henry permaneceram fechados. O sangue que antes fluía para o tubo afunilado agora gotejava lentamente. Eu trabalhei rapidamente, usando magia para remover os espinhos que haviam sido perfurados em seus corpos.

Eu peguei Lucien primeiro quando ele caiu para a frente e, depois de cuidadosamente colocá-lo no chão, fez o mesmo por Henry. Eu rapidamente convoquei a mochila para mim. Os sacos de sangue estavam surpreendentemente quentes. Pressionei o tubo em forma de palha do topo até os lábios de Lucien e apertei a bolsa. Sangue escorria pelo queixo.

— Vamos Lucien. Beba!

Dei um tapinha em seu rosto com a mão livre e apertei mais sangue, desta vez forçando sua boca aberta. O líquido carmesim pingou em sua língua cinza e escorreu por sua garganta. Depois de alguns segundos, seu corpo respondeu e sua boca se fechou sobre o canudo. Corri para Henry e fiz o mesmo. Ele demorou um pouco mais para responder. Assim como ele fez, um som horrível e irritante ecoou pela câmara. Erebus estava se libertando.

— Depressa — eu sussurrei para Henry e Lucien, sem saber se eles poderiam me ouvir. Os olhos de Lucien se moveram para trás e para trás das pálpebras. — Você precisa sair daqui!

Mais barulho soou atrás de mim, como metal retorcendo e arranhando o concreto.

Decidi tentar outra jogada arriscada - teleportá-los para longe da prisão e depois voltar sozinha. Isso me sobrecarregaria ainda mais, mas talvez eu pudesse parar por alguns minutos enquanto reunia minhas forças, até voltando à Primeira Magia.

Agarrando cada um deles pelo braço, fechei os olhos para sair com um pensamento, mas nada aconteceu. Eu tentei novamente.

Uma risada profunda e baixa reverberou atrás de mim.

— Indo para algum lugar?

Virei minha cabeça, mantendo meu braço levantado para o caso de precisar defender um ataque.

Erebus se soltou das barras de metal, mas não era mais humano. Sua carne foi substituída por uma pele de couro vermelho escuro que se estendia sobre músculos inchados. Ele devia ter pelo menos dois metros de altura. Seu rosto era mais parecido com um animal, com arcos de sobrancelha ossuda e um nariz bem pontudo. Sua boca se abriu em um sorriso grotesco, revelando um conjunto de longas presas brancas. Ainda mais assustador eram os chifres gigantes negros saindo de cada lado da cabeça com pelo menos um metro de comprimento.

Seus grandes pés cascos pisaram em minha direção, mexendo a poeira no chão.

— Eu mudei de ideia, Eve. Estou feliz que você veio aqui. Meus irmãos vão gostar de você, especialmente Abraxas. Ele tem um gosto especial por bruxas, e acho que você satisfará seu desejo lindamente. —

Levantei-me para encará-lo, meu pulso acelerado quase me dando um ataque cardíaco, mas não podia deixá-lo saber disso. Eu fiz minha voz soar o mais forte possível. — Seus irmãos não virão hoje à noite.

Rasguei mentalmente um pedaço enorme da varanda e joguei na poça. Era grande o suficiente para cobrir todo o buraco, mas a água se expandiu repentinamente como se fosse uma criatura viva e a engolisse.

— Você não pode parar com isso — disse ele. — É meu destino governar a Terra. — Ele estreitou os olhos amarelados. — O que vocês, humanos, dizem sobre karma? — O canto da boca dele apareceu. — Ah, está certo. O karma é uma merda.

Fui violentamente empurrada para trás nas barras de ferro de uma cela de prisão. E, assim como eu tinha feito com ele, as barras se soltaram e se curvaram para dentro. Aconteceu tão rápido que não tive tempo de detê-los. Uma se dirigiu no meu ombro esquerdo, outro no meu direito. Eu gritei de dor horrível, mas não havia fôlego quando um terceiro apunhalou meu estômago. Mais dois seguidos em cada coxa.

Caí para trás, mais devagar do que eu esperava. As partes das barras de ferro que me empalaram atingiram o concreto primeiro, fazendo-me deitar-se torto no chão, com o rosto longe de Erebus. Eu tentei respirar, mas meus pulmões estavam se enchendo de sangue. Eu podia sentir o líquido borbulhando na minha garganta. Pelo menos eu

estava deitado do meu lado, onde o sangue poderia fluir para fora de mim, em vez de acumular ainda mais.

Considerando minha dor nos nervos, eu poderia muito bem ter sido incendiado. Isso não vai me matar, tentei dizer a mim mesma, mas não conseguia pensar além da agonia. Eu cerrei meus dentes juntos.

Erebus falou atrás de mim, sua voz estrondosa quando ele começou o feitiço para restaurar o espelho. Algumas das palavras passaram pela minha dor. Algo sobre restaurar o portão e estabelecer uma nova ordem.

Eu tenho que pará-lo!

Tentei encontrar o caminho de volta à Primeira Magia, mas não consegui. Eu não conseguia nem chegar ao Gênesis, o que deveria ter sido uma tarefa fácil para mim. Lágrimas encheram meus olhos.

Um leve arrastar perto da minha cabeça me fez olhar para cima. Lucien estava lentamente se arrastando em minha direção, tentando manter para trás pedaços de concreto caídos onde Erebus não podia vê-lo. Felizmente, o discurso alto de Erebus o impediria de ouvir os movimentos silenciosos de Lucien.

Ele me alcançou e tocou ternamente minha testa, forçando um sorriso, mas suas sobrancelhas estavam cerradas. Abri minha boca para dizer algo; sangue

substituiu as palavras. Sua expressão escureceu. Ele pressionou um dedo nos lábios, depois descansou a cabeça na minha.

No começo, fiquei confusa, imaginando por que ele não estava saindo furtivamente, talvez para obter ajuda, mas então uma onda de energia poderosa me encheu. Lucien estava me dando sua magia, a própria essência de sua alma que existe desde o início dos tempos. Era brilhante e forte, e a coisa mais doce que eu já provei.

Meu coração desmoronou, substituindo o sabor doce por amargura. Aqui estava Lucien ainda me dando tudo, quando eu teria que deixá-lo novamente. Desta vez eu realmente não tinha escolha. Eu só esperava que ele entendesse.

Usando o impulso adicional da magia pura, mergulhei mentalmente em minha consciência, quebrando os limites terrestres para acessar a Primeira Magia. Aproximei-me do poço cheio de luz, andando primeiro, mas depois comecei a correr. Eu corri pelo caminho restante e, no último segundo, pulei para a luz, quebrando a barreira protetora que a cercava.

Luz, pura e poderosa, me consumiu. Ele correu através do meu sangue e mente, me enchendo não apenas de magia, mas de conhecimento, mais do que antes. Estava ali -

história desde o começo, antes que houvesse anjos e demônios, antes que houvesse um céu e um inferno. Estava cheio de infinitas equações matemáticas, tudo o que eu entendi. A linguagem também estava presente, em todas as dimensões e em todos os períodos. Eu até tive vislumbres do futuro, especificamente dos meus amigos.

Por mais que eu quisesse ficar naquele lugar de conhecimento e paz, eu precisava voltar. Pulei do poço e caí em uma posição agachada. Meu cabelo caiu para os lados do meu rosto. Era inteiramente branco, ainda mais que o de Llona. Minha pele também havia iluminado quase a ponto de brilhar.

Voltei à minha mente de volta ao plano da Terra e abri os olhos. Com apenas um pensamento, as barras de metal deslizaram para fora do meu corpo, e minhas feridas sararam imediatamente.

Lucien me observou com curiosidade, uma longa mecha branca do meu cabelo entre os dedos. Eu dei um sorriso encorajador e pisquei. Eu sabia o que fazer agora.

Hora de enviar o diabo de volta ao inferno.

CAPÍTULO 12

Com apenas um pensamento, as barras de ferro que perfuravam meu corpo deslizaram e minhas feridas se curaram instantaneamente, sem dor. Levantei-me, protegendo Lucien atrás de mim. Do outro lado da sala, Henry havia se arrastado para o lado. Ele estava sentado, os cortes em seu corpo curados, mas ele ainda estava visivelmente fraco. Erebus ainda estava falando, com as mãos levantadas no ar. O espelho havia se levantado completamente da água.

— Você já vai terminar? — Eu perguntei a ele, minha voz alta.

Seus braços congelaram no ar e ele se virou. Havia um lampejo de surpresa em seus olhos, mas passou rapidamente.

— É tarde demais. Eu já convoquei meus irmãos.

Eu flutuei do chão, a magia obedecendo a todos os meus comandos.

— Então eles terão que ser enviados de volta.

Bati palmas. Os lados da parede mais próxima a ele se separaram e voaram para frente, esmagando-o entre eles. Ele deu um soco, quase perturbado. Inclinei-me, peguei um longo vergalhão e joguei-o no ar. Ele o pegou no ombro, mas antes que ele pudesse retirá-lo, eu o explodi com um fluxo

constante de energia poderosa. Seu corpo deslizou em direção ao espelho contra sua vontade, e seus grandes cascos moeram no concreto, deixando cicatrizes no chão.

Circulando com os dedos dos pés a pelo menos um pé do chão, eu me posicionei melhor para poder empurrá-lo no espelho. Se eu não pudesse matá-lo, pelo menos o colocaria de volta no inferno.

Senti cócegas em minha mente quando Erebus tentou entrar na minha cabeça. Peguei mentalmente o vergalhão ainda cutucando em seu ombro e o cortei em seu peito. Ele uivou de dor e caiu no chão. Eu continuei a empurrá-lo de volta.

— Você nunca mais machucará ninguém. Você já causou danos suficientes nesta Terra! — Eu mentalmente empurrei mais forte. Seu corpo deslizou cada vez mais perto do espelho. Ele arranhou o chão desesperado para se agarrar a alguma coisa, mas sempre que seus dedos arranhavam qualquer coisa que pudesse ajudá-lo, eu cortava o apêndice.

— Você foi um menino mau, Erebus — eu disse e flutuei em direção a ele. — Mal posso esperar para ver o que Lúcifer tem reservado para você.

Isso pareceu chamar sua atenção. O medo brilhou em seus olhos, depois a raiva.

— Você acha que isso importa? Voltarei. O tempo não faz sentido para mim!

Além do espelho, um túnel apareceu. Seis sombras maciças semelhantes a demônios se moveram em nossa direção, mas as pernas de Erebus já estavam deslizando no espelho.

— Não enquanto estou por perto — eu disse. — Últimas palavras?

Com isso, os cantos da boca dele se curvaram.

— Vejo você no inferno — disse ele, e surpreendentemente desistiu da luta contra mim. Sem nenhuma resistência, seu corpo deslizou no espelho e espiralou de ponta a ponta pelo longo túnel.

Abaixei minhas mãos e respirei fundo, olhando de olhos arregalados para a superfície cintilante. Lucien tropeçou em mim, sua expressão cheia de alívio. Ele me deu tudo o que tinha, mas não demorou muito para que ele se recuperasse. Estendi a mão e toquei sua bochecha com ternura. Nós sairíamos hoje à noite. Vá para onde ele quisesse. Passar o resto de...

— O portão — Henry disse, enquanto tentava se levantar. — Precisamos fechá-lo.

Meu coração parou, quase me fazendo desmoronar. Como eu tinha esquecido? Olhei de volta para o espelho e voltei meu olhar para Lucien.

— Como o fechamos? — Ele perguntou, e apertou seu peito como se doesse falar.

Eu balancei minha cabeça, minha boca aberta, mas nenhuma palavra saiu. Eu falhei e agora só havia uma coisa a fazer. Dei um passo atrás em direção ao espelho.

— Uma alma viva — uma voz veio do lado.

Eu virei minha cabeça. Dr. Han ficou com Llona, Liam e May. Além de alguns ferimentos leves, eles pareciam ilesos. Dei um suspiro de alívio. Meus amigos haviam sobrevivido e o vampiro que eu amava vivia. Isso é tudo que eu precisava.

— O que você quer dizer? — Lucien perguntou ao Dr. Han. Havia uma ponta em sua voz que não estava lá antes.

— Somente a vida fechará o espelho — repetiu o Dr. Han.

Lucien olhou para mim e balançou a cabeça.

— Tem que haver outra maneira! A magia pode consertar isso. Só precisamos de um tempo.

Llona apontou para o centro do espelho.

— O que é isso?

Olhei por cima do ombro. O túnel ainda estava lá, negros e cinzas rodopiando por toda parte, mas em vez de seis demônios caminhando para a frente, agora havia sete.

— Ele está voltando — Henry sussurrou. Ele mancou mais perto de nós.

Recuei novamente, sabendo o que precisava ser feito. A decisão foi um punhal no meu coração, mas eu não aceitaria isso de outra maneira.

— Gostaria de não ter que quebrar minha promessa — comecei.

— Não faça isso, Eve — Lucien avisou.

Henry mancou mais perto, seu foco no espelho.

— Eu vivi uma vida longa. Foi uma honra conhecer...

— Pare! — Eu levantei minha mão. O corpo de Henry e Lucien se apertou.

— O que você está fazendo? — Lucien lutou contra o meu aperto mental. — Eve!

— Só há uma maneira de isso acabar, — eu disse.

— Não seja estúpido, Eve! — May gritou.

Meu olhar piscou em sua direção. Com um único pensamento, fechei sua boca. Voltei-me para Lucien e Henry.

— Devo minha vida a vocês dois. Henry, foi você quem me mostrou outro caminho, e Lucien. — Parei para

recuperar o fôlego. — Você me mostrou amor quando eu menos o merecia. Só há uma maneira de retribuir você, e é para garantir que você viva. O mundo é um lugar melhor com você.

Um rosnado fraco saiu do espelho. Eles estavam se aproximando.

— Por favor, não faça isso, Eve — Henry disse. — Você merece felicidade com Lucien. Eu *quero* ir!

— Eve, — Lucien implorou.

— Oh, Henry — eu disse, deliberadamente ignorando Lucien. Ainda não queria me despedir dele. — Vislumbrei seu futuro e é lindo. Logo você encontrará amor. Não posso tirar isso de você.

— Eve! — Lucien disse mais alto.

Eu lentamente encontrei seu olhar ardente.

— Apenas me dê um último beijo — ele implorou. — É tudo o que peço!

Um buraco doloroso encheu meu peito. Esta é a última vez que eu sentiria seus lábios nos meus, ou seus dedos acariciarão minha pele. Eu não poderia recusar ele ou eu. Eu olhei de volta para o espelho. Os demônios estavam perto o suficiente para que eu pudesse ver suas expressões. Erebus liderou o ataque, seus olhos brilhando em um vermelho brilhante. Eu tinha segundos.

Fechei a distância entre Lucien e liberei meu poder mental sobre ele. Meu corpo zumbia com paixão pelo vampiro que roubou meu coração.

Ele me agarrou pelos braços e olhou para mim.

— Eu te amo, Eve Segur. Eu sempre amei. Sempre amarei. — Seus lábios pressionaram os meus com uma fome que roubou meu fôlego. Talvez pudéssemos encontrar uma maneira de derrotar os demônios... Eu pressionei meu corpo mais perto dele, sabendo que não era possível.

E eu estava sem tempo.

Afastando-me dele, eu disse:

— Viva sua vida. Seja feliz e...

— Este não é o fim para você — ele interrompeu, sorrindo melancolicamente. — Adeus.

Ele pulou no espelho antes que eu pudesse pronunciar uma palavra mágica para detê-lo.

CAPÍTULO 13

— Não! — Eu gritei quando o espelho brilhou e se apagou em uma única luz. Eu atirei minhas mãos para frente, tentando pará-lo com magia, mas então a água começou a diminuir também lentamente. Caí no chão de concreto e freneticamente arranhei como se eu pudesse de alguma forma me agarrar ao portal. Várias unhas quebraram e meu sangue manchou o chão cinza.

— Lucien! — Eu me virei para os outros. — Faça alguma coisa! Traga-o de volta!

Lágrimas caíram em minhas bochechas, e uma dor muito maior do que eu já senti rasgou em mim. Eu tinha que recuperá-lo.

— Eve — Henry disse, sua voz suave.

Eu bati minha cabeça em sua direção.

— Era para ser eu. Conserte isso!

— Não há nada que eu possa fazer.

— Dr. Han? — Eu olhei para ele com olhos suplicantes. Certamente ele tinha ouvido falar de algo.

— Sinto muito — ele disse tristemente, sua expressão cheia de angústia.

— Não! — Bati no chão o mais forte que pude várias vezes.

Llona se aproximou de mim lentamente e se abaixou no chão.

— Ele se sacrificou por você. Porque ele te ama muito.

— Ele já sofreu o suficiente! Eu não vou deixá-lo ficar no inferno com esses demônios. — Agarrei-me a uma súbita facada no estômago. Eles o torturariam por toda a eternidade.

Llona estendeu a mão para tocar minha mão, a palma da mão já brilhando com Luz.

Afastei minha mão.

— Não me toque!

Eu cerrei os dentes com raiva e me levantei, minhas mãos levantando no ar enquanto eu invocava a Primeira Magia, exigindo que ela viesse até mim. Toda emoção, cada grama da minha força derramou nesse comando. Um relâmpago estalou no céu e um vento feroz atravessou a prisão. Os outros recuaram quando o teto pareceu abrir.

Um pilar de luz brilhou sobre mim, antigo e poderoso. Ele pulsava em azuis, verdes, roxos e muitas outras cores que eu não reconhecia. Também havia vozes cantando fracamente, mas lindas. Isso me lembrou a música que ouvi quando senti a beleza de uma rosa. Não era mágica desta Terra. Foi além, onde o tempo deixou de existir e onde não havia limites físicos.

Dentro de todo esse conhecimento, tinha que haver uma solução para o meu problema.

O tempo parou enquanto minha mente procurava na Primeira Mágica por possibilidades, procurando aquela que me levaria a Lucien. Eu perguntei: *existe um feitiço para me levar ao inferno?* Uma resposta voltou instantaneamente: O *inferno é protegido contra a entrada mágica. A única maneira de atravessar o espelho é ser escoltada por um dos ceifeiros de Lúcifer.*

Eu pensei sobre isso. Talvez eu pudesse encontrar um e forçá-lo a me levar para o inferno. Mas isso levaria mais tempo do que eu queria.

Minha melhor opção era entrar pelo espelho, mas eu não tinha mais o colar. Como eu poderia abri-lo?

Meu cérebro se encheu de conhecimento instantâneo que me fez respirar fundo. Eu não precisava do colar. O espelho já havia sido restaurado! Eu só precisava convocá-lo. Eu procurei minhas memórias, tentando lembrar o que Erebus estava dizendo enquanto eu estava empalado no chão. As palavras vieram a mim no comando. Mas não eram apenas palavras que ele precisava. Era sangue. Eu poderia dar isso.

O espelho também requeria algum tipo de água mágica. Água que - eu procurei o conhecimento que rodava ao meu

redor - precisava ser convocada por três bruxas. Eu tinha Henry, eu e Liane. Minha consciência a alcançou. Ela estava do lado de fora amarrada a um poste inconsciente. *Bom.*

Eu tinha as bruxas, mas que palavras usar? As linhas apareceram instantaneamente em minha mente. Eles funcionariam bem.

A esperança começou a substituir minha devastação anterior. Pedaços estavam se encaixando. Tudo o que restava era encontrar uma maneira de manter o portão aberto enquanto eu seguia Lucien. Eu já sabia como fechá-lo.

Isso pode funcionar.

Abaixei minhas mãos. A mágica rodopiante se dissipou e o tempo acelerou.

— Eu sei o que precisamos fazer — eu disse.

— Como? — May ficou boquiaberta, sua voz retornou.

— Eu volto já. — Eu me teletransportei para fora da sala em seus protestos. Isso devia parecer muito confuso para eles, mas para mim era simples. O verdadeiro conhecimento fez isso.

Eu apareci lá fora na frente de Liane. Uma corda foi amarrada firmemente ao redor dela, mas partes dela foram queimadas, assim como seus cabelos. Suspeitei que May tivesse algo a ver com isso.

Puxei a corda cobrindo sua boca.

— Eve, você deve me ajudar. Me desculpe...

— Silêncio — eu pedi. — Vou libertá-lo se você me ajudar com um feitiço.

Seus olhos procuraram os motivos atrás de mim como se estivessem procurando por alguém.

— Erebus se foi. Sou apenas eu agora. Você vai ajudar, ou eu te despojo do resto de seus poderes, que voltarão ao normal agora que Erebus não está por perto para te ajudar.

Ela estreitou os olhos e rosnou:

— De jeito nenhum você o matou.

— Eu posso devolvê-los ou levá-los embora. A escolha é sua.

— Tudo bem — ela rosnou.

— Se você me atravessar — eu perfurei um dedo em seu peito, — eu vou te matar. Você entende?

Ela assentiu rapidamente.

Eu bati meus dedos novamente, retornando sua magia. Olhei para as cordas e elas se soltaram ao seu redor.

— O que aconteceu com você? — Ela perguntou. — Você é como uma super bruxa. E o que há com seu cabelo branco?

Agarrei seu braço e nos teletransportou de volta para a prisão.

— O que ela está fazendo aqui? — May sibilou.

— Eu preciso dela. — Eu a empurrei na minha frente. — Fique lá.

— O que você está fazendo, Eve? — Henry perguntou, sua voz cheia de desespero. Ele realmente acreditava que Lucien se fora para sempre.

— Estou pegando Lucien de volta.

— Como isso é possível? — Liam perguntou. Ele segurou a mão de Llona. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados.

— Eu preciso da faca Saranton — murmurei, procurando mentalmente o chão da prisão.

— Eu tenho — disse Liam.

— Entregue para mim.

— Podemos apenas desacelerar um segundo? — Perguntou May. — Eu não sei o que diabos está acontecendo!

— Deixe-a trabalhar — disse Han. Ele foi o único que pareceu entender que eu sabia o que estava fazendo.

Quando Liam não me entregou a faca com rapidez suficiente, usei a magia para convocá-la para mim. Ele escapou das costas dele e disparou em direção a minha mão. Eu agarrei sua alça firmemente.

— Henry, eu quero que você venha aqui. — Apontei para o topo da estrela. — Precisamos formar um triângulo.

— Eve, você precisa parar e nos explicar o que está acontecendo! — A voz de Henry ficou alta.

Eu flexionei minha mandíbula, frustrada pelo fato de estarmos perdendo tempo.

— Eu sei que isso é difícil para todos vocês, mas não podemos desacelerar. O tempo é diferente onde Lucien está. Meses podem ter se passado. Quem sabe que tipo de tortura ele teve que suportar? — Dor explodiu no meu estômago novamente. Eu flexionei meu abdômen para ignorá-lo. — Por favor, faça o que eu digo e confie em mim. Vou recuperá-lo.

Henry parou onde eu havia apontado anteriormente.

— O que você quer que eu faça?

— Diga estas palavras quando eu contar. — Empurrei as linhas para as mentes de Henry e Liane, depois arrastei a ponta afiada da faca pelo comprimento do meu braço. O sangue escorreu pelas pontas dos meus dedos e chegou ao concreto. A ferida ficaria aberta até a mágica fechá-la.

— Ela está completamente perdida — sussurrou May.

Llona a calou.

Olhei para Henry e Liane.

— Prontos?

— Você vai me deixar ir depois que eu fizer isso? — Perguntou Liane.

— Depende de quão bem você se sai. — Inspirei profundamente. — Agora diga as palavras.

Juntos cantamos:

— *Além do véu existe um lugar,*

Profundo e escuro, esconde seu rosto,

O caminho é estreito, a estrada é reta,

Revele agora, abra o portão!

Repetimos a frase várias vezes. Eu me concentrei em cada palavra e imaginei o portal aparecendo diante de mim. Meu corpo começou a tremer quando a Primeira magia assumiu. Eu ofeguei e quase desmaiei. O Dr. Han se moveu como se fosse me firmar, mas levantei minha mão, fazendo-o não se aproximar, com medo de que seu toque pudesse quebrar o feitiço. Eu pressionei com mais força e falei as palavras com mais força. Os outros seguiram minha liderança.

Um buraco escuro apareceu no centro do nosso triângulo. A água fervia de dentro. Eu disse as palavras novamente, mais alto desta vez. O líquido começou a se espalhar.

— Está funcionando! — Llona chorou.

Ele continuou a crescer até quase dez pés de diâmetro. Assim que foi feito, me inclinei, ofegando por ar. Eu estava enfraquecendo.

— Eve? — Henry perguntou.

Eu me endireitei.

— Estou bem. Agora dê um passo para trás.

Fiz um gesto para que Henry e Liane se afastassem da água escura.

A partir daqui eu estava sozinha. Lembrei-me das palavras que Erebus havia dito para convocar o espelho. Usando sua linguagem exata, falei alto, enunciando cada palavra, o tempo todo focando no que eu queria. Eu falei sobre o espelho e sua origem, seguido por seu propósito. As frases não pareciam o tipo de feitiço que eu teria usado. As palavras eram formais e pareciam mais uma carta para um amigo querido do que poesia.

A substância semelhante ao alcatrão começou a ferver. Fumaça torceu no ar. Continuei falando e levantei meus braços, usando toda a magia que pude reunir. O espelho estava chegando. Eu podia senti-lo entrando em nosso reino.

— Eu não acredito — alguém sussurrou.

A parte superior do espelho apareceu e continuou a subir, a água borbulhando ao redor.

Uma mão descansou no meu ombro.

— Está feito. —

Eu pisquei e meus braços caíram para os meus lados exaustos. O sangue da minha ferida aberta continuou pingando no chão.

— Você está gastando mágica muito rápido — disse Han e retirou a mão. — Você precisa ter certeza de ter o suficiente para trazer você e Lucien de volta.

Eu assenti fracamente.

Não característico, Henry me puxou para seus braços e me deu um abraço apertado.

— Por favor, seja cuidadoso.

— Onde você pensa que está indo? — A voz de May disse atrás de mim.

Eu me virei. May ficou na frente de Liane com os braços cruzados.

— Fora do meu caminho — Liane retrucou.

Antes que ela pudesse usar magia, eu a amarrei com um aperto invisível e deslizei seu corpo para mim. Ela lutou contra as restrições invisíveis, mesmo tentando usar magia, mas suas tentativas foram inúteis.

Eu ignorei o aperto na minha garganta, não gostando do que ia fazer com ela, mas era o único jeito.

— Eu não terminei com você ainda.

— Você prometeu não levar minha magia — ela me lembrou.

— E eu vou manter minha palavra.

Liam e Llona se aproximaram. May os seguiu.

— Lucien cresceu em mim — disse Liam. — Volte aqui em segurança.

— Esse é o meu objetivo.

Llona jogou os braços em volta de mim.

— Tome cuidado.

— Eu vou.

May tomou o lugar dela e me abraçou.

— Seu cabelo é legal. Acho que gosto mais do que o de Llona. — Ela olhou para Llona e sorriu.

— Obrigado — eu disse a todos eles. — Eu não poderia pedir melhores amigos. Lucien e eu temos muita sorte.

— Apenas volte, — Henry ordenou.

Liane gemeu.

— Chega de Kumbayas. Apenas me deixe ir. Vocês são tão irritantes.

Peguei-a pelo braço.

— Oh, você está indo bem.

Antes que ela ou qualquer outra pessoa pudesse dizer alguma coisa, pulei no espelho, levando Liane comigo.

CAPÍTULO 14

Aterrissamos em terra com crosta de lama. O céu nublado estava sujo como se uma tempestade de poeira tivesse acabado de explodir. Não havia sol ou lua que eu pudesse ver. Eu me virei. Nenhuma vida vegetal, toda estéril - exceto por uma grande cidade à distância. O ar estava insuportavelmente quente e cheirava a sálvia e musgo.

— Onde estamos? — Liane se perguntou, seus olhos arregalados. Ela se sentou na terra.

— Inferno — eu disse e examinei a área novamente. O espelho se foi. Mas isso era impossível. Tinha que estar nesta planície em algum lugar. Enviei uma onda de magia por todo o país. Em menos de um segundo, meus tentáculos telepáticos o encontraram na cidade.

— Levante-se — eu pedi.

Eu precisava me mover rapidamente antes que Erebus e os outros demônios percebessem que o portão havia sido reaberto. Olhei para o corte no meu braço. Enquanto ele continuasse sangrando, o portão permaneceria aberto, mas se por algum motivo parasse, ficaríamos presos aqui.

O sangue pingava no chão chamuscado. Estendi a mão para Liane e rasguei sua manga. Rasgou seu braço.

— Ei! — Ela chorou.

Usei o material e o envolvi em volta do meu braço, não o suficiente para interromper o sangramento, mas apenas o suficiente para impedir que seu perfume enchesse o ar. Afinal, eu estava no inferno, onde o sangue era provavelmente uma moeda.

— Eu sabia que deveria ter matado você quando tive a chance — ela retrucou. — Antes tarde do que nunca.

Ela empurrou as mãos para a frente como se fosse me atacar com magia, mas nada aconteceu. Ela olhou para as mãos, o medo torcendo sua expressão.

— Você disse que não aceitaria minha mágica!

— Eu não fiz. Simplesmente não funciona aqui.

— Você está brincando comigo? Então, por que estou aqui?

— Levante-se. Vou nos teleportar para a cidade.

Ela estreitou os olhos.

— Como é que você ainda pode usar magia?

Agarrei seu braço e segurei firmemente, ignorando sua pergunta. Ela não precisava saber que a Primeira Mágica poderia ser usada em todos os reinos. Um piscar de olhos depois, aparecemos no centro da cidade. Edifícios altos de pedra ergueram-se no ar com vários andares, muitos deles desmoronados e em ruínas. Estávamos perto de uma

enorme fonte rochosa, mas a água havia parado de fluir aqui eras atrás.

Erguendo-se do meio da fonte, estava a estátua de um homem musculoso em traje de guerreiro. Na mão direita, ele segurava uma grande espada e na esquerda, um escudo. As palavras *Parere Seu Moriatur* estavam gravadas no topo. Meu novo cérebro poderoso e onisciente traduziu rapidamente a inscrição: *Obedeça ou morra.* Ao redor do guerreiro havia estátuas menores de gárgulas aladas.

— Eu não quero estar aqui — choramingou Liane. — Me leve de volta.

Por ser uma cidade tão grande, o lugar estava vazio. Não havia sinais de vida em lugar algum, mas eu podia sentir uma energia pulsando no ar. Fechei os olhos. Havia vida aqui, muito, mas - eu me concentrei mais - não podia ser vista com olhos terrenos.

Levei um segundo para reunir informações sobre esse novo domínio. O conhecimento veio um pouco mais lento do que eu gostaria, devido à minha crescente fraqueza. Estávamos no Sheol, um lugar destinado aos condenados. Na Terra, as pessoas chamavam esse lugar de Inferno.

Peneirando mais conhecimento, aprendi o idioma. Tinha raízes latinas, mas nada mais era familiar. Na

linguagem do Sheol, eu sussurrei: — Quem tem olhos, não será cego. Deixe esse mundo claro, abra minha mente.

Abri os olhos e a cidade se transformou na minha frente. Os prédios não estavam mais em ruínas. Sem sol no céu, apenas um brilho vermelho sinistro, a cidade estava banhada principalmente pela escuridão. Algumas luzes sopraram de dentro de algumas das estruturas, mas tive a nítida impressão de que a luz não era favorecida aqui. Vagando pela escuridão, descobri a vida. Não é o tipo de vida que eu estava acostumada, no entanto.

Todos os tipos de animais vagavam pelas ruas. Demônios com grandes asas negras e monstros com garras e presas. Havia humanos lá também, criaturas sombrias e repugnantes cujas próprias sombras se estendiam e se moviam, como se estivessem tentando se libertar de seus próprios corpos.

Pior do que os animais era a violência generalizada. Não havia direção em que eu pudesse me virar sem ver algum tipo de luta, mas não era uma briga típica de bar com punhos e cotovelos. Eram sessões de tortura, todas feitas ao ar livre. Todo tipo de crueldade e artifícios estranhos eram usados nas vítimas que clamavam, implorando misericórdia.

Não havia nenhum lugar que eu pudesse procurar para evitar ver o horror. Era demais, e me inclinei para a frente e

esvaziei meu estômago. Liane se afastou de mim, seu próprio rosto pálido.

— Continue andando — eu respirei e limpei minha boca com as costas da minha mão. Eu tropecei para frente e fechei os olhos, desejando a cidade estéril de volta.

Quando abri meus olhos, as ruínas desoladas retornaram, mas as coisas que eu já tinha visto me assustariam para sempre. Empurrei-os para os recônditos escuros da minha mente, onde esperava nunca mais vê-los.

— Por favor, Eve — disse Liane novamente. — Precisamos sair.

— Ainda não. — Virei para a esquerda, onde senti o espelho puxar com mais força. Mas não foi só isso que senti: Lucien também estava perto. Meu coração pulou uma batida dolorosa.

Diante de mim, erguia-se um imenso prédio de pedra cinza, com longas colunas brancas de mármore e janelas altas do tamanho de portas. Devia haver pelo menos três dúzias de escadas que levavam à entrada.

— Por aqui — eu pedi.

Quando Liane se recusou a se mover, usei magia para ajudá-la.

— Eu te odeio — ela resmungou.

Não demorou muito para chegarmos a enormes portas duplas com esculturas de gárgulas de pedra na frente.

— Bisleth, — eu assobiei na linguagem do Sheol.

As grandes portas se abriram, revelando um salão enorme que rivalizava com qualquer coisa que eu tinha visto na Terra. Colunas cinzas altas, com pelo menos quinze metros de altura, corriam do teto ao chão. Havia uma dúzia deles por toda a entrada principal. O chão era de pedra lisa, como se tivesse sido cortado da mesma pedra gigante. No fundo do corredor havia vários degraus que levavam a um trono feito de pedra e metal entrelaçados intricadamente.

Não havia sinais de vida, apenas o leve movimento de partículas de poeira no ar. Tudo parecia sujo e quebrado, como se tivéssemos descoberto uma civilização perdida.

— Ninguém está aqui — Liane chorou. — Vamos sair deste lugar já!

Eu olhei para ela e sussurrei: — Durma.

Seus olhos obedientemente se fecharam quando a magia penetrou nela. Ela caiu no chão, escondida nas sombras. Liane não precisava estar acordada para o que ia acontecer a seguir. Este lugar estava longe de vazio.

Eu sussurrei o feitiço para revelar a vida do submundo. O grande salão se transformou em vermelhos escuros, roxos, pretos e azuis. Chamas, a única luz na sala, apareceu ao

longo da base da parede, queimando três metros de altura e enchendo o ar com um calor insuportável. Os sete demônios, todos parecidos com Erebus, com corpos enormes e chifres gigantescos, sentavam-se nos fundos da sala em volta de uma mesa comprida cheia de alimentos que eu não reconhecia. Não olhei por muito tempo, com medo de ver algo humano em suas placas de ouro.

Entrando e saindo das sombras lançadas pelas chamas dançantes, eu me escondi atrás das colunas. Eu sabia que Lucien estava aqui em algum lugar; eu podia sentir sua bondade irradiando dele como uma luz brilhante dentro de toda essa escuridão.

Um dos demônios bateu com o punho na mesa, fazendo a comida e os pratos saltarem. Minha carne esfriou quando reconheci Erebus. Ele riu alto, o tom profundo de sua voz vibrando os ossos do meu corpo. O fato de ele estar rindo me deixou nervosa. Não fazia mais de dez minutos desde que eu o joguei de volta ao inferno na época da Terra, mas aqui estava ele sentado com seus irmãos como se nada tivesse acontecido. Muito tempo deve ter passado neste reino. Pressionei minha mão na minha boca para silenciar uma respiração engatada.

Cheguei o mais perto que ousei antes de camuflar minha presença. Eles poderiam sentir meu poder, mas era

um risco que eu correria. Eu arrastei ao longo da parede, mas não muito perto por medo de ser queimado vivo. Chamas lambiam meus cabelos e as costas, e eu tive que continuar limpando o suor da minha testa. Eu estava quase nos degraus de pedra que levavam ao trono quando vi Lucien. Levou toda a minha força para não correr para ele quando vi sua condição.

Ele estava enrolado em uma bola ao lado dos degraus, não muito longe de onde os demônios festejavam. Pedaços de comida foram jogados em cima dele, e embaixo dele o chão estava manchado de sangue. Ele parecia mais magro, e seu cabelo tinha crescido alguns centímetros além das orelhas. Só isso me disse que ele estava aqui há pelo menos um mês ou dois. Fiquei enjoado ao pensar no que ele havia sido submetido.

Aproximei-me dele devagar, mas congelei quando a cabeça de Erebus virou na minha direção. Ele rosnou quando seus olhos passaram por mim. Ele jogou um osso roído em Lucien. Ele atingiu a cabeça de Lucien e caiu no chão. Lucien nem se encolheu.

Ajoelhei-me ao seu lado e, enquanto ninguém estava olhando, afastei os cabelos do rosto. Sua pele estava icterícia e os lábios incolores. Ele provavelmente não tinha comido o tempo todo. Olhei para o material enrolado no meu braço. O

sangue estava começando a encharcar. Eu o desembrulhei cuidadosamente e mergulhei meu dedo no líquido carmesim para correr em seus lábios. No começo, nada aconteceu, mas depois de um pouco mais de esforço, sua língua finalmente tremeu e provou o sangue. Isso pareceu despertar um pouco de vida nele.

Eu pressionei meu pulso na boca dele. Ele bebeu avidamente, mas quando sua mão se moveu para agarrar meu braço, eu a afastei, com medo de que os outros notassem.

— O que temos aqui?

Muito tarde.

Erebus ficou de pé e estava olhando para Lucien.

— Que cheiro é esse?

Os outros demônios pararam de comer e cheiraram o ar.

Eu rapidamente enrolei o material em volta do meu braço e me afastei quando Erebus agarrou o tornozelo de Lucien. Em um movimento fluido, ele jogou Lucien no ar e bateu seu corpo em cima da mesa. Todos os tipos de comida espalhados por toda parte. Lucien gemeu, mas seus olhos permaneceram fechados.

Aproximei-me da mesa, ainda encoberta, mas rasgada quanto ao que fazer. Eu não podia deixá-los machucar Lucien, mas me expor poderia matar nós dois.

Um dos outros demônios se inclinou para frente, examinando seu rosto.

— Ele teve sangue!

Erebus virou-se e revistou a área em que Lucien estava deitado. Ele viu algumas gotas que caíram no chão de pedra.

— Não estamos sozinhos, irmãos — disse Erebus e casualmente voltou para a mesa. — Sinto uma bruxa por perto.

Um demônio ficou de pé e lambeu os lábios de couro preto.

— Eu amo o gosto das bruxas.

Meu olhar oscilou entre Lucien e Erebus, meu pulso acelerado.

Erebus riu.

— E eu quero satisfazer o seu desejo, Abraxas.

Erebus pegou uma longa faca de açougueiro e a arrastou pela mesa. Sua borda pontuda deixou uma cicatriz profunda na madeira.

— Eu sei como pegar uma bruxa. — Ele correu a lâmina até o estômago de Lucien. — Você machuca o que

eles mais amam. — Ele mergulhou a faca no intestino de Lucien.

— Não! — Eu gritei. Bati os dois punhos sobre a mesa, enviando uma onda de choque para fora. Os demônios voaram para trás, alguns deles aterrissando no fogo na beira da parede.

Subi até Lucien, arranquei o material em volta do meu braço e rapidamente tirei a faca do estômago. Pressionando meu pulso de volta à boca dele, minha outra mão pairava sobre sua ferida para curá-la. Em questão de segundos, Lucien estava segurando meu braço, sugando sangue com fome. Os olhos dele permaneceram fechados.

Erebus rosnou, subindo a uma altura terrível. Alguns dos outros demônios tinham chamas literalmente queimando suas costas, mas o fogo não fez nada à carne deles. Os demônios atacaram, seus pés cascos ecoando no grande salão soando como um trovão. Fiquei de pé no centro da mesa, com a mente e o corpo cansados, mas fui alimentado por uma raiva insaciável. Eu balancei com ele, e os tremores ondularam em grandes ondas pelo meu corpo. Havia muita tristeza, muita dor.

Na língua do Sheol, pedi nevoeiro para o corredor. Ele derramava de todas as aberturas, apagando incêndios e umedecendo minhas roupas. Ao mesmo tempo, invoquei a

Primeira Magia. O ar ficou eletricamente carregado, e o primeiro diabo que me alcançou foi atingido por um raio diretamente em seu crânio gigante. Ele caiu para trás em um de seus irmãos, que rugiu ao vê-lo. Ele largou o irmão e saltou no ar em minha direção, grandes dentes parecidos com presas expostas e garras afiadas estendidas.

Peguei a faca de açougueiro que Erebus usara em Lucien e a girei para frente. Cortou o ar e cortou de maneira limpa o pescoço do segundo irmão. Seu corpo caiu no chão de pedra.

Inesperadamente, meu corpo sacudiu e apertou, o ar forçado dos meus pulmões. Um deles estava tentando usar magia contra mim. Afastei a sensação, meus olhos encontrando as pupilas vermelhas de Erebus. Ele estava na cabeceira da mesa, seus quatro irmãos restantes grunhindo e bufando atrás dele, parcialmente escondidos na neblina. Eles eram tão altos que, mesmo quando eu estava em cima da mesa, mal encontrei os olhos deles.

— Você está enfraquecendo. Eu posso sentir.

Eu sorri e levantei uma sobrancelha.

— Você tem certeza sobre isso?

Eu esperava parecer forte, porque a verdade era que minha mágica estava diminuindo significativamente. Eu precisaria de tempo para me recompor, tempo que não tinha.

Ele riu, sua voz rouca e profunda.

— Você é uma bruxa corajosa que entrou no covil do diabo, mas superestimou suas habilidades.

Perto dos meus pés, Lucien começou a se mexer. Os olhos dele se abriram. Arrisquei um olhar rápido.

— Eve? — Ele perguntou, sua voz rouca.

3Talvez a vida após a morte sobre a qual o Dr. Han tenha falado realmente existisse, e Lucien e eu ainda pudéssemos ficar juntos.

— Não está nem perto de terminar — rosnou Erebus. Ele pulou sobre a mesa, seu peso quase a esmagando.

Eu procurei dentro de mim. Havia magia suficiente para combater mais um demônio. Sorri para Erebus e acenei para ele avançar.

CAPÍTULO 15

Erebus me cobriu. Seus cascos pesados balançaram a mesa de madeira quase me fazendo cair. Antes que ele pudesse me alcançar, apontei para ele e sussurrei uma ordem. Um longo garfo esculpiu da mesa e perfurou Erebus no topo de seu esterno.

Ele parou de se mover, mais por aborrecimento do que pela força do utensílio. Ele riu.

— Isso é o melhor que você poderia fazer?

Ele estendeu a mão para remover o garfo, mas eu não terminei. Eu mentalmente empurrei contra ele, passando por tecidos pesados e ossos grossos. Ele grunhiu de dor e arranhou o utensílio. Meu dedo apontado começou lentamente a baixar. O garfo seguiu o movimento, cortando Erebus bem aberto.

Os outros demônios circulavam a mesa. Eu tinha apenas alguns segundos antes que eles me atacassem, se eu tivesse sorte. Eu poderia segurá-los, mas não por muito tempo.

Lucien se mexeu abaixo de mim, tentando ficar de quatro. Ele disse meu nome novamente. Aproximei-me dele até minha perna tocar seu lado. Tudo ia ficar bem. Não importa o que aconteceu.

Apesar de o peito de Erebus ser rasgado e a quantidade extrema de dor em que ele deve estar, ele rosnou e se lançou para mim. Eu levantei meus braços para me proteger do golpe inevitável, mas isso nunca aconteceu. A sala ficou em silêncio.

Abaixei meus braços e olhei em volta. Erebus estava alto da mesa, seu punho apertado e a apenas alguns centímetros do meu rosto. Gotas de sangue de sua ferida aberta estavam suspensas no ar. Até Lucien estava congelado, olhando para Erebus com os olhos arregalados e uma expressão de medo. Atrás de mim, outro demônio estava no processo de alcançar minha perna.

Eu olhei para minhas mãos, me perguntando se eu tinha causado tempo para parar.

— Não se iluda — disse uma voz aveludada.

A névoa na sala se dissipou. No trono imponente estava o homem mais bonito que eu já tinha visto. Ele era alto e magro, com cabelos pretos bem aparados. Seus olhos eram escuros e tinham uma qualidade sedutora que dificultava desviar o olhar. Abri minha boca para falar, mas nenhuma palavra veio. Eu me senti inadequado demais para falar com esse ser aparentemente perfeito. Foi quando eu percebi quem ele era: Lúcifer, rei do Sheol.

— Você criou um problema único para mim, bruxa — disse ele. — Você entrou no meu reino, matou dois — ele olhou por cima do meu ombro para o garfo congelado no peito de Erebus — possivelmente três, dos meus príncipes. É verdade que posso substituí-los facilmente, mas você é um ser poderoso de outro dimensão. Você sabe como chegar aqui.

Empurrei o ar pelo nó na garganta e disse:

— Juro que nunca mais voltarei. Isso não é exatamente o paraíso.

Ele sorriu.

— Isso é uma questão de opinião, mas eu acredito em você.

— Você vai nos deixar viver? — Eu perguntei.

Ele olhou para Lucien.

— Eu gosto bastante dele. Sua alma é forte, e eu poderia fazer muito com um soldado como ele. Só preciso da motivação certa. — Seu olhar brilhou para mim.

— Partimos juntos ou morremos juntos — insisti.

Ele revirou os olhos e se levantou.

— Não seja tão melodramático. Só desta vez eu deixarei vocês dois viverem, mas chegará um momento no futuro em que exigirei suas habilidades especiais. É raro encontrar uma bruxa que possa usar magia em todas as dimensões.

— E se eu recusar?

— Você não vai. — Ele me fez sinal para a esquerda. — Afaste-se.

Assim como eu tinha feito, a ponta em Erebus continuou cortando seu centro, estripando-o até o umbigo. Ele caiu de cara quase em cima de Lucien.

— Eu nunca gostei dele — disse Lúcifer e afastou as mãos como se as tivesse sujado. — É melhor você ir embora. Os irmãos de Erebus não ficarão felizes quando virem o que você fez. Presumo que você me trouxe uma alma?

Eu estava quase atordoado demais para falar. Eu apontei trêmula do outro lado do corredor onde Liane estava dormindo no chão. Eu me senti um pouco culpado por fazer isso com ela, mas vislumbrara seu futuro. Ela nunca mudaria e sempre procuraria ganhar mais poder à custa dos outros.

— Serve. Agora vá embora.

Olhei em volta, mas não vi o espelho.

— Como?

— Devo fazer tudo?

Energia poderosa começou a correr em torno de Lucien e eu, e eu fiz uma careta ao seu toque gelado. No caminho, deslizou sobre meu corpo quase como se estivesse explorando todas as curvas e fendas. Isso me fez sentir suja,

como se eu tivesse feito algo horrível, algo vergonhoso. Meu coração bateu irregularmente, e o cheiro no ar azedou, como se alguém tivesse deixado carne crua ao sol por muito tempo. Agarrei-me firmemente a Lucien, que havia desmaiado novamente.

Olhei de volta para Liane, uma pequena parte de mim se sentindo culpada por deixá-la em um lugar tão horrível. No último segundo, quando o ar começou a brilhar, usei minha magia restante em Liane. Foi um feitiço rápido, que limparia sua mente de todas as emoções e dores. Se ela tivesse que ficar aqui pelo resto da eternidade, prefiro que ela fizesse isso com o mínimo de sofrimento possível.

O mundo de Lúcifer desapareceu lentamente. Caí de joelhos e coloquei a cabeça de Lucien no meu colo, lágrimas queimando meus olhos. Conseguimos. Nós sobrevivemos. Minha mão alisou seu cabelo.

— Acorde, Lucien. Você está livre.

Continuei acariciando sua cabeça, seu rosto e seus braços. Sob as pontas dos dedos, eu podia sentir um pouco da dor imensa que ele experimentara, e isso sugou meu fôlego, me fez tremer. E ele fez tudo para me salvar.

Uma lágrima quente caiu da minha bochecha e em sua testa. Eu rapidamente a afastei. Eu tinha que ser forte por

ele quando ele acordasse, ser sua rocha como ele tinha sido para mim tantas vezes.

Enquanto eu continuava acariciando sua cabeça, olhei em volta para ver onde estávamos. Eu esperava que Lúcifer nos devolvesse à Terra, mas nada parecia familiar aqui. Tudo que eu sabia com certeza é que não estávamos no inferno. O céu estava completamente cinzento, não cinzento com nuvens, mas apenas uma mancha como se não houvesse sol ou lua. O chão estéril também era de cor preta, com longas rachaduras correndo em veias minúsculas, tanto quanto eu podia ver. Não havia mais nada. Nenhuma floresta à distância, nenhuma cidade, sem luzes, apenas quilômetros e quilômetros de vazio. Deve ser algum outro mundo, possivelmente em outra dimensão.

Lucien começou a se mexer sob o meu toque. Ele gemeu e abriu os olhos. Pestanejou. Pestanejou novamente.

— É realmente você? — As palavras mal passaram por seus lábios.

Eu o ajudei a sentar, mas ele ficou rígido ao meu toque.

— Eu encontrei você — eu disse, retirando minhas mãos, o que foi uma tarefa difícil. Eu adoraria abraçá-lo, mas senti sua relutância. A dor dele.

— Você não deveria ter vindo. Não é seguro. — Ele disse as palavras sem olhar para mim. Ele estava olhando

para longe, o brilho fosco em seus olhos me lembrando o lugar para onde chegamos.

— Não estamos mais no inferno. Erebus está morto.

— Como?

— Lúcifer nos deixou sair.

Ele balançou a cabeça com veemência.

— Você não faz acordos com ele. Ele vai querer um pouco...

— Não importa. Estamos livres e juntos.

Eu pressionei minha testa na dele. Sua expressão doeu com o toque.

— Eu sonhei com você — ele sussurrou. — Era a única coisa que me mantinha são naquele lugar horrível. — Seu olhar piscou para o corte no meu braço. — Você está machucada.

— Vai curar assim que sairmos daqui. — Eu não tinha dúvidas de que Llona ou Henry poderiam me curar.

— Onde estamos? — Lucien perguntou.

— Não tenho certeza. — Eu me levantei.

— Precisamos encontrar uma saída daqui — disse ele, enquanto lutava para se levantar. — Pode não ser seguro.

— Você deveria descansar.

Seu rosto franziu em frustração.

— Eu não posso usar mágica aqui. Pode?

— Eu posso com um pouco de tempo.

— Vamos andar — disse ele.

Antes de começarmos, passei meus braços em volta dele e enterrei minha cabeça em seu peito. Eu nunca mais quis me separar dele. Seu corpo ficou rígido e começou a tremer.

Eu olhei para ele.

— Você está bem?

Ele fechou os olhos e respirou fundo até os músculos relaxarem.

— Pode levar algum tempo.

— Compreendo. — Eu o soltei e dei um passo para trás, deixando algum espaço entre nós. Ele havia sofrido tortura que eu só podia imaginar. Levaria tempo para ele se curar, e eu daria tudo o que ele precisava. Eu devia isso a ele.

O chão estava duro sob nossos pés enquanto caminhávamos pela terra, e o ar incrivelmente seco. Como não havia marcos de qualquer tipo, era difícil dizer se estávamos andando em um círculo gigante ou andando em linha reta. Tudo parecia dolorosamente igual.

Para passar o tempo, falei sobre como havíamos encontrado ele e Henry na prisão e a grande batalha que se seguiu. Engasguei um pouco quando cheguei à parte de

encontrar uma maneira de tirá-lo do inferno. O pensamento de perdê-lo tinha sido demais para suportar. Eu planejava falar mais, mas minha garganta ficou seca demais.

— O que eu não daria por um pouco de água — eu murmurei.

Lucien parou e olhou para a terra com crosta.

— O que você está fazendo?

— Pode ser possível. — Ele levantou o punho e esmagou-o no chão, quebrando várias camadas. Usando as mãos, ele removeu os fragmentos quebrados, mas eles se desfizeram sob seu toque. Ele continuou cavando.

— Está tudo bem, Lucien. Acho que não há água neste lugar.

Ele caiu de bruços e apoiou os braços nos joelhos. Sentei-me ao lado dele e descansei minha cabeça em seu ombro.

— Eu posso tentar usar magia — sugeri.

Ele não disse nada, e eu pude sentir sua frustração por não poder ajudar. Fechei os olhos e procurei quaisquer sobras de magia. Eu encontrei um no fundo da minha mente, mal queimando. Tentei expandi-la, mas ele permaneceu inalterado. Eu me concentrei mais, concentrando-me na Primeira Magia, como o Dr. Han havia me ensinado. Lembrei-me de como parecia, quando senti o

toque e como cheirava. Ele ficou um pouco mais forte, mas depois parou como se tivesse atingido uma parede. Eu precisava de mais tempo para reunir minhas forças, ou esse lugar era sufocante demais.

Eu mordi, tentando manter a calma. Tínhamos chegado tão longe! Matando um príncipe do inferno, encontrando-se com Lúcifer e vivendo para contar a história. Então, ficar preso nesse lugar desolado realmente estava me irritando.

— Eu vi Charlie — Lucien disse, sua voz suave.

— O que? — Eu me virei e olhei para ele.

— Charlie. Quando eu estava sendo torturado e estava perto da morte, ele veio até mim. Ele falava comigo, contava piadas estúpidas. — Ele sorriu tristemente. — Ele disse que você estava vindo.

Meu coração pulou uma batida. Han disse que a alma de Charlie ainda vivia, mas em outra dimensão. Ele estava certo ou Lucien estava tendo alucinações?

— Você realmente acha que era ele?

Ele olhou para mim.

— Eu acho que sim.

Eu respirei fundo, meus olhos lacrimejando novamente.

— Mas como?

— Pensei nele e depois chamei o nome dele.

— Você acha que poderia fazer isso de novo? — Eu perguntei esperançosamente.

— Talvez possamos fazer isso juntos? — Ele estendeu as mãos.

Apertei-os com força e fechei os olhos. Não era difícil pensar em Charlie, pois ele tinha sido meu amigo mais querido. Lembrei-me de como ele tinha sido ótimo com as crianças da academia. A maneira como ele falava com eles e com os outros era sempre com bondade e compreensão. Eu sentia tanto a falta dele que meu coração doía.

O ponto brilhante da magia em minha mente se expandiu, passando por qualquer barreira que estivesse tentando contê-la. Chamei o nome de Charlie e pressionei o pensamento para fora. Uma explosão de energia escapou do meu corpo, me deixando ofegante. Eu abri meus olhos.

Lucien estava me observando.

— Sinto falta dele.

— Eu também.

— Vamos andar de novo? —

Eu olhei ao redor.

— Não há para onde ir.

Nós ficamos em silêncio. Eu poderia ter continuado a conversar, talvez tenha compartilhado boas lembranças com ele, mas minha garganta estava muito áspera e seca.

Mais tempo se passou, mas era difícil dizer quanto naquele lugar não havia sol ou lua. Teria sido um tipo diferente de inferno se eu não estivesse com Lucien.

Uma luz brilhante apareceu no horizonte.

— O que é isso?

Lucien seguiu meu olhar. O que quer que fosse, estava vindo em nossa direção rapidamente e crescendo em tamanho.

— Para trás — ele avisou e ficou de pé para ficar na minha frente, mas eu segurei sua mão e fiquei ao lado dele. O que quer que estivesse por vir, enfrentaríamos isso juntos.

Prendi a respiração. Depois de tudo o que passamos, era possível que morrêssemos aqui neste deserto árido.

CAPÍTULO 16

Quanto mais perto a luz chegava, mais meu coração começava a acelerar. Não com medo, mas com emoção. Eu *conhecia* essa luz, esse ser, essa pessoa. Toquei meu coração, sorrindo.

A luz começou a tomar forma. Pernas, braços, um rosto familiar.

Lucien agarrou minha mão e soltou uma risada cansada e nervosa. Eu me inclinei para ele em busca de apoio.

Charlie estava diante de nós, seu semblante brilhante.

— Oh, Eve. Você está tão bonita como sempre!

Eu olhei para ele, incrédula. Ele parecia o mesmo que eu lembrava, mas havia essa luz em seus olhos, lembrando-me das palavras alegria e paz que não existiam antes.

— Eu não posso acreditar que é realmente você.

Ele piscou para mim.

— Eu me senti da mesma maneira quando vi Lucien. No momento em que ouvi dizer que ele estava sendo mantido em cativeiro no inferno, tive que ir até ele. Não é um lugar em que uma pessoa queira ficar presa. Falando nisso — seu olhar mudou para Lucien, — você parece muito melhor do que a última vez que te vi.

— Obrigado — disse Lucien. — Por manter minha mente preocupada enquanto eu estava... — Ele inalou. — Eu não sei se eu poderia ter sobrevivido de outra forma.

— É o mínimo que eu poderia fazer. Estou feliz por ter encontrado você.

Meu coração inchou com amor e gratidão pelo que Charlie havia feito por Lucien. Eu tropecei em direção a ele, sorrindo grande, mas ele levantou a mão para me parar.

— Desculpe, mas eu realmente apreciaria se você não me tocasse. Você tem um corpo físico e eu sendo, bem, um fantasma, me deixa muito doente quando os dois colidem.

Foi preciso muita contenção, mas dei um passo para trás.

Charlie olhou em volta.

— Então, o que vocês dois estão fazendo aqui quando poderiam estar em uma de mil outras dimensões surpreendentes?

— Lúcifer nos enviou aqui. — Engoli a plenitude na minha garganta. — Eu não sei como voltar.

A boca de Charlie se apertou e suas sobrancelhas se uniram.

— Eu não fui capaz de ajudar Lucien no inferno, e isso me matou - de novo, mas eu posso ajudar aqui. Suponho que você queira voltar para a Terra?

— Sim — Lucien disse rapidamente.

— Esperar! — Eu chorei. — Eu tenho muitas perguntas.

Charlie exalou e sorriu calorosamente.

— Gostaria de poder respondê-las, mas não tenho muito tempo. Este lugar não é para pessoas como eu.

Meu coração trovejou dentro do meu peito. Isso estava acontecendo muito rápido! Charlie estava parado na minha frente, falando comigo como se nunca tivesse morrido.

— Você está feliz? — Eu soltei.

Sua risada repentina aqueceu minhas bochechas.

— Imensamente. Estou com Moira, que é tudo que eu queria na vida. Agora feche seus olhos. — Ele parou na frente de Lucien.

— Sinto sua falta, irmão — disse Lucien.

— E eu você. Se cuidem. — Ele pressionou o dedo na testa de Lucien até que Lucien brilhasse intensamente. Num instante, Lucien desapareceu. Charlie virou-se para mim. — Sua vez.

Meus olhos ardiam com lágrimas não usadas.

— Sinto muito por te matar. Eu nunca deveria ter colocado esse colar.

— Você precisa se perdoar, Eve. A vida é cometer erros, e depois fazer o nosso melhor para corrigi-los. Você fez tudo o que pode para deixá-lo ir. Além disso, sacrificar minha vida por você e Lucien foi minha maior conquista. Eu escolhi esse destino para mim. —

— Por favor, não diga isso. — Eu funguei, enquanto as lágrimas caíam em minhas bochechas.

Um sorriso malicioso se espalhou em seu rosto.

— Você sabe que eu vi tudo de antemão, certo? Ser um médium muito legal e tudo mais? Eu poderia ter evitado minha morte, mas se eu tivesse vivido, você e até Lucien não teriam passado pelo crescimento necessário para derrotar Boaz e Erebus. Minha morte foi necessária e não me arrependo. Finalmente estou onde quero estar - com minha esposa. Gostaria que você pudesse conhecê-la.

Ele virou a cabeça para o lado como se estivesse ouvindo algo distante.

— Charlie?

— Eu tenho que ir. Rapidamente, feche os olhos.

Minha boca se abriu para implorar por mais tempo.

— Vamos nos ver de novo — ele interrompeu.

Eu balancei a cabeça e fiz o que ele pediu. Um segundo depois, houve uma pressão quente na minha testa, depois um flash de luz brilhante. Um aperto envolveu meu peito

quando me senti caindo no espaço. Quando o movimento parou, eu ofeguei por ar e meus olhos se abriram.

Lucien se ajoelhou ao meu lado.

— Você está bem. Estamos de volta.

Sentei-me e olhei em volta. Estávamos em um amplo espaço com muitas árvores e grama verde embaixo de nós. Não muito longe, havia um parque infantil.

— Onde estamos? —

— Ainda não tenho certeza. Estava esperando por você. — Ele me ajudou a ficar de pé. — Há uma loja de conveniência não muito longe.

O ar frio entrou em meus pulmões e inclinei minha cabeça para cima. Estrelas piscavam em um céu aveludado, e a lua prateada brilhava em um tom que aquecia minha pele. Essa é a escuridão que eu amei.

Entramos em uma estrada e a seguimos alguns quarteirões até um posto de gasolina no que parecia uma cidade pequena. Árvores de olmo e bordo se alinhavam nas ruas, fazendo-me pensar que estávamos em algum lugar perto de Coast City.

— Por que você não espera aqui? — Eu sugeri, meu olhar cintilando em suas roupas ou na falta dela. Ele ainda estava sem camisa, e o que restava de sua calça jeans estava manchado de vermelho. Um longo banho quente também lhe

faria bem. Seus cabelos e pele estavam cobertos de sujeira e o que parecia cinza.

Ele assentiu e desapareceu de volta para um bosque de árvores.

Corri para a loja de conveniência e fui direto para o banheiro para finalmente esfriar minha garganta seca. Havia algumas outras pessoas lá dentro, duas delas conversando com o funcionário. Eu passei despercebida.

Depois de vários goles de água, olhei para cima, observando meu reflexo pela primeira vez. Meu cabelo não era mais branco, mas havia retornado à sua cor loira normal, e parecia mais comprido - muito mais comprido. Quanto tempo se passou? E qual dimensão causou isso? Inferno ou a terra árida que Lúcifer nos enviou?

Abri a porta do banheiro e caminhei até a frente da loja, onde havia notado uma pilha de revistas imobiliárias gratuitas. Peguei um e saí do lado de fora. A capa dizia Imóveis do litoral de Connecticut. A data era 02 de abril.

Seis meses! Henry e os outros devem estar tão preocupados.

Corri de volta para Lucien. Foi quando notei que o cabelo dele também tinha crescido significativamente, mas estava tão emaranhado que eu senti falta dele.

— Precisamos nos limpar e ir para Henry o mais rápido possível.

— Muito tempo se passou, não é? — Ele perguntou.

Eu assenti.

— Como está sua mágica?

Fechei os olhos e senti o sangue escorrer. Não era forte como a Primeira magia tinha sido, mas era exatamente o que eu precisava que fosse.

— Eu posso nos tirar daqui. Para onde?

— Meu apartamento em frente ao Deific, em Wildemoor. Ainda deve estar vazio. Vamos lá primeiro para que eu possa tomar banho e comer. E descansar. Podemos encontrar Henry pela manhã.

Eu assenti.

— Aguente.

Ele segurou minha mão com firmeza e nós desaparecemos.

LUCIEN CAIU em um sono profundo no segundo em que caiu na cama. Eu não conseguia dormir, então me sentei em uma cadeira ao lado dele e o vigiei. Ele parecia tão distante, mal olhando para mim e falando apenas quando eu lhe fiz

perguntas. Havia muita dor dentro dele. Eu senti isso pulsando fora dele enquanto ele dormia.

A manhã chegou. Demoramos algumas horas para ficarmos prontos. Os movimentos de Lucien eram lentos e, às vezes, ele parava de se mover sem motivo algum e começava a tremer. Usei palavras suaves e o toquei apenas quando senti que ele aceitaria o contato.

— Você tem certeza que quer vir? — Eu perguntei a ele. — Porque eu posso ir ver Henry e os outros por conta própria. Tenho certeza que eles entenderão. —

Ele se abaixou em um sofá, considerando minhas palavras.

— Por mais que eu queira descansar, também preciso vê-los.

Quando Lucien estava finalmente pronto, nós nos teletransportamos diretamente para a biblioteca Deific, o lugar onde Henry geralmente podia ser encontrado, ou pelo menos ele estava no passado. Fiquei decepcionada ao encontrá-la vazia.

Suspirei.

— Eu queria fazer isso pessoalmente, mas não sei mais para onde procurar. É melhor ligarmos para ele. —

Lucien removeu um celular recém-comprado do bolso e o entregou para mim.

Eu disquei o número, mas ninguém respondeu.

— Você acha que está tudo bem? — Eu perguntei.

— Ligue de novo. Ele provavelmente não respondeu porque não reconhece o número. É o que eu teria feito.

Eu disquei novamente. Desta vez, ele atendeu no terceiro toque.

— Sim?

— Henry?

Houve uma longa pausa.

— Você está aí? — Eu perguntei. Quando ele não disse nada, eu continuei falando. — Eu tenho Lucien. Estamos de volta e na biblioteca procurando por você. Eu sei que muito tempo...

Henry apareceu na minha frente, me fazendo pular e largar o telefone.

— Você está viva — disse ele. Seu olhar cintilou para Lucien. — E você.

Lucien assentiu.

Henry exalou um suspiro trêmulo e se inclinou, as mãos apoiadas nos joelhos em busca de apoio.

— Eu não pensei que veria vocês dois novamente.

— Eu também não — disse Lucien.

Henry se endireitou e respirou fundo, lentamente.

— Você não poderia ter retornado em um momento melhor. Agora que temos um novo presidente que não compartilha da mesma opinião que o Erebus — ele fez uma pausa. — Ele está...?

— Morto — eu terminei. — Ele nunca mais voltará aqui.

— Notícias maravilhosas! Como eu estava dizendo, o país finalmente está voltando ao normal, ou o mais normal possível. O foco da DSRD mudou. Em vez de forçar as pessoas a se registrar, seu principal objetivo é tentar entender onde as habilidades de um sobrenatural vem.

— Isso parece perigoso — disse Lucien.

— Estamos de olho nisso. — Ele olhou para mim. — Você precisa ir ver Llona.

— Eu estava esperando.

— Ela está com os outros. A Lucent Academy está comemorando um feriado de Aura hoje. Há todo tipo de atividades acontecendo e um grande banquete hoje à noite. Eu estava pensando em me atender. O que estamos esperando?

Antes que eu pudesse detê-lo, ele alcançou Lucien, mas assim que tocou o braço de Lucien, Lucien recuou, quase caindo.

— Eu vou levá-lo — eu disse rapidamente.

Lucien se virou, de costas para nós dois.

— Peço desculpas — disse Henry. — Eu não quis...

— Está tudo bem. Ele acabou de atravessar o inferno, literalmente. Ele precisará de algum tempo.

— Claro. Que insensível da minha parte. — Ele olhou Lucien preocupado.

— Que tal se te encontrarmos lá? — Eu perguntei. — Estaremos logo atrás de você.

Ele assentiu e deu um passo para trás.

- Quero que saiba que foram incontáveis dias e noites tentando encontrar uma maneira de trazer você e Lucien de volta, ou pelo menos entrar em contato com você. Llona e Liam viajaram pelo mundo, conversando com qualquer um que pudesse ter informações. Estou tão aliviado ao saber que vocês voltaram.

— Temos bons amigos — eu concordei, meu olhar piscando para Lucien. Todo o seu corpo estava tenso, e eu poderia dizer que ele estava tentando não tremer.

— Vejo você na academia — disse Henry. Antes que eu pudesse respirar fundo, ele se foi.

— Sinto muito — Lucien sussurrou. Seus tremores se intensificaram agora.

Meu peito apertou, quase esmagando meu coração. Eu odiava vê-lo sofrer, uma dor que ele teve que suportar

porque me salvou. Toquei-o levemente nas costas para ver como ele responderia. Quando ele não vacilou, eu gentilmente esfreguei para cima e para baixo e engoli em torno de uma repentina plenitude na minha garganta pelo que eu estava prestes a sugerir. Isso poderia aliviar seu tormento.

- Não consigo imaginar o que você passou, Lucien. Prometo que estarei aqui por você, para ajudá-lo de qualquer maneira que puder, incluindo aliviar sua dor. Posso fazer você esquecer.

Sua respiração acelerou quando ele considerou.

— Apenas diga a palavra, e eu vou levar suas memórias. Enterra-las para sempre.

Ele ficou em silêncio por quase um minuto inteiro antes de dizer: — Eu preciso pensar sobre isso.

Eu balancei a cabeça e deslizei minha mão em sua palma fria. Ele exalou um suspiro pesado com o toque enquanto eu procurava seus olhos atormentados. Uma tempestade se alastrou lá. Tanta dor e tristeza. Eu queria tirá-lo.

Pressionando minha palma na bochecha, perguntei: — Posso te beijar?

Ele apenas assentiu, mas ficou parado enquanto eu levemente pressionava minha boca na dele, hesitando o

suficiente para que nossas respirações se misturassem. Movi meus lábios lentamente sobre os dele e abri minha mente. Com um leve empurrão mental, toquei sua consciência. Um muro de pedra tão escuro e preto quanto uma noite sem estrelas me cumprimentou.

— Deixe-me entrar — eu respirei.

Seu corpo estremeceu.

— Eu... eu não sei se posso.

Meus dedos deslizaram por seu pescoço e eu apalpei seu coração.

— Solte seu medo. Eu tenho você.

Ele respirou fundo e agarrou meus quadris, sua garra desesperada como se estivesse com medo de cair, se não me segurasse.

Muito lentamente, sua parede mental brilhava apenas o suficiente para me deixar passar. Enquanto ainda plantava beijos suaves em sua boca, gentilmente coloquei lembranças de nós em sua mente, costurando meu amor por ele em cada um. Seus ombros tremiam, e eu abri meus olhos bem a tempo de pegar uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

Seu beijo se aprofundou, e eu passei meus braços em volta de seu pescoço para aproximá-lo. Ele fez o mesmo comigo até que não houvesse espaço entre nós.

Ficamos assim por algum tempo, envoltos no abraço um do outro, nossos lábios expressando tudo o que sentíamos. A tensão em seu corpo relaxou, apenas estremecendo ocasionalmente.

Finalmente, ele se afastou. A tempestade em seus olhos ainda estava lá, mas não mais se enfurecia.

— Estou pronto para ir para a Academia.

Hesitei e mordi meu lábio, pensando que ele poderia usar alguns dias, talvez mais antes de ver os outros.

— Eu ficarei bem, Eve — ele sussurrou. — Quero agradecer aos meus amigos.

— Tudo bem, mas se as coisas ficarem muito pesadas para você, me avise e sairemos de lá.

Ele assentiu.

Peguei gentilmente sua mão e nos teletransportei para a alta torre do relógio dentro das muralhas da Lucent Academy. A luz do sol entrava pelas janelas abertas. Os sons de risadas e aplausos encheram o ar. Fomos até uma janela e espiamos para fora. O gramado estava cheio de meninas Aura jogando todo tipo de jogo. Havia corridas, vôlei e até um campo de tiro com arco.

— Elas parecem tão felizes — eu disse.

— Como deveriam ser.

Em vez de nós teletransportar novamente, descemos as escadas e atravessamos o campus para Chadni Hall. Algumas pessoas olharam na nossa direção, mas ninguém disse nada. Duvido que algum deles soubesse quem nós éramos.

— Ei! — Uma voz gritou.

Continuei andando pensando que era outra pessoa sendo gritada.

— Seu cabelo está chato novamente. — A voz da garota estava mais próxima.

Eu me virei. May bateu em mim antes que eu pudesse detê-la. Os braços dela me apertaram com força.

— Onde diabos você estava? — Ela disse e me soltou.

— Hum... inferno?

— Certo, bem, eu nem vou perguntar como foi. Estou feliz que você esteja de volta. — Ela olhou para Lucien. — Foi uma jogada que você fez, pulando no espelho do inferno como o maldito cavaleiro quente que você é. Como você está?

— Estou acordado — disse ele.

— Bem, se você precisar de algo que envolva fogo, eu sou sua garota. — Ela puxou meu braço. — Vamos lá. Llona vai enlouquecer quando ela te vir.

Eu sorri e segui atrás dela, o sol nas minhas costas. Lucien nos seguiu. Quando atravessamos as portas da

frente ao mesmo tempo em que várias meninas Aura saíam do prédio, ele rapidamente prendeu meus dedos nos dele. Eu olhei de volta para ele, mas ele me deu um sorriso tranquilizador.

May nos guiou até o consultório do Dr. Han. A porta estava parcialmente aberta. Eu podia ouvir a voz de Henry lá dentro.

— Olha quem eu encontrei espreitando pelo campus — disse May enquanto entrava na sala.

Todos os olhos se voltaram para nós. O Dr. Han levantou-se da cadeira. Ele parecia exatamente o mesmo que eu lembrava. Liam ficou ao lado de Henry e Llona correu para me abraçar.

— Estou tão feliz em vê-la!

— Eu também — disse Liam. — Talvez agora ela possa dormir à noite. — Ele olhou por mim para Lucien. — Bem-vindo a casa.

Liam não tentou abraçar ou apertar a mão de Lucien. Tenho certeza que Lucien ficou aliviado.

O Dr. Han deu a volta na mesa e me abraçou assim que Llona me soltou.

— Eu aposto que você tem uma história incrível para contar. Eu adoraria ouvir isso algum dia.

Eu o soltei e senti meus olhos cheios de lágrimas.

— Eu o vi, Dr. Han. Charlie. Ele nos salvou.

Dizer o nome de Charlie em voz alta não doeu como sempre antes. Em vez de dor, meu coração estava cheio de amor. Talvez isso significasse que eu finalmente me perdoei.

May bateu palmas.

— Parece hora da história. Vamos estourar a pipoca!

O olhar de Llona piscou para Lucien. Como se sentisse seu tumulto interno, ela disse: — Vamos esperar outra hora. Há uma festa acontecendo, e agora temos mais motivos do que nunca para comemorar.

Conversamos por mais alguns minutos, antes que o Dr. Han tivesse que se desculpar por um evento que ele deveria sediar. Henry e May o acompanharam. O Dr. Han sorriu e inclinou a cabeça quando passou por nós.

— Lucien — disse Llona depois que os outros foram embora. — Eu não sei o que você passou, mas há muita dor em seus olhos. Você se importaria — ela olhou nervosamente de Liam para mim, — se eu te desse um pouco de luz? Isso ajudará a aliviar alguns do seu fardo.

Lucien abaixou a cabeça. Por um segundo, pensei que ele a negaria, mas depois sussurrou: — Por favor.

— Me dê a sua mão.

Ele segurou na direção dela. Llona agarrou e fechou os olhos. Um momento depois, a palma da mão se iluminou. O

peito de Lucien se expandiu quando ele sugou o ar. Os olhos dele umedeceram.

— Pronto — Llona disse e soltou. — Se você precisar de mais, basta pedir.

— Obrigado — disse ele. Sua voz já era mais forte, mais segura. — E obrigado por ajudar Eve. Estarei para sempre em dívida.

Llona riu. — Bem, você terá muitas chances de nos pagar, se ainda estiver trabalhando para o Deific. Liam e eu trabalhamos lá em tempo integral agora. Pode ajudar também ocasionalmente. É um trabalho interessante.

Eu ri. — Essa é uma maneira de dizer.

— Você quer descer as escadas? — Liam perguntou a Lucien. — Eu tenho a luta da noite passada gravada.

— O que? — Llona ofegou, parecendo magoada. — Você não vai jogar vôlei conosco, garotas?

— Nós não queremos envergonhá-la. — Liam piscou para ela e abriu a porta secreta atrás da mesa do Dr. Han.

— Estou bem atrás de você — Lucien disse a Liam. Ele se virou para mim. — Vejo você em breve?

— Claro. — Eu quase me inclinei para beijá-lo, mas ele me venceu. Foi um selinho, mas aqueceu meu interior. Ele sorriu para mim antes de desaparecer atrás do muro.

— Vamos pular em um jogo de vôlei — disse Llona e me puxou.

O resto do dia passou rapidamente. Era o intervalo que eu precisava, e pelo olhar de Lucien no jantar, ele também precisava. Ele se encostou na parede da sala de jantar conversando com Liam. Eu até o vi rir uma vez.

Depois que as festividades da noite terminaram e a maioria das meninas voltou aos seus dormitórios, o resto de nós se instalou no escritório do Dr. Han. Conversamos sobre todo tipo de coisa, passado e futuro. Eu estava ansiosa para trabalhar com Llona e Liam. Eles nos disseram especificamente sobre um negócio paralelo que a Bodian Dynamics havia iniciado. Era algum instituto em Ironwood que vinha experimentando seres sobrenaturais e humanos. Havia rumores de que eles haviam encontrado uma maneira de isolar genes específicos no DNA, principalmente o que eles consideravam atributos positivos, como fortes construções musculares, altura e até habilidades anormais, como telecinesia ou pirocinese. Eles criaram um soro especial a partir desses genes chamado Prime DNA e injetavam em bebês. A esperança deles era criar uma corrida perfeita. Eu concordei com os outros que isso era perigoso e deveria ser interrompido.

Llona se inclinou para mim.

— Você pode ficar aqui a noite toda.

— Obrigado. Podemos. — Eu olhei para Lucien. Ele já estava me observando.

Ele se aproximou de mim e disse: — Você quer dar um passeio? É lua cheia.

— Eu adoraria. — Para o resto do grupo, eu disse: — Isso foi divertido. Vamos fazê-lo novamente em breve.

May riu e levantou o refrigerante no ar.

— Aqui aqui!

Lucien e eu saímos do quarto e descemos as escadas.

— Como você está se sentindo? — Eu perguntei quando chegamos ao saguão.

Ele inalou e abriu a porta para fora.

— Melhor. Estou mais calmo em minha mente.

Parei no primeiro degrau e me virei.

— Eu quis dizer o que disse anteriormente. Eu posso ajudá-lo a esquecer.

Ele procurou meus olhos.

— Se você tivesse que fazer tudo de novo, você apagaria sua memória?

Sua pergunta não me surpreendeu. Era um que eu vinha me perguntando há algum tempo. No começo, pensei que a resposta era complicada, mas, na realidade, a verdade era simples.

— Não. Eu teria encontrado outra maneira ou esperaria. O que fiz não valeu a dor que lhe causei. — Peguei sua mão e segurei-a firmemente. — Não estou dizendo isso para tentar influenciá-lo. Você deve fazer o que acha que precisa para se proteger. Estarei aqui não importa o que aconteça, seja agora ou daqui a cem anos. Meu coração pertence a você.

Ele exalou e me puxou para o peito, me segurando com força. Seu coração batia firme e seguro.

— Eu não sei o que o futuro reserva para nós, mas estou preparado para gastar cada segundo com você. E não quero esquecer um único momento. Só pode levar algum tempo para voltar ao meu antigo eu.

— Leve o tempo que precisar.

O campus estava silencioso, e a lua e as estrelas brilhavam intensamente contra o céu escuro. Eu olhei para ele, sorrindo.

— Conseguimos. Nós sobrevivemos.

Ele me beijou ternamente na testa e sussurrou: — Eu te amo, Eve.

— Eu também te amo.

Ficamos assim por algum tempo, banhados pelo brilho prateado da lua. Finalmente ele me soltou.

— Que tal uma caminhada?

— Eu não quero mais nada. — Entrelacei meus dedos nos dele e desci os degraus.

A noite tinha chegado e nós caminharíamos juntos.

FIM